

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

ROSE MARIA DE OLIVEIRA PAIM

**TESE DE DOUTORAMENTO
O OBSCURO OBJETO DO DESEJO:
IMPLICAÇÕES DA SUBJETIVAÇÃO NA ELEIÇÃO DO PAR AMOROSO**



“Os Amantes”, René Magritte

Porto Alegre

2006

Paim, Rose Maria de Oliveira

O Obscuro objeto do desejo: implicações da subjetivação na eleição do par amoroso /
Rose Maria de Oliveira Paim ; orientadora Maria Nestrovsky Folberg . – 2006.
299 p.

Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de
Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação, Porto Alegre, BR-RS, 2006.

1. Psicanálise. 2. Educação. 3. Psicologia. 4. Subjetivação. 5. Narcisismo.
6. Identificação. 7. Complexo de Édipo. 8. Objeto. 9. Desejo . I. Folberg, Maria Nestrovsky
(orient.). II. Título.

CDU 159.922.1
159.964.2:37

Catálogo na Publicação:

Jaqueline Trombin CRB10/979

ROSE MARIA DE OLIVEIRA PAIM

**O OBSCURO OBJETO DO DESEJO:
IMPLICAÇÕES DA SUBJETIVAÇÃO NA ELEIÇÃO DO PAR AMOROSO**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Educação.

Orientadora: Prof^a Dr^a. Maria Nestrovsky Folberg.

Porto Alegre

2006

*À minha mãe,
Maria Amanda (in memoriam),
que me outorgou, pelo legado de sua vida,
a missão de tentar desvendar
o obscurantismo que zelava
sua escolha de um homem – meu pai.
Desde menina, eu supunha que amá-lo
simplesmente não dava conta de explicar
todas as contradições guardadas
nos segredos de família.*

*Ao meu filho,
Jonathan,
a quem outorgo a palavra.*

*Este texto, ao inscrever-se,
ao mesmo tempo vela seus mortos
e almeja o resgate de seus sobreviventes.*

AGRADECIMENTOS

À Profª. Drª. Maria Nestrovsky Folberg, minha orientadora, pelas palavras pontuais e longos silêncios que marcaram nossos diálogos, assim me conduzindo às minhas próprias respostas.

Aos inúmeros colaboradores, que nas diversas etapas da construção do trabalho auxiliaram na solução das questões técnicas.

Aos amigos, que palpitararam sobre o tema me oportunizando, por vezes, ver a mesma coisa de outro jeito.

À Gládis, Ângela e Ro, os sujeitos da pesquisa, de quem as falas tomaram corpo neste texto, de quem as dúvidas ajudaram a elucidar as minhas próprias dúvidas, de quem as perguntas me incitaram a procurar respostas, de quem o desejo se fez em mim também desejo.

Aos meus amores e desamores, particularmente, que de alguma forma, ao longo do tempo, me trouxeram até aqui, na busca de respostas a essa questão.

Ao Dr. Jean Pierre Meyer.

*[...] Venha, te empresto minhas palavras
para que sejam o carretel de teu Fort-Da.
Joga com elas e arremessa.
Dá-lhe, vamos, aí vão:
teu corpo é de mulher,
está preparado para gozar,
e ao gozar, gestar,
e, ao gestar, gozar.
Teu corpo é de mulher
e está preparado para pensar,
e, ao pensar, eleger,
e, ao eleger, decidir,
e, ao decidir, viver.*

(Alícia Fernández, 2001)

RESUMO

Este estudo investigou as implicações da subjetivação na eleição do par amoroso em sujeitos adultos, do sexo feminino, usuários dos *sites* de namoro da *Internet*. Foram analisados três sujeitos em dois momentos: primeiramente, por ocasião do início da pesquisa, e após cinco a seis meses de intervalo, com propósito de analisar seu comportamento por um tempo mais longo, a fim de evitar inferências restritas às circunstancialidades momentâneas dos sujeitos. Foi adotado o método freudiano de entrevistas, com escuta e interpretação da fala dos sujeitos. Foram tomados como eixos teóricos interpretativos os temas do narcisismo, a identificação e o complexo de Édipo, bem como sua contextualização na contemporaneidade; além dos aspectos da educação, considerando todos eles determinantes na estruturação subjetiva do sujeito. Foram, ainda, analisados aspectos da *Internet* e suas implicações como meio de acesso ao outro.

Além de enfatizarem o momento atual, os relatos dos sujeitos da pesquisa acentuaram questões da própria infância e relação parental, permitindo a compreensão da atualização e reedição da sua história constitutiva na relação com o objeto do desejo. Os relatos permitem, à luz da fundamentação teórica, pensar o processo de eleição do objeto – par amoroso – como uma reconstituição psíquica das mulheres, pela atualização e reedição de alguns processos da própria constituição infantil, presentificando-se as imagens ancestrais através dos processos identificatórios e transferenciais na atualidade.

Conclui-se que a vivência das questões narcísicas, identificatórias e edípicas estão na base da estruturação do sujeito psíquico e implicadas na escolha do par amoroso. Sua constituição vai se dar de acordo com as marcas dessas experiências e o modo de resolução dado a cada um desses processos formativos. Na relação com o objeto, o sujeito adulto, herança das vivências infantis, remonta a elas. Revive sua infância psíquica encenando as marcas da sua história passada na relação atual com o outro, objeto do seu desejo, dentro do panorama social em que essa trama se dá.

Palavras-chave: Subjetivação – Narcisismo – Identificação – Complexo de Édipo – Objeto – Desejo.

ABSTRACT

This study investigated the implications of subjectivation in the election of the loving mate in female adult subjects which are users of relationship sites on the *Internet*. Three subjects, in two moments, have been analyzed: first in the beginning of the research, and then after a period of five or six months, aiming at analyzing their behavior during a longer period, in order to avoid inferences restricted to momentary circumstances of the subjects. The Freudian interview method, with the listening and interpretation of the subject speech has been adopted. As interpretative theoretical main point, the themes of narcissism, identification and Oedipus complex, as well as their contextualization in the contemporaneity have been taken; besides the education aspects, considering all of them determinant of the subjective structuring of the subject. *Internet* aspects and their implications as a means to access the other have also been analyzed.

Besides emphasizing the present moment, the reports of the research subjects stressed issues about their own infancy and parental relationship, allowing the understanding of the actualization and re-edition of their constitutive history in the relation with the object of desire. The reports allow, in the light of the theoretical support, the thinking about the process of the election of the object – loving mate – as a psychic reconstitution of women through the actualization and re-edition of some processes of their own infantile constitution, bringing the ancestral imagos to present through the identificatory and transference processes of the present.

It is concluded that the experiencing of narcissistic, identificatory and oedipal issues are in the basis of the structuring of the psychic subject and implicated in the choice of the loving mate. Its constitution will happen according to the marks of these experiences and to the kind of resolution given to each of these formative processes. In the relation with the object, adult subjects, heirs of infantile experiences, retrace them. They revive their psychic infancy displaying the marks of their past history in the present relationship with the other, their object of desire, inside the social scenery in which this plot takes place.

Key words: Subjectivation – Narcissism – Identification – Oedipus Complex – Object – Desire.

SUMÁRIO

| | |
|--|------------|
| 1 À GUISA DE COLOCAÇÃO DO TEMA..... | 10 |
| 1.1 PROBLEMA E QUESTÕES DE PESQUISA | 15 |
| 2 SUBJETIVAÇÃO..... | 17 |
| 2.1 NARCISISMO | 17 |
| 2.1.1 A Cultura Narcisista nas Relações da <i>Internet</i> | 28 |
| 2.2 IDENTIFICAÇÃO | 39 |
| 2.2.1 As Identificações Plurais na Contemporaneidade..... | 60 |
| 2.3 COMPLEXO DE ÉDIPO | 67 |
| 2.3.1 Édipo Contemporâneo: haverá complexo nos tempos de clonagem?..... | 86 |
| 2.4 SUBJETIVAÇÃO FEMININA CONTEMPORÂNEA: AINDA A MÍNIMA DIFERENÇA? | 88 |
| 3 O OBSCURO OBJETO DO DESEJO | 100 |
| 3.1 O OBJETO..... | 100 |
| 3.2 RELAÇÕES AMOROSAS: ALGUMAS POSTULAÇÕES | 107 |
| 3.3 <i>INTERNET</i>: SERÁ QUE OS FINS JUSTIFICAM OS MEIOS? | 119 |
| 3.3.1 <i>Sites</i> de Namoro: um sintoma? | 139 |
| 4 EDUCAÇÃO: ESCOLA, LUGAR DE GOZO!..... | 147 |
| 5 PROPOSTA METODOLÓGICA E SUAS IMPLICAÇÕES NA FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA | 177 |
| 5.1 MÉTODO..... | 177 |
| 5.1.1 Participantes | 177 |
| 5.1.2 Delineamento e Procedimentos..... | 178 |
| 5.2 IMPLICAÇÕES DA FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA NO MÉTODO | 179 |
| 6 DISCUSSÃO: (IN) JUNÇÕES | 192 |
| 6.1 GLÁDIS, O SUJEITO DA PESQUISA..... | 192 |
| 6.1.1 Apresentação..... | 192 |
| 6.1.2 Relacionamento com a Mãe | 193 |
| 6.1.3 Relacionamento com o Pai..... | 200 |
| 6.1.4 À Procura do Objeto | 205 |
| 6.1.5 <i>Internet</i>: um meio..... | 212 |
| 6.1.6 Educação: Gládis foi à escola! | 216 |
| 6.1.7 Considerações | 218 |

| | |
|--|------------|
| 6.2 ÂNGELA, O SUJEITO DA PESQUISA | 220 |
| 6.2.1 Apresentação..... | 220 |
| 6.2.2 Relacionamento com a Mãe..... | 220 |
| 6.2.3 Relacionamento com o Pai..... | 230 |
| 6.2.4 À procura do Objeto | 239 |
| 6.2.5 <i>Internet</i>: um meio..... | 247 |
| 6.2.6 Educação: Ângela foi à escola! | 249 |
| 6.2.7 Considerações | 250 |
| 6.3 RO, O SUJEITO DA PESQUISA | 252 |
| 6.3.1 Apresentação..... | 252 |
| 6.3.2 Relacionamento com a Mãe..... | 252 |
| 6.3.3 Relacionamento com o Pai..... | 258 |
| 6.3.4 À procura do Objeto | 262 |
| 6.3.5 <i>Internet</i>: um meio..... | 270 |
| 6.3.6 Educação: Ro foi à escola! | 275 |
| 6.3.7 Considerações | 276 |
| | |
| 7 DISCUSSÃO GERAL E CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 278 |
| | |
| REFERÊNCIAS | 291 |
| | |
| ANEXO..... | 298 |

1 À GUIA DE COLOCAÇÃO DO TEMA

“Na prática jamais começamos a trabalhar num projeto: já estamos trabalhando...!”.
(MILLS, 1982)

Este trabalho teve o objetivo de investigar o processo de eleição do objeto, no que diz respeito às implicações da constituição do sujeito na escolha do par amoroso, a partir de uma pesquisa de campo com usuários dos programas Par Perfeito e Alma Gêmea, na *Internet*, dentro de um enfoque psicanalítico. Tomou como eixos teóricos interpretativos o narcisismo, a identificação e o complexo de Édipo, apresentados numa abordagem conceitual ampliada pelo campo da sociologia, com vistas à sua contextualização na sociedade contemporânea, considerando as mudanças culturais do universo onde estão inseridos os sujeitos da pesquisa. Além disso, desenvolveu-se uma análise da *Internet* como instrumento de modernidade para acesso ao objeto; da educação, tomada como possível lugar de gozo e suas implicações com o tema; e algumas postulações sobre a relação amorosa e o objeto.

Eleger esse tema como foco de estudos foi reconhecer aí uma questão há muito identificada como uma interrogação do humano. A prática clínica da psicanálise aponta nessa direção. Embora não estejamos aqui apresentando índices, uma vez não ser esse o propósito dessa investigação, é evidente a marcante incidência dessa questão nos divãs psicanalíticos. Em torno do amor e da busca e eleição do objeto amoroso circulam vários discursos.

Freud (1910) identificou o amor e a escolha de objeto amoroso como uma questão central de interesse da humanidade. Observou que a literatura apontava, pela incidência no tema, essa como uma questão humana de relevância fundamental que, no entanto, fora deixada à literatura ficcional como compromisso de reflexão. Toma a ciência, então, o dever de se ocupar dessa matéria com compromisso de se interessar pelo comportamento humano na esfera da escolha de objeto, pela origem e pelo desenvolvimento dos estados psíquicos que o descrevem em sua forma completa, dando tratamento científico ao tema do amor humano.

Lacan (1985b) já nos traz que, com efeito, não se faz outra coisa senão falar de amor. “O que o discurso analítico nos traz – e é esta talvez, no fim de tudo, a razão de sua emergência num certo ponto do discurso científico – é que falar de amor é, em si mesmo, um gozo” (LACAN, 1985b, p. 112).

Aulagnier (1985) reconhece nesse tema uma grande questão a ser respondida.

Constatar e reconhecer que num determinado momento não se pode responder a uma questão é mais aceitável para o físico que investiga a molécula, que

para este mesmo físico, quando ele se interroga sobre a causa da recusa do amado ou de sua própria incapacidade de gozar (AULAGNIER, 1985, p. 58-59).

Bauman (2004) aponta os relacionamentos no topo da agenda existencial, no cerne das atenções do homem. Os relacionamentos, tomados como os representantes mais comuns, agudos, perturbadores e profundamente sentidos da ambivalência da vida moderna, são por ele chamados de bênçãos ambíguas, oscilando entre o sonho e o pesadelo, sem que se saiba ao certo quando um se transforma no outro, nessa coabitação no humano.

Muitos autores, ao longo do tempo, fizeram do amor e da escolha de objeto o seu tema, percorrendo caminhos paralelos consigo mesmos – na elaboração de seu tema, seu dilema. Vida e obra entrelaçadas, constitutivos e constituintes do mesmo ser. Na via de intentar uma teoria, explicam uma vida; na via de entender uma vida, teorizam. Se desse homem nasceu essa obra, ou se essa obra gerou esse homem, é uma discussão ainda não concluída. Lacan (1978) afirma que, no sujeito, sua questão é que o constitui. Para o homem, suportar a suspensão de uma resposta que o valide, é o drama de uma vida. Senda pessoal, vivida de forma própria, atravessada pelo traço unário inaugural de cada um, princípio e fim de seu desenho.

Interessou, nessa investigação, saber como, pela psicanálise, se é dela que se pode esperar a verdade, como pode ela fazer sentido que possibilite se dar algo novo no sujeito, depositário desse significante do qual traz a marca. Como pode a psicanálise vir a fazer novo sentido, a abrir lugar para a instauração de uma possibilidade de saída de um sintoma na esfera das relações amorosas, tema para onde se procurou apontar o foco da lanterna nesse estudo. Quando se usa uma lanterna, sabe-se de antemão dos limitados recursos que ela nos dá. Mas sabe-se, também, em meio a escuridão, das possibilidades que nos oferece. Não perder de vista estas duas dimensões foi concordar em abordar o possível dentro de um tempo e espaço, forma de não se perder nos caminhos irrelevantes da frustração nem nos perigosos caminhos do delírio de grandeza.

Como Lacan, com seu “bastão de peregrino” que o acompanhou no seminário A Identificação e nas demais jornadas investigativas, tomamos o nosso próprio bastão de peregrinos e com ele percorremos os caminhos das nossas perguntas. Seguimos por onde elas nos levaram, essas interrogações que são de todo modo os rastros das nossas marcas apagadas, os borramentos do nosso traço unário fundante. Nossas escolhas testemunham nossos significantes. Camuflagens, buscam dar conta do que transborda à repressão.

A escolha de um tema, uma tese, assim como a escolha de um par amoroso, desembocam na questão última das escolhas. Escolhas que se fazem na busca de atender uma

demanda que é da ordem do desejo. E dar conta de atender esse desejo, tarefa marcada pelo impossível em sua plenitude, aponta para o grande Outro de cada um que escolhe. É em busca de retorno e acesso a esse grande Outro que andamos. Por ele acordamos e levantamos a cada manhã. É a ele que pretensamente escolhemos quando escolhemos um outro, um outro qualquer, que no nosso imaginário possa ocupar esse lugar vazio, insistentemente vazio. Por isso é repetidamente locado esse espaço, alugado, tipo aluguel de temporada. É preciso que algo venha valer nesse lugar que, invalidado, nos invalidaria.

Ler Freud e Lacan, e nesses dois nomes nomear o que daí se possa ler em psicanálise, passando por tantos outros autores, e ouvir os sujeitos da pesquisa, possibilitou uma sobreposição de falas. O eco dos sujeitos da nossa pesquisa, mulheres falantes da era da *Internet*, se misturou ao eco desses falantes da psicanálise de hoje e de outras épocas desde Freud. Se, por um lado, temos a mulher histérica da era freudiana, marcada pelo recato e a dissimulação de seu desejo, e, de outro, temos a mulher da *Internet* que anuncia seu desejo despojada e publicamente, ainda assim é possível identificar uma fala que faz eco nesses sujeitos, separados por todas as diferenças culturais comportadas em um século. Não havia *Internet* na era de Freud, não havia programas de procura de par amoroso nesse tempo, muito menos. Mas já havia a angústia, sinal da perda da identidade diante do oco do olhar do Outro, já havia rodos com que se apagavam trilhas de desejos castrados, já havia a repetição da repetição das buscas da “coisa”. Incessantemente a inquietude nos assola e nos conduz. Nos seduz. E seduzidos criamos outros meios, outras formas, outros caminhos para chegar ao mesmo e único lugar – ao grande Outro. Esse lugar, essa função, que nada mais é do que o lugar e a função do princípio do prazer. Que, por não se sustentar, nos impõe novos e novos trilhamentos.

O presente estudo buscou seguir o método freudiano de pesquisa identificado a esse tema central de interesse – a busca do par amoroso por mulheres participantes dos programas “Alma Gêmea” e “Par Perfeito”, na *Internet* – traduzido numa questão inicialmente proposta: o que quer a mulher na busca do par amoroso? Tal pergunta, ao longo da pesquisa, se mostrou irrespondível como tal pela sua amplitude. A escuta dos sujeitos, então, nos foi conduzindo para o entendimento do foco que a pesquisa poderia tomar. Em vista disso, foi assumido o propósito de, acerca desse tema central, apenas ouvir as mulheres falarem. É de seu discurso que surgiram então as questões que nortearam o trabalho. O foco de observação passou a ser os processos de funcionamento psíquico envolvidos na atuação dessas mulheres como demanda de um encontro amoroso, suas possibilidades de estabelecimento de relacionamentos reais, seus recursos internos, seus sintomas. Os textos selecionados para a

fundamentação teórica da pesquisa, bem como a definição dos eixos temáticos, foram assim definidos pelos sujeitos da pesquisa, a partir da interpretação do sujeito pesquisador. Foi a fala dessas mulheres pesquisadas, e a escuta dessa mulher pesquisadora, que apontou para a abordagem conceitual tomada como referencial. Foi dos seus discursos, das suas histórias passadas e atuais (de todas essas mulheres envolvidas, pesquisadas e pesquisadora) que surgiram os temas do narcisismo, da identificação e do Édipo. É disso que elas falaram quando falaram de suas vivências. Coube-nos a tarefa de aceitar ouvi-las no que elas tinham a dizer, mais do que o que tínhamos a lhes perguntar. Foi olhando para elas, através dessa escuta, que a própria pesquisa se construiu.

Essa investigação não teve como objetivo propor um imperativo universal que abarque a todos os sujeitos, ou mesmo o pequeno universo de sujeitos dessa pesquisa. Lidamos com a singularidade dos sujeitos no que se refere a como elegem um objeto de desejo, considerando os aspectos de sua subjetivação delimitados nesse estudo. O desejo, embora invariavelmente seja um desejo de submissão ao Outro, tornando essa uma consideração de ordem geral aos sujeitos, temos que cada um inventa para si soluções próprias para os destinos de suas pulsões. Soluções singulares apontadas pelo significante singular de cada um. Estivemos, através da escuta desses sujeitos, tentando elucidar seus processos individuais de estruturação e funcionamento psíquico, a partir da sua vivência e resolução das etapas do narcisismo, das identificações e do complexo de Édipo.

O objetivo desse trabalho foi, então, o de investigar, a partir do que foi escrito e enunciado pelos sujeitos da pesquisa, a busca do par amoroso por meio da *Internet* e, conseqüentemente, as questões psíquicas implicadas nesse processo, com enfoque nos pontos que foram tomadas como eixos temáticos desse estudo, e na constituição de seu ponto de intersecção, seu enodamento, o que poderíamos também nomear como encruzilhada.

Folberg, ao introduzir o tema dos quatro discursos de Lacan, afirma: “Eis aí a palavra mágica que nos mantém vivos e humanos – incompletude” (FOLBERG, 2002, p. 17). Tomando sua palavra, a fizemos nossa na abertura dessa investigação, à guisa de colocação do tema: eis aí a palavra mágica que mantém vivos e humanos os sujeitos de nossa pesquisa, e por conta disso, eis aí a palavra que sustentou nosso tema – incompletude! À busca de supri-la é que esses sujeitos andam às voltas na *Internet*.

Nessas considerações, faz-se importante abordar a percepção desse trabalho como fruto de uma trama entre o discurso desses outros, sujeitos da pesquisa, o sujeito do enunciado, e o próprio discurso do pesquisador, na posição de tomá-lo como discurso

psicanalítico e fazer dele objeto de interpretação. Um encontro de inconscientes, rede de significantes.

Se uma metáfora for tomada como jogo e troca de significados, não haverá nenhuma diferença entre aquele que pretende ser o seu intérprete e o seu sujeito que a emitiu! [...] o sujeito da consciência se apaga a esse efeito de significado e, apreendendo-o como imagem, como uma encenação dos personagens de um sonho, se inclui a si mesmo, ou melhor, inclui o seu próprio corpo (NASIO, 1997a, p. 19-20).

O mecanismo da transferência, inerente à condição do humano, opera nas relações incondicionalmente. Mesmo o analista, segundo Lacan (1992), não pode estar fora do alcance de suas paixões, embora pela análise pessoal espera-se que possa com ela melhor operar nas relações que estabelece no exercício profissional, enquanto analista. Da mesma forma, ao pesquisador a apatia não se aplica, estando este implicado nas relações que decorrem da sua práxis enquanto pesquisador, sujeito a lidar com seus próprios sentimentos, experimentados nas suas relações com esse outro sobre o qual ele busca saber. Essa experiência faz efeito, e à medida que o pesquisador pode compreender esses processos de afetamento a que está exposto, adquire a condição de tornar-se, ainda que momentaneamente, nesse tempo de contato com o outro – o sujeito da pesquisa –, tornar-se o receptáculo de suas projeções, objeto para suas transferências. O resultado desse trabalho, portanto, constitui-se do enunciado dos sujeitos da pesquisa, mas também do enunciado do pesquisador – sua questão. Constitui-se, como enigma, uma metáfora de sua autoria.

Apresentamos esse estudo dividido em capítulos por força de uma exigência didática, com propósito de sua organização. No entanto, sua compreensão demanda uma leitura em movimento, que avança e retrocede em suas partes, por demais imbricadas, seguindo mesmo como o movimento de um processo de análise, de tomar o presente retomando o passado, como única possibilidade de ir avançando na compreensão dos processos. Desta forma, não foi reservada uma surpresa conclusiva para o final do texto, mesmo referente aos dados da pesquisa. Eles foram sendo articulados desde logo na tecitura dessa tese, e os sujeitos foram sendo citados antes mesmo de serem apresentados mais especificamente no capítulo da discussão e (in) junções.

Assim, sob o título de Subjetivação, com vistas ao entendimento do funcionamento da psiquê humana, tratamos do Narcisismo, Identificação e Complexo de Édipo, bem como sua contextualização na contemporaneidade, nos subtítulos A Cultura Narcisista nas Relações da *Internet*, As Identificações Plurais na Contemporaneidade, e Édipo Contemporâneo: haverá

complexo nos tempos de clonagem? Além do que, apresentamos uma análise do feminino na atualidade, questionando alguns postulados freudianos no subtítulo Subjetivação Feminina e Contemporaneidade: ainda a mínima diferença?

No capítulo O Obscuro Objeto do Desejo tratamos do objeto propriamente, conceituando-o; das Relações Amorosas, discutimos algumas postulações sobre o tema; e da *Internet*, tomada como meio de acesso ao objeto pelos sujeitos de pesquisa, levantando algumas questões sobre essa forma relacional atual e suas implicações no processo de escolha do par amoroso, bem como discutindo o *sites* de namoro como um sintoma social.

Sobre o tema Educação, discutimos suas implicações nesse campo de estudo e a tomamos como possível lugar de gozo.

Na Proposta Metodológica, além do método de trabalho, tratamos de apontar as implicações do método de pesquisa adotado com a própria fundamentação teórica, a qual se vincula intimamente, por conta do quê, nesse capítulo, retomamos e aprofundamos alguns temas da fundamentação propriamente.

No capítulo da Discussão, apresentamos os resultados da pesquisa, fazendo injunções das falas dos sujeitos com o campo teórico no qual nos apoiamos.

E, por fim, discutimos os aspectos gerais do estudo e tecemos algumas considerações finais.

1.1 PROBLEMA E QUESTÕES DE PESQUISA

Delimitamos o foco desse estudo pela enunciação do problema de pesquisa:

Quais as implicações da constituição subjetiva do sujeito na eleição do objeto – par amoroso?

Questões de pesquisa:

- 1 – A procura do par amoroso implica a procura de um duplo de si?
- 2 – Como as imagos infantis operam na escolha do par amoroso?
- 3 – Como a vivência das relações parentais estão situadas na escolha do objeto no sujeito adulto?
- 4 – Quais as implicações da escolha da *Internet* como meio de acesso à eleição do objeto?
- 5 – Como a vivência da escolarização do sujeito se presentifica na escolha do par amoroso na vida adulta?

Para análise do discurso dos sujeitos, nos apoiamos nos seguintes eixos teóricos interpretativos:

EIXOS TEÓRICOS INTERPRETATIVOS

| NARCISISMO | IDENTIFICAÇÃO | COMPLEXO DE ÉDIPO | EDUCAÇÃO | INTERNET |
|---|---|--|--|---|
| <p>Possibilidades do par amoroso como duplo de si:</p> <ul style="list-style-type: none"> - identificar no sujeito o tipo predominante de escolha objetal: narcisista ou de ligação (anaclítica); ou seja, o lugar que o objeto ocupa no desejo do sujeito - relacionar esses aspectos com a vivência da fase narcísica do desenvolvimento do sujeito | <p>As imagos que operam na escolha do par amoroso:</p> <ul style="list-style-type: none"> - identificar os processos identificatórios e transferenciais como suporte da escolha de objeto; ou seja, desdobramentos do Outro ancestral no outro atual - o discurso do sujeito enquanto discurso do Outro | <p>Relações parentais:</p> <ul style="list-style-type: none"> - ambivalência amor e ódio - identificar as implicações das relações infantis com os pais na escolha de objeto sexual; ou seja, escolha do par amoroso como decorrência da resolução edípica | <p>Relações extra-parentais:</p> <ul style="list-style-type: none"> - identificar as implicações das relações transferenciais e identificatórias na formação do sujeito e repercussões no processo de eleição de objeto | <p><i>Internet</i> como lugar de procura do par amoroso:</p> <ul style="list-style-type: none"> - identificar implicações da escolha do meio com os fins inconscientes do sujeito, considerando: <ul style="list-style-type: none"> - a função da virtualidade intermediando a relação - meio situado entre o privado e o coletivo - ambivalência, acessibilidade não acesso; presença-ausência - operações do imaginário, simbólico e real nas relações virtuais - o narcisismo nas relações. |
| <p>Implicações das formações do eu-ideal e do ideal-do-eu na escolha de objeto</p> | | <p>O desejo como processo metonímico viabilizando que um outro possa ocupar o lugar do Outro</p> | | |
| | | <p>O sujeito do desejo do desejo do Outro</p> | <p><i>Sites</i> de namoro na <i>Internet</i>: - promessa fálica de (re)encontro do par-perfeito/alma gêmea</p> | |

2 SUBJETIVAÇÃO

2.1 NARCISISMO

*Minha melhor imagem
meu melhor retrato
meu melhor amor
minha figuração.
É sempre essa
- ser presa do teu olhar ardente,
reflexo meu na tua paixão.**

O narcisismo é tomado como eixo temático neste estudo por ser o que se pode chamar de uma peça chave, em vista de que a concepção de sua estrutura e a maneira como opera no sujeito nos ajuda na compreensão dos processos envolvidos na escolha de objeto.

Inicialmente tomado como uma perversão por Haverlock Ellis em 1898 e Näcke em 1899, o termo narcisismo posteriormente é desvinculado da psicopatologia sexual, sendo tomado por Freud (1914a) como um conceito relativo a ‘constituição do eu e do objeto’, dentro da normalidade da evolução libidinal, relativamente à passagem do auto-erotismo ao amor de objeto. O termo empregado refere-se ao mito de Narciso, cuja tônica recai no amor que o personagem tem pela imagem de si, supostamente de um outro, e pela inviabilidade de alcançar a união amorosa com esse objeto pelo qual se apaixona. Desde logo, essa imagem mitológica, transformada em metáfora na teoria freudiana, remete às questões do desejo inabordável, das identificações, da formação de um ideal, questões implicadas na escolha do par amoroso. Num recorte do texto da mitologia, do diálogo entre as ninfas e a Fonte, personagens da história, lastimando a morte de Narciso, ouve-se a afirmativa das primeiras sobre a beleza de Narciso, a que a fonte responde com uma pergunta:

- Ah! Era belo? – perguntou surpresa a Fonte.
- Tu o sabes melhor do que ninguém – responderam as ninfas.
- Narciso passava todo o dia inclinado sobre o espelho de tuas águas, contemplando-se.
- Pois se eu o amava – respondeu a Fonte – era porque gozava, vendo em suas pupilas o reflexo de minha própria beleza (GAYTAN, 1979, p. 154).

Desde essa tomada da lenda de Narciso, é possível antever onde Freud (1914a) quer chegar ao situá-la no desenvolvimento de sua teoria para explicar o funcionamento psíquico do sujeito em alguns aspectos centrais da sua constituição e funcionamento.

* Da própria autora da Tese.

Nasio descreve o narcisismo como um “[...] gesto essencial do eu que lhe permite transformar o objeto real em objeto fantasiado [...] amar a si mesmo como objeto sexual” (NASIO), 1997b, p. 38). A isso chama de “torção do eu”, uma vez que o próprio sujeito toma o lugar do objeto sexual para se fazer amar e desejar pela pulsão sexual. Propõe que, na base da constituição de todas as fantasias, esteja o amor narcísico do sujeito por si mesmo.

Freud desenvolveu sua teoria inicialmente observando aspectos do narcisismo nos homossexuais e também nos neuróticos, funcionando, nesses últimos, a cargo do instinto de autopreservação. Nos parafrênicos (demência precoce e esquizofrenia) foram observadas duas características fundamentais: a megalomania e o desvio de interesse do mundo externo, de onde surgiu a concepção do autor de um narcisismo primário e normal. Na parafrenia, a libido que é retirada de pessoas e coisas não é substituída por outras na fantasia como ocorre na histeria e na neurose obsessiva. Nessas últimas, as relações eróticas com as pessoas e as coisas são retidas na fantasia, substituindo os objetos imaginários por objetos reais ou os misturando. De outro lado, na neurose obsessiva e na histeria há uma “introversão” da libido, que se apresenta como renúncia à iniciação das atividades motoras para a obtenção de seus objetivos relacionados àqueles objetos. Quando há essa substituição da libido retirada do mundo externo por outras coisas na fantasia, Freud a isso chamou de um processo secundário, entendendo-o como um esforço no sentido de conduzir a libido de volta a objetos. A megalomania é tomada como resposta à questão que se colocou, no sentido de saber o que acontece com a libido que foi afastada dos objetos externos na esquizofrenia. Assim, no delírio da grandeza, a libido retirada do mundo externo é dirigida ao ego, constituindo-se numa atitude que pode ser denominada de narcisismo, aqui entendido como narcisismo secundário, por vir se sobrepor a um narcisismo primário. O narcisismo, então, é constituído por uma nova ação psíquica que se agrega ao auto-erotismo, o que vem, em consequência, a constituir o eu. Essa nova ação psíquica vem, em grande parte, de fora do organismo, através dos investimentos que o outro (no caso a mãe) faz no bebê. É preciso que o corpo da criança (corpo auto-erótico) tenha sido tomado como objeto de investimento libidinal por um outro para que ele próprio tenha possibilidade de investir num objeto. A saída do auto-erotismo pressupõe, portanto, que o bebê seja tomado como objeto de desejo para sua mãe (ou substituta), viabilizando a passagem da libido narcísica para a libido objetal.

Também a observação da vida mental das crianças e dos povos primitivos permitiu observar, em ambos, um comportamento característico da megalomania, como a ‘onipotência de pensamentos’, a forma ‘mágica’ de lidar com o mundo externo e a crença na ‘força taumátúrgica das palavras’, fatores que indicam que:

[...] há uma catexia libidinal original do ego, parte da qual é posteriormente transmitida aos objetos, mas que fundamentalmente persiste e está relacionada com as catexias objetais assim como o corpo de uma ameba está relacionado com os pseudópodes que produz (FREUD, 1914a, p. 91-92).

Freud conclui que as catexias objetais podem ser transmitidas e retiradas dos objetos, e, ainda, que há uma antítese entre a libido do ego, ou libido do eu, narcísica, (instinto autopreservativo) e a libido objetal (instintos sexuais) na relação de que, quanto mais uma é empregada, mais se esvazia a outra, o que tem implicações na forma dos relacionamentos amorosos do sujeito. Assim, coloca que:

A libido objetal atinge sua fase mais elevada de desenvolvimento no caso de uma pessoa apaixonada, quando o indivíduo parece desistir de sua própria personalidade em favor de uma catexia objetal, ao passo que temos a condição oposta na fantasia do paranóico (ou autopreservação) do fim do mundo (FREUD, 1914a, p. 92).

Freud ocupou-se da distribuição da libido dentro dessa concepção da dualidade pulsional (pulsões sexuais – libido objetal e de autoconservação – libido narcísica), observando que condições de dor ou sono acarretam uma retirada dos interesses libidinais dos objetos em direção ao próprio eu do indivíduo. Assim, coloca que o sujeito “[...] enquanto sofre, deixa de amar” (FREUD, 1914a, p. 98). Buscou entender porque se torna necessária à vida mental essa passagem do narcisismo às ligações objetais, e atribuiu como causa dessa necessidade o excesso de uma certa quantidade de catexia do Eu com a libido. Esse excesso viria exercer uma tensão que origina desprazer psíquico, forçando a ultrapassagem das fronteiras do narcisismo em direção a depositar parte dessa libido nos objetos. Assim, conclui que:

Um egoísmo forte constitui uma proteção contra o adoecer, mas, num último recurso, devemos começar a amar a fim de não adoecermos, e estamos destinados a cair doentes se, em consequência das frustrações, formos incapazes de amar (FREUD, 1914a, p. 101).

O aparelho psíquico é reconhecido, então, como um dispositivo com propósito de dominar as excitações, regulando-as com vistas a evitar o desprazer causado por suas pressões, que poderiam vir a ter um efeito patogênico sobre o sujeito. Por esse processo, é possível um escoamento das excitações que não podem sofrer descarga direta para fora, ou cuja descarga não é desejável momentaneamente. Assim, dá-se um alívio das tensões.

Freud (1914a) observou que a escolha de objeto nas crianças desde muito jovens estava ligada às suas experiências de satisfação. E as funções vitais, a serviço da

autopreservação, estavam ligadas às primeiras experiências de satisfações sexuais auto-eróticas. Inicialmente, os instintos sexuais estão, portanto, ligados à satisfação dos instintos do eu, só mais tarde tornando-se independentes, mantendo, no entanto, algo dessa vinculação original, o que se evidencia pelo fato de que os primeiros objetos sexuais de uma criança são as pessoas responsáveis por seus cuidados (alimentação, higiene e proteção), originalmente a mãe. Propõe dois tipos de escolha de objeto, sendo este acima descrito como tipo ‘anaclítico’ ou ‘de ligação’, no qual o sujeito transfere o narcisismo infantil ao objeto. O outro modelo de escolha é chamado de ‘narcisista’, e incide na escolha onde o sujeito adota como modelo, ao invés da sua mãe, seu próprio eu, sendo este tipo de escolha decorrente de alguma perturbação no seu desenvolvimento libidinal.

Após a concepção do complexo de castração, Freud infere ter havido uma época e uma situação psíquica em que os instintos libidinais e os instintos do eu estavam mesclados e tinham uma atuação uníssona. Só mais tarde a libido se divide em libido narcisista e de objeto, forças que podem se opor. Após essa divisão torna-se possível o investimento no objeto, estruturando a diferença entre o estado auto-erótico do estado narcísico.

Os dois tipos de escolha objetal, anaclítico e narcisista, ambos podem estar presentes na determinação da escolha objetal, ou o sujeito pode mostrar preferência por um ou outro modelo. “Dizemos que um ser humano tem originalmente dois objetos sexuais – ele próprio e a mulher que cuida dele” (FREUD, 1914a, p. 104). Com isso, conclui que o tipo narcisista de escolha de objeto implica que a pessoa pode amar: a ela mesma na forma como ela própria é, foi ou gostaria de ser, ou alguém que foi uma vez parte dela mesma. Ou, ainda, de acordo com o tipo anaclítico ou de ligação, pode amar: a mulher que a alimenta ou o homem que a protege e “[...] a sucessão de substitutos que tomam o seu lugar” (FREUD, 1914a, p. 107). Sendo assim, o autor nos conduz na compreensão das escolhas amorosas, seguindo na trilha das primeiras relações da criança com seus pais ou cuidadores, diretamente implicadas na fundação dos modelos que vão servir na vida adulta para a escolha do objeto amoroso, através de um deslocamento metonímico* de objetos amorosos. Como essas relações se estabelecem e como elas são vivenciadas pela criança, são fatores que vão desempenhar papel central na trama do sujeito.

Marilene Felinto, escritora contemporânea, é tomada por Kehl (1996), numa passagem de seu livro *Postcard*, que ilustra na atualidade esses pressupostos freudianos: “Afinal os olhos azuis dele não cabiam em nenhum lugar do passado dela, por mais que

* Uma parte representando o todo.

tivesse procurado – e o que não cabia no passado de alguém não cabia em seu futuro, ela sabia por experiência própria”(p. 118).

Mayer (1989) contesta a posição freudiana de que a escolha objetal para o sexo masculino seja predominantemente do tipo de “ligação”, enquanto que, para as mulheres, o tipo de escolha mais comum é o narcisista. Freud (1914a) propõe que a geração de um filho implique, para a mulher, uma possibilidade de chegar ao amor objetal completo, ao que Mayer argumenta que um filho não é garantia de realização maternal, embora possa estar associado à idéia de falo, numa equivalência simbólica do pênis, segundo a própria concepção freudiana (abordada nesse trabalho no capítulo do Complexo de Édipo), e possa vir a ser um fator que auxilie na elaboração do complexo de castração, ajudando a mulher a afastar-se do vínculo com a mãe e amar um objeto.

Em adultos normais, observa-se arrefecida a antiga megalomania e um apagamento das características psíquicas do narcisismo infantil. Os motivos que fazem com que as mesmas experiências e impressões possam ser elaboradas conscientemente por alguns, e no entanto possam ser rejeitadas ou mesmo abafadas e afastadas da consciência por outros, são explicados pela teoria da libido. O que está aí implicado é a fixação de um ideal, a partir do qual é medido o eu na realidade do sujeito. O eu ideal infantil é tomado na dimensão de perfeição de valor, a perfeição narcisista infantil, que passa a sofrer as perturbações vindas do exterior através de terceiros – inicialmente os pais, depois os educadores, demais pessoas do ambiente, chegando à opinião pública – e do próprio interior do sujeito, pelo desenvolvimento do julgamento crítico próprio das fases posteriores do desenvolvimento psíquico. Todos eles agentes de censura, funcionam como representações éticas e morais. Em substituição a esse narcisismo infantil perdido por força da repressão, em função do respeito que o eu passa a ter por si mesmo, surge o ideal do eu, o supereu, que se estabelece como as exigências do eu impostas pela consciência moral, constituindo, assim, um fator poderoso na formação da repressão. A repressão exerce uma ação alienante pela qual os desejos são expulsos do âmbito consciente, permanecendo latentes, mas buscando de alguma forma vir à consciência.

Nesse percurso de desenvolvimento psíquico pelo qual a criança passa, Lacan (1986) trabalha esses conceitos do ideal-do-eu e do eu-ideal apresentados por Freud, propondo a diferenciação entre eles, em instâncias diferenciáveis.

O *Ich*-Ideal [ideal-do-eu], enquanto falante, pode vir a situar-se no mundo dos objetos ao nível do Ideal-*Ich* [eu-ideal], ou seja, ao nível em que se pode produzir essa captação narcísica com que Freud nos martela os ouvidos ao longo desse texto [Introdução ao Narcisismo]” (LACAN, 1986, p. 166).

O ideal-do-eu, funcionando como um guia que comanda o jogo das relações com os outros, encontra-se no nível simbólico. Remete a uma perspectiva futura e, pode-se dizer, é o que marca, para o sujeito, aquilo que precisa alcançar para reencontrar o eu-ideal, no que isso tem da completude inicial perdida pela intervenção da repressão. O eu-ideal refere-se a uma formação essencialmente narcísica, constituindo-se um sonho ou mesmo uma aspiração, encontrando-se no nível imaginário. Ao contrário do ideal-do-eu, o eu-ideal remete ao passado, na perspectiva de uma ilusão de reencontro consigo mesmo como acontecia no passado, na relação de completude antes do estabelecimento da primeira ferida narcísica. O ideal do eu é uma introjeção simbólica, enquanto que o eu ideal é a fonte de uma projeção imaginária. Nesse nível do eu-ideal é que pode se produzir o engodo no qual o objeto se equivale à imagem pela captação narcísica, podendo o bebê ocupar esse lugar de engodo. “Em outras palavras, quando se está apaixonado se é louco [...]. É o seu próprio eu que se ama no amor, o seu próprio eu realizado ao nível imaginário [...] o amor reabre a porta à perfeição” (LACAN, 1986, p. 167).

Assim, Lacan concebe o amor como uma perturbação do ideal-do-eu, fenômeno acontecido no registro do imaginário, estreitamente relacionado à aspiração de retorno ao estado de perfeição e completude do início da vida (vinculação bebê-mãe), para sempre perdido, portanto jamais alcançado. Nenhuma vivência amorosa poderá sustentar essa ilusão. Nessa perspectiva, podemos, inicialmente, levantar uma questão relativa à investigação deste estudo, considerando o período prolongado de tempo (média de um ano e meio) em que os sujeitos da pesquisa permanecem inseridos no programa de busca do par amoroso na *Internet*. Está assim caracterizada sua insistência na procura, e evidenciada sua insatisfação com as alternativas propostas como possibilidade de alcance de seu objetivo, ou seja, constituição de um par amoroso. Coloca-se, então, a questão: será que a busca do par amoroso não estaria funcionando nesse circuito, enquanto aspiração a uma completude nunca possível de se satisfazer? Poderíamos perguntar se o par amoroso procurado não estaria, à nível inconsciente, encarnando a ilusão desse (re)encontro. Somos levados, a princípio, a concluir que sim.

Ainda com relação à repressão, Freud (1900), no texto *A Interpretação de Sonhos*, já atribuía a formação dos sonhos como decorrência da censura atuando na distorção dos pensamentos oníricos. Esse conteúdo reprimido manifesta-se também como lapso, chiste, transferência e como sintoma, numa formação de compromisso, que tem como marco a relação ambivalente que a criança tem com seus pais. O esquecimento imposto a esses desejos, incompatíveis com as regras culturais que o supereu representa, dá margem a

formação de símbolos mnêmicos, símbolos de uma sexualidade infantil abafada pela repressão que age de forma a impedir sua representação.

A repressão, segundo Freud (1914a), tem papel fundamental na relação entre auto-estima e as catexias objetais libidinais, remetendo-nos, novamente, à análise freudiana das relações amorosas. A auto-estima é remanescente do sentimento primitivo de onipotência e terá sido confirmada pela experiência, através de tudo o que uma pessoa possui ou realiza. Depende intimamente, portanto, da libido narcisista, o que determina sua redução diante do sentimento de não ser amado e seu aumento no sentimento contrário. Isso implica que a finalidade e satisfação em uma escolha objetal narcisista se dá pela busca de acréscimo da auto-estima. Ao contrário, a catexia objetal libidinal pode ter o efeito da redução da auto-estima pela dependência ao objeto. “Uma pessoa apaixonada é humilde” (FREUD, 1914a, p. 116).

As catexias objetais libidinais podem ser ego-sintônicas, quando o amor, em harmonia com o ego, não lhe constitui ameaça. Pelo contrário, quando essas catexias objetais libidinais tenham sofrido repressão, desembocam num esgotamento do eu, implicando na impossibilidade da satisfação do amor, exigindo a retirada da libido dos objetos como forma de “reaquecimento do ego” e transformada em narcisismo. Reverte essa situação à condição primária, onde não havia distinção entre a libido objetal e libido do ego – o reencontro do estado do “amor feliz”. Quando o eu encontra um amor feliz, pela retribuição de amor recebida, essa unidade libidinal infantil pode ser reencontrada. O desenvolvimento do eu em direção à satisfação da realização de um ideal-do-eu imposto de fora, consiste num afastamento do narcisismo primário. Ao mesmo tempo, uma forte tentativa de recuperação desse estado atua como força interna.

A auto-estima é formada em parte pelos resíduos do narcisismo infantil, em parte pela onipotência confirmada pela realização do ideal-do-eu, e de outra parte, pela satisfação da libido objetal. Assim, temos que decorre da relação amorosa uma das fontes da formação da auto-estima, sendo, portanto, fator fundamental na vida psíquica do sujeito. A satisfação da libido por meio de objetos, no entanto, passa pela imposição de severas condições pelo ideal-do-eu, que operam através da repressão. A perversão aparece onde não se formou esse ideal, e há uma regressão no sentido do sujeito tornar a ser seu próprio ideal, como o foi na infância. Estar apaixonado é justamente sair dessa posição, dirigindo a libido do eu em direção ao objeto que passa ao estatuto de um ideal sexual. Esse ideal sexual pode atuar como auxiliar ao ideal-do-eu, podendo ser empregado como satisfação substitutiva a uma satisfação

narcisista sancionada. Como decorrência, a escolha objetal será do tipo narcisista, almejado pelo neurótico.

Quanto aos destinos das pulsões sexuais (HANNIS, 1996), apresentam-se quatro caminhos possíveis: a) a transformação em seu contrário, que pode se dar por dois processos distintos – no redirecionamento de uma pulsão da atividade para a passividade (pares de opostos sadismo e masoquismo e escopofilia e exibicionismo), referindo-se essa transformação em seu contrário às metas da pulsão – atividade/passividade. O outro processo é a inversão do conteúdo (transformação do amor em ódio); b) o redirecionamento contra a própria pessoa, processo onde o que se dá é a troca de objeto, sem alteração da meta. O masoquismo é tomado como um sadismo contra o próprio corpo, implicando na compartilhamento do gozo, assim como o exibicionista desfruta com seu próprio desnudamento; c) o recalque, que se dá por força de resistências que operam para impedir a ação de uma pulsão que, se satisfeita em direção ao prazer seria, no entanto, incompatível com outras exigências e propósitos, gerando paralelamente desprazer. Sua ação é de repelir algo para fora do consciente e mantê-lo afastado deste; e d) a sublimação, processo relacionado à formação de ideal, que ocorre na libido objetal e implica na troca de meta de uma pulsão, por força de uma repressão, desviando-a do que é sexual como fonte de satisfação.

Laplanche e Pontalis (1970) retomam Freud a partir de seu texto Luto e Melancolia onde, para esses autores, já está posta a idéia de que o narcisismo, mesmo primário, pressupõe sempre uma ação inter-subjetiva desde o início, uma vez que o eu se define por uma identificação com a imagem de outrem, inicialmente a mãe ou substituta, estando, portanto, implicado ao narcisismo a interiorização dessa relação. Trata-se de que o narcisismo nada mais seja do que uma ‘identificação narcísica’.

Para Lacan (1949/1988), este primeiro momento da formação do ego está relacionado com a experiência narcísica fundamental, a que chama de estágio do espelho, de onde deriva o narcisismo, fase do desenvolvimento que se dá entre os seis e dezoito meses de idade, correspondendo ao declínio do desmame e o início da deambulação. Consiste no reconhecimento de uma determinada imagem no espelho como sendo a sua. A criança, ao se ver refletida no espelho, imagem inicialmente desconhecida, se questiona e busca o olhar do outro adulto (geralmente a mãe) para que lhe identifique aquela imagem como sendo a sua. Nesse momento de reconhecimento, o eu se precipita nessa forma primordial antes da aquisição da linguagem que lhe atribuirá sua função de sujeito, abrindo caminho para as identificações futuras e para a entrada no complexo de Édipo, a partir dessa identificação fundamental, pela qual conquista a imagem do seu próprio corpo. A isso se chama de matriz

simbólica. A transformação produzida no sujeito quando assume uma imagem é, para Lacan, o que corresponde, em Freud, ao “novo ato psíquico” na constituição do eu. O desenvolvimento do eu pressupõe que algo deve se somar às pulsões para que se constitua o narcisismo, e Lacan (1986) toma esse algo como sendo a origem imaginária da função do eu. A experiência inicial de desejos e espelhamentos do bebê com a mãe (ou substituta) predestina-o, prepara sua identificação com a imagem refletida no espelho. O estágio do espelho, portanto, é uma identificação que dá origem ao narcisismo. Lacan (2002 a) propõe que nessa experiência toma lugar a tendência no sujeito de restaurar a unidade perdida de si mesmo, desde a origem, no centro da consciência, pela imagem especular no espelho que alude à unidade mental nele inerente. Reconhece, aí, o ideal da imagem do duplo que lhe é central. O espelho faz surgir a dimensão de um ideal, instaurando a dimensão da falta no sujeito, uma vez que essa imagem de si está sempre em falta. Apresenta-se uma assimetria e uma desigualdade essencial.

Laplanche (1997) faz acentuar sobre essa teoria, que é do espelho do outro que se trata, não se referindo, portanto, ao instrumento chamado espelho, ou mesmo uma superfície refletora.

Dor (1992, p. 79-80) apresenta os três tempos fundamentais do estágio do espelho em direção a conquista da imagem do corpo: a) confusão entre si e o outro (fantasma do corpo esfacelado); b) distinção entre a imagem do outro da realidade do outro; e c) reconhecimento de sua imagem numa unidade unificada (representação do corpo próprio) – identificação primordial.

Folberg ilustra essa passagem evolutiva à qual o sujeito está submetido pelo advento do estágio do espelho:

[...] a evolução de se perceber, primeiramente nessa ligação total com essa grande mãe, que sabe tudo e responde a tudo conforme sua onisciente interpretação. A especularidade desperta o interesse, o lúdico rege a busca da imagem do corpo, de suas partes, de seu reconhecimento até se enxergar como o próprio eu que começa a se instalar, logo, logo separado dessa grande e absorvente mãe (FOLBERG, 2002, p. 15).

Dolto (1992) refere que, antes da experiência do espelho, é o corpo da mãe, na realidade, que dá sentido e sustenta as referências do narcisismo primordial. Propõe a experiência do espelho de forma diversa, pois concebe a natureza da superfície do espelho psíquica oni-refletora e não plana, como Lacan. Quanto à experiência especular, o corpo da criança que passou pela fase do espelho não é um real dispersado, nem fragmentado, mas

coesos. Lacan propõe a imagem especular e Dolto propõe a imagem inconsciente do corpo. Quanto à natureza afetiva do impacto que a imagem do espelho produz na criança, Lacan a qualifica de jubilação, enquanto Dolto reconhece aí a prova de uma dolorosa castração. A autora sustenta que somente após a experiência do espelho, quando a criança vê seu corpo, é que ela forma seu próprio esquema corporal em referência, porém separado do corpo da mãe. Se a imagem que ela vê no espelho satisfaz seu narcisismo, a criança descobrirá a integridade dessa imagem numa experiência de júbilo. Esse é o momento da identificação primária, origem do narcisismo primário. A imagem do corpo na criança, portanto, se organiza a partir da sua relação com a mãe, na primeira infância, na condição de que ela (a criança) possa repetidamente passar por experiências, reconhecendo-as alternadamente com novas percepções, num jogo de presença-ausência, a ponto de poder explorar e descobrir essas novas percepções, junto ao testemunho da mãe. Importa que a mãe possa dar-lhe resposta a essas surpresas, nomeando as coisas com sua palavra, seu gesto, sua presença, o que torna essa, uma vivência segura para a criança. É o que Dolto chama de objetos ‘mãeficados’, objetos que suscitam na criança, por associações de fantasmas, a presença reasseguradora memorizada de sua mãe, e que se tornam para ela a possibilidade de estabelecer vínculos com o meio e eleger outros, com base nos outros eleitos por esse seu primeiro outro, que é a mãe. O elo com a mãe é sempre perdido e reencontrado, num repetir-se contínuo, onde a criança passa a ter “[...] prazer de se recordar dela, de esperá-la e de reencontrá-la, semelhante e surpreendente, em alguma coisa, diferente” (DOLTO, 1992, p. 67).

Resulta, disso, que a imagem corporal se estrutura a partir de castrações sucessivas, castrações simbolígenas, uma vez que têm como conseqüência a sublimação das zonas erógenas, constituindo-se na proibição oposta à satisfação procurada e reconhecida anteriormente, associada ao corpo-seio materno como uma experiência articulada ao desejo erótico de gozo. O sucesso da castração repercute na simbolização das pulsões castradas, viabilizando a adaptação do sujeito à vida social. A castração das pulsões oral, anal e uretral ocorridas por ocasião do desmame serão metaforizadas mais tarde, no momento da autonomia do corpo, o que se dá pela manipulação das palavras, da sintaxe, das regras dos jogos. Essas castrações são sublimadas pelo uso dos signos que representam os fonemas – escrita e leitura – e os números, e que tomam sentido na preparação para a vida genital futura. O êxito da castração se dá pela promessa de satisfação futura das pulsões pela obtenção de um prazer maior, imagem que se estabelece pelo exemplo de um sucesso humano dado pelo adulto que orienta a criança. Na dinâmica familiar o inconsciente opera como agente de educação mais do que o que é ensinado propriamente.

Na adolescência se dá o remanejamento dos conflitos das castrações mal sucedidas e dos modelos arcaicos do sujeito, após o que, sem considerar as patogenias, espera-se que possa tornar-se adulto a partir do modelo dos seus genitores.

Dolto considera três narcisismos na constituição subjetiva do sujeito: a) o *narcisismo fundamental*, originado no entrelaçamento do esquema corporal – que toma como o corpo em si, como lugar da necessidade – e da imagem corporal – lugar do desejo, relativamente à representação psíquica do corpo gerada pelos investimentos libidinais; b) o *narcisismo primário*, onde se dá a noção de uma identidade resultante da experiência do espelho, tomada como uma castração, por ver-se outro, separado da mãe e possuidor de uma imagem de seu corpo que não corresponde à imagem de si mesmo fornecida até então pela imagem que os outros, especialmente a mãe, tinham dela (a criança). Decorre disso uma ferida narcísica de não mais poder confundir-se com o outro, ou de se fazer objeto para e pelo outro. Simbolicamente se constrói a partir disso uma identidade própria sexuada e possuidora de um nome; e c) o *narcisismo secundário*, advindo da experiência da castração pela proibição do incesto, garantia do amor casto dos pais, que dá à criança as condições de acesso às relações sociais.

Bergès e Balbo (2003a) abordam o narcisismo como uma absorção do que é outro ou estrangeiro, a exterioridade do sujeito tornando-se um outro Eu (*moi*)*. Pelo reflexo no espelho, o sujeito tem acesso ao que é para ele ao mesmo tempo outro e familiar. Propõem a análise do narcisismo como sustentação de uma relação amorosa a partir da seguinte questão:

Por que o narcisismo apenas diria respeito ao reflexo de si, à relação amorosa especular? Por que não chamamos de narcisismo exatamente o que acontece com Narciso, a saber: que a relação amorosa se sustenta enquanto o amado é outro, ao passo que, quando o amante descobre que o amado é apenas o seu duplo, essa relação cessa? O narcisismo pode ser essa psicopatologia particular pela qual, no seio de um par amoroso, cada um se toma como afim de enamorar-se de um outro que na realidade é apenas, sem que o saiba, ele mesmo, seu duplo especular. A partir do momento em que o narcisismo cessa, o par se separa: cada um deixa de ser levado por sua imagem (BERGÈS e BALBO, 2003a, p. 41).

Lacan (1985) aborda o amor, ou o que chama de idéia de amor, partindo da expressão usual “nós dois somos um só”, referida à relação sexual, expressão à qual escapa o seu significado. Com isso afirma que qualquer relação que o amor possa ter com o Um, de qualquer modo “[...] não faz ninguém sair de si mesmo”(LACAN b, 1985, p. 65). Dessa

* Os termos *moi e je*, em francês, que aparecem ao longo do texto, referem-se, ambos, ao Eu, em português; no entanto, têm diferentes conotações dentro do enfoque psicanalítico, em decorrência de sua diferente função gramatical em francês, conforme abordado ao longo dessa tese.

experiência inaugural de relação com o semelhante origina-se o que chamou de “ferida narcísica”. O efeito dessa perda do objeto, o objeto “a”, produzindo o lugar do grande Outro, está implicado na maneira como o sujeito funcionará como desejo. Separado da mãe, física e psiquicamente, inicia-se o percurso que torna o homem o sujeito de um desejo inconsciente, que vai motivar suas ações, seus investimentos, suas escolhas pelo resto da vida.

Está sempre presente a fundamental importância das vivências familiares infantis na formação do sujeito, e, em especial, na estruturação das suas condições para o estabelecimento de laços afetivos na vida adulta e no modo como lidará com essas relações. Está implicado o próprio narcisismo dos pais no desenvolvimento da criança, que vai se dar de forma rica ou empobrecida pelas marcas inconscientes, de acordo com o narcisismo pacífico ou conflitual desses pais. As questões psíquicas dos pais interligam-se com as questões relativas à constituição do narcisismo do filho.

2.1.1 A Cultura Narcisista nas Relações da *Internet*

Do confronto da teorização com a análise dos sujeitos da pesquisa, tomados enquanto usuários da *Internet*, surgiu a construção de um novo conceito de subjetivação, incorporando agora a *Internet*, enquanto lugar de vivências relacionais. Dessa experiência contemporânea do sujeito com a máquina (o computador), surge o que pode ser chamado de uma cultura narcisista nos relacionamentos, cujo sujeito, embora seja um sujeito coletivo por fazer parte de uma coletividade (os internautas) é, de forma ambivalente, o sujeito do individualismo. Assim, vivencia sozinho o relacionamento virtual que estabelece, da mesma forma que, pode-se dizer, é o único integrante presente dessa comunidade virtual – tudo além dele é uma imagem refletida no espelho (da tela do computador), tal qual a imagem adorada por Narciso, da lenda, refletida no espelho do lago. Nessa medida, os *sites* de namoro podem ser tomados nessa dimensão imaginária que se aproxima da lenda.

Salomé (2001), quando analisa questões do narcisismo, o situa como um conceito-limite com uma dupla função, podendo aparecer como um reservatório – o substrato das manifestações do psiquismo; assim também o lugar de toda recaída, de tendência à regressão do eu (*moi*) ao estágio das manifestações mais primitivas, por processos de fixação ao estágio infantil, de forma patológica.

É possível pensar, por decorrência desse estudo, que a manifestação dessa forma relacional contemporânea, vivenciada na *Internet*, estaria, como sintoma, apontando para o que pode ser entendido como uma regressão das relações a um estágio mais primitivo, mais

infantil. Pode-se estar diante de um lugar de recaída, na esfera dos relacionamentos humanos, lugar em que é possível preservar a integridade emocional do eu (ao menos pretensamente) sem, no entanto, abrir mão de ter acesso ao outro, apresentando-se como uma forma alternativa de controle dos instintos.

O corpo, sabe-se, é o espaço limítrofe entre a exterioridade e a intimidade do sujeito, lugar de encontro desse com o mundo. É também lugar onde é possível se dar o encontro com o outro – objeto do desejo –, de forma a tornar-se um lugar de acesso ou lugar de separação. Esse corpo-lugar de embate com o outro fica fora – ou ao menos é de outra forma que se coloca nas relações virtuais –, preservado de se colocar no centro da atividade amorosa com o objeto, resguardando as pulsões que precipitam a quebra do isolamento do sujeito. Nessa medida, mais uma vez, a relação virtual promovida na *Internet* caracteriza-se por uma manifestação regressiva à fase primitiva do auto-erotismo narcísico.

Física e psiquicamente, o internauta navega sozinho em sua proposta amorosa via *Internet*. Por uma via ou por outra, ele está só consigo mesmo diante da tela, num diálogo de surdos e mudos, assim como havia estado Narciso diante do lago, jurando amor por um outro que não era mais que uma miragem. Narciso, na impossibilidade de sair de si mesmo em direção a um objeto, a si retorna com a suposição de dirigir-se ao outro, enganado que é pela imagem desfocada do próprio eu. Podemos supor que o sujeito dessa pesquisa, por desconhecer-se na dimensão de sua própria subjetividade, torne-se presa de si mesmo em face às suas dificuldades relacionais estabelecidas pelos entraves inconscientes operantes. Na impossibilidade de sair de si mesmo em direção a um objeto (contrariando seu discurso manifesto), prostra-se diante da imagem desfocada do eu refletida na tela, numa superposição às imagens de homens que, por consequência, não tem fisionomia própria, senão o reflexo de um engodo.

As regressões narcísicas são mecanismos de reconstituição do eu diante das impossibilidades de obtenção de prazer ou sucesso. Dá-se diante do fracasso na evolução do sujeito rumo ao distanciamento do estado do narcisismo primário em direção às tentativas de recuperar o gozo perdido (na experiência inaugural da perfeição relacional com a mãe), através dos investimentos nos objetos e da tentativa de identificação do sujeito aos ideais. A possibilidade de construir um valor narcísico para o eu através das identificações e da conquista dos ideais exige do sujeito a capacidade de adiamento e rodeios desde a origem da pulsão até a realização e obtenção do prazer; exige, portanto, uma renúncia às formas de gratificação imediatas e fantasiosas. Os *sites* de namoro na *Internet* podem ser tomados justamente por veicularem uma oferta fantasiosa de obtenção imediata – ou ao menos em

curto espaço de tempo – de prazer. O par está ali pronto para ser descoberto pela pesquisa do internauta. Diante do fracasso manifesto pelos sujeitos da pesquisa na tentativa de obtenção de sucesso junto ao outro, a *Internet* se coloca como um suporte de uma regressão narcísica, podendo estar funcionando como mecanismo de reconstituição do eu.

A *Internet*, como lugar de acesso ao objeto do desejo, pode ser interpretada como prática de masturbação psíquica. É lugar de um gozo solitário, alimentado pelo imaginário projetado nesse espaço, dispensadas quaisquer referências ao simbólico e real do outro. Lugar onde a fantasia dispensa disfarces. Apresenta-se sem relação de compromisso, senão com os próprios fantasmas, remontando ao auto-erotismo. O narcisismo da *Internet* parece visar o acesso a esse estágio antes da desilusão imposta pela interdição do incesto, onde o objeto é consagrado ao sonho e levado à realidade. Quem sabe é por conta da desilusão, justamente calcada nas experiências relacionais frustradas, relatadas pelos sujeitos da pesquisa, que a *Internet* vem se instalar como lugar capaz de assegurar o retorno à ilusão e à evitação da desilusão.

É inegável o rumo tomado pelos relacionamentos amorosos na era pós-liberalismo sexual. A facilitação dos relacionamentos, pela conquista feminina de autonomia advinda da popularização dos métodos contraceptivos, teve como um dos reflexos a possibilidade da multiplicidade de pares e, conseqüentemente, a maior fluidez e instabilidade dos relacionamentos. No entanto, a possibilidade de variar intensamente de parceiros não garantiu o prazer que parecia prometer.

Baudrillard (2004) aponta como conseqüência à assunção do feminino o apogeu e, ao mesmo tempo, a catástrofe do princípio de realidade do sexo, o “hiper-realismo do gozo”, especialmente do gozo feminino. Uma vez que o desejo só se sustenta na falta, a passagem total para a demanda, operacionalizada sem restrição, torna-se sem realidade, estando em toda parte, porém numa “simulação generalizada”. Em lugar da obscenidade tradicional vivenciamos a era pornô, caracterizada pela alucinação do detalhe, fim do segredo, fim da ilusão. Na pornografia, os fantasmas são “barrados” pelo acréscimo de realidade, pela mais-verdade que caracteriza a “irrealidade moderna”. O gozo, na contemporaneidade, ascendeu à condição de imperativo categórico, investindo-se como uma exigência e um direito fundamental, exercendo um fascínio sobre o sujeito e, ao mesmo tempo, uma certa intimidação – é preciso gozar!

Zizek (2003) aponta os *sites* pornográficos como uma das figurações mais extremas da paixão pelo real na contemporaneidade. A técnica de observar o interior da vagina por uma mini-câmara instalada na ponta de um pênis, na intenção de desvelamento desse objeto de

desejo, no entanto, opera uma mudança nesse ponto extremo de proximidade: “[...] as fantasias eróticas se transformam em repugnância diante do real da carne exposta” (p. 20).

A liberação sexual se manifestou como um movimento de explosão em resposta à repressão sexual suportada por longo período. Como consequência, a banalização dos relacionamentos apresentou-se como um fantasma às avessas. A *Internet*, de forma ambivalente, presta-se a dois serviços: de um lado viabiliza e facilita a fluidez e multiplicidade de pares, contribuindo para o estado de fragilidade dos laços relacionais; e de outro, presta-se a que o sujeito se preserve do outro, numa atitude precavida, exercendo certo controle sobre a relação, oscilando entre a intimidade e o não acesso, beirando quase à indiferença ao outro enquanto alteralidade.

A *Internet* oferece a realidade esvaziada de sua substância, sem o “núcleo duro e resistente do Real” (ZIZEK, 2003, p. 25), conforme o modelo contemporâneo de oferta de produtos (café descafeinado, doce sem açúcar, carne de porco quase sem gordura). A realidade virtual pode ser sentida como a realidade sem o ser. Nessa medida, os *sites* de namoro, se de um lado insatisfazem os sujeitos da pesquisa por não oportunizarem saber da verdade – da verdade daquele homem que a mulher deseja conhecer –, o que elas expressam pelas queixas apresentadas sobre a veracidade das falas a elas dirigidas, de outro justamente pode estar satisfazendo por atender à resistência fundamental que o sujeito tem sobre o saber, essa condição paradoxal sobre a qual Lacan referiu-se – o conhecimento do conhecimento do Outro. A intermediação eletrônica garante a distância imposta como condição de acesso ao objeto sem ameaça à sua integridade.

Nessa medida, a *Internet* pode estar operando como uma nova forma de repressão do erotismo do sujeito, aprisionado no medo gerado pela insegurança vivenciada pelas formas relacionais contemporâneas. Pode estar servindo de barreira não só aos entraves pessoais do sujeito, mas mais amplamente, a um comportamento social atual na esfera dos relacionamentos amorosos de cunho ameaçador à integridade psíquica do sujeito e sua coletividade, na medida em que os fragiliza diante da perspectiva desorganizadora de tornar-se facilmente objeto do não-desejo do outro.

Trabalhando com o pensamento de Richard Boothby, Zizek (2003) conceitua a fantasia, simultaneamente, como pacificadora – na medida em que dá ao sujeito condições de suportar o abismo do desejo do Outro pelo cenário imaginário que oferece –, e destruidora – por ser perturbadoramente inassimilável na realidade. Sua ação é estruturadora para a representação do desejo e o estabelecimento da relação de objeto. Lacan propõe a fantasia como defesa do sujeito contra a angústia frente ao desejo do outro, permitindo a ele investir

libidinalmente os objetos, dando um valor de significação a esses objetos. A *Internet*, podemos inferir, pode estar a serviço dessa passificação do sujeito, aí tão instrumentalizado para operar com o imaginário no acesso ao desejo do outro. Os *sites* apresentam-se como um lugar propício a essa defesa do sujeito contra a angústia produzida pela inadequação do desejo aos objetos da realidade e pela impossibilidade de totalização do seu desejo na realidade operante. Paradoxalmente, o preço a ser pago por esse desfrute, os sujeitos da pesquisa o testemunham, é justamente a sua perturbadora e incidente inviabilidade de assimilação.

Baudrillard (2004) enuncia a contemporaneidade como a cultura da “ejaculação precoce”, onde a imposição sexual naturalizada pela realização imediata do desejo apaga a ritualização da sedução. O imaginário da libertação sexual teria conduzido a uma “cristalização da função orgástica” que passa a ser regido pelas leis que regem a produção, com obrigação de liquidez, fluxo e circulação, acelerando os processos psíquicos e sexuais, impingindo-lhes o modelo mercantilista: “[...] é preciso que o capital circule, que não haja ponto fixo, que a cadeia dos investimentos e reinvestimentos seja incessante, que o valor propague sem trégua [...]” (p.47). Vemos, na fala dos sujeitos da pesquisa, indicativos desses processos. Não há ponto de fixação – mais que um tempo insuficiente para estabelecer um relacionamento que signifique o suficiente para nele se fixar –, na cadeia incessante de investimento-desinvestimento; nessa circulação. Nessa linha de pensamento, podemos tomar o evento dos *sites* de namoro na *Internet* como uma via de possibilidade de resgate da circulação simbólica operada na sedução. Como recorrência ao desencantamento do corpo (pela via da pornografia), e ao desencantamento da sedução (pela via do acesso imediato ao sexo), a *Internet* pode estar se colocando como fator de mediação que, assegurando um espaço de resgate de negociação entre os sujeitos, possibilita o exercício da sedução, tirando-os da obrigatoriedade do sexo instantâneo, na medida em que assim o queiram. A *Internet* reviabiliza a ilusão, permite um drible ao desencantamento como lugar do real, permite, ainda, a verdade fascinante do imaginário. A sedução é um desvio da verdade e, sabe-se pela psicanálise, só é possível viver uma verdade alterada – o Outro é insuportável enquanto verdade, precisamente porque a verdade não existe.

A sedução tem como figura clássica Narciso. Narciso aboliu a distância entre o real e o seu duplo, entre ele mesmo e o Outro. É seduzido por sua própria imagem na superfície das águas do lago. Só existe na distância reflexiva entre ele e ela (a imagem); passar além dela faz dessa superfície uma superfície de absorção (não mais de reflexão), implica a morte.

Baudrillard remonta ao princípio do desejo, na afirmativa de que o sedutor é aquele no qual o ser seduzido se reencontra. Para o sujeito, o objeto da fascinação no outro é a

imagem amável de si mesmo, é seu próprio encanto. O poder da sedução é ser presa de seu próprio desejo, numa relação de engano consigo mesmo, que a si mesmo encanta, engano no qual o outro virá se prender. Nessa medida, a sedução é narcísica. “Também Narciso se perde em sua imagem-engano; é assim que se desvia de sua própria verdade e, por seu exemplo, torna-se modelo de amor, desviando os outros da sua” (BAUDRILLARD, 2004, p. 80). O engano é a estratégia da sedução, confundindo a própria realidade. E a *Internet* é a estratégia do engano. Onde melhor enganar e se enganar sobre um outro e sobre si mesmo do que nos *sites* de namoro na *Internet*? Onde melhor operar com a sedução? A sedução opera por aquilo que não pode ser dito porque não tem sentido – embora eu saiba o segredo do outro (que ele também me engana) não o digo, e ele sabe que sei, mas não o revela – trata-se do “segredo do segredo”, estabelecendo um jogo de cumplicidade sobre um oculto que no fundo não é nada. Se os dois quisessem falar desse segredo, não haveria nada a dizer e, por sua vez, o poder de sedução só se mantém por não ser nunca dito. Seduzir só é possível sendo seduzido, sendo desviado de sua verdade, desse segredo que escapa ao sujeito. Nesse sentido, a sedução é narcísica pela absorção desse espelho oculto. Interessa nesse estudo, na intenção do entendimento dos sujeitos da pesquisa quanto à busca do par amoroso, tomar o tema da sedução porque nele o desejo não é um fim, mas uma aposta hipotética, uma aposta de provocação e de decepção do desejo. O jogo que se estabelece na sedução determina que nenhum dos dois participantes (no caso, as mulheres sujeitos da pesquisa e os homens por elas pretensamente escolhidos) sabe estar jogando, sendo, mais que protagonistas, figurantes. Trata-se de “captar ou imolar” o desejo do outro. Na sedução há uma transfiguração das coisas em aparência pura.

Pode-se pensar que o que se dá nas relações desses sujeitos seja então da ordem da sedução, onde os artifícios, a maquilagem, exercem seus efeitos e, nessa medida, pelo sucesso no atendimento à cumplicidade desse engodo, impõe não ser desmascarada por ninguém. Seu engano é bem-vindo. “Demaquilar, arrancar o véu, intimar as aparências a desaparecerem? Absurdo [...] Não há Deus por trás das imagens, e o próprio nada que elas encobrem deve permanecer secreto” (BAUDRILLARD, 2004, p. 108). Os dispositivos imaginários precisam estar a serviço do sujeito para que se opere a sedução. É preciso também que o sedutor estabeleça uma distância do outro para que se dê o jogo amoroso. Nos episódios literários a respeito dos grandes sedutores da história, a exemplo de Don Juan, temos que o gozo consiste em amar o maior número possível de mulheres. Parece que, na *Internet*, um grande número também implica um certo gozo.

A *Internet*, nessa medida, pode ser tomada como um lugar onde o sujeito contemporâneo estabelece relações narcísicas pelo modo como opera suas relações em busca de um par amoroso. A cultura contemporânea, pela análise das novas formas relacionais estabelecidas na *Internet*, pode ser tomada como uma cultura narcisista. O sujeito, confrontado com as questões de seu tempo, decorrentes dos processos de sexualização impostos ao corpo social, das grandes transformações e deslocamentos dessas formas relacionais, toma como solução de continuidade a aposta nas relações mediatizadas pela tecnologia que lhe viabiliza um refúgio, preservando algo do individualismo, ainda que na intenção de formar um par.

A questão em torno da qual Sennett (2003) se situa ao escrever *Carne e Pedra* é – através da análise histórico-social da relação do corpo do sujeito com o corpo social, intermediado (ou explicitado) pelo corpo físico da cidade e do espaço –, a dessensibilização do homem, o afastamento do outro, uma certa perda de consciência e de contato, uma certa incapacitação na expressão física de seus afetos, um certo anestesiamiento e passividade instaurados, a fragmentação e o desmembramento dos espaços coletivos, alcançados pela facilitação e velocidade dos deslocamentos humanos. “Navegar pela geografia da sociedade moderna requer muito pouco esforço físico e, por isso, quase nenhuma vinculação com o que está ao seu redor” (p. 18).

Sennett caracteriza a vida urbana contemporânea marcada pelo ideal residencial representado pelos condomínios fechados, formando comunidades fechadas com propósito de proteger-se do medo, do estranho, do perigo, do risco, do constrangimento dos contatos humanos indesejados. A *Internet*, no que diz respeito aos *sites* de namoro, pode estar situada nesse enjaulamento em que o sujeito se coloca por temor ao contato com o outro em várias dimensões (física, psíquica, emocional e social). Coloca o sujeito na mesma condição de entrincheiramento pelas vias do que a tecnologia pode oferecer, à espreita do outro pelo olho desconfiado da tela de seu computador. Tal qual o morador espreita possíveis acessos a seu espaço privado pelo olho das câmaras colocadas à portaria dos condomínios, dominado pela ambivalência do desejo e repúdio ao contato, a abrir a porta e deixar entrar um outro, estranho, com os riscos que sua presença constitui enquanto ameaça ao eu. A ordem de comando é a falta de contato; à parte disso, qualquer alternativa deve ser previamente analisada numa atitude defensiva à fragilidade subjetiva. A *Internet* coloca-se como um equipamento social diante de um problema social. Sennett aborda a sociedade ocidental pela análise dos espaços urbanos e as experiências corporais. A *Internet* é um espaço urbano onde o corpo, embora presente, se ausenta diante do outro, furta-se ao contato, deixando de fora

alguns sentidos. Navegar na *Internet* igualmente requer pouco esforço físico e, por isso, quase nenhuma vinculação com o que está ao redor, ao mundo circundante das relações presenciais tão exigentes nas demandas que faz. Da mesma forma, o mesmo se dá na vinculação com esse outro, meio-gente, meio-máquina, que vem amalgamado numa mistura de realidade e imaginário, às vezes indissociável pela falta de contato físico.

Os efeitos produzidos pela circulação rápida, pelos deslocamentos possíveis atravessando continentes no tempo da quase instantaneidade, pela passividade instaurada nos corpos diante do computador, efeitos produzidos nos usuários dos *sites* da *Internet*, são os efeitos que marcam as relações do homem contemporâneo, mimetiza a configuração da forma relacional na esfera pessoal e social.

O sociólogo aponta o individualismo atual como resultante da diminuição da experiência sensorial advinda do ideal social de libertação e movimento autônomo, onde a “conexão visceral” com o meio ameaça tolher o indivíduo. Silêncio e privacidade são direitos assegurados pelo projeto social, traduzidos nos espaços públicos – na arquitetura dos ônibus, dos bares, das ruas, onde a ocupação dos lugares evita o contato olho no olho. Especialmente nas escolas que, ainda em maioria, mantém a forma tradicional olho na nuca. A *Internet* reivindica esse direito e o toma ao pé da letra – sem contato visual, reservada pelo silêncio, afastada da experiência sensorial do corpo-a-corpo, pelo isolamento que produz, apresenta-se como a guardiã do individualismo na contemporaneidade. Onde os sujeitos podem partilhar de um “sentimento de estranheza geral”. Instrumento de uso e produção das subjetividades.

Salomé (2001) refere-se à confusão à qual o sujeito é exposto: “Nós, que estamos, durante toda a nossa vida, encerrados em nós mesmos, por uma parte, e que devemos, por outra, integrar essa massa que nos engloba... nós, portanto, que vemos necessariamente se entrecruzarem os processos de separação e de união, numa contradição perpétua” (p. 53). Na *Internet* o sujeito vivencia de forma emblemática esse entrecruzamento, essa contradição de estar separado e unido ao outro simultaneamente. É o lugar em que é possível ao sujeito permanecer encerrado em si mesmo, ao mesmo tempo que integra a massa de internautas na qual se dilui a ponto de não ser mais um nome, uma identidade. Contraponto do sujeito coletivo com o individualismo narcisista, a *Internet* pode constituir-se como um lugar de neurose, na medida em que permite simular um acordo dessas vivências antagônicas que, de outra forma, seriam inconciliáveis.

A análise dos sujeitos inscritos nos *sites* de namoro da *Internet* tem vistas a avançar na compreensão do comportamento humano na esfera das relações amorosas, uma vez que a teoria psicanalítica de Freud não abarca esse novo sujeito, estranho sujeito que escapa à

observação freudiana, pela contemporaneidade de seu próprio tempo. Mas é sempre por sua referência – de Freud, que é possível uma análise psicanalítica, ainda um século depois. Da mesma forma, a pergunta freudiana precisa ser sustentada à luz dos novos acontecimentos, a fim de dar conta do tempo social presente, com suas inovadoras e próprias práticas culturais: o que quer a mulher contemporânea?

Retomando a mulher freudiana, temos na histeria a marca de uma época, onde a repressão pode ser tomada como um significante social. Na histeria, o desejo é tomado como tendo sido satisfeito, apresentando-se como fato consumado à realidade, num processo de negação. A síndrome histérica representa a realização positiva do desejo, apresenta-se como a imagem invertida, negativa, daquilo do qual é preciso se defender. A afirmação interior da histérica só é possível negando a realidade, que é preciso ser constantemente ignorada para que não haja o confronto com o desempenho no real, exigindo, portanto, intensa luta, por ordem de um recalçamento profundo, podendo chegar à indiferenciação primordial do real e da ilusão, restaurada de forma alucinatória – preço a pagar pela anulação do desejo. Assim, a histérica permanece voltada a si mesma e não se engaja numa relação de parceiro.

Na contemporaneidade, a liberação sexual pode ser tomada como significante social, onde o desejo é tomado como algo a ser satisfeito, apresentando-se na realidade pela enunciação explícita da busca de um par. À exemplo estão as mulheres da *Internet*, nos *sites* de namoro, sustentando publicamente seu desejo. A síndrome aqui se apresenta, ao contrário da histeria, pelo desempenho no real enquanto ato que escapa à repressão, que luta por firmar-se enquanto liberação, e, nessa via, multiplica experiências em números crescentes de pares, ainda que provisórios. Da provisoriedade nas relações resulta (o que é possível identificar na fala dos sujeitos da pesquisa) um fator de estresse frente ao desamparo psíquico do sujeito. Como recorrência defensiva, instaura-se uma nova e moderna forma de repressão na esfera do social – um lugar que permite ao sujeito admitir seu desejo sem, no entanto, lhe dar um destino. Assim, a *Internet* se oferece como espaço para o exercício desse jogo de opostos: desejar e não desejar, dizer que sim e dizer que não, dar acesso e colocar-se inacessível, experimentar intimidade com um estranho, vivenciar a presença-ausência de si e do outro, ser e não ser, tudo isso em movimentos concomitantes.

De comum entre a mulher histérica e a mulher internética, temos a manipulação da realidade, porque também na contemporaneidade, especialmente na *Internet*, o desejo está submetido a uma relação imaginária. É ali, especialmente, onde é possível tomar do outro, e de si mesmo, o que é preciso ser tomado a fim de fazer frente à uma demanda desconhecida ao próprio sujeito, pelos processo inconscientes. Ignorar o outro na sua alteridade é fazer

barreira à realidade, traço comum com a histeria. O excesso instaurado pela capturação que o meio exerce sobre o sujeito (as mulheres pesquisadas estão inseridas nos *sites* de procura do par amoroso num tempo médio entre um ano e meio e três anos) pode levar quase ao mesmo lugar da histérica, ou seja, de retorno à indiferenciação primordial do real e da ilusão, que se dá pela alucinação. Se numa trata-se do preço a pagar pela anulação do desejo, na outra é o preço a ser pago pela sustentação de uma posição de ser desejante. De qualquer forma, o prazer cobra sempre o preço de uma culpa. Culpa e prazer são conceitos interligados, interdependentes por decorrência da vivência edípica, experiência constitutiva do sujeito, pela ação subjetivante que exerce. É sabido que, pela ação da repressão, o desejo é recalçado, gerando o fenômeno da repetição. O sintoma aí toma lugar como solução de compromisso diante do impasse que esse movimento exerce no psiquismo. Se mudam, na contemporaneidade, os paradigmas sociais de repressão, institui-se um deslocamento do recalque, instituindo-se a exigência de novas formas de solução de compromisso – temos então os novos sintomas, sintomas de nossa época. Diante das mudanças das normas, mudam os ideais e o campo das identificações do sujeito pelas alterações ocorridas nas exigências superegóicas. Os sintomas tentam dar conta simultaneamente da interdição e do desejo recalçado. Sabe-se, desde Freud, que a remoção de uma barreira depara o sujeito não com a resolução de conflitos, mas com o campo do desconhecido, para o qual busca dar-se uma resposta de apaziguamento que o proteja da ameaça do encontro com a “coisa” – que lhe assegure preservação da ameaça imaginária da castração.

Assim, no decorrer dessa pesquisa, o que pôde ser visto nos sujeitos, apesar da oportunidade de fruição que a *Internet* oferece como ícone da remoção de barreiras na esfera da sexualidade – lugar onde a emancipação feminina se configura pela possibilidade e legitimidade da afirmação de seu desejo –, o que pôde ser visto são mulheres que se queixam da inviabilidade sempre presente (apesar de tantas ofertas) de tomar um outro como objeto de seu desejo. Talvez seja ainda impossível formular-se uma interpretação satisfatória para essa escuta, nesse novo contexto. Daí formular-se um estudo tentando cercar com perguntas aquilo para o quê não se tem ainda respostas.

As mulheres sujeitos dessa pesquisa caracterizam-se pela independência econômica, pela participação na sociedade, portanto, com algum poder. Têm acesso aos meios de cultura e possibilidades de sublimação oferecidas fora do espaço doméstico, diferentemente das mulheres descritas por Freud, com baixos interesses sociais e realizações sublimatórias pobres. Têm a possibilidade da escolha sexual e uma segunda, terceira, ou quarta chance de estabelecer um relacionamento, quase ao infinito, quer seja de casamento, ou não, com a

possibilidade de conhecer e comparar vários homens – e a *Internet* está aí para isso. Nesse contexto social que lhe assegura esses privilégios, até então masculinos, a identidade do que é ser mulher passa por modificações, estabelecendo-se um campo das “novas sexualidades”, como diz Kehl (1996). Assim, vemos essas mulheres oscilando entre os novos atributos da funcionalidade das formas de acesso ao gozo e os sentimentos de perda de concessões das quais foi preciso abrir mão como moeda de troca. Apresentam-se como personagens em transição de uma posição (tradicional) para outra, ao que parece ainda não de todo assimilada, posição que se coloca como exigência gerada pelas suas próprias conquistas.

A *Internet* parece fazer parte do universo humano criado na atualidade com vistas a dar solução à questão fundamental que se coloca ao sujeito na lida com o desejo, ou seja, como se movimentar entre a interdição inicial e a satisfação final. Satisfação essa reconhecida hoje como direito também feminino. Ou, quem sabe, como compromisso também feminino. A *Internet* pode funcionar para essas mulheres como lugar onde buscam solução para o imperativo do gozo. É preciso que haja um par! Na contemporaneidade, à mulher é atribuída essa função, até então masculina, de exercer um papel ativo na procura do objeto. O tabu da virgindade é substituído pelo que se pode chamar de tabu da sexualidade feliz obrigatória.

Se até então tínhamos o homem caracteristicamente dominando os espaços públicos e o espaço privado como tipicamente feminino, hoje vemos a mulher irromper o espaço público de forma contundente, e a *Internet* (entre outros) apresenta-se como campo de aplicação dessa nova ética do masculino-feminino. Na contemporaneidade, a mulher tornou-se, assim como o homem, capaz de amar e trabalhar. Amar no espaço público, no sentido de poder enunciar seu desejo e experienciar múltiplas e sucessivas escolhas – amar e desejar fora do espaço privado do casamento; e trabalhar no espaço público, no sentido de poder atuar na estrutura produtiva social, inserindo-se nos campos das economias – além dos limites do trabalho materno-doméstico do espaço privado do lar. Essa alteração dos costumes alterou as identidades e alterou os sintomas.

A mulher passa da condição de desejada (a mulher cortejada do amor cortês) à condição de desejante (a exemplo, a mulher dos *sites* de namoro na *Internet*), papel inicialmente identificado do lado masculino. Do lugar narcisista que “nada deseja” e existe para ser desejada, a mulher passa a ter que se responsabilizar pelo seu desejo e dar-lhe uma solução possível, expondo-se, desde então, às determinações do campo social, que implicam no risco de desejar sem ser desejada. Diante dessa nova tarefa a mulher se defronta, como todo sujeito, com o desconhecimento da dimensão fundamental do seu desejo.

Freud propõe que o neurótico foge de querer saber-se, como sujeito, condenado a desejar, e condenado à errância, uma vez que não existe objeto definitivo, apaziguador do desejo. E disso ele foge pela via do sintoma e pelas formas de alienação que encontrar. A *Internet* pode estar, para os sujeitos dessa pesquisa, no lugar de sintoma e de forma de alienação, com propósito de apagamento desse saber a que o neurótico não quer ter acesso. Lugar que nega esse saber, criando o artifício da oferta da possibilidade de que possa sim existir um objeto, um objeto ideal, o par perfeito/alma-gêmea, que possa apaziguar o desejo e liberte o sujeito da angustiante posição de ser desejante.

A análise dos sujeitos da pesquisa, à luz da teoria psicanalítica, permite também que se possa inferir que a *Internet*, enquanto lugar de procura do par amoroso, possa estar a serviço dos processos de sublimação, oferecendo a possibilidade de um gozo que se dá fora do corpo, portanto, um gozo perfeito. É o lugar onde um par pode ser ideal, ainda que virtual e provisoriamente, podendo proporcionar, na realidade da virtualidade, ao imaginário, a pseudo realização do seu delírio.

2.2 IDENTIFICAÇÃO

“...falamos por outras mulheres, tantas mulheres!

... falamos por nossas avós, mulheres que não mostraram o som de suas vozes...

Falamos por nossas mães ... caladas ...”

(PAIM; NARDON, 2000)

Freud desenvolve as noções de repetição e identificação em estreita conexão com as do narcisismo apresentadas anteriormente na cronologia de seus escritos. Desenvolve a concepção da identificação em seu caráter de identificações primárias, em 1921, como fundantes do Eu inicial, e em seu caráter de identificações secundárias, em 1923, que propõe convergirem no Ego Real Definitivo e no Ideal do Eu. Já muito antes, 1900, traz o tema da identificação na intenção de explicar os sonhos como realização de desejos. A identificação ou a composição operam no sonho com propósito de ocultar representações cuja aceitação foi proibida pela censura, possibilitando, pelo conteúdo onírico, entrar em contato com o ego, de modo que ao sonhar o próprio ego (do sonhador) está oculto por identificação por trás de alguma pessoa estranha ou, em outras ocasiões, alguma outra pessoa estranha está oculta, por identificação, por trás do ego do sonhador. Há uma operação de deslocamento referente a um elemento comum oculto entre as duas pessoas envolvidas no sonho. “A identificação não

constitui uma simples imitação, mas uma assimilação baseada numa alegação etiológica semelhante; ela expressa uma semelhança e decorre de um elemento comum que permanece no inconsciente” (FREUD, 1900, p. 164).

Em Luto e Melancolia (1917), Freud apresenta a temática da identificação a partir da observação e análise das características do que denomina estados de luto e da depressão (melancolia), bem como da mania. Começa por considerar como é difícil abandonar uma posição libidinal mesmo quando na realidade já há um substituto, podendo dar-se um apego ao objeto num processo de psicose alucinatória carregada de desejo. Isso pode ajudar a explicar a resistência possível de ser observada em pessoas que, após uma separação por rompimento na relação amorosa, passam muito tempo sem estabelecer um novo relacionamento, como prolongamento psíquico dessa ligação com o objeto perdido.

Há um aspecto, que chama de prova de realidade, que separa fundamentalmente o fenômeno do luto da melancolia (ou depressão), à parte das características comuns que apresentam, que é a perda de fato do ente querido, do objeto amado, por morte, no caso do luto. Na melancolia, essa perda se daria pela separação do objeto por rompimento da relação amorosa. De qualquer forma, há em comum a exigência de que toda a libido seja retirada das ligações com esse objeto.

Os traços mentais do luto e da depressão como reação à perda de um ente querido, ou a abstração que ocupou o seu lugar (podendo mesmo ser o país, a liberdade ou o ideal de alguém), são o desânimo, perda de interesse pelo mundo externo, perda da capacidade de amar, de adotar um novo objeto de amor, e inibição das atividades em geral. Na melancolia se acresce a isso a sua característica mais marcante, ou seja, a diminuição dos sentimentos de auto-estima, um grande empobrecimento do eu, podendo levar a auto-recriminação e até a auto-punição. Apresenta sintomas como insônia e inapetência alimentar. No luto, é o mundo que se torna pobre e vazio, havendo uma perda relativa ao objeto, enquanto na melancolia a perda seria relativa ao eu. A perda, na melancolia, ao contrário do luto, envolve questões inconscientes de modo que:

[...] não podemos, porém, ver claramente o que foi perdido... o paciente não pode conscientemente perceber o que perdeu. [...] mesmo que o paciente esteja cômico da perda que deu origem à sua melancolia, mas apenas no sentido de que sabe ‘quem’ ele perdeu, mas não ‘o que’ perdeu nesse alguém (FREUD, 1917, p. 278).

Na melancolia há um deslocamento de objeto, e toda a autocrítica acusativa do melancólico seriam as recriminações ao objeto amado deslocadas para seu próprio eu. O

depressivo mascara auto-recriminações com as queixas dirigidas ao outro, assumindo uma posição de injustiçado. A depressão é, por assim dizer, um caminho diferente do que seria considerado normal.

Frente ao desapontamento com a pessoa amada, a relação objetal é destruída e a libido retirada desse objeto a partir do rompimento amoroso. No caso da melancolia, ao invés de descolar-se para outro objeto, foi retirada para o eu – servindo para estabelecer uma identificação do eu como o objeto abandonado. Assim, o próprio eu é tomado como se fosse objeto, ocasionando que a perda objetal é transformada numa perda do eu. Como pré-condição aos efeitos desse processo está uma forte fixação no objeto amado, em contrapartida ao pouco poder de resistência da catexia objetal, o que implica numa escolha objetal com base narcisista. Nesta, a catexia erótica é substituída pela identificação narcisista com o objeto, e, em consequência, o conflito com a pessoa amada não determina renunciar à relação amorosa. Daí o sintoma de prolongamento de um estado de mal-estar ocasionado por um rompimento. Talvez se pudesse dizer – rompo com o objeto, mas não rompo com o amor ao objeto.

Kehl (2002) destaca a importância das identificações apresentadas por Freud como um dos destinos do amor edípico, e também de outras perdas amorosas. Uma parte da libido sexual investida em um objeto externo ao eu, na falta de gratificação esperada do objeto, retorna ao eu, que passa, então, a identificar-se com algumas características da pessoa amada, oferecendo-se como objeto substitutivo para o investimento libidinal.

Freud sugere que a depressão possa se originar predominantemente pelo tipo narcisista de escolha objetal que toma da melancolia a característica de catexia objetal para a fase oral ou canibalística ainda narcisista da libido. A identificação é uma etapa anterior à escolha objetal e determinante para os tipos de escolha de objeto que o sujeito vai poder fazer. Trata-se da primeira forma pela qual o eu escolhe um objeto, expressa de maneira ambivalente, pelo desejo de incorporar a si esse objeto, devorando-o. A base da identificação do sujeito está nessa primeira fase da organização da libido.

Também nas neuroses de transferência a identificação é a expressão da existência de algo em comum, que pode significar o que é entendido por amor. De outro lado, o ódio é um componente que pode manifestar-se na identificação narcisista.

Se o amor pelo objeto - um amor que não pode ser renunciado, embora o próprio objeto o seja - se refugiar na identificação narcisista, então o ódio entra em ação nesse objeto substitutivo, dele abusando, degradando-o, fazendo-o sofrer e tirando satisfação sádica de seu sofrimento (FREUD, 1917, p. 284).

Daí a auto-tortura na depressão, que corresponde ao que ocorre na neurose obsessiva, ou seja, a satisfação sádica e o ódio relacionados ao objeto retorna ao próprio eu. Uma das saídas adotadas pelos sujeitos é a punição do objeto, de forma vingativa, através da autopunição pela sua própria doença, na impossibilidade de demonstrar sua hostilidade a esse objeto amado. A catexia erótica do depressivo, assim, toma dois rumos: parte retrocede à identificação e outra parte volta à etapa do sadismo. O suicídio pode ser compreendido pela análise do depressivo na medida em que o eu, pelo retorno da catexia objetual, pode então voltar a si o ódio relacionado ao objeto, e num processo regressivo desde a escolha objetual narcisista, destruir esse objeto. Na paixão intensa e no suicídio, embora situações opostas, em ambas o eu é dominado pelo objeto, porém de formas totalmente diferentes.

Freud apresenta a mania como uma característica da melancolia, embora nem toda depressão seja intercalada pelos períodos de mania. De qualquer forma, a análise da mania ajuda a compreensão da depressão no que diz respeito à questão do dispêndio de energia. A mania seriam estados de alegria, exultação ou triunfo. Enquanto na melancolia o eu sucumbe ao complexo, na mania, domina-o, ou põe-no de lado. Os estados da mania, por efeito de alguma influência, consistem na descarga de uma grande energia psíquica despendida, que se torna desnecessária e se torna disponível para outras aplicações, causando estados de animação e maior disposição do sujeito para todas as espécies de ação, o que os distingue por contraste da melancolia, que se caracteriza pela depressão e a inibição. Nos estados de mania provavelmente ocorre uma suspensão de dispêndios de energia na repressão, suspensão essa produzida por toxinas. A mania seria, então, a fase de economia de energia psíquica numa alteração de fase, como complementação pelo dispêndio dessa energia na depressão. O indivíduo maníaco procura novas catexias objetais como forma de libertação do objeto que lhe causou sofrimento.

No artigo O Inconsciente (1915b), Freud aborda a doença depressiva, que tem parte de seus processos mentais inconscientes, e está ligada a catexias objetais inconscientes abandonadas, sob efeito da repressão, por sua vez ligadas ao passado remoto, à “coisa” original. “O sistema Ics. (inconsciente) contém as catexias da coisa dos objetos, as primeiras e verdadeiras catexias objetais” (FREUD, 1915b, p. 230). O sujeito, num plano de consciência, lida com o que é possível se colocar pela palavra.

[...] o sistema Pcs. ocorre quando essa apresentação da coisa é hipercatexizada através da ligação com as apresentações da palavra que lhe correspondem. São essas hipercatexias, podemos supor, que provocam uma organização psíquica mais elevada,

possibilitando que o processo primário seja sucedido pelo processo secundário, dominante no Pcs. (FREUD, 1915b, p. 230).

A depressão viria funcionar, então, como manifestação de algo que, reprimido, não pode vir a se expressar, senão pela via do sintoma. Funciona como a apresentação inconsciente do objeto abandonado, composta por várias impressões isoladas – os traços inconscientes. A retirada de libido de um objeto é um processo, como no luto, lento e gradual. A depressão ocorre quando o objeto perdido tem uma grande importância para o eu, o que está reforçado pelos elos que possa estabelecer, procedentes de diferentes fontes inconscientes. A relação com o objeto, na depressão, está ligada a conflitos de ambivalência, e esta ambivalência caracterizada pelo amor e ódio ao objeto, elementos presentes em toda relação amorosa, tanto por serem constitucionais, quanto por provirem das experiências infantis que envolveram a ameaça de perda do objeto. Essa luta de ambivalência é atribuída ao sistema Ics, onde estão os traços de memória de “coisas”. O trabalho de saída da depressão consiste na desistência do objeto através de lutas isoladas dessa ambivalência, distendendo a fixação da libido ao objeto, através da sua depreciação, denegrindo-o e mesmo, pode-se dizer, matando-o. Após a possibilidade de hostilizar o objeto e destituí-lo de valor, é possível que o processo no Ics. chegue ao fim, de forma a que o eu passe a se auto-valorizar novamente. A instalação do objeto dentro do ego, ao ter de abandonar esse objeto sexual pela introjeção, nisso que se configura como uma regressão à fase oral, é a forma como o ego torna possível, ou mais fácil, esse abandono. A partir desse processo, que é freqüente nas fases primitivas de desenvolvimento, o ego se constitui de um precipitado de catexias objetais abandonadas e que ele incorpora à história dessas escolhas objetais.

[...] existem diversos graus de capacidade de resistência, os quais decidem até que ponto o caráter de uma pessoa desvia ou aceita a influência da história de suas escolhas objetais eróticas. Em mulheres que tiveram muitas experiências amorosas, não parece haver dificuldade em encontrar vestígios de suas catexias do objeto nos traços de seu caráter (FREUD, 1923, p. 43-44).

Uma forma do ego controlar o id, sujeitando-se, em grande parte, às suas exigências, é assumir as características do objeto, ou seja, quando há transformação de uma escolha objetual erótica numa alteração do ego. Há uma tentativa de compensação à perda do id colocando-se o ego como semelhante ao objeto. Essa transformação de libido objetual em libido narcísica, por um processo de regressão, implica em uma espécie de sublimação, já que se faz um abandono de objetivos sexuais, uma dessexualização. A tônica da teoria freudiana a respeito da identificação é que as primeiras identificações, nas primeiras fases de vida, tem

efeitos duradouros. O ideal do eu é forjado pela primeira identificação de um indivíduo, que é com os pais, numa identificação direta e imediata, antes que seja possível estabelecer-se uma catexial de objeto. As escolhas objetais desse período sexual inicial, relacionadas ao pai e à mãe, normalmente se dão por uma identificação desse tipo, reforçando a identificação primária.

Mayer enfatiza que, embora o corpo erógeno refira ao corpo anatômico, onde as experiências são vivenciadas, este se organiza via identificação primária pelas marcas das relações afetivas primitivas entre a criança e seus pais. “A geografia libidinal do homem não é a projeção de sua anatomia, mas a de sua história afetiva” (MAYER, 1989, p. 26). A criança aceitará para si a imagem de si que vê nos olhos e na atitude afetiva da mãe. Trata-se das identificações primárias realistas as que se originam no ego realidade da mãe, que tomam o filho como objeto de amor. Mães que aceitaram seu próprio processo de castração e respeitam o princípio da realidade possibilitam identificações que promovem a diferenciação do ego filial, há um reconhecimento de sua singularidade estimulando a autonomia. De outro modo, nas identificações primárias narcisistas, a criança é identificada com o ideal narcisista materno, que lhe proporciona a ilusão de ser para a mãe o que lhe falta para obter a perfeição ou como algo que altera ou perturba sua harmonia. Esse modelo de identificação, tomado como patológico, funda na criança o Ego Ideal e o narcisismo especular, porque reflete o narcisismo insatisfeito dos genitores.

Freud (1921) propõe que os sentimentos sociais se fundam em identificações com pessoas que têm em comum um mesmo ideal de ego. Dito isso, olhar para as escolhas relacionais implica um desmascaramento do ideal de ego do sujeito, assim como seus conflitos relacionais podem também estar refletindo essa questão.

A fundação da estrutura operante do sujeito em sua história primitiva, pela psicanálise, direcionou o trabalho de pesquisa, que usou o contexto atual desse sujeito, de modo a voltar-se a ele (ao passado) através da escuta da sua história relacional, ou daquilo que passou a ser sua vivência particular dessas primeiras vivências, fundadas nas relações com seus pais ou cuidadores. A partir disso, foi possível entender seu processo de identificação. Freud (1914b) em seu texto *Algumas Reflexões sobre a Psicologia do Escolar*, propõe que todos os relacionamentos arcam com uma espécie de herança emocional proveniente das ‘imagos’ de suas primeiras relações parentais. Ao longo da vida, as simpatias e antipatias com que se confrontam pouco são produzidas por esses próprios relacionamentos. As escolhas posteriores de amizade e amor seguem a base das lembranças deixadas por esses primeiros protótipos parentais.

Na formação dos sintomas, que se dão pela repressão, onde os mecanismos do inconsciente passam a ser dominantes, frequentemente a escolha de objeto retroage para a identificação, onde o ego assume as características do objeto. Nessas condições o ego pode desenvolver uma identificação parcial e limitada, tomando um traço isolado da pessoa que é seu objeto. Pode também se dar que o ego copie a pessoa tomada como objeto. Outra forma ainda de identificação na formação de sintomas se dá deixando fora de consideração a relação de objeto com a pessoa copiada, baseando-se esse mecanismo na possibilidade ou desejo de colocar-se na mesma situação dessa pessoa. Nesses casos, o sofrimento do outro é aceito e vivenciado sob influência do sentimento de culpa. A identificação por meio do sintoma sinaliza um ponto de coincidência entre os dois egos que precisa manter-se reprimido.

A identificação, ou se dá de maneira regressiva como vinculação de objeto libidinal pela introjeção do objeto no ego, ou pode se dar pela identificação de uma qualidade comum partilhada com uma pessoa que não é objeto do instinto sexual, podendo essa identificação parcial dar início a um novo laço. As relações entre identificação e o desenvolvimento do estado de estar amando são, desde logo, estabelecidas por Freud. No curso da evolução, o homem descobre num de seus pais o primeiro objeto para seu amor e a unificação de todos os seus instintos sexuais com suas exigências de satisfação unificados nesse mesmo objeto. Obrigada à renúncia da maior parte desses objetivos sexuais infantis pela repressão que se estabelece, a criança permanece nessa ligação, mas com modificações profundas, através de instintos inibidos em seu objetivo. Os sentimentos são transformados em afetos, ficando preservados no inconsciente, de forma intensa, essas tendências primitivas sensuais.

Na puberdade, a evolução normal permite conciliar essas correntes, efetuando uma síntese entre o amor não sensual e o amor sensual, resultando numa relação com o objeto sexual caracterizada pela combinação dos instintos desinibidos e instintos inibidos em seu objetivo. No estado de estar amando, é característica a supervalorização sexual através da supervalorização das características do objeto amado. Se os impulsos sexuais estão mais eficazmente reprimido ou postos de lado, o encanto sensual do objeto é transformado pela ilusão em méritos espirituais. Esse julgamento é falsamente formado pela idealização. Em muitas formas de escolha amorosa, o objeto serve para atender um ideal de ego inatingido pelo apaixonado, que ama como forma de adquirir, de modo indireto, perfeições que gostaria de ter em seu próprio ego. Dessa forma explica-se a idealização do ser amado. Os impulsos dirigidos para a satisfação sexual diretamente podem ser deixados para um segundo plano, tornando-se o ego cada vez mais despretensioso e modesto, enquanto o objeto é visto cada vez mais sublime e precioso até que o objeto consome o ego. É o exemplo do amor feliz que não

pode ser satisfeito, porque a cada satisfação sexual envolve sempre uma redução da supervalorização sexual. Estabelece-se uma devoção do ego ao objeto, que pode ser sublimada a uma idéia abstrata, deixando de funcionar as funções atribuídas ao ego porque o objeto foi colocado no lugar do ideal do ego. Na identificação há um enriquecimento do ego com as propriedades do objeto introjetado. Esse objeto, perdido ou abandonado, é novamente erigido dentro do ego, nele ocasionando uma modificação parcial, segundo o modelo do objeto.

Lacan, no seminário A Identificação (1961-1962), trata da relação do sujeito ao significante. Assim, pensar na identificação é pensar na entrada do outro ao qual identificar-se. Propõe:

[...] buscar el sentido de toda identidad, en el corazón de lo que se designa por una especie de redoblamiento del moi mème (mí mismo), esse mí mismo que es, ustedes lo ven ya, ese metipsissimum, una especie de ‘en el dia de hoy’ [...] del cual nosotros no nos percatamos y que está allí en el mí mismo (LACAN, 1966).

Quando fala em redobramento do “mí mesmo” é possível pensar no transbordamento de libido narcisista para o objeto descrito por Freud. O tratamento que um ser que está amando dá ao objeto amado é o mesmo dado ao próprio ego. Há uma aposta num outro, colocado no lugar do ideal do ego. O grande Outro, de Lacan, o “sujeito suposto saber”, que não é um sujeito, mas um lugar,

[...] es un lugar al cual uno se esfuerza – dice Aristóteles – por transferir el saber del sujeto. [...] El Otro es el basurero de los representantes representativos de esta suposición de saber, y es ésto lo que llamamos inconsciente en la medida en que el sujeto se perdió él mismo en esta suposición de saber (LACAN, 1966).

Esse lugar de grande Outro, fundado na história primitiva do sujeito, é ocupado originalmente pela mãe, cuja função é a instalação de significantes no filho. A esse grande Outro é atribuído o saber absoluto, é depositário da verdade verdadeira, capaz de instaurar o sujeito, na medida em que o introduz no código da cultura, através da linguagem. É o sujeito tomado como ato inaugural, capaz de suportar esse lugar do qual, no entanto, é preciso abrir mão. O significante tem como suporte um traço – o traço unário, que é o traço de identificação inaugural do sujeito, o que dá a função ao significante, a sua garantia no que concerne à verdade, o que faz a marca. O significante representa o sujeito diante de outros significantes por esse traço único que o representa, mas que, por representá-lo, não é idêntico nem a si mesmo. É o que conota a diferença e designa o sujeito como único, referindo-se a

uma diferença que não é qualitativa. Trata-se, antes, de uma diferença pura. O significante, portanto, introduz a diferença no real, faz um corte; diferença capaz de sustentar a possibilidade de fazer esse jogo do eu e do outro.

A cadeia de significantes tem a repetição como base da experiência, e essa importa porque revela a incidência da função do significante. Interessa na repetição o porquê isso se repete. Longe de não significar nada, ou ser tomada casuisticamente, a repetição vem justamente significar onde nada parece significar. Que sentido teria a repetição de um infortúnio? Visto de um olhar afastado da psicanálise se apresentaria como um fato de casualidade. Trata-se da repetição de um ciclo, o mesmo ou com pequenas diferenças, que, no entanto, o conservam como função e asseguram que todos os ciclos que o precederam se identificam quando se reproduzem, como sendo o mesmo. Nesse sentido, esse ciclo corresponde a um significante, e é para fazer ressurgir esse significante que o comportamento de repete. A repetição preenche uma função de signo para representar alguma coisa atualizada. A incidência repetitiva na formação do sintoma, mais do que essa função, tem a seu cargo presentificar o significante que esta ação se tornou. Esse comportamento repetitivo viria como uma resolução da tensão gerada entre necessidade e satisfação, e tem a função de fazer surgir, recordar, para insistir em algo da ordem do significante. A repetição da mesma coisa vem introduzir a diferença, a unidade, algo da ordem da origem do trauma. Faz ressurgir o trauma, caracterizando o acesso histórico. O que de fato busca fazer surgir a repetição é essa marca inaugural do significante, desse primeiro objeto de amor, que fez traço mas do qual só é possível experienciar o seu próprio apagamento. É em busca desse “perdido” que se dá o ato, aquilo que o torna atual na intenção de seu impossível resgate. O inconsciente, esse sujeito de enunciação, esse “corazón hablante del sujeto” (LACAN, 1966), é quem disso tudo sabe e nada sabe, pelos profundos efeitos da retroação do significante implicados na palavra. Poderíamos dizer que o que mais faz presença no sujeito é justamente o que está ausente através desse apagamento. O inconsciente, por seu estatuto de inconsciente, é algo que não pode penetrar no pré-consciente e, no entanto, seu esforço se dá justamente pela busca constante de reconhecimento, pela busca de passagem no universo estruturado pelo discurso. A relação do inconsciente com o que ele busca, pelo retorno, é o “identicamente idêntico”, seria a busca do traço unário, que é justamente o que não é possível alcançar, o que lhe faltará sempre.

Eliade (1969) chama a atenção para o caráter mítico da repetição quando apresenta uma análise do que chama o “mito do eterno retorno”, pelo qual a civilização, o homem portanto, numa concepção a que chama de tradicional, arcaica, como defesa à sua posição

insuportável “terror da história” (por não saber justificar-se como ser no universo e no contínuo dos acontecimentos históricos que o assolam), buscou adotar arquétipos que lhe servissem de modelo comportamental. Toma-os pela repetição de gestos paradigmáticos, a partir do que pudesse justificar sua existência e suportar os acontecimentos catastróficos, que imputavam-lhe sofrimentos e o lançavam diante da necessidade de dar-lhes um sentido, um significado. Nessa concepção, o ato humano não depende do puro automatismo, ao contrário, a repetição de um exemplar mítico lhe confere a qualidade de representação de um ato primordial. O significado do gesto, o que lhe confere sentido de realidade, só é possível na medida em que retoma uma ação primordial. “A sua vida é uma repetição ininterrupta de gestos inaugurados por outros” (ELIADE, 1969, p. 19). O momento mítico do princípio, que vem como o instante de resgate do “tempo profano”, instaura o “tempo mítico”. O homem, ao reproduzir por imitação um modelo arquetípico – um modelo exemplar – reatualiza o momento mítico em que o arquetípico – o gesto exemplar – foi revelado pela primeira vez. O regresso cíclico (pela repetição) ao que existiu anteriormente constitui o mito do eterno retorno. Para o homem arcaico, implicava poder justificar a alternância dos estados de caos e renovação, processos pelos quais passam as civilizações e o destino pessoal de cada um, limitado à morte, tomada como indispensável à sua regeneração. “O passado não é mais do que a prefiguração do futuro” (p.104). Configura-se a proposição hegeliana de repetição da Natureza: “não há nada de novo sob o sol”, visão que implica a concepção de que nenhum acontecimento é irreversível e, portanto, nenhuma transformação é definitiva.

O tempo inaugural, descrito pela mitologia de vários povos, refere-se ao paraíso perdido, tempo em que o homem desconhecia a morte, o trabalho, o sofrimento de qualquer ordem – tempo em que tanto os deuses desciam à terra misturando-se aos homens, quanto os homens podiam subir ao céu. O momento mítico instaura-se quando “[...] um pecado ritual interrompeu a comunicação entre o Céu e a terra...” (p.106), separando o tempo mítico do tempo profano. Aí se dá a instalação da Lei, de onde decorre a concepção de que o sofrimento é considerado como um afastamento às “normas”. Instalou-se assim o sentimento de culpa. O que marca a passagem do homem arcaico ao homem moderno, para o autor, foi a “invenção” da fé, no sentido judaico-cristão. Para a psicanálise, essa passagem pode ser tomada na dimensão da instalação da Lei, do grande Outro, do homem como consciência da sua historicidade.

A análise desse contexto civilizatório permite que nos reportemos ao percurso do homem enquanto sujeito, na vivência individual de subjetivação. Reporta-nos ao Complexo de Édipo (analisado em capítulo à parte) e, mais especialmente, em relação à questão do

caráter da repetição aqui estudada, permite-nos tomá-la numa concepção filogenética. A obra de Freud, propriamente, relaciona ontogênese e filogênese, concebendo o desenvolvimento do indivíduo e da espécie sendo presididos pelas mesmas forças.

Há uma incongruência contida na demanda da identificação desde sua origem. Como sendo da ordem de algo a ser buscado permanentemente, repetida e insistentemente, sem que essa busca chegue a um termo que não seja, como única possibilidade de saída, o reingresso num circuito que nem pode ser descrito como circular, pois o ponto de chegada, embora em direção ao retorno, nunca encontra o ponto de início, um início inalcançável por concepção.

Para Lacan (1998), o que se repete é sempre algo que se produz como por acaso e, embora conserve a insistência no trauma, demanda o novo, apresentando uma variação implicada na alienação de seu sentido. A variação na repetição nada mais é do que a forma de velar “o verdadeiro segredo do lúdico”, ou seja, a mais radical diversidade constitui a repetição de si mesmo. Este conceito está na base dos processos transferenciais, por sua vez implicados nas questões identificatórias. A transferência é a atualização da realidade do inconsciente e constitui-se como uma operação que visa, através da repetição, restituir a continuidade da história do sujeito, operando como uma catarse dos elementos inconscientes.

Freud (1905 a) trabalha o conceito de transferência, a partir da análise do caso Dora, descrevendo-a como “[...] novas edições, cópias dos impulsos e das fantasias que são criados e se tornam conscientes durante o andamento da análise” (p. 113). Sua característica é a substituição de uma pessoa por outra, a quem são destinados afetos recalçados, numa operação em que é renovada uma experiência psicológica do passado, aplicada à uma pessoa no presente, conservando, portanto, a mesma metáfora, constituindo-se como novas impressões ou reedições. Freud refere-se às transferências como positivas, carregadas de sentimentos de amorosidade e simpatia; ou negativas, carregadas pela hostilidade e sentimentos de ódio e antipatia. Trata-se de deformações com vista à obtenção de vantagens e proteção contra revelações que o sujeito teme trazer à consciência.

Fenichel (1941) propõe, na continuidade dos estudos de Freud, que todas as relações humanas contêm relações transferenciais misturadas nas relações realistas.

Greenson (1981) apresenta a transferência a partir de suas propriedades gerais – inadequação, intensidade, ambivalência, inconstância e tenacidade –, pelas quais é possível identificá-la operando na atualidade do sujeito, por serem as características mais típicas das relações transferenciais. Seu traço fundamental, que se sobrepõe a todos os outros – a inadequação –, expressa-se em termos justamente da intensidade, ambivalência, inconstância ou tenacidade que denunciam uma transferência em ação. Greenson distingue dois momentos

da interpretação da transferência: o “momento dinâmico”, que evidencia o “aqui e agora” pela dinâmica, natureza e direção das tensões; e o “momento genético”, que permite mostrar que o passado se atualiza no presente. A interpretação da transferência, no processo de análise, tem por objetivo que o sujeito analisado possa fazer a passagem da repetição “aqui e agora” para a lembrança do que vivenciou “lá e outrora”.

Uma vez que todas as relações humanas contêm relações transferenciais, temos presente que a relação com o objeto é atravessada por todas essas questões, e apresenta-se na atualidade dos sujeitos dessa pesquisa como força tensional inconsciente operando no seu processo de escolha do par amoroso.

A origem da nomeação do sujeito, que diz respeito ao nascimento do sujeito como tal, se dá pela marca que o traço unário, primitivo, pode nele fazer. Esse “eu mesmo” que o sujeito é e o que faz dele um ser único enquanto diferença de qualquer outro, deriva dessa função significante. Significante que nasce pela marca de um lugar vazio, onde algo havia e que foi apagado, em torno do qual o sujeito faz voltas no sentido de retorno. A transformação sutil de sentido, tal como se dá no chiste, essa passada de sentido por nós não apreendida, constitui um jogo incessante, um elo da cadeia significante do sujeito.

Nasio (1997a) exemplifica a dimensão do gozo pela infinitude impossível, a impossibilidade do campo do Outro, que coloca o sujeito diante do “drama da subjetivação do sexo”. Esse tem por conflito a impossibilidade do inconsciente dizer a sua falta de outra forma que não pela metáfora. O que define a produção de uma metáfora é a existência de uma barra que separa a ordem do consciente da ordem do inconsciente, instituída pelo “determinismo da falta” que marca o campo do Outro. Cada substituição será uma presença na ausência, e o significante metafórico é o significante que aparece no enunciado do sujeito, fazendo retornar o recalcado. O substituto do significante, não podendo ser dito, apresenta-se como “marcas mal apagadas” que é preciso liberar. O significante constitui-se como ponto de encruzilhada dos três elementos fundamentais da estrutura do inconsciente: a cadeia significante, o objeto “a” e o sujeito. Esse significante metafórico, substitutivo ou “a mais”, será o único acesso ao inconsciente.

Para Lacan, todas as articulações de demandas do sujeito estão articuladas na metáfora do seio materno.

[...] el objeto metonímico del deseo, lo que en todos los objetos representa esta pequeña “a” electiva, donde el sujeto se pierde cuando el objeto aparece metafóricamente, cuando lo sustituimos al sujeto que en la demanda viene a colapsarse, a desvanecerse, no hay huella: \$ lo revelamos, el significante de este sujeto, lo damos su nombre: el buen objeto. El seno de la madre, la mama, hé alí la

metáfora en lo que decidimos, están capturadas todas las identificaciones articuladas de la demanda del sujeto; su demanda es oral, es el seno de la madre que lo toma en su paréntesis, es el A que da su valor a todas esas unidades que van a adicionarse en la cadena significante: A (+ I + I + I) (LACAN, 1966).

A articulação desse grande Outro materno é fundante do significante, do sujeito, portanto. Seria, então, o seio materno o objeto ao redor do qual a falta se dá, onde se instala o significante. E a relação do sujeito com o seio se dá pelo que de falo ele possa estar representando. “Es evidente que no porque vuestros orales que adoran los senos, los adoran porque esos senos son falos” (LACAN, 1966). Lacan coloca que “a” só pode ser utilizado como significante na medida em que “a” não é “a”. A objetualização do seio se dá pela mesma medida, em que o seio objeto seja um seio simbólico e não um seio real. Assim, o falo aparece como simbólico na medida em que falo não é falo, pênis real, mas que se revela como função significante. Como um golpe, pela ameaça da castração, o pênis real cai, dando origem a função significante do falo, pelo complexo da castração (apresentado no capítulo do complexo de Édipo nesse trabalho). O significante ‘a mais’, da fórmula de Lacan, refere-se ao significante substitutivo do falo, significante do gozo impossível, que representa a falta de que sofre o Outro, ele também sujeito barrado pela castração. Essa falta no campo do Outro assume a função de causa do desejo do sujeito.

Pela descrição de Nasio (1997a), o falo é a borda que cinge a falta como um ponto e denota o objeto na sua progressão metonímica. O objeto, embora não seja representável, é detectável enquanto falta. E a função fálica consiste em ser a única denotação dessa parte do corpo negatizada, onde o gozo pode encontrar o seu ponto. O falo não é, portanto, o objeto-falta, ele é o que o designa. O falo representa o real, o irrepresentável. O real impossível está presente na alternância da função fálica, da metáfora à metonímia. Assim, o falo será sempre cada marco, cada significante.

Dolto (1992) coloca que ao longo do Édipo, e mesmo durante toda a vida, buscamos sucessivamente identificações, exaltando nossos modelos identificatórios. Estas identificações decorrem simplesmente do deslocamento do valor atribuído ao falo, em busca de correspondência ao que chama de nossa “identidade desejante” desconhecida, sem imagem inconsciente do corpo desde a castração primária, que se apóia na percepção do primeiro rosto e primeiro olhar inclinado sobre o nosso. Por concepção, essa “identidade-valor” não encontra nenhuma correspondência nessa busca de identificações.

Folberg propõe que “[...] a imagem no espelho que ‘carrega’ a imagem de um outro, que lhe serve de modelo e de companheiro de diálogo (assim que o *logos* se impõe) [...]”

(FOLBERG, 2002, p. 28), é uma imagem que permanece no sujeito, pois, embora pela passagem do Estádio do Espelho o diálogo atual seja rompido, ele se repete infinitamente através de todos os novos diálogos – semelhantes e diferentes, ao mesmo tempo, desse diálogo inaugural – mas ele virá impresso e emergente no e do enfrentamento do sujeito/outrao ao longo de uma vida.

Retomamos a questão da castração vista como ameaça constituinte do sujeito, implicada na função significante, em sua origem, portanto. Na busca da evitação da castração, institui-se a possibilidade de objetualização, do jogo mesmo do simbólico tomando lugar do real, jogo no qual está implicada a função do significante. E é por essa via que entra em cena o desejo e a permanente e árdua tarefa de lhe dar um destino possível. A passagem do amor narcísico ao amor objetal – transferência da libido auto-erótica para um outro corpo, o corpo do outro, que é sempre o Outro sublimado. Amamos o que circunda esse objeto, o que simbolicamente possa vir a representá-lo, como arranjo estabelecido na fuga da ameaça da castração.

[...] lo que amo en el otro lo que está sometido a esta condición hidráulica de equivalencia de la libido, a saber que cuando sube de um lado, sube también del otro, lo que deseo, lo que es diferente de lo que experimento, es lo que bajo la forma de puro reflejo de lo que permanece de mí investido en todo estado de causa es justamente lo que falta al cuerpo del otro en tanto que está constituido por esta impregnación e lo húmedo del amor (LACAN, 1966).

Nessa perspectiva, de que o desejo do corpo do outro se valida pelo que lhe falta, se viabiliza a heterossexualidade. O desejo busca no outro mais o desejante do que o desejável.

Deseo al otro como deseante y cuando digo deseante no digo ni siquiera, no digo expresamente como deseándome: pues soy yo el que desea y deseando el deseo, este deseo no podría ser deseo de mí mas que si me encuentro en este giro donde estoy por supuesto, es decir, si me amo en el otro, dicho de otro modo, si soy yo lo que amo (LACAN, 1966).

O amor endereçado ao outro não é senão um amor de retorno, amor espelhado, reflexo do si mesmo. Lacan aborda o amor cortês, o qual, em suas características pode, pelo modo como se estabelecem nele os laços e por sua estrutura própria de funcionamento, nos aproximar do amor contornado à coisa, ao objeto de cujo desejo é preciso permanentemente renunciar. Esse objeto nunca tomado é retratado no amor cortês pela dama tão exaltada, enobrecida e admirada. Esse objeto sempre inacessível que, enquanto inatingível, pode ser mantido no campo do perfeito. Tomá-lo significaria, por contradição, perdê-lo, uma vez que seria inviável mantê-lo ainda no nível do imaginário. Na realidade, esse objeto não se

manteria pela impossibilidade de atender a demanda desse desejo por outra via que não a do imaginário. É por imposição de sua estrutura que seja um amor que não se satisfaz, não se completa, não se realiza. A dama do amor cortês só se mantém viva enquanto se mantiver na mira do imaginário de seu cavalheiro, submetida à ordem do desejo inabordável. Lacan propõe o sujeito do desejo, como desvio à ameaça imaginária da castração.

El sujeto del que se trata, aquél cuya huella seguimos, es el sujeto del deseo y no el sujeto del amor, por la simple razón de que no se es sujeto del amor: de ordinario se es normalmente su víctima, lo que es totalmente diferente. [...] La menor conversación está allí para mostrarles que el amor de la madre es la causa de todo (LACAN, 1966).

Esse desejo primário, encarnado na mãe, é do que é preciso fugir – risco da castração – e, contraditoriamente, nunca perder de vista. Movimento ambivalente de busca e rejeição, dança de toda uma vida, encantamento do qual é preciso abrir mão. O amor, assim descrito, é fundado na ambivalência, fonte de contradições, de sentimentos opostos, inquietude, ambigüidade. Nele estão implicados o instinto de vida e o instinto de morte. O instinto de morte se situa nas seqüelas do significante de vida, reinscrita aí de outra forma, atendendo o desígnio pela lei do prazer de realizar e repetir para retornar ao inanimado. “[...] o desejo se constrói no caminho de uma questão que o ameaça e que pertence ao domínio do não ser.” (LACAN, 1966). Na teoria freudiana, o que vai para além do princípio do prazer está implicado em morte. Por isso, esse objeto do desejo é preciso que seja contornado e nunca alcançado. É daí que a vida psíquica se movimenta em rodeios, dando voltas ao ponto fundante do sujeito, ponto de ancoragem, traço único, do qual só é possível o contorno, nunca o retorno. Desse Outro só se conhece o resto transmutado em significante.

Lacan propõe que elucidar o atrativo sexual supõe, em princípio, questionar um sonho, quando o sonho é a realidade em si. Quando se trata do desejo, o erro conserva seu sentido. O engano de que o sujeito é portador, se se engana, é de fato sua razão, pois porta o desvio da seta de direção do desejo, contém a pista da renúncia imposta pela lei da castração. O engano traz em si uma tentativa de ruptura com esse pacto de renúncia, um escape do inconsciente. Se o sujeito se engana, não é por acaso que ele se engana. Seu engano está engendrado nos mecanismos de repressão do inconsciente; tem por função aliviar sua pressão. Dito de outra forma, o engano é também uma forma de fazer contorno ao objeto, ao recalcado.

Nasio (1997a) apresenta o objeto pelas suas mutações metonímicas. O sujeito se apegando a uma das qualidades que o objeto “a” vai adquirir no processo infinito de mutações e permutações, estruturando a relação fantasística pela ocultação do gozo. O objeto pode

assumir diversas formas. A estrutura fantasística imobiliza e mantém a dialética do desejo pela sua função ilusória, pela qual o objeto tem a propriedade de ser algo que significa alguma coisa para o sujeito, desaparecendo do campo real. O objeto assim, metaforicamente, é o suporte de uma fantasia enriquecida de significados, não sendo na realidade, mais do que nada.

A subjetivação tem o seu ciclo iniciado pela privação, a rejeição original da qual o sujeito só poderá vir a saber depois. O sujeito vem a saber não só que este saber o rejeita, mas que este saber deve ser rejeitado uma vez que ele se mostrará estar sempre além ou aquém do que é necessário atingir para a realização do desejo. Esse oculto ao sujeito e pelo sujeito não é outra coisa que o desejo incestuoso, causa da castração, fonte de privação, rejeição original. Pela interdição do pai, impondo ao filho a proibição à mãe, instala-se esse oculto, essa verdade inacessível ao sujeito. Chegar a essa verdade, a verdade verdadeira, seria confrontar-se com o desejo incestuoso, seria o próprio aniquilamento. Por isso, do sabido é preciso que o sujeito não saiba, e que passe a vida sem dele saber – daí a função do inconsciente. Assim, o sujeito se encontra na condição de estar irremediavelmente dividido entre seu desejo e seu ideal, pois jamais chega a identificação entre pensar e ser. O simbólico é introduzido a partir da existência no real do traço unário. A privação a esse real introduz o simbólico, e pela privação, instaura o desejo. O desejo é sempre do não alcançado, de um impossível, por isso ele se mantém enquanto desejo.

O sujeito só é sujeito porque ele fala – no domínio do simbólico [...] O sujeito pode empreender dizer o objeto de seu desejo. Ele só faz isso mesmo. É mais que um ato de enunciação, é um ato de imaginação. Isso suscita nele uma manobra da função imaginária e de modo necessário esta função se revela presente tão logo aparece a frustração (LACAN, 1966).

O nascimento do desejo está remetido a uma perda essencial e é constituinte do sujeito. Assim pode ser visto, ao mesmo tempo, como propulsor ao sujeito, elemento de fortalecimento pelo estabelecimento do circuito da busca permanente do objeto, e de outro lado, como fragilizante pela evidência da falta, da impossibilidade de recuperar esse objeto perdido, fonte permanente da frustração. Diz Lacan (1966): “depois da privação real, a frustração imaginária.” Essa frustração imaginária funda o simbólico. O desejo do neurótico é que o outro lhe faça demanda, que o outro dele espere algo, seus pais, sua família, seu cônjuge. A dialética da frustração “desejo num, demanda no outro, demanda de um, desejo do outro”, aponta para a inviabilidade permanente de atendimento à demanda do Outro.

A relação com o outro, esse nó com o Outro, está colocada como uma relação de “engodo”, no fundamento da frustração, porque se trata de uma demanda sem resposta. É o que Freud chama o Édipo, apresentado como o Complexo de Édipo. A demanda desse Outro toma um lugar privilegiado e se torna o comando absoluto e, posta como lei, estabelece que, a partir dessa proibição primeira, todo o desejo precise passar por desvios e inclua em si o vazio, pela impossibilidade de obter o objeto original, imposta pelo interdito dessa lei original.

O desejo, portanto, tem por destino último uma renúncia, porque o objeto último a ser por ele tomado, a coisa, é o que lhe é impossível pelo interdito da castração. “O desejo do homem é do desejo do Outro [...] só pode significar ser o instrumento, servir o desejo do Outro que está por trás” (LACAN, 1966). Esse servir o desejo do Outro coloca o sujeito numa posição de incerteza, de não saber o tempo todo o seu lugar diante do Outro. Aí se instala a angústia. Não conhecer o desejo do Outro, ou seja, não saber poder atender a demanda do Outro é a angústia. E atender a demanda do Outro é ser falo. O falo é um meio entre demanda e desejo. Nessa medida, a angústia de castração tem dois sentidos e dois níveis diferentes para a mulher e o homem, uma vez que o falo, como elemento de mediação, dá suporte ao desejo. Para a mulher, a solução é desejar o falo, o que lhe impõe menos desvios. Desejar alguém é incluí-lo em nosso fantasma fundamental e fazer dele um testemunho de nosso significante pessoal. Ao referir-se ao fantasma faz aparecer a inviabilidade, a impossibilidade de expressão àquilo que é da ordem do afeto enquanto emoção corporal e que, no entanto, se tenta pela palavra, que toma assim a função metafórica. Há algo que foge da possibilidade de simbolização – é o fantasma, a própria angústia.

A identificação trata de uma relação de objeto em que há uma situação de conflito entre o desejo do sujeito e o desejo do Outro. Se dá a partir do que o sujeito imagina do desejo do Outro, em função ou contra o que ele supõe ser esse desejo. A identificação se dá enquanto esse desejo puder ser imaginado, fantasmado, e o sujeito puder encontrar nele referências para tomá-lo como objeto do desejo. Não é o objeto que é a sustentação do desejo, mas a fantasia, logo, trata-se de um logro. O sujeito se sustenta como desejante em relação a um conjunto significante, no qual ele está mais ou menos reconhecido, dividido, “esquizado”. Lacan (1998) refere-se à identificação, ao objeto de amor como sendo tola: “O que não podemos guardar do lado de fora, temos sempre sua imagem do lado de dentro” (p. 229). Faz a distinção entre objeto de desejo e objeto de amor, referindo-se, o primeiro, à causa do desejo, objeto de pulsão, podendo tratar-se apenas do desejo de algo proibido que provoca no sujeito, pela proibição, durante algum tempo, senão pensar naquilo. Designa como “objeto de amor”,

por uma questão de terminologia, cada vez que o sujeito lida com um “objeto do bem”. “Que o sujeito só tenha relação construtiva com esse real na dependência estreita do princípio do prazer [...] não acossado pela pulsão, está aí [...] o ponto de emergência do objeto de amor”(p.176). A questão que Lacan coloca é saber como esse objeto de amor pode vir a preencher um papel análogo ao objeto do desejo, considerando os equívocos implicados nesse processo, por ordem das fantasias do inconsciente. Qual é, na relação amorosa, a função do fato de que o sujeito eleito, com o qual se estabelece o laço de amor, seja também o objeto de desejo. E a isso responde: “É essa alguma coisa que é visada pelo desejo como tal, que acentua um objeto entre todos, por não ter comparação com os outros” (1992, p. 149). Essa acentuação do objeto responde à introdução da função do objeto parcial, quer se trate de seio, fezes ou falo, objeto parcial, que Lacan vai nomear como objeto “a”, e também como “ágalma”, que reporta à idéia de uma imagem, de brilho, de conter algo escondido, que se oferece à fantasia.

Importa que, em torno do objeto, giram as funções de identificação. A identificação é uma demanda de amor e se dá justamente em relação àquele ao qual é demandada alguma coisa ao “apelo do amor”. A subjetividade é construída na pluralidade das identificações chamadas de “eu ideal” e “ideal do eu”, também chamadas de “eu desejante”. “O milagre do amor é realizado nele [no sujeito] na medida em que ele se torna o desejante” (LACAN, 1992, p. 160). A demanda, por ser incondicional, não se trata de demanda disso ou daquilo, mas simplesmente de desejo. O que constitui a metáfora do desejante no amor, a saber, é o desejado, que o substitui metaforicamente. Isto porque o desejado é o próprio desejante no outro, o que se torna possível se o próprio sujeito for colocado como desejado. Lacan propõe, ainda, que só é possível amar agindo como quem não tem, mesmo que se tenha. Dar o que se tem, diz ele, isso é uma festa, não é o amor. O amor é dar o que não se tem, estando implicado no domínio do não-saber.

A angústia é definida como a perda da identificação do sujeito, quando o desejo do Outro é algo do qual o sujeito não sabe, quando perde suas referências. As fontes de angústia, estreitamente ligadas ao gozo enquanto lugar de enfrentamento do sujeito e o Outro, precisam ser examinadas a partir das relações pré-genitais, período determinante para o desenvolvimento do sujeito, em que a relação entre o sujeito e o outro, demanda e desejo, se deu em torno do objeto parcial. A partir da relação do sujeito com esse objeto parcial, que não é outra coisa senão seu próprio corpo, se dá o ponto de partida, e disso se molda o que se chama de relação de objeto. O mesmo se dá na fase oral, anal ou fálica. A angústia, fundada na perda, implica numa transformação do eu pela possibilidade da relação a dois esvair-se,

devendo suceder-se daí outra coisa a que o sujeito não conhece e que não pode abordar sem “certa vertigem” – natureza e registro da angústia. Discordando de Freud, Lacan (2005) propõe que a angústia não é sem objeto, que aqui se faz representar pela queda primitiva do objeto “a” – objeto causa do desejo. Para o sujeito, a angústia é substituída pelo que deve ser operado por meio desse objeto “a”. A angústia é o modo pelo qual, de forma radical, o sujeito mantém a relação com o desejo. No seminário *O Avesso da Psicanálise*, Lacan (1992a) relaciona a concepção do mais-de-gozar como esse inominável sem o qual a angústia não existe. A constituição do sujeito como ser desejante é estabelecida, inicialmente, pelo Outro.

[...] quando a mãe responde aos gritos da criança, ela os reconhece constituindo-os como demanda, mas o que é mais grave é que ela os interpreta no plano do desejo [...] - o Outro vai dar a dimensão desejo ao grito de necessidade e que este desejo de que a criança é investida é sempre no começo o resultado de uma interpretação subjetiva, função só do desejo materno, de seu próprio fantasma. É pela via do inconsciente do Outro que o sujeito faz sua entrada no mundo do desejo; seu próprio desejo ele terá, antes de mais nada, de constituí-lo como resposta, como aceitação ou recusa de tomar o lugar que o inconsciente do Outro lhe designa (LACAN, 1966).

Lacan (1992) propõe que o desejo se decompõe em três tempos, em três gerações, sendo a primeira a marca do significante; a segunda o aparecimento de um filho, aquele que fala e é engendrado pela fala; e a terceira como a única verdadeira. A primeira e a segunda geração, suas antecedentes, são suas decomposições artificiais.

Bergès e Balbo (2002) abordam o transitivismo como o processo que a mãe introduz na criança quando se dirige a ela, fazendo uma hipótese de um saber no seu filho. Em torno desse saber vai circular seu apelo à criança que dá retorno à mãe, reenviando-o a ela na forma de uma demanda. Essa demanda nada mais é do que uma identificação ao discurso materno. No transitivismo, é pelo corpo que faz sua marca, diferentemente de um afetamento moral. Essa identificação ao discurso materno dá à criança acesso ao simbólico e concerne ao corpo. Não se trata apenas de corpo imaginário, mas também se refere ao corpo de linguagem, de significantes e de letras. Esse transitivismo se dá pelo que os autores chamam de “golpe de força”, que não é traumático, mas constituinte, pelo qual a mãe força o filho a se integrar ao simbólico. Ela o constrange a nomear suas experiências em referência às dela, levando em conta os afetos que ela nomeia para designar essas experiências. A criança vai experimentar, realmente, o que foi suposto pela mãe, como num efeito de espelho. Por essa forçagem, a criança é impedida a entrar no campo da fala e da linguagem.

Assim, a relação da criança com a mãe é determinante na constituição do desejo, e a forma como isso se dá será também determinante no modo como esse sujeito vai poder se relacionar com o outro, enquanto adulto. Desde a amamentação, nessa relação boca-seio, representante da relação oral, relação fundadora criança-mãe:

[...] aparece óbvia a verdade do provérbio que diz: o modo de dar vale mais do que o modo que é dado. Graças ou por causa desse modo de dar, em função daquilo que isso revelará do desejo materno, a criança vai apreender a diferença entre dom de alimentação e dom de amor (LACAN, 1966).

É pela identificação a esse modelo originário que o sujeito vai pautar sua forma de relacionar-se ao outro. Daí advém grandemente sua capacidade de amar – ou não – a um outro. A origem do significante está ligada a este ato de absorção-alimentação. A introjeção do significante racional, que diz respeito à absorção do alimento, paralelamente produz a introjeção de um outro significante “[...] uma relação fantasmática onde ele (a criança) e o Outro serão representados por seus desejos inconscientes” (LACAN, 1966). É o que dá ao seio seu lugar de significante, este sinal positivo ou negativo que a mãe transmite à criança, que marca a distância entre demanda e desejo. Essa distância só pode ter ponto de encontro, de maneira fugaz, no gozo através do coito, envolvendo dois parceiros, pois é preciso que haja um outro que permita, em sua presença, ao sujeito acessar essa identificação,

[...] faz com que no momento do orgasmo o sujeito vai encontrar [...] o momento privilegiado em que, por um instante, ele atinge essa identificação sempre buscada e sempre fugidia em que ele, sujeito, é reconhecido pelo outro como o objeto de seu desejo mais profundo, mas em que, ao mesmo tempo, graças ao gozo do outro, pode reconhecê-lo como aquele que o constitui enquanto significante fálico, neste instante único, demanda e desejo podem, por um instante fugaz, coincidir, e é isso que dá ao seu eu este desabrochamento identificatório do qual o gozo tira sua fonte (LACAN, 1966).

Esse “desabrochamento identificatório”, fonte do gozo, se estabelece pela possibilidade momentânea, ainda que fugaz, de saber-se a demanda do Outro encarnado nesse outro, parceiro do gozo, e de saber-se atendendo a essa demanda. É através desse gozo que se torna possível tornar-se o objeto do desejo do outro, esse desejo que nesse instante pode ser nomeado, e assim possibilita nomear-se a si próprio, ao sujeito, momento de “decifrar as insígnias”, possibilitando a identificação. Mas o momento do gozo, contraditoriamente, é também fonte de profunda insatisfação pelo efeito de instantâneo que exerce, enquanto que desejo, por definição, é, mais que tudo, desejo de continuidade. O gozo impõe que se restabeleça imediatamente a distância entre desejo e demanda, perenizando a demanda. Por

esse movimento se realimenta e reproduz o circuito, a circularidade dessa busca da coisa nunca possível de ser alcançada, movimento repetitivo de demanda, automatismo da repetição.

Ao insistir no tema da repetição, chegamos ao conceito da pulsão, que pode ser definida como uma demanda que não cessa de se repetir num circuito de demanda-frustração-demanda. Nisso se estabelece o ciclo pulsional. O sujeito faltante, castrado, sujeito da privação, para sempre apartado do grande Outro, é o sujeito da pulsão, para quem a demanda nunca será atendida, porque atendê-la implicaria no próprio aniquilamento. O que é possível, no nível da vivência desse drama fundador original, o meio de contorná-lo, é pela possibilidade da metonímia do significante como via de contorno a esse objeto inoperante, pelo acesso a outro objeto investido de uma função significante que o valide e, nessa medida, que se sustente nesse lugar de fazer presença nessa ausência. O investimento libinal nesse pequeno outro, fruto do imaginário, é uma das possibilidades do sujeito contornar essa falta pela via da relação amorosa.

Dolto (1992), apresentando os frutos da castração e seus efeitos humanizantes, ressalta o papel determinante da educação, familiar e institucional, na formação das identificações. A criança imita o que percebe e identifica-se com os que a cercam, tomando-os como modelos. São modelos as pessoas de quem depende para sobreviver, e a elas é investido o direito de limitar sua agressividade ou passividade, com vistas à sua pertinência aos grupos familiar e social. No diálogo que a criança mantém com esses, onde se estabelecem juízos e proibições, dá-se a castração simbólica, no momento de entrada no mundo extrafamiliar. A identificação da criança com crianças mais velhas de seu sexo, e mesmo com adultos que têm ascensão sobre ela, como educadores por exemplo, vai se desenvolver de forma saudável, no sentido de um Édipo adequado à moral de sua cultura, quando esses modelos receberam, por sua vez, a castração das pulsões arcaicas. Quando, ao contrário, seus modelos têm suas pulsões mal castradas, mas sublimadas, geram na criança sinais de angústia, não lhe permitindo preparar-se nas sublimações das pulsões em direção à criatividade adulta, dificultando sua socialização. O adulto, cuja castração simbólica está resolvida, que aceita e convive harmoniosamente com o papel da vida adulta, é capaz de conduzir a criança na elaboração de sua própria castração. A castração edípica dá à criança condições de afirmar a sua identidade não mais pela semelhança, mas por total identificação com o genitor de seu sexo, tomando seu lugar, poderes e prerrogativas. Não é mais à imagem do genitor que se identifica, mas à identificação de submissão do genitor à Lei. Pais felizes na vivência de sua libido genital proporcionam à criança condições de ultrapassagem do estágio ético arcaico.

Mais do que um saber pedagógico, o inconsciente é o agente da educação na dinâmica familiar. A humanização da criança passa pela sua vivência corporal da relação com a mãe e tudo o que pode ser falado, além da vivência orgânica, no plano do simbólico.

Segundo Lacan (2002a), “[...] o sujeito será condenado a repetir indefinidamente o esforço de desligamento da mãe [...]” (p. 90). Ao mesmo tempo, o destino psicológico da criança depende, mais que de outra coisa, da relação que as imagens parentais mostram entre si, sendo que o desentendimento entre os pais, seu relacionamento desarmonioso, lhe é sempre prejudicial, constituindo-se na lembrança mais sensível na memória. Daí a afirmativa lacaniana de que o “[...] casamento (é) o lugar eleito da cultura das neuroses [...]” (p. 91).

As relações atuais do sujeito, e por conseguinte suas relações amorosas, o modo como vai lidar nesse embate com o outro, estão pautados grandemente em suas vivências primevas e nos seus processos identificatórios.

2.2.1 As Identificações Plurais na Contemporaneidade

No âmbito social, a formação da identidade do sujeito na contemporaneidade é tomada como um processo advindo de uma crise de pertencimento, e se apresenta sempre em movimento, impondo a ele a tarefa de construí-la permanentemente, uma vez ser portador de uma identidade frágil e eternamente provisória, como ser de uma cultura em constante mutação. Contrariamente à idéia de uma identidade pré definida, predestinada ao sujeito, hoje “[...] a identidade deve ser considerada um objetivo, um propósito[...] algo a ser inventado...” (BAUMAN, 2005, p. 21), decorrendo, daí, um esforço por parte do sujeito que se depara com essa tarefa sempre inconclusa, constituindo-se como um problema.

Há cem anos atrás, na época de Freud, a identidade era moldada pela vigência de princípios, enquanto hoje, pelo abandono desses princípios ou pela ineficácia ou desuso de sua aplicação, surgem os atuais problemas de identidade. A perda de âncoras sociais lança o sujeito contemporâneo na busca de um “nós”, de filiação a grupos com os quais possa vivenciar o sentimento de pertencimento – aplacando o sentimento de insegurança –, que lhe facilite a construção de uma identidade. Bauman aponta uma tendência à procura dos grupos eletronicamente mediados, em que é fácil entrar e fácil abandonar. Embora essas comunidades virtuais não possam oferecer o “sentimento de nós”, criam uma ilusão de intimidade.

Em última análise, o anseio por identidade surge do desejo de segurança que contém em si a ambigüidade. É assim que é possível observar os sujeitos da presente pesquisa,

oscilando entre o desejo de ocupar uma posição fixa e a atração pela liberdade e fluidez. Nesse cenário, as identidades e as relações tendem a ser momentâneas e provisórias e, segundo o autor, o ressentimento pela baixa qualidade induz o sujeito a procurar a “redenção na quantidade”. Assim, há uma tendência atual de trocar uma identidade fixa por uma rede de conexões, preservando a capacidade de “destravar a porta quando a nova oportunidade estiver batendo” (p. 60).

Ao tratar da questão da identidade na contemporaneidade, Bauman atribui à *Internet*, no mundo fluído atual, a função de atender à demanda de uma permanente torção e moldagem da personalidade. Com isso pressupõe não haver falsidade de identidades nesse meio, por ter como pressuposto que não há hoje uma única “identidade verdadeira”. Trata-se de uma identidade ilusória e adaptada aos modismos. Os relacionamentos que daí decorrem atendem ao padrão de “consumismo” que rege a sociedade atual. Na *Internet*, o internauta, assim como o consumista, movimenta-se em busca de uma satisfação instantânea e captura objetos (de desejo) pelo valor de sua utilidade relativamente à sua capacidade de proporcionar satisfação (nos *sites*, a escolha do par inicialmente é feita pela seleção das características apresentadas na ficha dos participantes - candidatos). Entrar nos *sites* implica estar dentro e no mercado, ser ao mesmo tempo cliente e mercadoria. Interrompida a satisfação – “... em função do desgaste dos objetos, de sua familiaridade excessiva e cada vez mais monótona ou porque substitutos menos familiares, não testados, e assim mais estimulantes, estejam disponíveis”. (p.70) –, o objeto torna-se dispensável. O rompimento na *Internet*, seguindo a tendência das relações sociais contemporâneas, é visto como um acontecimento natural. A relação dura o tempo que durar a satisfação dos parceiros. Entrar na relação traz implícita a possibilidade de sair, de modo que o presente não comprometa o futuro. É preciso contar com um plano de retirada. Compromissos, obrigações e relacionamentos de longo prazo parecem sem sentido. Ambivalentemente se estabelece uma luta em torno dos relacionamentos: desejo de segurança e desejo de liberdade.

O modo moderno de ser, aponta Bauman, implica mudança obsessiva e compulsiva, através do que é chamado de atualização, modernização, progresso, aperfeiçoamento. A *Internet* vem atender a essa nova identidade cultural.

Melman (2005) também aponta para o fenômeno pelo qual na contemporaneidade as relações se estabelecem sob o imperativo de assegurar a satisfação mais completa, sob forma de consumo, sem retenções ou limites, o que se estabelece como uma outra forma de autoridade política instalada. Opor-se a essa autoridade implica tornar-se exceção, e como exceção ser rejeitado de qualquer validade. Assim, o destino individual não está separado do

destino coletivo, uma vez que, sendo as regras comuns, não atendê-las significa retirar-se do “comércio social”; embora haja uma tendência a separar a vida coletiva e a vida individual.

Bauman (2001) analisa a transformação social de forma mais enfática, anunciando o fim do ser humano como um ser social, no que chama de modernidade fluida. Ao contrário da modernidade sólida que nos antecedeu historicamente, não há mais um lugar definido na sociedade para o indivíduo determinado por padrões de comportamentos e ações. Abolindo-se as normas sociais, essas devem ser encontradas agora dentro do próprio indivíduo e não mais em instituições sociais ou em princípios que sejam universais. O sujeito é responsabilizado pela construção de sua própria identidade, usufruindo de uma liberdade e, ao mesmo tempo, “sendo abandonado a seus próprios recursos”. Bauman apresenta duas características da contemporaneidade: o colapso gradual e o declínio da ilusão de alcançar um estado de perfeição social, uma sociedade sem conflitos; e a desregulamentação e a privatização das tarefas e dos deveres. O que era visto como coletivo foi fragmentado, individualizado. Há, portanto, uma transformação do espaço público e uma alteração do discurso ético político que passa da “sociedade justa” para os “direitos humanos”. Hoje cabe ao sujeito buscar por sua conta (e risco) a própria felicidade, cabe a ele escolher o modo de vida que lhe parecer mais adequado. A identidade, hoje, deve ser buscada, na falta dos grandes, seguros e sólidos modelos, em um exemplo a ser seguido. Os problemas do sujeito devem agora ser enfrentados individualmente. Tempos de solidão.

A afirmativa de Jean-Paul Sartre “não basta ter nascido burguês – é preciso viver a vida como burguês” convoca a que o sujeito precise usar sua vida na confirmação de uma identidade que não lhe é mais assegurada. Parafraseando, não basta ter nascido homem ou mulher, é preciso viver como homem ou mulher; a anatomia não é mais destino, embora não tenha mesmo nunca sido. Mais que isso, nos tempos de invenção de uma identidade própria, é preciso ser um homem ou uma mulher que cada um possa inventar para seu próprio destino, cumprindo a tarefa da auto-definição. Bauman coloca que a individualização é “uma fatalidade, não uma escolha”. Está fora do jogo a possibilidade de recusar-se a isso e, nessa medida, o sujeito não tem a quem culpar por suas frustrações e fracassos (doenças, carreira, desemprego, insegurança no futuro) senão a si mesmo. Tudo fica por conta de não ter sido suficientemente capaz ou habilidoso. Embora os riscos e contradições continuem a ser produzidos no social, os enfrentamentos desses estão sendo individualizados – cada um por sua conta tem o dever e a necessidade de enfrentá-los e dar-lhes solução. A liberdade tem um certo gosto de impotência, não trazendo a felicidade prometida, imaginarizada no ideário social. Do poder público, hoje é esperada a observância dos “direitos humanos” e a ação de

garantir a segurança do sujeito e de suas posses, duas funções que parecem também fugir do seu domínio de fato.

Em Bauman, já afirmamos, temos que o sujeito, frente à solidão no enfrentamento dos grandes desafios sociais e pessoais, busca compartilhar intimidades e filiar-se, fazendo parte da “rede” como forma de criar uma comunidade, a que chama de comunidades “cabide” pela transitoriedade e fragilidade dos laços, das “reuniões momentâneas”. Alternativas para fugir do isolamento e buscar a si mesmo enquanto identidade. Na impossibilidade de alcançar satisfação, o sujeito contemporâneo caracteriza-se por não poder parar, movendo-se continuamente em busca da satisfação, sempre adiada, ou despotencializada se alcançada. O autor afirma que “não há solução individualizada (biográfica) para contradições sistêmicas” (Bauman, 2001, p. 48), e, na falta de soluções possíveis, o sujeito lança suas soluções imaginárias. Denuncia o abismo existente entre a condição de “indivíduo de jure” e “indivíduo de facto”, referindo-se à possibilidade de ganhar controle sobre seu destino e decidir o que deseja verdadeiramente, controle dos recursos necessários à sua autodeterminação. Essa é uma tarefa impossível ao esforço individual, devendo ser tomada no âmbito da política. Propõe reequipar e repovoar o espaço público, hoje esvaziado das questões públicas, assumindo ser lugar de debate e negociação entre o público e o privado, entre o bem comum e o indivíduo.

Nesse cenário, o sujeito inacabado experimenta a sensação de poder tornar-se qualquer um em vista das oportunidades aparentemente ilimitadas, passando a desejar experimentar sempre novas oportunidades, dificultando o estabelecimento de prioridades e constituindo-se numa frustração pela necessidade de dispensar opções ou abandoná-las, pela impossibilidade de dar conta desse excesso de ofertas e escolhas. Esse modelo de sociedade consumista imprime seus traços em todas as esferas da vida do sujeito. Nas relações amorosas, a liberdade de escolha é um direito que ganha especial expressão nos *sites* de escolha do par amoroso na *Internet*, onde há uma profusão de ofertas, chegando quase ao ilimitado, e, com isso, como numa relação mercantil, qualquer escolha/mercadoria tende a rapidamente se exaurir diante da possibilidade de que uma outra escolha possa ser melhor, nova, surpreendente, fragilizando os laços e dificultando a formação de parcerias amorosas que, por sua vez, demandam investimentos – que ao menos o sujeito possa parar. A contemporaneidade é marcada pela instantaneidade e também pelo desaparecimento do interesse – começo e fim de um relacionamento se apresentam cada vez em tempos mais próximos. Tempo de ganhos e perdas, onde a rapidez vira tragédia. O conceito de objeto durável foi substituído pelos objetos transitórios, a serem consumidos a curto prazo,

descartáveis. A *Internet* atende ao ideal da instantaneidade. Não é mais tarefa do sujeito “fazer com que a relação funcione”, trata-se agora de “obter satisfação com um produto pronto para consumo”. Curiosamente, essa desintegração dos laços humanos decorrente de toda uma conjuntura social em mudança é vista como fracasso pessoal do sujeito. Também na esfera das relações amorosas, o sujeito é responsabilizado por dar uma solução biográfica para o que pode ser e parece ser da ordem das contradições sistêmicas. Cada um dos sujeitos dessa pesquisa denota em sua fala o peso de uma frustração solitária.

Na *Internet*, lugar de encontros, o sujeito entra buscando fazer parte dessa comunidade, busca uma identificação, busca estar junto, um estar junto pela semelhança – todos ali estão à procura de um par. Nessa medida, aderir ao uso de uma “máscara pública” é também uma forma de engajamento (todos usam apelidos nos *sites*).

Essas são marcas da passagem do capitalismo à sociedade fluída, da “era hardware” à “era software”, apresentados por Bauman (2001). Do homem assentado, preso ao território, ao nômade extraterritorial, chegamos aos sujeitos nômades da *Internet*, os homens “ausentes”, nesse lugar sem território, transitório, de passagem, território virtual.

É possível que o que esteja latente nos sentimentos ambivalentes apresentados pelos sujeitos da pesquisa aponte para a questão como indicativo de uma transição cultural posta em marcha, na qual a mulher dos *sites* da *Internet* se coloca como sujeito no processo, possivelmente sem tomar consciência do que se passa no âmbito sócio-cultural, além dos limites da sua vida privada. É possível que não se saiba sujeito nesse processo de renovação de valores e funções do feminino.

Dolto (1984) ilustra que uma mulher que ama e escolhe um homem “[...] fantasmiza que essa escolha é definitiva mesmo se a experiência mostra que não o será...” (p. 185), e isso porque ela mesma concede valorização à sua dádiva enquanto dádiva total, completa, comprometendo sua vida, além de seu corpo, seu coração, assumindo aí o risco da violação, da morte e da castração final – essa é a dialética sexuada feminina. Observa-se na mulher dos *sites* da *Internet* essa fantasmização do encontro definitivo como meta a ser alcançada, como uma promessa imaginária que a conduz no trânsito pelos pares alternativos e provisórios, tomados como possibilidades para o endereçamento de sua dádiva completa. Ainda que a experiência não lhe esteja mostrando, supor uma escolha nessa amplitude concede a si mesma o valor da investida. De outro modo, num movimento de deslocamento de valores, seu discurso está impregnado pela ambivalência, onde se introduz, à sua condição de mulher, a possibilidade de lidar sem culpa com a oferta de sua dádiva e disso usufruir dentro de um laço marcado pela perenidade das relações.

Zizek (2005) atribui que o impacto social do ciberespaço não deriva da tecnologia diretamente, mas está baseado na rede de relações sociais: “[...] a maneira predominante como a digitalização afeta nossa auto-experiência é medida pelo marco da economia de mercado globalizado do Capitalismo tardio” (p. 21). É o lugar tomado para a ação do “capitalismo sem atrito”, por traduzir a fantasia social subjacente à ideologia, nesse espaço virtual. O progresso tecnológico suscita novas comunidades – comunidades virtuais – ao mesmo tempo que se dá, por decorrência, a “desintegração da vida comunitária”.

Os sujeitos culturais constituídos na sociedade informacional, sendo sujeitos da linguagem, estruturam-se nessa nova reconfiguração da linguagem. Os sujeitos se engajam na simbolização dessa estrutura, sincronizam e se harmonizam com ela, estando sua existência conformada a esse discurso, estruturando sua visão, na produção de sentido. Santaella (2003), trabalhando com as idéias de Mark Pôster, fala do sujeito multiplicado, disseminado e descentrado na era digital – diferentemente do racional e autônomo indivíduo da cultura impressa –, marcado pelo desafio de uma identidade instável. Apresenta uma análise da questão da identidade a partir do referencial da “materialidade estável da letra sobre o papel” (p.126), a partir do que, o sentido de autoria e de crítica, do lado do autor e do leitor, instituem uma identidade fixa ao sujeito, contrapondo-se aos sistemas de comunicação mediadas eletronicamente, que atuam na promoção de formação de múltiplas identidades. Propõe que “[...] a combinação das enormes distâncias com a imediaticidade temporal que é própria das comunicações eletrônicas reconfigura a posição do indivíduo de forma tão drásticas que a figura do eu, fixo no tempo e no espaço, capaz de exercer controle cognitivo sobre os objetos circundantes não mais se sustenta” (p.128). A cultura, nessa esfera, abarcando o simulacional comportado dentro desse novo campo social, embaralha identidades e referenciais. A era digital constitui-se em novas formas culturais de subjetivação. Ao sujeito contemporâneo cabe dar conta desses novos paradigmas culturais, atravessados pelas novas tecnologias, podendo, elas mesmas, serem os agentes de transformação.

A subjetivação em Freud, como um processo de construção, se sustenta sobre a proposição de corporalidade, com limites mais ou menos estáveis. Embora não seja propósito desse estudo aprofundar os avanços da tecnologia cibernética, não podemos falar de identidade do sujeito sem considerar a perda, ou ao menos a proposição de um necessário questionamento, de alguns referenciais teóricos como esse da corporiedade, tendo em vista o “descarnamento” do sujeito alcançado pela evolução das possibilidades de inserção no ciberespaço. À exemplo, a participação já possível nos programas de simulação de RV – em que o sujeito visita um ambiente virtual, integrando-se e interagindo nesse espaço. Santaella

fala da “descorporificação” em ambientes virtuais. Diante disso, a proposição freudiana precisa ser repensada, considerando o descarnamento da subjetividade provocada por essas novas tecnologias, que desestabilizam a ilusão da estabilidade, pela possibilidade extrema do sujeito poder “vivenciar” uma simulação. De outro lado, a autora retoma a concepção freudiana de que a própria desordem identificatória se constitui como condição humana, enquanto ser simbólico. Lacan mesmo, no seminário *O eu, na teoria de Freud* (1985a), reafirma ser ilusória a unidade do eu, manifestando-se como projeção do imaginário, uma vez que o ego constitui-se por múltiplas identificações desordenadas. Assim, o ciberespaço aparece como possibilidade mais fluída do sujeito assumir outras personas “[...] brincar com o nosso eu de novos modos” (SANTAELLA, 2003, p. 213), na interação com um outro especular. O que, sabe-se de qualquer forma, faz parte das relações estabelecidas também na vida “real” do sujeito.

A noção cartesiana de sujeito e subjetividade a partir do cogito “penso, logo existo” já vinha sendo posta em questionamento bem antes do surgimento do ciberespaço. Na psicanálise, desde Freud, e depois Lacan, apresenta-se a desordem identificatória, sendo a imagem do eu definida como o produto de uma construção imaginária, como já afirmamos. A multiplicidade identitária, constitutiva do humano, portanto, não é decorrência ou exclusiva das novas tecnologias digitais. A cultura eletrônica apenas a privilegia, tornando-a evidente e pondo em crise a idéia ilusória do sujeito estável, racional e unificado, conforme Santaella (*in* Leão, 2004) coloca ao trabalhar com os conceitos de Poster.

A *Internet*, e nesse estudo particularmente os *sites* de procura do par amoroso, não pode ser tomada como um fato isolado ou circunstancial de forma aleatória na vida dos sujeitos, como escolha pessoal independente. Contrariamente, os sociólogos da contemporaneidade têm apontado para essa realidade da virtualização como intrinsecamente ligada à forma de organização social que é, por sua vez, decorrente da estrutura político-econômica de nossa época. Tomar esse lugar virtual de acesso ao outro fora desse parâmetro sócio-cultural seria fazer da psicanálise – como fundamento básico desse estudo – um agente precário e insuficiente de análise na redundância interna de seus argumentos. Assim, reafirmamos mais uma vez que, embora o propósito dessa discussão tenha por foco o sujeito individual – sujeito da pesquisa e sujeito da psicanálise –, não pode perder de vista o coletivo como lugar onde se constituem e explicitam suas formas de inserção no mundo, onde é forjada sua subjetividade.

2.3 COMPLEXO DE ÉDIPO

*Essa infundável negativa
de tomar-me a ti,
de tomar-te a mim,
desencontro perene...
amor,
alucinação! **

O complexo de Édipo, por desempenhar um papel fundamental na estruturação da personalidade e na orientação do desejo, torna-se, neste estudo, um dos conceitos centrais para a compreensão dos processos envolvidos na busca do par amoroso. Trata-se, segundo Laplanche e Pontalis, de um: “conjunto organizado de representações e recordações de forte valor afetivo, parcial ou totalmente inconscientes” (LAPLANCHE; PONTALIS, 1970, p. 107), constituindo-se a partir das relações interpessoais da história infantil. Refere-se aos desejos amorosos e hostis que a criança vivencia em relação aos pais. Designa uma estrutura fundamental dessas relações e o modo como o indivíduo se situa e se apropria desse lugar relacional. Na puberdade, o sujeito revive esse complexo, e sua superação se dá com maior ou menor êxito de acordo com o tipo especial de escolha de objeto. As patologias, segundo os autores, estão relacionadas à posição e à resolução que o sujeito dá ao complexo de Édipo.

Assim chamado por Freud, esse complexo toma o nome da mitologia, apresentando-se na sua forma positiva, como na história do Édipo-Rei, em forma de desejo de morte do progenitor do mesmo sexo, tomado como rival frente ao desejo pelo progenitor do sexo oposto, e desejo sexual pelo progenitor do sexo oposto. Assim, o menino, atraído pelo desejo pela mãe, desenvolve sentimentos hostis pelo pai, e a menina, inversamente, hostiliza a mãe pelo desejo de tomar-lhe o lugar junto ao pai. Na sua forma negativa, o complexo de Édipo se apresenta de forma inversa, ou seja, a criança desenvolve amor pelo progenitor do mesmo sexo e ódio ciumento pelo progenitor do sexo oposto. Essa duas formas, positiva e negativa, apresentam-se como complemento, formando o complexo de Édipo propriamente.

Lacan (1992) chama a atenção para o fato de que a escolha de Freud pelo mito de Édipo como ponto de ancoragem para essa teorização se dá justamente porque aí se apresenta a questão central que está em jogo: Édipo não sabia! Ele não sabia tratar-se de seu pai o homem a quem mata, e não sabia tratar-se de sua mãe a mulher a quem toma como objeto do desejo. Aborda, dessa forma, a dimensão inconsciente.

* Da própria autora da Tese.

Freud (1905) situa a vivência do complexo de Édipo especialmente entre os três e cinco anos, no que chama de fase fálica. Seu declínio marca a entrada no período de latência, período em que se constroem forças psíquicas que irão mais tarde impedir o curso do instinto sexual e restringir seu fluxo através de barreiras (repugnância, vergonha, exigência de ideais estéticos e morais). Aponta a relevância do que observou como amnésia infantil, pela qual o sujeito oculta os inícios mais precoces de sua infância até os seis, oito anos, pelo mecanismo da repressão. As impressões esquecidas deixaram os mais profundos traços na mente e tiveram efeito determinante sobre a totalidade do desenvolvimento subsequente. Pela observação dos comportamentos patológicos, Freud conclui que o psiconeurótico, no que diz respeito ao desenvolvimento da sexualidade, permanece num estágio infantil, ou é conduzido de volta a ele.

O desenvolvimento da organização sexual na vida humana se dá através de três fases. A primeira delas é chamada de fase oral (ou canibal), quando a atividade sexual ainda não se separou da ingestão de alimentos e o objetivo sexual se dá pela incorporação do objeto-alimento-seio. A seguir, a fase da organização sádico-anal, caracterizada por correntes opostas “ativa” e “passiva”. O órgão que representa o objetivo sexual passivo é a membrana erógena do anus, e o objeto sexual ativo opera por intermédio da musculatura somática, pelo instinto de domínio. Essas duas primeiras fases são chamadas pré-genitais, pois nelas a organização e subordinação à função reprodutora ainda estão ausentes. É na fase seguinte, fase genital, que se estabelece o “primado a serviço da reprodução.” Mais tarde, em 1924, Freud passa a chamar essa de fase fálica, onde se apresenta um objeto sexual e certo grau de convergência dos impulsos sexuais sobre esse objeto, mas ainda conhece apenas o falo como espécie genital, o que diferencia essa fase da organização final da maturidade sexual. Na puberdade, estabelece-se a primazia das zonas genitais.

Segundo Freud, a escolha de objeto se dá por um processo difásico, sendo a primeira fase por volta dos três e cinco anos, e a segunda, após o período de latência, na puberdade, onde é determinado o resultado final da vida sexual. As escolhas infantis são transmitidas para o período seguinte, mas, pela ação das repressões vividas no período de latência, revelam-se inutilizáveis. Nesse período, os objetivos sexuais se atenuam e aparecem como “corrente afetiva” da vida sexual, quando, então, a afeição, admiração e respeito ocultam os velhos anseios sexuais dos instintos parciais infantis. A escolha de objeto no período da puberdade é obrigada a abrir mão dos objetos da infância, por efeito da ameaça de castração, e começar de novo como uma “corrente sensual”. Se não convergem essas duas correntes – a corrente afetiva e a sensual –, o resultado freqüente é não atingir um dos ideais da vida sexual, ou seja,

a concentração de todos os desejos num único objeto. O processo de encontrar um objeto, para o que foram feitas preparações desde a primeira infância, se completa nesse período. O objeto é identificado inicialmente com o seio da mãe, numa época em que o instinto sexual se satisfaz por um objeto fora do próprio corpo – no corpo da mãe. Passado esse período, o instinto sexual torna-se auto-erótico, desvinculando-se do corpo da mãe. Após o período de latência, essa relação original é restaurada. “Há, portanto, bons motivos para que uma criança que suga o seio da mãe se tenha tornado o protótipo de toda relação de amor. O encontro de um objeto é, na realidade, um reencontro dele” (FREUD, 1905, p. 229). A escolha de um objeto, portanto, é marcada por essa fase inicial da atividade sexual ligada à ingestão de alimentos, considerada a mais significativa de todas as relações sexuais, a qual ajuda a preparar para a escolha de um objeto e, assim, a restaurar a felicidade perdida nessa completude com a mãe.

Dessa forma, investigar as relações do sujeito em suas fases iniciais de desenvolvimento da sexualidade possibilita a compreensão, na vida adulta, da sua estrutura psíquica e do modo como estabelece suas relações afetivas e sua escolha de objeto. A atitude dos pais e cuidadores da criança em relação a ela em sua tenra idade estabelece grandemente sua possibilidade de amar, exercendo grande influência na vida libidinal adulta, sendo tomados como protótipos na escolha de objetos. As doenças neuróticas e distúrbios de desenvolvimento sexual estão pré dispostos por um relacionamento conflitante e desarmonioso entre os pais. A escolha de um objeto é marcada, portanto, pelo afeto da criança por seus pais. Esse é o traço infantil mais importante, embora não seja o único, que, após revivido na puberdade, indica o caminho dessa escolha que deriva da fixação da criança a seus sentimentos de ternura pela mãe e representam uma das conseqüências dessa fixação. O que diferencia o comportamento normal de um comportamento neurótico é que, no primeiro, o protótipo materno da escolha de objeto sobrevive apenas em algumas características que o revelam, enquanto no comportamento neurótico todas essas características estão impressas nos objetos amorosos escolhidos. Quando se fala de escolha de objeto amoroso, é do complexo de Édipo que falamos, dentro da sua concepção de que temos na história do desenvolvimento da libido e nas relações parentais infantis a chave para o entendimento do comportamento adulto.

A elaboração do complexo de Édipo se dá de forma diferente para meninos e meninas, o que Freud (1925) vem a conceber a partir da observação e construção do conceito do complexo da castração. Este se refere à fantasia infantil da castração, elaborada por decorrência da tentativa de entendimento da diferença anatômica entre os sexos descoberta

pela criança que, até uma certa época de seu desenvolvimento sexual, não supunha haver tal diferença. Inicialmente, tanto meninos, quanto meninas, supõem possuir pênis. A descoberta dessa diferença determina, para os meninos, a saída do complexo de Édipo pela ameaça da castração – o desejo pela mãe passa a constituir uma ameaça à sua integridade, crença que se estabelece por observar que meninas não têm pênis, criando a fantasia de que estas o teriam perdido. Assim, o menino submete-se à lei da interdição do incesto – a mãe não poderá ser por ele desejada, sob pena de ser castrado, o que implica na perda dos genitais, castração essa identificada na figura do pai.

A menina, ao contrário, entra no complexo de Édipo pelo complexo da castração a partir da descoberta da diferença anatômica dos sexos. Para ela, segundo Freud (1933), a situação é mais complicada, uma vez que, além de ter de resignar-se pelo fato de não ter pênis, precisa deslocar seu objeto de amor da mãe para o pai. A maioria das vezes, o tipo de relação entre a menina edípica e o pai é vivenciado com igual intensidade ao experienciado no período anterior, o período pré-edípico, em relação à mãe. Em vista disso, o complexo de Édipo na menina é tomado como um processo secundário, não sendo a saída deste marcada por um fato crucial como no caso do menino. A relação pré-edípica com a mãe, na menina, tem um valor acentuado e freqüentemente a escolha de um marido, pela mulher, segue o modelo paterno, pela possibilidade de repetir o tipo de relacionamento que teve com a mãe.

[...] muitas mulheres que escolheram o marido conforme o modelo do pai, ou o colocaram em lugar do pai, não obstante repetem para ele, em sua vida conjugal, seus maus relacionamentos com as mães. O marido de tal mulher destinava-se a ser o herdeiro de seu relacionamento com o pai, mas, na realidade, tornou-se herdeiro do relacionamento dela com a mãe [...] Com muitas mulheres, temos a impressão de que seus anos de maturidade são ocupados por uma luta com os maridos, tal como suas juventudes se dissipam numa luta com suas mães (FREUD, 1931, p. 265).

O fato se explica porque, no casamento, emerge da repressão o relacionamento original, que, no caso, foi com a mãe. O relacionamento com o pai foi construído por esse outro primitivo, que é o relacionamento com a mãe, num processo de transferência das ligações objetivas afetivas que se faz necessária no percurso de desenvolvimento da sexualidade feminina. A fonte dessa hostilidade da mulher com a mãe não se origina da rivalidade do complexo de Édipo, precede a ele, sendo apenas reforçada nesse evento. O afastamento da mãe, esse objeto tão intensamente amado, se dá por influência de alguns fatores. O ciúme é um deles, derivado da exigência infantil da posse exclusiva da mãe. Outro é a incapacidade de obtenção da satisfação completa pela falta de objetivo dessa relação, desaguando num sentimento de frustração e na hostilidade dirigida à mãe. Na vida adulta,

essa falta de satisfação pode “[...] garantir a continuidade ininterrupta da catexia libidinal, tal como acontece com as relações amorosas inibidas em sua finalidade” (FREUD, 1931, p. 266). Outro motivo, ainda, para o afastamento da mãe se dá pelo efeito do complexo da castração. A ameaça de castração está relacionada à atividade masturbatória, e o desligamento da mãe pode estar relacionado ao ressentimento pelo impedimento que essa possa interpor a essa atividade sexual infantil. Paradoxalmente, a masturbação é despertada a partir do manuseio da mãe, pelos cuidados de higiene, quando esta se reflete na fantasia infantil, transformando a mãe em sedutora, iniciando a criança na fase fálica. A masturbação clitoriana é provavelmente acompanhada por fantasias envolvendo a mãe. Quando a menina não suprime a masturbação, resta, como efeito posterior da proibição, a tentativa de se libertar “[...] de uma satisfação que lhe foi estragada [...] sua escolha de objeto (na maturidade) ainda pode ser influenciada por esse intuito persistente” (FREUD, 1931, p. 267). Da mesma forma, a menina desenvolve ressentimento pela mãe e dela procura desligar-se quando, após a puberdade, a mãe se coloca como guardiã de sua castidade, afastando-a mais uma vez da fonte de satisfação sexual. Outro evento de grande repercussão na relação da menina com a própria mãe é quando, a partir de sua própria castração, passa a compreender ser esta uma característica de ordem geral das outras meninas e também de mulheres adultas, e compreende a mãe também como castrada, depreciando-a em função disso. A menina culpa a mãe por sua própria deficiência, torna-a responsável por não ter-lhe dado um pênis. Assim, também a censura por não ter-lhe dado leite suficiente. À mãe é endereçada uma carga muito grande de afetividade e hostilidade, estabelecendo-se uma relação de ambivalência de amor e ódio. Esse traço arcaico pode ser retido durante toda a vida e estar presente nos relacionamentos da vida adulta.

Talvez o fato real seja que a ligação à mãe está fadada a perecer, precisamente por ter sido a primeira e tão intensa, tal como freqüentemente se pode ver acontecer nos primeiros casamentos de mulheres jovens, que ingressam neles quando estavam mais apaixonadamente amorosas. Em ambas as situações, a atitude de amor provavelmente passa para a de pesar pelos inevitáveis desapontamentos e pela acumulação de ocasiões para a agressão. Via de regra, os segundos casamentos se mostram muito melhores (FREUD, 1931, p. 269).

Os objetivos sexuais da menina em relação à mãe são tanto ativos quanto passivos, de acordo com cada fase de desenvolvimento: a criança é amamentada, alimentada, cuidada (objetivos passivos) e de outro modo ela suga a mãe na amamentação, busca tornar-se auto-suficiente nos cuidados antes lhe oferecidos por esta e, através do brinquedo, toma-lhe o lugar (objetivos ativos). Nos impulsos passivos, a criança teme ser comida pela mãe, e, nos ativos, deseja comê-la. O afastamento da mãe, passo decisivo para o desenvolvimento de uma

menina, coincide com o abaixamento dos impulsos sexuais ativos e uma ascensão dos passivos, o que tem a ver com as experiências de frustração em relação à evidência de impossibilidade de realização dos impulsos ativos da libido, sendo assim abandonados.

A transição (da mãe) para o objeto paterno é realizada com o auxílio das tendências passivas, na medida em que escaparam à catástrofe. O caminho para o desenvolvimento da feminilidade está agora aberto à menina até onde não se ache restrito pelos remanescentes da ligação pré-edípica à mãe, ligação que superou (FREUD, 1931, p. 275).

Freud (1933) formula o desejo sexual inicial de uma menina como sendo o de ter, de sua mãe, um filho, correspondendo ao desejo de ela mesma ter um filho. Mais tarde, instala-se na menina a fantasia de ser seduzida pelo pai, originando o complexo de Édipo. O desejo que impulsiona a menina para o pai se origina do desejo de possuir um pênis que a mãe lhe recusou e que espera poder obter do pai, desejo esse que se transforma no desejo de ter um bebê, numa equivalência simbólica do pênis. O desejo anterior, na fase fálica, de ter um bebê, tinha um caráter identificatório com a mãe, com intenção de substituir a atividade pela passividade. Agora, na fase do complexo de Édipo, trata-se de um desejo feminino de ter um pênis-bebê do pai.

É possível, assim, constatar que a escolha de objeto na vida adulta de uma mulher tem fatores determinantes que podem se tornar irreconhecíveis, mas certamente implicam na sua vivência do complexo de Édipo e nas suas relações pré-edípicas, especialmente com a figura da mãe ou sua substituta. Uma escolha pode se dar de acordo com o ideal narcisista do homem que a menina quisera tornar-se. A escolha de acordo com o tipo paterno resulta de uma menina ter permanecido vinculada a seu pai no complexo de Édipo. Uma escolha pode também estar baseada no sentimento de hostilidade que pode ter permanecido em relação à mãe, decorrente de sua relação de ambivalência com essa, podendo essa hostilidade ser projetada no novo objeto, como já visto.

O complexo da castração está na base dos processos de ressurgência, de revivescência, da repetição inconsciente, desencadeados na vivência da relação do sujeito com o objeto, e na noção de objeto propriamente. Lacan (2004), já o dissemos, aponta o Um enquanto marca, referido ao que é do objeto “a”, com a função de tentar a repetição, na busca de reencontrar o gozo que, por sua vez, como gozo original, não pode ser reencontrado como o mesmo. Assim, o Um se coloca na fundação da diferença enquanto tal. Essa diferença funda o significante, que se trata, não de algo que esteja dado e possa identificá-lo, mas do fato de que todos os outros sejam diferentes dele. A busca da repetição marca, no sujeito, seu

encontro com a diferença. O traço unário surge no lugar do significante enquanto ele representa um sujeito para outro significante. Lacan (1992a), quando propõe, articulado às idéias de Freud, que a repetição se funda em torno do gozo, propõe que aí se produz algo da ordem do fracasso, do defeito. O que se repete está em relação ao que se repete, em perda. Há um desperdício de gozo. No lugar dessa perda, introduzida pela repetição, surge a função do objeto perdido, o objeto “a”. O gozo implica um transbordamento, e o princípio do prazer mantém o limite em relação ao gozo. Em Freud, há uma articulação do instinto de morte no nível da repetição.

Balbo e Bergès, retomando Freud, propõem que “[...] a filha sempre conserva seu amor endereçado à mãe, de forma privilegiada em relação ao pai” (BALBO; BERGÈS, 2003b, p. 76). Essa orientação da filha em direção ao desejo da mãe vai interrogar esse desejo de acordo com a complexidade e complicação em sua forma de sustentar o lugar que garantiria o desejo do pai: a mulher, diante da questão do que ela poderia dar à sua mãe, pode fazer a hipótese de que ela (a sua mãe), lhe demande uma criança. Então lhe oferece um filho seu (um neto para sua mãe) como objeto suposto, como resposta a essa suposta demanda. Importa, nesse contexto, que a mãe a decepcione, negando essa demanda hipotética. De outro modo, esta avó estaria ocupando o lugar do falo do grande Outro. Esta negativa da avó implica num aparente interdito, mas é, também, uma revelação de que também ela, a avó, pensou nessa hipótese.

A possibilidade de castração decorre das vagas noções que a criança pode ter sobre uma relação sexual e pelas sensações sentidas em seu próprio órgão, o que a leva supor que o pênis desempenha nela uma função. A descoberta de que as mulheres eram castradas (na hipótese infantil), “[...] punha fim às duas maneiras possíveis de obter satisfação do complexo de Édipo, de vez que ambas acarretavam a perda de seu pênis – a masculina, como uma punição resultante e a feminina como uma precondição” (FREUD, 1924, p. 221). Surge, dessa ameaça de perda no corpo pela satisfação do amor, um conflito na criança entre o seu interesse narcísico nessa parte de seu corpo e a catexia libidinal de seus objetos parentais. Como resolução desse conflito, normalmente as catexias de objeto são abandonadas pela criança e substituídas por identificações, o que é visto, neste estudo, no capítulo próprio das identificações.

A descoberta da diferença morfológica entre meninos e meninas repercute em diferenças no desenvolvimento psíquico. A menina percebe que “se saiu mal” e desenvolve um sentimento de inferioridade, sentindo-se injustiçada pela falta de pênis. Entende essa falta não como sendo de caráter sexual, fazendo a hipótese de que o que lhe falta foi perdido pela

castração, e cria a expectativa de que mais tarde, quando ficar mais velha, adquirirá um apêndice tão grande quanto o do menino. Supõe, inicialmente, que as mulheres adultas, por consequência também sua mãe, possuem um pênis. Daí decorre uma distinção clara na diferenciação dos processos masculino e feminino frente ao complexo de castração, uma vez que a menina aceita a castração como um ato consumado, enquanto que o menino teme a possibilidade de sua ocorrência. Essa proposição freudiana será discutida no contexto da contemporaneidade, no item 2.4 deste estudo.

Ainda segundo Freud (1924), por efeito do complexo de castração, a menina, ao reconhecer sua castração e, como consequência, a sua inferioridade em relação ao menino, rebela-se contra isso, abrindo-se três possibilidades no seu desenvolvimento: a) abandono da atividade fálica e da sexualidade em geral, bem como de parte de sua masculinidade em outros campos, pela insatisfação com as desvantagens de seu clitóris comparado ao pênis; b) desenvolvimento do complexo de masculinidade, caracterizado pela auto-afirmação de sua masculinidade ameaçada, pela fantasia de ser um homem, de vir a ter um pênis, podendo resultar numa escolha homossexual do objeto; e c) tomando o caminho para a forma feminina no complexo de Édipo, onde elege o pai como objeto, numa atitude feminina final.

Se nos meninos o temor da castração funciona como um motivo poderoso para originar o estabelecimento do superego e a interrupção da organização genital infantil, nas meninas, esse temor excluído faz com que essas mudanças decorram de ameaças exteriores simbolizadas pela perda de amor. Assim, o complexo de Édipo na menina consiste em assumir o lugar da mãe, adotando uma atitude feminina para com o pai.

O Édipo, para meninos e meninas, é sempre determinantemente marcado pela figura da mãe. Mannoni (1981) enfatiza que, para a criança, a posição do pai vai depender do lugar que ele ocupa no discurso materno. É, portanto, a mãe que designa o pai frente ao filho.

Freud introduz a idéia de que também em meninos o complexo de Édipo possui uma orientação dupla, ativa e passiva, como nas meninas, de acordo com sua constituição “bissexual”, o que implica que também ele deseja tomar o lugar da mãe junto ao pai como objeto de amor, o que inicialmente era descrito como atitude feminina. Na pré-história do complexo de Édipo nos meninos havia como característica a identificação afetuosa com o pai, ainda desprovida da rivalidade desenvolvida posteriormente com a mãe, e a atividade masturbatória centrada nos órgãos genitais, interrompida pela ameaça da castração. A enurese noturna é interpretada por Freud em conexão com a masturbação. Nos meninos,

[...] o complexo não é simplesmente reprimido; é literalmente feito em pedaços pelo choque da castração ameaçada. Suas catexias libidinais são abandonadas, dessexualizadas, e, em parte, sublimadas; seus objetos são incorporados ao ego, onde formam o núcleo do superego e fornecem a essa nova estrutura suas qualidades características. Em casos normais, ou melhor, em casos ideais, o complexo de Édipo não existe mais, nem mesmo no inconsciente; o superego se tornou seu herdeiro (FREUD, 1925, p. 319).

Assim, no menino, o complexo de Édipo é encerrado pelo abandono do incesto – tabu do incesto –, e pela instituição da consciência e da moralidade – leis da cultura –, o que vem depois manifestar-se através da neurose, que se baseia, justamente, na luta do ego contra as exigências da função sexual.

Nas meninas, o complexo de Édipo pode ser abandonado lentamente, na falta de um motivo para sua brusca interrupção (não teme a ameaça da castração por ver-se já castrada), ou ser reprimido, ou ainda ter seus efeitos persistindo de forma marcante na vida mental das mulheres. O conceito do que é “eticamente normal” é diferente para as mulheres. “Seu superego nunca é tão inexorável, tão impessoal, tão independente de suas origens emocionais como exigimos que o seja nos homens” (FREUD, 1925, p. 320). O superego da mulher, observa Freud, é “pessoal demais”.

O superego é o herdeiro do complexo de Édipo, instância formada pelo duplo movimento psíquico: renúncia ao amor edípico e o retorno de uma parte da libido sobre o próprio eu, na forma das identificações materna e paterna, e da formação dos ideais. Assim, o superego se estabelece como “expressão duradoura” da influência dos pais, fundado nesses momentos de origem de resolução do complexo de Édipo, por isso eternizando, em sua relação com o ego, uma exigência muito elevada de perfeição narcísica, que a criança imagina ser a condição de obtenção do amor incondicional dos pais. De outro lado, contraditoriamente, perpetua também a elevada exigência de prazer dos impulsos do id. Estabelece-se o jogo entre as renúncias de prazer que o ego precisa fazer para corresponder aos ideais, por ordem do superego, e a demanda de gozo do id, lançando o sujeito numa relação sadomasoquista. O superego é a instância que representa psiquicamente as exigências e limites do real – real aqui tomado como os limites impostos pela existência do outro, estabelecendo o suporte imaginário da relação do sujeito com a Lei. Na mulher, a formação do superego é marcada pelo “nada a perder”, uma vez descoberta sua falta anatômica do pênis – alvo permanente da ameaça imaginária de castração no homem. Como decorrência, o superego feminino é mais complacente em relação à lei paterna e mais exigente em relação às demandas do narcisismo materno.

O que assegura um comportamento amoroso completamente normal, segundo Freud (1912a), é a união da corrente afetiva e a corrente sensual. A corrente afetiva, enfatizamos, é formada a partir dos interesses do instinto de autopreservação, nos primeiros anos da infância, e dirige-se à relações parentais e aos cuidadores da criança. Desde logo, essa corrente tem componentes de interesse erótico e corresponde a escolha primária de objeto infantil. Os primeiros objetos dos instintos sexuais estão ligados aos instintos do ego, pois as primeiras satisfações sexuais estão ligadas às funções de preservação da vida. O afeto dos pais e dos cuidadores pela criança é de natureza erótica, sendo parte do que contribui às catexias dos instintos do ego da criança. Essas fixações afetivas infantis têm seus objetivos sexuais desviados. Na puberdade essas fixações se unem pela corrente sensual, agora com objetivos claros, sendo necessário mobilizar as catexias dos objetos primários, inadequados nesse tempo, por imposição da barreira do incesto, buscando outros objetos estranhos com que possa exercer a sexualidade. A escolha desses novos objetos seguirá o modelo dos objetos infantis e pressupõe a associação dessas duas correntes: afetiva e sensual, de modo a que o máximo de intensidade de paixão sensual traga consigo a mais alta valorização psíquica do objeto.

O desvio da normalidade se dá com a dissociação dessas duas correntes, quando se torna impossível, na escolha de um objeto amoroso na vida adulta, reunir amor e desejo endereçados a uma única pessoa. O que define o sucesso ou fracasso do desenvolvimento da libido são dois fatores: o que chama de “quantidade de frustração da realidade”, que implica na redução do valor do objeto escolhido, uma vez que falta sentido na escolha, na medida em que “[...] nenhuma escolha será de todo permitida ou se não há nenhuma perspectiva de ser capaz de escolher alguma coisa adequada” (FREUD, 1912a, p. 165). Este sentimento se opõe à escolha de um novo objeto. O segundo fator diz respeito à “quantidade de atração” que os objetos infantis exercem, e que é proporcional às catexias eróticas ligadas a eles. É necessário que esses objetos possam ser abandonados na vida adulta. O desenvolvimento desadequado desses dois aspectos, frustração da realidade e atração, originam as neuroses, pelo afastamento da libido da realidade que vem a ser substituída pela “atividade imaginativa”, com o fortalecimento e fixação dos primeiros objetos sexuais. Ocorre que essa libido precisa permanecer inconsciente por força da proibição do incesto. A atividade masturbatória, como deságüe da corrente sensual, fortalece a fixação e desvia os objetos sexuais substituindo-os por outro a nível da fantasia, tornando-se, assim, possível a nível da consciência, mas afastando-se da realidade. Assim, a sensualidade pode se fixar em fantasias incestuosas inconscientes, dando origem às disfunções, podendo chegar à impotência total.

Situações menos graves, de “impotência psíquica”, ocorrem quando a corrente sensual não precisa ocultar toda a sua carga atrás da corrente afetiva, permanecendo suficientemente forte ou desinibida para assegurar vazão parcial à realidade. Nesses casos, a pessoa apresenta uma atividade sexual desprovida da força impulsiva psíquica total desse instinto, mostrando-se caprichosa nas relações, facilmente perturbada, muitas vezes não acompanhada de muito prazer. Acima de tudo, sua característica é evitar a corrente afetiva, colocando a restrição na escolha do objeto. Uma vez que a corrente sensual permaneceu ativa, elege apenas objetos que não rememorem as imagens incestuosas que lhe são proibidas. Há uma secção dessas duas correntes de modo que uma pessoa que possa causar impressão de alta estima psíquica não possa exercer excitação sexual. “Toda a esfera do amor, nessas pessoas permanece dividida em duas direções personificadas na arte do amor tanto sagrada como profana (ou anima). Quando amam, não desejam, e quando desejam, não podem amar” (FREUD, 1912a, p. 166). Sempre que um objeto escolhido faz lembrar o objeto proibido (objeto incestuoso) através de alguma característica, constituindo-se no retorno do reprimido, constitui o malogro da impotência psíquica. Como fuga, a escolha de objeto recai numa pessoa a que não precise amar, a fim de permitir a liberação da corrente sensual, na busca de atender à necessidade de manter a libido sexual afastada dos objetos de amor. Esse é um recurso utilizado pelo homem para proteção contra essa ocorrência da depreciação do objeto sexual, ao passo que o objeto incestuoso e seus representantes é supervalorizado. A depreciação do objeto libera, nesses casos, a expressão da sexualidade e alto grau de prazer. A não confluência dessas duas correntes (afetiva e sensual) tem também como consequência uma falta de refinamento nas formas de comportamento amoroso, que decorre do sentimento grave de perda de prazer pela não realização de finalidades sexuais perversas que foram então retidas e só podem ter vazão se endereçadas a um objeto sexual depreciado e desprezado. Freud amplia o conceito de impotência psíquica, desvinculando deste tanto a incapacidade de realização do coito, quanto agregando a ele o que chama de homens “psicanestésicos”, os quais, embora nunca falhem no ato, o realizam sem qualquer prazer especial. Ambos os sintomas têm a mesma etiologia, e com eles é traçado um paralelo com a frigidez feminina.

Freud insiste em que a impotência psíquica está alicerçada em dois fatores, em diferentes tempos do desenvolvimento da libido: na infância, através de uma intensa fixação incestuosa, e na adolescência, pela frustração devido à realidade. Embora pareça paradoxal, para ser realmente livre e feliz no amor, o homem tem de sobrepujar seu respeito pelas mulheres e aceitar a idéia do incesto com sua mãe ou irmã, numa alusão da fusão dessas duas correntes. Na origem desses sentimentos, está a concepção de que o ato sexual é algo

degradante, opinião que se configurou pela repressão da libido sofrida na infância, onde a satisfação, mesmo com um objeto fora da família, era proibida da mesma forma como o objeto incestuoso o fora. As mulheres, além de sofrerem essas influências da educação de forma semelhante aos homens, sofrem também influências de reação ao comportamento masculino, sendo para elas desvantajoso tanto o comportamento da procura de um homem vir desacompanhada de sua potência máxima, quanto de, após a consumação sexual, a supervalorização a ela dedicada na fase de namoro ser substituída pela desvalorização. São constantes os relatos das mulheres pesquisadas sobre suas experiências com homens que reportam a essa influência de reação ao comportamento masculino. Nas mulheres, por não haver o processo de supervalorização, não incide a necessidade de depreciação do objeto sexual. O que Freud evidencia em seu contexto social das mulheres de sua época é a frigidez como decorrência da forte contenção sexual a que estavam sujeitas, de onde se origina sua incapacidade de desconectar a atividade sexual da proibição tão fortemente a elas imposta. Como decorrência, aparece na vida erótica feminina o que ele chama de proibitividade, e que compara à necessidade dos homens de depreciar seu objeto sexual. Como proibitividade, descreve a necessidade de muitas mulheres manterem em segredo suas relações, mesmo que legítimas, ou de estabelecerem relações amorosas fora do casamento quando esta primeira relação perde o caráter de proibição. Essas mulheres, exercendo a infidelidade a seus maridos, mantêm-se fiéis aos amantes.

Essa distinção do comportamento do homem e da mulher é consequência do modo como cada um reage ao período de demora de tempo imposto pela repressão da educação e da cultura entre a maturidade sexual e a atividade sexual. À época de Freud, as mulheres geralmente não transgrediam essa proibição, estabelecendo uma ligação íntima entre proibição e sexualidade, enquanto os homens, em geral, desrespeitam essa proibição, desde que possam depreciar o objeto. No comportamento amoroso contemporâneo, em que a repressão é tomada de outra forma, outros efeitos podem ser observados, contudo, os princípios comportamentais descritos por Freud persistem.

Dolto aborda o afrouxamento nas relações decorrente do afrouxamento nas proibições. Caracteriza o comportamento amoroso atual na adolescência desprovido de comprometimento afetivo e planos conjuntos, baseados na sexualidade corporal. “Nas relações sexuais chamadas livres, os seres não se encontram. Os corpos, como tal, nada significam se não existem projetos e se o amor não transcende ao que se passa nos corpos e que se reduz, em suma, a descargas nervosas” (DOLTO, 1990, p. 35). É o que hoje caracteriza nossa cultura, tanto relativa aos jovens quanto adultos, homens e mulheres. A promiscuidade

generalizada implica numa perda do imaginário. Se havia em épocas passadas um lugar e uma função para o imaginário atuando na esfera das relações amorosas, o comportamento amoroso atual mostra-se desprovido disso. De certa forma, há uma dessensibilização, além da vulgarização nas relações que, mesmo fisiologicamente intensas, são sem importância. A autora aponta para a banalização dos relacionamentos.

A escuta dos sujeitos da pesquisa aponta na mesma direção. Assim como Freud (1912a), em outros termos, o enunciava, quando analisou os efeitos que a liberdade sexual refletia sobre o comportamento amoroso. Se de um lado identificou a frustração inicial imposta ao prazer sexual pela repressão como causa de prejuízos no estabelecimento das relações amorosas, como a tendência à depreciação do objeto, que caracteriza como uma tendência universal, de outro verificou que, se não houver limite da liberdade sexual desde o início, o resultado não é melhor. Sua afirmação se baseia na observação, em ambas as situações – liberdade ou repressão sexual – de que, afrouxadas as barreiras, há uma redução no gozo.

[...] o valor psíquico das necessidades eróticas se reduz, tão logo se tornem fáceis suas satisfações [...] para intensificar a libido, se requer um obstáculo, e onde as resistências naturais à satisfação não forem suficientes, o homem sempre ergueu outras, convencionais, a fim de poder gozar o amor (FREUD, 1912a, p. 170).

Esse movimento obedece a um princípio instintual orgânico – quanto maior a frustração, maior importância psíquica se concentra em torno da questão. Isso implica na inviabilidade de satisfação plena, própria da natureza do instinto sexual. Tal princípio se instaura pela impossibilidade de acesso ao objeto primeiro, imposta pela lei do incesto, a partir da qual esse objeto original do impulso do desejo é perdido por força da repressão e passa a se representar “[...] por uma sucessão infindável de objetos substitutos, nenhum dos quais, no entanto, proporciona satisfação completa” (FREUD, 1912a, p. 171). A inconstância na escolha de objeto, assim como a necessidade constante de estimulação, característica do comportamento adulto na esfera do amor, podem ser explicadas por esse fato.

Lacan, no seminário A Ética da Psicanálise (1997), trabalha o conceito de *das ding*, já introduzido por Freud, como *Fremde*, estranho, como o primeiro exterior ao sujeito, o que orienta o encaminhamento ao mundo de seus desejos. Segundo ele, o sujeito se orienta em direção ao que poderá servir para atingir *das ding*, esse objeto para sempre perdido, impossível de ser reencontrado, sempre perseguido, o Outro absoluto do sujeito. *Das ding*, segundo Freud, reescrito por Lacan, “[...] funda a orientação do sujeito humano em direção ao

objeto” (LACAN, 1997, p. 76). Daí a pensar que não é pela via da plenitude que o desejo se satisfaz, é justamente pela falta. *Das ding* constitui-se como esse Outro que não pode ser alcançado, objeto ilusório, inabordável, inalcançável, que está fora do significado e com o qual o sujeito estabelece uma relação patética, de afeto primário, anterior a todo recalque.

É por natureza que o objeto é perdido como tal. Jamais ele será reencontrado. Alguma coisa está aí esperando algo melhor, ou esperando algo pior, mas esperando... Não é ele que reencontramos, mas suas coordenadas de prazer... (LACAN, 1997, p. 69).

Esse perdido é efeito da procura, ou seja, a procura inscreve o perdido, sendo, então, a origem produzida *à posteriori*, no trilhamento que é próprio de cada sujeito. O processo simbólico está tramado nessa questão *das ding*, no desenho desse trilhamento que se estabelece pelas *vorstellungen*:

O caráter de composição imaginária, de elemento imaginário do objeto, faz dele o que se poderá chamar de a substância da aparência, o material de um engodo vital... a aparição da assombração... o que se produz a partir da Coisa” (LACAN, 1997, p. 79).

Trata-se da representação de algo que tem a mesma estrutura, ou seja, do significante. Esse significante funciona no nível inconsciente. O autor define o mundo objetivo como sendo formado por um centro – *das ding*, em torno do qual se organizam as representações. Esse *das ding*, no entanto, está excluído, alheio ao eu, embora esteja no seu âmago. A relação inconsciente com *das ding*, a Coisa, se situa na ordem da interdição do incesto, sendo o psiquismo regulado pelo princípio do prazer, de modo a garantir uma certa distância do objeto, pois a satisfação desse desejo implicaria no fim da demanda como tal. A busca desse objeto primordial de satisfação, e que não pode ser reencontrado, assim o é porque reencontrá-lo significaria a morte, o fim, a derrocada de toda demanda. Trata-se, portanto, de um objeto ilusório, estabelecendo-se, aí, uma relação inventiva com a falta, como se a falta do objeto caísse num lugar mortífero do sujeito, por isso a busca incessante. Quando um objeto é atingido em nível de satisfação, decorre um esvaziamento, uma melancolia, um estado de perda do desejo, desorganizador. Trata-se do que já foi apontado por Freud e Dolto em outros termos. O princípio do prazer, descrito por Freud, mostra que não há o “Bem Supremo”, pois este é objeto do incesto e que não há outro bem. A busca desse bem toma caminhos alternativos, satisfações vinculadas à relação com o objeto, na inviabilidade de acesso a ele próprio, sendo essa busca regulada pelo princípio do prazer e expressa nas formas

de prazer e desprazer. Temos, então, que a conduta é regulada por um significante (o bem) que, por instaurar-se num nível inconsciente do psiquismo, o sujeito absolutamente não domina. O conceito de *das ding* na teoria freudiana, retomada por Lacan, diretamente relacionada com a instauração da proibição do incesto, no centro do complexo de Édipo, é fundamental para a compreensão da estruturação do psiquismo humano e está na base da compreensão de suas escolhas objetais na vida adulta, a partir das distribuições infantis da libido. “O marido é, quase sempre, por assim dizer, apenas um substituto, nunca o homem certo, é outro homem – nos casos típicos o pai – que primeiro tem direito ao amor da mulher, o marido quando muito ocupa o segundo lugar” (FREUD, 1918, p. 188). A intensidade e a conservação dessa fixação vai determinar que o substituto seja ou não rejeitado como insatisfatório.

Freud (1916), no texto *Os Arruinados pelo Êxito*, em *Alguns Tipos de Caráter Encontrados no Trabalho Psicanalítico*, levanta uma questão que parece estar presente no discurso das mulheres pesquisadas. Algo da ordem da incapacidade de tolerar a felicidade, se pudermos considerar que a felicidade desses sujeitos, na abordagem da temática aqui estudada, implica na realização do desejo manifesto de encontrar um par amoroso. No estudo dos neuróticos, contraditoriamente, em alguns casos, é precisamente no momento em que o sujeito realiza um desejo há muito almejado, que ele adocece e se impossibilita de fruir da realização desse desejo, abrindo mão disso que foi por ele persistentemente perseguido. Pela norma vigente, a neurose se estabelece como resultado de frustração da satisfação de desejos libidinais, surgindo do conflito vivido entre os desejos libidinais e o ego, que é a expressão do instinto de autopreservação e dos ideais da personalidade do sujeito. Esse processo se dá por força das repressões que, nesse caso, inviabilizam a satisfação “ego-sintônica ideal”. A norma, portanto, é que a frustração induz à doença, o que entra em contradição com as experiências de Freud, apontadas nesse texto, e que nos permitem aludir à observação das mulheres pesquisadas nesse estudo, para quem, a cada possibilidade de realização do esperado encontro do par amoroso, se sucede uma vivência de desistência e recusa ante o possível êxito. O que pode estar sendo dissimulado pelo permanente sentimento de inadequação do homem escolhido, numa seqüência significativa de escolhas que são por elas mesmas desvalidadas. Os sujeitos, ao que parece, não dão respaldo às suas escolhas, e quando os escolhidos preenchem os predicados por elas estabelecidos, elas se colocam numa outra posição – não mais de quem procura um par ideal, mas de quem não sabe ao certo se quer um par.

Para buscar um entendimento dessas contradições, Freud fez uma distinção entre frustração externa e interna. A frustração externa se constitui quando o objeto no qual a libido pode encontrar sua satisfação está na realidade. Não é patogênica, e só opera quando uma frustração interna, ou seja, do ego, se junte a ela. A frustração interna, provinda do ego, deve disputar o acesso da libido a outros objetos que agora ela procura apreender, gerando um conflito e uma possível neurose decorrente do alcance de uma satisfação substitutiva por ordem do inconsciente reprimido. Assim, “[...] a frustração interna está potencialmente presente em todos os casos, só que não entra em ação até que a frustração externa real tenha preparado o terreno para ela” (FREUD, 1916, p. 358). Observa-se nos sujeitos da pesquisa que a frustração interna atua por si mesma, surgindo depois da superação de uma frustração externa que se dê pela satisfação de um desejo. Ocorre que, à aproximação da realização e possibilidade de tornar-se realidade o desejo, o ego reage defendendo-se contra esse desejo. Na formação das neuroses, o oponente temido são as intensificações internas da catexia libidinal, que transformam a fantasia, tornando-as ameaçadoras, enquanto nos casos aqui estudados a interrupção do conflito ocorre por uma mudança externa real. Conclui que o adocimento como consequência do êxito, contrariamente como consequência da frustração, esteja estreitamente relacionado com o sentimento de culpa, que por sua vez gera a renúncia ao objeto. Na base desse funcionamento está o complexo de Édipo.

Na escuta dos relatos das mulheres pesquisadas pode estar presente esse mecanismo de arruinamento diante do provável êxito. Na medida em que alguns dos homens atendem às suas demandas, aproximando-se do que se poderia identificar como a satisfação de seu desejo, há um movimento de renúncia manifesto, às vezes, pela desqualificação desse objeto, ou pela recusa da própria demanda anunciada – “será que quero mesmo um par?”.

Na teorização de Lacan sobre o complexo de Édipo (1957/1995; 1958/1999), ampliando os conceitos freudianos, o falo passa a ter um lugar de destaque pela função que exerce como elemento organizador e determinante na posição que os personagens envolvidos no Édipo ocupam. Sua concepção da tríade imaginária (mãe-falo-criança) dá uma dimensão intersubjetiva ao complexo, onde cada participante é definido em função do outro. De antemão, retoma a distinção do falo enquanto função simbólica, do pênis enquanto órgão real, com funções definíveis no plano do real. É o significativo falo que opera no complexo de Édipo, e a relação do filho com o falo se estabelece na medida em que identifica este como o objeto do desejo da mãe. Já dizia Freud que a criança busca ser o falo, e Lacan afirma que o desejo da criança é o “desejo do desejo da mãe”. Por essa via, a criança se empenha numa tentativa frustrada

de seduzir a mãe, porque afinal o que ela tem a oferecer, sendo menina ou menino, de qualquer forma apresenta-se “como algo de miserável [...]”, o que faz dela um “[...] ser cativo, a vítima, o elemento apassivado de um jogo onde vira presa das significações do Outro” (LACAN, 1995, p. 232). O desejo da mãe é central na constituição psíquica do sujeito e implica sempre efeitos. “Carreia sempre estragos. Um grande crocodilo em cuja boca vocês estão – a mãe é isso” (LACAN, 1992 a, p. 105).

O pai, nesse triângulo formado com a mãe e o filho, desempenha o papel fundamental de privar a mãe do objeto de seu desejo, ou seja, do objeto fálico, libertando, assim, a criança da posição de sujeição absoluta à mãe. O pai obstaculiza o acesso mãe-filho através da intervenção que se estabelece como Lei. O autor apresenta o complexo de Édipo em três tempos. O primeiro tempo é constituído pelo desejo da criança de satisfazer o desejo da mãe. Busca se identificar com algo que possa ser o objeto satisfatório para a mãe, busca ser para ela o falo (etapa fálica). A mãe, interrogada pela demanda da criança, forma com essa uma relação dual, partilhando com o filho a ilusão de completude. No segundo tempo, o pai intervém, no plano imaginário, fazendo um dupla proibição: “não te deitarás com tua mãe” e “não reintegrarás teu produto”. Sua função é a de impedir a criança de ser o objeto que completa a mãe, paralelamente à proibição do objeto fálico que impõe à mãe. A castração, nesse entendimento, se dá sobre a mãe e não sobre a criança somente. Nesse tempo, a criança, reconhecendo a mãe como castrada e o pai como detentor do falo, intui ser ele o que completa a mãe, o que orienta seu movimento psíquico em direção ao pai, desprendendo-se da identificação de ser o objeto do desejo da mãe. Passa, então, no lugar de desejar ser o falo da mãe, a desejar ter o falo, para reencontrar a completude narcísica perdida, o que implica, para a criança, submeter-se à Lei do pai, uma vez que é ele que o possui (o falo). Ao terceiro tempo, descrito como a resolução do complexo de Édipo, se dá a identificação do menino com o pai, uma vez este possuir o que pode satisfazer a mãe (o falo). É, portanto, ainda no rastro do desejo da mãe que se dá essa identificação paterna, através de sua interiorização. Pela constituição do ideal-do-eu, o menino passa a desejar ser como o pai, enquanto o que possui o falo. Do lado da menina, como efeito pela apreensão da mãe como um ser castrado, passa a buscar do lado do pai o falo por sabê-lo o seu possuidor, e, ao deparar-se com o pai, também submetido a uma lei maior de castração, busca como resolução para o complexo a identificação com o papel feminino. “A partir daí, só é preciso que ela tenha um pouco de paciência para que o pai venha enfim ser substituído por aquele que irá preencher exatamente o mesmo papel, o papel do pai, dando-lhe efetivamente uma criança” (LACAN, 1995, p. 207).

Dolto aborda o complexo de Édipo também afirmando que a menina, inicialmente, é tão homossexual quanto heterossexual, pois sua entrada na vida genital tem por objetivo seduzir alguém que a faça mãe como sua própria mãe, por efeito de identificação. Assim, deseja obter as prerrogativas que seu pai dá à sua mãe. Sua entrada no Édipo só é possível na condição de tentar transgredir a proibição do incesto, através da sedução ao pai. Deseja agradar, e para isso desenvolve as qualidades femininas que supõe para o sucesso social, na tentativa “perversa” de seduzir, de contornar a Lei. A menina “[...] não tem as pulsões ativas centrífugas penianas do menino. Em relação ao falo, suas pulsões são centrípetas. Ela atrai para si. Ela espreita o objeto que representa para ela o poder, e que ela quer tomar para si” (DOLTO, 1992, p. 159). Seu desejo, na falta de ter um pênis, é “[...] ser amante de quem o tem podendo assim satisfazê-la” (p. 160). Seu alvo passa, então, a ser o pai ou o amante da mãe, por ser este que satisfaz sua mãe.

Tomamos, aqui, pelo que de particular interesse concerne a essa investigação, a posição da menina quanto ao acesso à feminilidade e à resolução das questões edípicas. Mais do que o fato de ser, ou não, possuidora de um pênis, trata-se, no seu caso, do remanejamento da posição intersubjetiva, de saída do lugar imaginário de objeto fálico para a mãe, que se dá pela objetualização em outro sujeito. Freud (1921) propôs que a identificação se refere a “ser” o objeto, e a escolha objetal se refere a “ter” o objeto, o que Lacan descreveu no segundo tempo do complexo de Édipo. Esse movimento se dá pela busca de reencontrar a completude narcísica perdida, reencontro esse sempre perseguido pelo sujeito do inconsciente, como já mencionado. Poderíamos pensar que esse reencontro na vida adulta se dê para a mulher pela escolha de um par amoroso, pela eleição de um homem que lhe dê o falo, mas que, para que seja falo e desempenhe junto à ela essa função, esse possa, de alguma forma, dar acesso às suas primeiras vivências afetivas inconscientes. Cabe perguntar: que homem será falo para uma determinada mulher?

A resolução da tensão constituída pelo complexo de Édipo, segundo Lacan (2002 a), se resolve por um duplo processo de importância fundamental, uma vez que permanece inscrito no psiquismo em duas instâncias permanentes. A instância do supereu, cuja função é exercer um recalamento da tendência sexual que, a partir daí, permanecerá latente até a puberdade, dando lugar, no sujeito, a interesses neutros, ligados às aquisições educativas. E a instância do ideal do eu, pela qual se dá a sublimação da imagem parental que perpetuará um ideal representativo na consciência, assegurando que se dê, na puberdade, a coincidência das atitudes psíquicas e das atitudes fisiológicas, a partir da identificação do sujeito com a imago do progenitor do mesmo sexo. Essas duas instâncias representam o acabamento da crise

edípiana, e adquirem uma significação e importância especial por estarem relacionadas a determinados traços individuais da personalidade do sujeito, perpetuando seus efeitos através do supereu e do ideal do eu. Porque o objeto primitivo do desejo aparece escamoteado, a identificação edípica apresenta-se em sua originalidade: no complexo de Édipo é a defesa narcísica do sujeito que erige o objeto em sua nova realidade.

Dolto (1990) coloca que a possibilidade de dissociar a vida imaginária da realidade e o sonho das relações reais, é a ocorrência que marca a ruptura com a infância. A análise das mulheres, sujeitos dessa pesquisa, incide no fato de que o imaginário, presumivelmente em ação quando do estabelecimento das relações pela *Internet*, em não se cumprindo no decurso da relação, possa revelar uma inviabilidade no trânsito para a realidade. O encontro virtual, que poderíamos identificar da ordem do imaginário, transforma-se em desapontamento no encontro pessoal, ou seja, no encontro real (ou com o real). Seus sonhos são repetidamente frustrados nas relações reais, o que pode significar uma impossibilidade de elaborar a dissociação necessária entre vida imaginária e realidade.

Dor (1992) apresenta as proposições de Lacan relativamente à noção de falta de objeto e suas três formas específicas de manifestação. A natureza dessa falta é qualitativamente diferente e o mesmo ocorre com o objeto. São elas: a) a frustração, que se constitui numa falta imaginária de um objeto real. Implica nenhuma possibilidade de satisfação a ser encontrada (vivência da ausência do pênis pela menina e, em sentido geral, ausência do pênis na mãe); b) a privação, que se constitui numa falta real de um objeto simbólico, ao que Lacan designa como um buraco no real; e c) a castração, que se constitui de uma falta simbólica de um objeto imaginário (interdição do incesto). Trata-se da função paterna, que é operatória, determinando à criança o acesso ao simbólico. Na castração, a falta é significada como uma dívida simbólica.

Nasio (1997a), relendo Lacan, propõe que o passado sempre volta no presente. Quando um momento é decisivo na vida do sujeito, certamente o remete a um momento passado. O passado não só rege o presente, como também pode ressurgir de maneira desconcertante. Indica três formas possíveis de irrupção do passado no presente: a) a lembrança, ou seja, o aparecimento de uma imagem mental reproduzindo uma experiência passada. Essa imagem pode ser deformada, pois o passado é percebido através de um filtro, sendo fruto de uma incessante reconstrução; b) sob forma de uma ação ou acontecimento atual que seja significativo e que reproduz, também de maneira deformada, um acontecimento antigo e esquecido, “[...] uma emoção vivida em idade muito tenra pode ficar escondida em um silêncio de vinte anos, reaparecer no jovem e decidir uma escolha amorosa” (NASIO,

1997a, p.66). Os primeiros apegos afetivos e emocionais da infância são os protótipos dos laços afetivos futuros na vida adulta. As escolhas amorosas são marcadas por um traço comum, obedecendo a uma espécie de padrão que se repete várias vezes durante a existência; e, ainda, c) o passado pode ser atualizado por acontecimentos exclusivamente infelizes que se repetem sem que o sujeito seja capaz de evitá-los ou compreender suas razões. A compulsão pela repetição teria como meta inconsciente a busca de resolução do trauma. Assim, uma pessoa repete o mesmo fracasso na tentativa de melhor encerrar esse drama através de um outro desenlace, que lhe foi impossível na primeira ocorrência. Logo, as escolhas atuais não são fortuitas, ao contrário, elas obedecem a experiências passadas que marcaram a infância do sujeito.

Fica claro, a partir dessas concepções teóricas, que a vivência das questões narcísicas, identificatórias e edípicas estão na base da estruturação do sujeito psíquico e implicadas na escolha do par amoroso. Sua constituição vai se dar de acordo com as marcas dessas experiências e o modo de resolução dado a cada um desses processos formativos. Na relação com o objeto, o sujeito adulto, herança das vivências infantis, remonta a elas. Revive sua infância psíquica, encenando as marcas da sua história passada na relação atual com o outro, objeto do seu desejo, dentro do panorama da sociedade em que essa trama se dá.

2.3.1 Édipo Contemporâneo: haverá complexo nos tempos de clonagem?

Que a psicanálise esteja sendo revista em seus conceitos básicos, pilares de toda a sua teoria, o sabemos, não só pela nova literatura psicanalítica, escrita pelos autores e autoras contemporâneos que a questionam arduamente frente às mudanças ocorridas na esfera individual e social. O sabemos também pela vivência num mundo que nos instiga a procurar novas respostas, pois as perguntas mudaram.

Pensar nas estruturas psíquicas propostas por Freud nos deixa um quê de espaço vazio a ser preenchido. À exemplo do Édipo, constituído como um complexo familiar instigado na rivalidade de um grupo composto, a princípio, presencialmente pela figura do pai e da mãe, com os quais se dão os embates psíquicos da criança, daí construindo-se sua subjetivação, entre outros movimento psíquicos da mesma ordem. O que configura, hoje, o grupo familiar não é a presencialidade de ambos os genitores como princípio fundamental. Já é comum que uma criança seja criada apenas com um dos dois, em geral com a mãe, e até mesmo que não conheça o outro figurante – geralmente o pai. Embora seja a nível do

simbólico que essas figuras operem, é possível que a simbolização se dê de forma diversa para uma criança que não tem a vivência presencial com esses Outros.

A constituição desse Outro seria a mesma? Como se estrutura a tríade do complexo de Édipo quando a falta vem suplantar uma presença? Como se opera o corte da lei por um que se constitua como fantasma?

Baudrillard (2004) refere-se ao lúdico como “lugar de uma sedução fria”, do encantamento narcísico dos sistemas eletrônicos e informáticos, do sujeito isolado na auto-sedução manipuladora das mesas de comando, do teclado, do *mouse*. O sujeito da contemporaneidade constitui uma nova forma de relação consigo mesmo, com o outro, com o próprio viver. Institui uma nova forma de lidar com a sexualidade, dando a essa novas possibilidades de destino. Faz dupla sozinho. Percorre outros caminhos, portanto faz marcas em outros lugares.

Baudrillard propõe, como risco último da simulação digital, o deslizamento de Édipo a Narciso, pela autogestão dos corpos e dos prazeres; e se não é pela tecnologia informática que se dê o fim do Édipo, essa estrutura da personalidade possa findar pelo desenvolvimento da biologia, onde a clonagem aponta como ponto de parada. Diante desse novo fenômeno, mudam as perguntas. Muda o referencial da forma relacional no humano. Pela manipulação do código genético, é possível originar-se outro ser prescindindo do casal parental, da cena primeva. O trauma, portanto, não pode ser o mesmo. O ser contemporâneo atinge um ideal imaginário – “ao invés de sua imagem especular, sua forma molecular” (p. 191). O espelho, de fonte passa a ser fórmula, e o ideário eterno do caráter gêmeo, fantasma a ser eternamente seguido e evitado, afinal chega, por outra via que não da procriação sexuada. O duplo, como figura imaginária que sustenta a fantasmagoria da morte, se materializa através do clone. Como simbolizar isso?

Que implicações decorrem daí na subjetivação do sujeito? Nesse apagamento da estrutura simbólica da procriação, das figuras parentais, uma vez que o pai e a mãe desaparecem em vista de uma “matriz denominada código”. O que vem a ser o estádio do espelho nesse novo panorama? Quem vem instituir-se como Outro? Haverá Outro a quem identificar-se, em quem espelhar-se, a partir de quem submeter-se à castração?

Ainda não sabemos. Nesse momento, qualquer resposta é ainda conjectura. Nem sabemos ao menos se é a psicanálise que poderá responder. Se seu suporte teórico é a sexualidade humana, com que palavras irá nomear isso que é da ordem do inominável, enquanto fuga da sexuação humana nas formas até então conhecidas?

2.4 SUBJETIVAÇÃO FEMININA CONTEMPORÂNEA: AINDA A MÍNIMA DIFERENÇA?

*“Mãe, passei a noite
pipocando,
pipocando de dor.
Mas o que eu fazia não eram
pipocas,
eram idéias carameladas de
amor!”*

(YARA AVELAR, in:FERNÁNDEZ,2001)

E por que não pensar em tudo (ou quase tudo) de outra forma? Foi Freud – um homem, e, como tal, limitado pelas concepções sociais de seu tempo –, que infringiu ao inconsciente coletivo o complexo da castração nas formas como o concebeu, ou seja, na posição masculina. Este conceito parte do princípio da primazia do pênis, primazia do masculino em sua acepção, tomado e vendido como símbolo fálico – a mínima diferença de corpo tomada como significante privilegiado. Conceito que convinha aos homens de sua época, senhores na sociedade, que não tinham o menor interesse, ao que parece, pelas oposições feitas, em mudar essa direção. Por que não pensar que o complexo da castração se dê como conceito na busca do homem suprimir sua própria dimensão fantasística de inferioridade diante da mulher que é, afinal, sua origem – é do corpo de uma mulher, e somente disso, que ele pode advir? Sabe-se dos temores masculinos, descritos pelo próprio Freud, diante do feminino. Por que não pensar em Freud sendo tomado, já em sua época, por uma visão futurista onde o homem se intui dispensável para o essencial – o essencial que é da ordem do sexual, na dimensão do sexo enquanto ligado biologicamente à concepção? Daí a concepção simbólica dando ao falo uma função.

O futuro chegou já nesse início do século XXI, embora Freud não o possa testemunhar. Vivemos em um tempo em que é possível gerar um ser biologicamente sem a participação do homem, ou de nada que venha dele enquanto corpo. A ciência está aí a anunciar tal advento. De uma mulher somente é possível gerar um ser. A dispensabilidade essencial do homem enquanto corpo/matéria se apresenta como realidade manipulável em laboratório na sociedade contemporânea. Hoje, é possível prescindir do outro, indo do mesmo ao mesmo, pelo processo de clonagem – a geração de um ser nascido de uma só célula de um indivíduo, método que revoluciona o universo de conhecimento das ciências humanas e, por decorrência, implica em profundas mudanças no psiquismo. A partir disso, a própria psicanálise, por seu suporte teórico, entra em cheque e exige profunda revisão em seus

conceitos de base. Realidade que podemos supor Freud suspeitasse, daí a criar uma teoria sexual em que o significante, norteador do desejo humano, estivesse ligado justamente ao pênis, elemento “a mais” no corpo do homem em relação ao corpo da mulher. Seria sua teoria uma forma de tamponar essa verdade antecipada e temida? Seria um jeito de não querer saber do que já sabia, bem próprio do estilo neurótico de funcionamento? “[...] o falicismo é uma posição narcisista (Jones, 1972) enquanto só há um sujeito (fálico) que não reconhece a existência de um semelhante diferente” (MELLER, apud FERNÁNDEZ, 2001, p. 33).

Foi pela voz masculina, ou melhor, pelo desejo masculino, que foi forjado o conceito não só da masculinidade, mas, também, da feminilidade nas sociedades. O advento da mulher na psicanálise na posição do (da) analista, e não somente de analisada, é recente, e com isso se instaura mais um lugar de viabilização do furo no muro da linguagem do grande Outro masculino. Advento que veio atender os anseios da mulher, anseios de dar voz ao desejo, como já anunciado de forma atabalhoada pela histérica. É como se ao longo da história o homem tivesse se esforçado, pelos meios e artifícios da cultura, para manter a mulher às cegas, com os olhos vendados, para não saber de si mesma. Cega e, especialmente, muda. A possibilidade da mulher saber de si parece que constituiu uma ameaça ao homem. Ameaça que se veicula pela possível fantasia da perda de poder – o que vem a ser divisão do poder, e não perda –, mas que no fundo não é de poder social somente, mas é mais que isso. Implica na ameaça imaginária masculina da perda de si enquanto sujeito, enquanto função. Afinal, se a mulher o destitui de sua função fálica, ele vai se identificar com o quê? Vai servir para quê? A quem? Porque a dinâmica da masculinidade se dá pela polaridade da feminilidade, e vice-versa.

Como se só um pudesse ser sujeito, o homem escolheu-se a si mesmo, precisando para isso do assujeitamento do outro – a mulher. A concepção e sustentação da posição da masculinidade e da feminilidade na sociedade se dá como uma posição de classes de parte dos homens principalmente, à parte do aceite feminino identificada à posição de passividade – existia a classes dos homens, e a mulher era o que não pertencia à classe. Ao longo dos séculos, os homens buscaram sustentar uma posição que não os obrigasse a saber de si, do seu desejo. Não querer saber da mulher (pela insistência na pergunta: o que quer a mulher?, na qual também Lacan sustenta sua teoria, assim como Freud) implica em não querer saber de si, nessa dialética masculino/feminino.

A histeria, identidade dada por Freud ao movimento da mulher – movimento implicado na tentativa de tirar-se a venda que cobre seus olhos e cala sua boca para esconder-lhe o desejo –, ganha o estatuto de diagnóstico. É um homem, o homem chamado Freud, que

diz o que isso é. É um homem que traduz esse grito de mulher, esse berro da histérica que ecoa até hoje no conceito da feminilidade. Se não é histérica, o que é afinal a mulher? E este homem o traduz pela via da patologia, logo, pela via da descredibilidade do sujeito no qual incide. Pela via da descredibilidade enquanto verdade que possa valer. Quem vai dar crédito a um doente, a um (uma) incapacitado (a)? Perversamente, nem ele (ela) próprio. Um doente é um incapacitado, identidade perfeitamente assumida pelo lado da mulher, ainda na sociedade do século freudiano, sob o ponto de vista do espaço público. O valor da mulher estava restrito ao espaço privado do lar, na condição de esposa e mãe.

Ao referir-se à busca da identidade do ser mulher, Fernández (2001) aponta como “transtorno cultural” a falta de respostas, ou as respostas insatisfatórias apresentadas à essa questão (“ser mulher é ser mãe ou ser puta”). A questão fica “[...] encapsulada dentro dos limites da enfermidade mental, como no quadro psicopatológico denominado histeria”(p. 100). Denuncia, ainda, na contemporaneidade, a mulher descrita pelo homem, o que se configura até pela predominância do número de homens que escrevem, em relação inversa à predominância do número de mulheres que lêem.

Quanto a Freud, foi isso que fez na instauração da psicanálise – um homem como qualquer outro ameaçado –: escuta a mulher (seus pacientes inicialmente eram basicamente as mulheres), no entanto, descredita o ser mulher. Nessa via, não escutou, estabeleceu com ela um diálogo bem aos moldes do diálogo entre o mudo e o surdo. Sabe-se, de Freud, de sua relação profunda com a própria mãe e da relação castradora que estabeleceu com sua mulher, Marta. Freud fez o quê? Calou a boca das mulheres que começaram a falar, desvalidando sua palavra. Possivelmente não lhe convinha particularmente perder os privilégios de ter uma mulher que não lhe contestasse e não constituísse ameaça à delicada posição fálica que ele, assim como todo homem, defende diante de uma mulher, sob a sombra da ameaça permanente da castração. Sua tentativa, possivelmente inconsciente, de calar a mulher, se não foi frustrada, funcionou por muito tempo. Mas acabou sendo vencida pelo próprio tempo. Hoje, a histeria tem outras leituras possíveis pela psicanálise atual. Especialmente porque a psicanálise hoje é exercida também por mulheres. Também as mulheres estão escutando o discurso feminino, assim como homens atuais da psicanálise, atravessados por uma renovação do referencial teórico, propondo dar a esse discurso um estatuto de significante ao invés de patologia. Um significante que faça efeito no social.

Se foi uma impossibilidade de Freud saber da verdade de Dora, e isso ele mesmo teve tempo de admitir, embora seu legado na psicanálise seja inegável, é preciso que o tomemos como homem, além de tomá-lo como Deus, além de tomá-lo como um grande Outro

a quem não seja possível interrogar. É preciso que façamos furo no muro de sua linguagem para colocá-la na circularidade do discurso psicanalítico contemporâneo. Pois à sua impossibilidade de designação dessa mulher, Dora, devemos considerá-la pela sua condição de sujeito dividido a quem é vedado o acesso à verdade, presa do inconsciente.

É preciso que a mulher, ela própria, faça furo no muro da linguagem masculina que fala sobre ela e a designa enquanto ser da feminilidade. A histeria masculina, ainda que evidenciada, remetia o usuário (ou detentor) desse sintoma ao estatuto da feminilidade, por Freud, vindo confirmar a designação do estatuto feminino do sintoma histérico. Dolto (1984) aponta que os homens faziam da histeria um outro uso social, através dos entusiasmos políticos verbais ou do brilho empregado aos combates heróicos, passando despercebida clinicamente, longe do estatuto de anomalia atribuído às mulheres em vista das ab-reações exibicionistas da angústia sexual. Propomos que a qualquer ser, sujeito, na condição de ter tamponada sua expressão de subjetividade desejante, um comportamento histérico é possível e até mesmo desejável. Embora desconexo, tudo na histeria tem nexos. É justamente na falta de sentido que o sentido se dá. A histeria não é mais do que uma expressão subjetiva. Por que à Freud não foi possível ver isso que é sua própria concepção da psicanálise? A resposta mais simples, vinda da própria teoria psicanalítica, aponta para a transferência, para a denegação. Se o sujeito que fala não se identifica com o plano da consciência, na concepção de acesso ao que diz, aí parece que o sujeito que escuta também não. Daí a não perder de vista a dimensão do homem no sujeito Freud (e no sujeito Lacan), e não perder de vista a dimensão do sujeito Freud no criador e na criação da psicanálise.

Freud, embora tenha rompido com padrões de sua época, não os rompeu todos. Embora pretendesse se colocar fora do discurso médico vigente – e isso de certa forma ele o fez –, não se colocou, entretanto, fora do discurso socio-político do século XIX, início do século XX, onde teceu seus escritos, ao menos no que se refere à mulher, a quem encara como um homem com defeito de fabricação. Por isso escreveu o que lhe convinha escrever, o que convinha ouvir aos ouvidos dessa época, corroborando o silenciamento histórico das mulheres, na medida em que se propôs a ouvi-las mas, ouvindo-as, se fez de desentendido. Se Freud desestabilizou a sociedade, e isso ele o fez, não o fez suficientemente, do lado da mulher que ansiava por dar expressão ao desejo. Foi preciso continuar sua obra e criar um novo tempo social onde outras falas pudessem ser ouvidas e outros falantes – outras falantes – pudessem ter voz. Aí está a voz das mulheres da *Internet*, que inventam e publicam seus textos de desejo.

Hoje, pode-se dizer, a histeria está desmistificada, perdeu o estatuto de mistério. Não se trata mais da desmistificação da mulher, ao que Freud e Lacan tanto referiram. Trata-se mais da desmistificação da mistificação defensiva dos homens sobre as mulheres. Quando ouvimos as mulheres, embora falem em minoria em relação aos homens, podemos ouvi-las (ouvir-nos) pelo poema de Ana Cristina César, citado por Kehl (1998): “Te apresento a mulher mais discreta do mundo: essa que não tem nenhum segredo” (p. 308).

A feminilidade, assim como a masculinidade, é produção simbólica. Passa pela possibilidade do “vir a ser” pela linguagem. À época de Freud, a mulher não ocupava um lugar nesse universo social discursivo, e até por isso é descrita por ele como menos dada às possibilidades de simbolização, proposição confirmada por Lacan, que supõe uma falha no acesso das mulheres ao simbólico. Sabe-se que o significado só aparece *à posteriori* – é ao final da fala que o sentido se estabelece para o dito. Analogamente, podemos pensar que é *à posteriori* que a capacidade de simbolização se estabeleceu socialmente para a mulher. É a partir de sua fala, que veio depois da fala masculina, que uma feminilidade pôde advir por seu próprio discurso, que se coloca no fim dessa frase iniciada pelos homens para designá-las enquanto mulher. Na medida em que é dado à mulher falar de si e dizer sua verdade, considerando o quê de uma verdade pode ser dito, ela sai da posição de objeto e passa à condição de ser desejante. Não é mais o homem, mas a própria mulher que sabe, ou busca saber, o que deseja uma mulher (posição inversa da histérica). A mulher busca dar sentido ao que é ser mulher.

Se em Lacan sabe-se que não existe ser que antecede a linguagem, é possível pensar que não exista mulher, pela mulher, antes de sua fala. O que havia era a mulher descrita pelo homem, a mulher do homem, para o homem, enquanto “um” que, não o ameaçando, lhe pudesse convir. Por que não contestar a concepção freudiana, como fez Kehl (1998), de uma natureza feminina determinada pelo corpo (ou melhor, pelo que falta no corpo), pelos órgãos genitais da mulher, vistos por ele como impossíveis de simbolização? Por que ocorreu a Freud que o pênis, ao contrário, se ofereça tanto à simbolização? Por que não supor que o valor fálico do pênis não seja outro senão o efeito de um discurso? Aliás, de um discurso masculino, ou seja, de quem o tem, e que, por conta disso, como bom negociante, valoriza o que tem. Por que o “menos um” é dado ao corpo da mulher, numa economia onde se sabe que menos um é ainda pior que zero – o zero que, na teoria psicanalítica, é dado ao corpo do homem? Implica em que, além de não ter nada, à mulher é atribuído já nascer com uma dívida. Por que é oportuno impingir ao sexo da mulher essa dívida? Ocorre pensar,

simplesmente, que seja para colher os dividendos. O homem os colheu como ninguém ao longo da história de sua relação com a mulher.

À questão freudiana de que “a anatomia é destino” e de que não existe mais que uma única sexualidade, uma única libido – a masculina, a essa concepção falocentrista da sexualidade –, Baudrillard (2004) responde com a difração das zonas erógenas como especificidade feminina, responde com a erogeneidade descentrada e a polivalência difusa do gozo, que transfigura o corpo da mulher como um corpo de desejo. Trabalha com a idéia inversa, de que o feminino sempre foi dominante e nunca dominado, pelo poder exercido através dessa sexualidade “insexuada”, sendo o masculino fragilizado, defendendo-se através do símbolo fálico da fortaleza. O autor trabalha com a hipótese de que “[...] o feminino é o único sexo e que o masculino só existe por um esforço sobre-humano para dele sair. Um instante de distração e se recai no feminino” (p.21). Propõe que os homens erigiram seu poder para apagar o poder superior da mulher. Ao invés da inveja do pênis, o ciúme do homem pelo poder de fecundação da mulher é o motor dos processos. Enquanto a finalidade do sexo, para o homem, se esgota na reprodução ou no gozo, a mulher lança um desafio pelo seu não-gozo, reduzindo o homem à perspectiva de gozar sozinho, sem nunca apreendê-la. Ao invés da espoliação feminina, o autor levanta a questão do usufruto desse poder da mulher sobre o homem, do uso estratégico da sedução. À intermitência do masculino – já que a ereção nunca é segura –, opõe-se a continuidade do feminino que lhe assegura a superioridade no nível orgânico de representação do gozo. Nessa medida, a mulher também colheu seus frutos.

Possivelmente a psicanálise fosse outra se tivesse sido escrita por Marta Freud ao invés de Sigmund Freud. Isso, se nesse tempo as Martas falassem. Se vissem e falassem as mulheres da *Internet* – a exemplo de Ângela, de Gládis e de Ro.

Dolto (1984) apresenta como resultado de suas observações com analisandos, que para uma menina a aceitação da sua característica sexual, sem pênis, à imagem de sua mãe, se dá de forma rápida na medida em que recebe a confirmação de que foi desejada menina por seu pai, e tem consciência de ostentar o nome do pai acrescentado ao seu nome próprio. É, portanto, no contexto social que se estabelece a ordem simbólica que lhe atribui valor ao sexo, inicialmente pela “gratificação paterna” e a “promoção materna”. A autora propõe que a falta do pênis nas meninas faz mais efeito sobre os meninos, que às vezes sentem-se mais traumatizados frente à descoberta, reagindo, freqüentemente, com desprezo ao sexo feminino, por temer uma identificação perigosa. A recusa dos pais a dar respostas verdadeiras às indagações infantis frente à questão da diferença dos sexos constitui o trauma da inveja do pênis de difícil superação.

Se não existe “A mulher”, desde Freud a Lacan, as mulheres da *Internet* estão a confirmar essa assertiva, cada uma produzindo um discurso próprio em torno do seu desejo, impondo várias formas à feminilidade. O conceito de mulher é de autoria de cada uma, “uma a uma”, como escreveu Lacan, compõe esse conjunto de indivíduos, o conjunto de sujeitos da pesquisa. Segundo Kehl (1998), “[...] nenhum homem e nenhuma mulher são idênticos ao sexo a que pertencem” (p. 334-335), e é pela singularidade que a psicanálise os toma. A subjetividade de cada uma dessas mulheres foi constituída pela sexuação que se deu no atravessamento simbólico pelo manejo do falo e da castração que cada uma promoveu para se constituir “esta mulher”. Cada uma está inventando um percurso para seu desejo, inventando o que fazer da sua sexualidade, buscando dar um sentido ao si mesmo.

Nessa perspectiva, podemos pensar que a mulher da *Internet* pode ser tomada como bovarista? O bovarismo é um termo criado em 1902 por Jules Gautier, referido à personagem de Emma Bovary, mulher a quem podemos referir como heroína ou mártir do romance de Gustave Flaubert, e que se tornou emblemática como figura da feminilidade da época. Podemos tomá-la nessas duas posições justamente pela leitura que podemos fazer de tal personagem. O desfecho da vida dessa mulher imaginária é o suicídio, após ter se lançado numa empreitada de vida na via do atendimento aos seus anseios de vivências eróticas fora da relação matrimonial, o que duplamente não convinha à época. No imaginário da época, o auto-flagelo é destino para a mulher que assume a posição de sujeito do desejo. Nesse contexto social da burguesia vitoriana, quando se inicia a psicanálise, a sexualidade da mulher foi apresentada como infantil e clitoriana, e sua entrada no casamento se dava geralmente sem nenhum preparo. A libido genital propriamente, e não apenas o erotismo parcial genital na mulher, é tema de uma época posterior, concebida a partir da noção de que, somando-se à dádiva de si ao prazer do outro, haja uma promessa valorizante socialmente de prazer também à mulher nesse encontro sexual. Implica em que o prazer da mulher não se contenta mais com objetos parciais como na época da imaturidade juvenil, estabelecendo uma identificação ao gozo do falo simbólico, dando novo sentido ao prazer feminino. Dolto (1984), dentro da abordagem psicanalítica contemporânea, questiona se o que mantém a mulher no lugar social que ocupa, na dialética masculina, é consequência dessa identificação e rivalidade ou se é introjeção arcaica do desejo do outro, advindo das lembranças infantis junto à mãe, sempre prestes a ressurgir. Para ela, os homens temem “a vertigem à beira desse abismo” (p. 207), simbolizada pelo prazer alcançado pela mulher.

Retomando a questão de podermos pensar nas mulheres sujeitos dessa pesquisa como bovaristas, temos que a concepção do bovarismo se refere a “[...] todas as formas de ilusão do

eu e de insatisfação, desde a fantasia de ser um outro até a crença do livre arbítrio [...] irresponsabilidade de um louco perante seu crime” (KEHL, 1998, p. 95-96). Podemos ligar esses atributos às mulheres sujeitos dessa pesquisa, na medida que se lançam na empreitada de viabilizar seus anseios eróticos e que, por conta disso, podem se fantasiar na *Internet*, podem valer-se de muitas formas de ilusão do eu (usam apelidos diferentes nos diferentes *sites* de que participam, reeditam seus perfis nos programas podendo atribuir-se quesitos desejáveis – artifícios por elas utilizados) em busca de ser uma outra, de certa forma inventando para si outras personagens, diante de outras platéias, sempre renováveis. Na *Internet*, a via do imaginário é um destino possível para o encaminhamento do desejo na contemporaneidade. O devaneio de “vir a ser outra” pela via do amor está presente na personagem de Emma Bovary, e também está presente nos anseios de Ângela, de Gládis e de Ro, que estão em busca de um par amoroso nos *sites* de namoro.

Quanto à “irresponsabilidade do crime”, se de um lado a vivência da sexualidade hoje não é tomada como crime, não implicando em responsabilidade, de outro lado, a *Internet* é um lugar onde a irresponsabilidade pelos (e nos) relacionamentos estabelecidos é uma constante no discurso de nossos sujeitos, constituindo-se mesmo numa queixa.

Interessa, nesse estudo, analisar particularmente a aposta bovarista no amor de um homem podendo assumir duas funções: a de deixar-se capturar por uma posição na trama simbólica de dependência em relação ao desejo do homem, e a de tomá-la como meio de transição da posição tradicional feminina (de ser objeto do desejo) para a posição de sujeito (sujeito do desejo). A primeira posição, que corresponde à posição da histérica, implica em que a demanda fálica dirigida aos homens não seja nunca satisfeita, denunciando a impotência masculina na tentativa de fazê-la mulher, e implica no fracasso subjetivo na tentativa de manobrar o desejo masculino do qual ela se fez objeto. A segunda posição surge como uma saída que parece retratar em alguns aspectos os sujeitos da pesquisa, no sentido de fazer uma aposta no amor de um homem que possivelmente possa ser encontrado, sendo que o meio de encontrá-lo, por sua própria conta, coloca essa mulher na posição de sujeito do desejo, pelo modo como tece essa trama simbólica em relação ao desejo do homem. O fato dessas mulheres não encontrarem nenhum homem que as satisfaça, o que foi constatado na pesquisa, no entanto, pode implicar tanto em sua incidência histérica quanto na mobilidade da posição subjetiva para o lado do sujeito do desejo (a mulher do desejo), na medida em que essa mulher não se propõe a ficar com um homem que não atenda suas pretensões amorosas e sem que se disponha a abrir mão disso que pode não ser um devaneio bovarista, mas um anseio que só é possível à mulher contemporânea, disposta a viver de acordo com os novos ideais de

uma mulher, disposta a inventar de fato uma outra vida possível, fazendo, conforme diz Kehl (1998), um “deslocamento do feminino”. Resta saber se essa posição de sujeito do desejo aí apresentada não está posta também como fantasia, encobrindo uma reincidência na posição de ainda demandar ser objeto do desejo do homem, sendo a *Internet* apenas uma outra forma de sua manifestação.

Muitas leituras podem ser feitas desse novo fenômeno social – a adoção de um meio eletrônico para a eleição do objeto do desejo. Este estudo, certamente, não pretende esgotá-las, mas propõe-se a circular por algumas dessas possibilidades, ainda que contraditórias em suas proposições e argumentos, lançando-se na errância própria da procura. Assim, se de um lado é proposto que esse fenômeno possa constituir-se como sintoma regressivo nas formas de estabelecimento da relação com o outro, apontando para características do narcisismo, analisadas em outro capítulo desse estudo, de outro lado pode ser tomado pela via de uma nova solução encontrada para a expressão do desejo – uma nova solução de compromisso.

Sabe-se, desde Freud (1900), na *Interpretação dos Sonhos*, que o desejo se realiza ao encontrar sua expressão. Sabe-se, também, que, se em Freud a “anatomia é destino”, em Lacan “linguagem é destino”. A psicanálise propõe que o sujeito falante inscreve com sua fala uma possibilidade de modificação, “faz um furo no muro da linguagem”. Pela via da palavra o eu (*je*) deve vir à luz, ocupando o lugar onde o “isso” estava. Propõe, e é esta sua visada, que o significante não existe pronto a revelar-se, mas deve ser constituído pelo processo de deslocamentos e condensações que produzem as metáforas e as metonímias por onde o desejo traça seu percurso, singular a cada sujeito. O sujeito que fala é o sujeito do desejo em busca de um significante que o realize. O sujeito fala onde o “isso” sofre, e advém (esse sujeito) quando faz uso da fala como um falo, o falo simbólico, no sentido daquilo que vem suprir uma falta – o “falo da fala”. Embora não se possa negar os modos de inscrição do sujeito no discurso do Outro, que é o discurso da cultura, a análise busca produzir a possibilidade de o sujeito criar o que Joel Birmann chama de uma “estilística da existência” (*in* Kehl, 1998, p. 32), por meio do quê o sujeito possa inventar o sentido para sua existência em razão das questões fundamentais à que tem de responder: o que o Outro quer de mim? O que sou para o Outro? Em oposição à alienação inicial ao discurso do Outro, instituído na posição de verdade, deve advir o sujeito do próprio desejo, abrindo novas e próprias perspectivas narrativas.

Podemos pensar, na continuidade dessa reflexão, que a *Internet* possa estar sendo tomada pelos sujeitos da pesquisa como via de solução de compromisso com seu desejo, pela possibilidade da sua expressão aí manifesta de forma explícita, com as características próprias

já analisadas, e que se constitui como um lugar/um meio de circulação também do discurso da cultura. É possível que as mulheres apresentadas nesse estudo estejam encontrando, nesse meio eletrônico, sua possibilidade de fazer furo no muro da linguagem, buscando constituir seu significante, visando suprir uma falta pela via de falar, onde, para cada uma, o “isso” sofre. É possível que na contemporaneidade a *Internet* seja o lugar onde o “falo da fala” possa estar valendo para esses sujeitos, seja o lugar encontrado para criar, cada uma, a sua “estilística da existência”. Se de um lado podemos tomar os *sites* de namoro eletrônico como uma forma alienante de acesso ao outro e ao seu desejo, de outro podemos tomá-los como lugar onde justamente o sujeito possa intentar opor-se à alienação ao discurso do Outro, na medida em que se inscreve nesse percurso de errância na busca de uma narrativa própria em torno do seu desejo. Uma vez que “linguagem é destino”, os meios eletrônicos podem ser tomados como formas pelas quais o sujeito busca dar corpo a essa linguagem com que visa traçar um destino. Se o sujeito é o sujeito da cultura, o sujeito da pesquisa – usuário da *Internet* – é o sujeito da cultura internética; por decorrência, é por essa via que busca dar expressão a si, dotar de expressão seu desejo. É o sujeito datado, contingente da cultura, mutante, que cria e institui modificações de suas práticas falantes.

Outra leitura, nesse estudo, embora contendo uma contradição argumentativa, refere-se a análise feita da contrapartida à mulher histórica – mulher freudiana, marcada pela luta contra a repressão ao erotismo –, a mulher contemporânea, usuária dos *sites* de namoro na *Internet*. Se até então argumentamos que a *Internet* possa estar servindo, na atualidade, como uma forma de barreira ao acesso ao objeto do desejo pelas questões analisadas, propomos agora, de outro modo, que nesse momento histórico atual a *Internet* seja o meio pelo qual a mulher busque tornar possível assumir uma posição de sujeito do seu desejo, alargando essa possibilidade frente às questões do erotismo, assim como o tem feito frente a outras questões (no campo da política, da economia, das artes, entre outros) por outros mecanismos. A *Internet*, nesse campo de atuação, pode se instituir também como uma forma de rompimento com as expressões tradicionais de manifestação do desejo, vindo substituir o sintoma histórico, na medida em que busca dar voz ao discurso emergente do desejo, nessa produção discursiva. Frente ao desejo, a mulher passa de sujeito do discurso (do discurso do Outro, ou do discurso do homem) ao sujeito produzindo seu discurso próprio, inscrevendo sua fala no campo simbólico. A *Internet* se coloca como o modo como essas mulheres manipulam a linguagem, colocando-se na vida social, à parte de que a linguagem, por concepção, é uma força que as controla como a todo sujeito da cultura.

Em contrapartida à mulher histórica, que toma a saída da alienação absoluta em relação ao discurso do Outro, temos a mulher internética fazendo furo no muro da linguagem pelo uso criativo da língua, construindo um estilo próprio, buscando modificar a rigidez de sua trama. É possível que a *Internet*, assim como a literatura o foi no século XIX, século marcado pela transição da posição feminina para a modernidade, seja, mais que uma mania, uma necessidade, apresentando-se como alternativa a levar adiante um processo de transição dos hábitos e costumes na esfera da sexualidade, ainda em processo na contemporaneidade. A *Internet* pode ser entendida como uma forma de expressão e confirmação das conquistas feitas na esfera da liberação da repressão da sexualidade e, ao mesmo tempo, como uma forma de abrir novas fronteiras, de se colocar como um livro cuja história ainda está sendo escrita. Nessa medida, as mulheres dessa pesquisa aí se inscrevem, convocando a si sua autoria, abrindo espaço, pela sua fala, para a emergência da expressão do recalcado que ainda não tem lugar certo no discurso vigente. A inserção da mulher nesse lugar discursivo aponta para o estado das coisas na contemporaneidade. Quem sabe, sua possibilidade de escrever viabilizada pelos *sites* de namoro esteja para ela na ordem do próprio falo, constituindo-se numa escrita produzida a partir de um gozo que só a fantasia é capaz de proporcionar. Será possível que, pela *Internet*, essa mulher possa construir uma narrativa que a faça feliz a partir do manejo do falo? A mulher, instaurando-se como o sujeito no discurso, na *Internet* instaura o significante enquanto verbo, pelo manejo do “falo da fala”, deslocando-se da posição infantil de referência à dívida sobre o “a menos” no seu corpo, referida ao complexo da castração. Uma das saídas para a “*Penisneid*”, na inviabilidade da aquisição de um pênis pela mulher, além da solução freudolacanianiana do filho-falo, é a assunção das várias faces que o falo pode assumir, delineadas pelas formas atuais de subjetivação feminina. A *Internet* é o que se poderia chamar, do lado da mulher, uma ousadia fálica.

Podemos, ainda, pensar no uso da *Internet* como a forma pela qual o sujeito da pesquisa, extensivamente à mulher contemporânea, se apropria de uma forma de viabilizar a mobilidade do destino das pulsões, justamente como busca de viver fora do sintoma. Fora da repetição neurótica decorrente do recalque, Freud apontou como saída a reintegração das pulsões ao eu, pulsões cuja satisfação direta foi negada, assim como o estabelecimento de outros objetos de satisfação, o que remete às identificações, à sublimação, à diversificação das trocas eróticas. A *Internet* se adequou ao exercício dessa mobilidade; mais que isso, é lugar onde ela é posta em ato – lugar onde se estabelecem identificações, onde é possível sublimar, e onde a diversificação das trocas eróticas está, pode-se dizer, na ordem do dia.

Se a mulher freudiana, a mulher histérica, está na ordem da “escolha da neurose”, a mulher internética está na ordem da escolha de destino. E isso pelo reconhecimento da *Internet* não mais como um sintoma, mas como um recurso que dá acesso à novas identificações fálicas a essa mulher contemporânea; como recurso que viabiliza expansões do limite do eu; e como forma de satisfação pulsional.

Os *sites* de procura do par amoroso na *Internet* podem estar ocupando o lugar não só de lançamento do trauma tapado pelo recalque sempre presente pelas manifestações do inconsciente do sujeito, mas também o lugar onde podemos escutar o emergente no sujeito, o que ainda não foi dito e procura uma formulação. Talvez se constitua como um lugar onde cada sujeito busque, na tentativa de escapar da repetição, deixar que seu passado lance sua luz sobre o futuro, esse futuro que busca construir na trilha de encontrar uma solução pela via do amor.

3 O OBSCURO OBJETO DO DESEJO

3.1 O OBJETO

*“... as verdades que nos importam,
e não pouco,
estão condenadas a serem
obscuras.”*

(LACAN, 1992a)

Sobre o objeto do desejo, cabe, inicialmente, destacar a relevância dessa citação lacaniana para esse estudo. Referida ao recalco do discurso freudiano, põe-se em jogo o que é inteiramente estranho ao sujeito no interesse pela verdade relativa ao saber sexual, justificando, como efeito, o obscurantismo do objeto do desejo humano. Em torno do objeto se dá a discussão e, por fim, a teorização freudiana. Constitui-se um conceito central para o entendimento dos processos psíquicos e está implicado na subjetivação, fundamentada grandemente na forma como o sujeito particularmente lida com seus objetos.

Freud (1915a) apresenta o objeto (*objekt*) como uma das quatro dimensões ou aspectos da pulsão, sendo as demais a fonte, o alvo (ou meta) e a força (ou pressão). O objeto da pulsão é proposto como aquilo em que, ou por meio de que, a pulsão pode alcançar sua meta, sendo, portanto, um elemento variável, podendo ser substituído por intermináveis outros objetos, dando-se um deslocamento da pulsão. Freud emprega o termo fixação para designar uma estreita ligação do sujeito a um objeto específico, inviabilizando a mobilização, opondo-se ao desligamento desse objeto, sendo freqüente nos estágios iniciais do desenvolvimento de um instinto.

Melman (2005) trabalha o conceito de objeto definindo-o como uma entidade suscetível de assegurar uma satisfação, seja de um desejo ou de uma necessidade, não sendo marcado pela faculdade de reprodução, ou seja, o objeto por si mesmo não é sexuado.

Nessa linha de pensamento, Lacan trabalhou com o conceito de objeto causa do desejo, podendo esse situar-se no olhar, na voz, uma vez que se trata, fundamentalmente, do objeto perdido originalmente. É preciso, para tornar-se objeto do desejo do outro, que o sujeito seja para ele o representante do objeto de sua fantasia. O objeto é sempre, em primeiro lugar, um objeto fantasístico, e assim, ele é próprio à cada um. Lacan (1998) o apresenta como “o objeto pequeno ‘a’”, estabelecendo uma equivalência com o olhar, a voz, o seio e os excrementos. Esses quatro objetos são parte de um corpo que o sujeito tenta imaginar no grande Outro, que tenta nele fazer existir, por falta do Um que viria lhe assegurar seu sentido

e sua unidade. A relação do sujeito com esses objetos pequeno “a” implica uma tentativa de reparar o vazio do Outro, pela tentativa de capturá-lo como um corpo.

A concepção de objeto da pulsão, objeto perdido, sem nunca ter sido ganho, constitui-se como falta, como presença de um vão, um hiato. Qualquer objeto que seja dado a ocupá-lo será de qualquer forma indiferente à pulsão. Os órgãos da pulsão são sempre falsos; trata-se de um vazio no centro de uma estrutura de borda. Freud apresenta, em oposição à pulsão de vida, a pulsão de morte, tornando-a como sendo o retorno ao inanimado biológico. Já em Lacan, toda a pulsão está implicada na pulsão de morte, uma vez que concebe a morte também como simbólica, além de biológica, significando o abandono da ação organizadora da função simbólica, em face do confronto do sujeito com o gozo em processos de transgressão, no limiar do sofrimento e da morte. A perda está prescrita na vida. No limite do simbólico Lacan trabalha com o registro do Real que se sustenta na noção de gozo, de objeto “a” – esse vazio que denuncia a inexistência do objeto do desejo, ao mesmo tempo que nega e mascara essa inexistência instalando-se como fonte para a constituição dos objetos substitutivos nos quais o desejo se aliena. O desejo é, então, o que está fora, sempre em algum outro lugar; é sempre um desejo de outra coisa. “Tudo é vaidade, sem dúvida, goze da mulher que amas, quer dizer, faça anel desse oco, desse vazio mesmo, que está no centro do teu ser, não há próximo a não ser esse oco mesmo que está em ti; é o vazio de ti mesmo” (LACAN, 2004, p. 23 – citação do Eclesiastes).

Laplanche (1997) retoma Lacan e utiliza o termo “deriva” apontando para a idéia que a pulsão não indica nenhum caminho, portanto, por concepção, nenhum objeto. De origem endógena, não indica nada, senão a necessidade, por todos os meios, de liberação.

O objeto “a” vale como símbolo da falta porque é algo de que o sujeito se separou como órgão para constituir-se, estando na correspondência do falo, não como órgão, mas como fazendo falta. Daí que o conceito de objeto implica primeiramente a condição de ser separável do sujeito, e depois, tendo alguma relação com a falta.

Lacan trabalha a relação escópica, na qual o olhar é o objeto de que depende a fantasia à que o sujeito se prende. O olhar é o objeto, entre todos os demais, no qual o sujeito reconhece sua dependência no registro do desejo e que se especifica como inapreensível. “Desde a primeira aproximação, vemos, na dialética do olho e do olhar, que não há de modo algum coincidência, mas fundamentalmente logro. Quando, no amor, peço um olhar, o que há de fundamentalmente insatisfatório e sempre falhado, é que – jamais me olhas lá de onde te vejo” (LACAN, 1998, p. 100).

Inversamente, o autor propõe que também o que eu olho no outro não é jamais o que quero ver, constituindo-se, assim, como uma relação de logro, onde o que se dá a ver não é o que o sujeito quer ver, ao mesmo tempo em que o sujeito se apresenta como o que ele não é. Daí a que o olho funcione como objeto “a”, no nível da falta, e Lacan evoque o jogo de “*trompe-l’oeil*” (tapação-do-olho), referindo-se a uma certa hesitação, uma certa indistinção diante da imagem. O olhar como objeto “a” se apresenta no campo da função narcísica do desejo como objeto “indegutível”, constituindo-se um significante, enquanto ponto de falta no qual o sujeito precisa se reconhecer. Esse “tu não me vês de onde te olho” (LACAN, 2004, p. 363), caracteriza o que é esse tipo de objeto “a” fundado no olhar. Nas relações virtuais da *Internet* é o ponto de imagem do sujeito.

O objeto “a”, objeto caído do Outro, pode também se situar na relação do sujeito com a voz do Outro, sendo esse tomado como lugar onde “isso” fala. A função do supereu diz respeito a função do objeto “a” realizada pela voz, articulada ao significante, ocupando o lugar do grande Outro. Na experiência inaugural do sujeito, essa voz se instaura, pelas suas modulações, de uma maneira perversa, ou não. O alcance do olhar ou da voz no erotismo se inscreve em sua relação com o traço, com o objeto “a”, enquanto fundado pela interdição ao gozo.

Freud (1927) trabalha com o conceito de fetiche na análise da perversão, que depois passa a estabelecer o caráter simbólico do falo na sua teoria. O fetiche é tomado como o que substitui o falo da mulher, o falo inicialmente imaginado na mãe e que a criança, ao descobrir sua falta, nega-se a essa renúncia pela denegação. O fetiche é o significante que vem obturar o lugar de uma falta percebida e recusada no corpo da mãe pelo complexo da castração. A constituição do objeto-fetiche se dá através de cadeias associativas inconscientes, próprias a cada sujeito, criando para ele o mistério do objeto que move seu interesse sexual. O feticista estabelece uma atitude ambivalente frente à castração no corpo da mulher – ele sabe, mas não quer saber. E estabelece com o objeto-fetiche também um investimento ambivalente – amor e ódio, uma vez que esse objeto tanto confirma quanto nega a castração para o sujeito. O fetiche atua na ligação com o gozo ao mesmo tempo que na ocultação de sua origem.

Autores contemporâneos, como Zizek e Kehl, analisam o fetiche traçando um paralelo de conceitos entre Freud e Marx. Marx descreveu o processo da realidade social, no modo de produção capitalista, pela inversão das relações sociais – ao invés de serem relações entre sujeitos mediadas pelas coisas, como sendo relações entre coisas mediadas pelos sujeitos –, instituindo as mercadorias como fetiches. Nesse processo, o ocultamento incide sobre as relações de dominação/exploração entre os homens, sob a aparência das relações de

troca entre as coisas – o produto do trabalho humano é tomado como mercadoria. A injunção das duas teorias, de Freud e Marx, nesse ponto, tem a ver com a experiência de angústia (angústia da castração na concepção freudiana) pela qual o sujeito está exposto à possibilidade da perda (em Freud, implica a perda do pênis inicialmente, e posteriormente aos equivalentes fâlicos: dinheiro, poder, potência sexual, o amor da mulher,...). Como defesa, insitui-se o objeto-fetice, na busca de ocultar o que o sujeito sabe mas não quer saber da falta. Este é o objeto capaz de mobilizar-lhe o desejo. Em Marx, o que se oculta não é o segredo da diferença dos sexos, evidência da castração, mas as diferenças sob a aparente equivalência objetiva das mercadorias; ocultam-se as relações de exploração e dominação entre os homens que as produziram.

Lacan introduz uma modificação à teoria freudiana relacionando o modo fetichista de funcionamento do desejo com aquilo que move todo o desejo humano. Portanto, destitui o fetichismo da perversão unicamente (visão freudiana), e o propõe mesmo no comportamento dos “neuróticos comuns”. Toma o desejo como efeito da perda de um objeto inaugural (geralmente a mãe é tomada como suporte imaginário) não tanto de prazer, mas de gozo. Esse objeto, no momento em que se dá alguma manifestação da Lei (interdição do incesto), vem a ser simbolizado como objeto da completude perdida, incidindo a separação do Outro, produzindo a falta simultaneamente no sujeito e no Outro. Nessa operação algo se perde – um objeto que no inconsciente simboliza esse gozo perdido –, que Lacan chama de “mais-gozar”, objeto “a”, que funciona como objeto-causa-do desejo.

A diferença do funcionamento fetichista do neurótico e do perverso está no fato de que o neurótico desconhece o que move seu desejo, a natureza do objeto “a” consiste num segredo; o perverso nomeia um objeto real, o objeto-fetice, e tenta dominar esse objeto que causa seu desejo. Embora o segredo funcione nos dois casos, o neurótico não sabe e sabe que não sabe (e se pergunta: como eu fui me apaixonar pelo fulano?); e o perverso funciona como se soubesse, e o objeto-fetice eleito por ele faz prova de seu saber sobre seu desejo, tentando, por esse viés, ignorar o que já sabe (a diferença, a castração). Este objeto funciona como mediador das trocas eróticas que o sujeito irá estabelecer com os semelhantes ao longo da vida, e também como organizador das cenas masturbatórias.

Para a psicanálise, “[...] o fetichismo estrutura a subjetividade e determina um modo de relação entre os sujeitos segundo o qual um aspecto essencial – a semelhança na diferença, que permite a troca e o interesse mútuo – fica (de)negado” (BUCCI e KEHL, 2004, p. 72). Esse modo de funcionamento subjetivo, tomado no âmbito do sujeito da psicanálise, estendido ao campo do sujeito social, do qual fala Marx, é também um modo de organizar o

laço social e está na interdependência com o modo de organização e funcionamento da sociedade em que vive – uma sociedade de funcionamento neurótico ou perverso.

De Freud a Lacan, temos o questionamento sobre o mistério da feminilidade: o que quer a mulher? *Che vuoi?* É uma pergunta norteadora em suas investigações. Em Kehl (1998), temos algumas indicações de possibilidades de dar resposta à essa questão. Ela conclui que pode estar na própria natureza dessa operação psíquica, que constitui o fetichismo e organiza o desejo, o mistério da feminilidade, e não na mulher propriamente, embora esta manipule os recursos para produzir o efeito de fetiche para o homem – por exemplo, os recursos da beleza e da sedução. Daí a que a autora questione a Freud no que se refere a sua insistência na questão do mistério feminino, tomando-a como uma possível denegação do próprio Freud, como homem fetichista, na posição daquele que, como ele mesmo descreve na teoria, daquele que sabe mas não quer saber. É do lado desejante que se constitui o mistério que paira sobre o objeto do desejo, e não no objeto. É o mistério originado pela denegação do desejante. O que o sujeito recusa o saber sobre seu próprio desejo, eis o que é capaz de produzir o efeito de mistério sobre o objeto – sobre o desejo da mulher, de Freud à Lacan. Aí incide a proposição lacaniana de que a mulher é o sintoma do homem. O mistério se produz sobre o que um homem não quer saber sobre sua própria castração. A mulher “[...] reconhecida, enquanto tal, precisamente neste lugar: o de objeto ‘a’ na castração, que é, sempre, Sintoma para um homem. E se um homem deve amar, conforme Lacan, seu sintoma como a si próprio [...] o torna [ao homem] aquele que: ‘independente do sexo, ama as mulheres’” (MENDONÇA, 2001/2002, p. 125).

Convivemos na contemporaneidade com profundas mudanças de paradigmas desde os tempos de Freud ou mesmo de Lacan, que morreu há cerca de vinte anos atrás. Transformações científicas, tecnológicas e sociais (abordadas em outros capítulos) interpelam seu legado, constituindo-se como desafios aos pensadores da psicanálise atual. No que concerne ao objeto do desejo temos que, se em Lacan esse é dado como reflexo especular das projeções imaginárias, suporte para as projeções das fantasias, estas, as fantasias, são em alguns aspectos retiradas da cena, na atualidade, pela opção ao escancaramento do real do corpo presente na pornografia. O corpo é vasculhado, despido da sua imagem de aparência, fazendo limite com o Real. O desenvolvimento no campo das técnicas permitiu o processamento de imagens ao nível das cavidades, dobraduras e recessos do corpo, dando acesso mesmo ao seu interior, destituindo-o da eroticidade pelo seu desvendamento. Diante da exposição do real do corpo, onde alicerçar o desejo? Como instituir um objeto que possibilite ainda o engodo de aparência como recorrência à possibilidade de gozo? Como contornar o

desmascaramento do objeto do desejo que, como tal, não suporta ser desmascarado, sob pena de que, assim o sendo, esteja aí implicada a sua própria destituição como função – sua própria morte ? Frente à essa questão, podemos tomar a *Internet* como artifício dessa função. O ciberespaço constitui-se como lugar de suporte para o registro do imaginário, podendo se colocar como prótese, como solução de continuidade frente ao escárnio do corpo desvalido de seu suporte do desejo quando levado à exposição extrema do Real.

Freud aponta em seus estudos a prevalência da criança no sujeito adulto. E isso no sentido de que sujeito, ao longo de toda a sua vida, persegue o dano que considera ter sofrido na infância, do qual espera reparação. Trata-se de uma reparação impossível, uma vez tratar-se de um acontecimento produzido na infância e que é, por sua vez, um dano difícil de avaliar. Interessa particularmente a esse estudo saber que é inevitavelmente do parceiro, do par amoroso, que o sujeito espera reparação. Instaure-se aí um duplo mal-entendido. Porque se de um lado o parceiro não sabe do que se trata, de outro, nem mesmo o sujeito, objeto desse dano, sabe o que ele próprio reivindica. De qualquer forma, ao mesmo tempo em que o sujeito reivindica, ele recusa reparação, uma vez que é esse dano que o faz viver. A existência do sujeito barrado – o sujeito da castração, do interdito, do dano – está suspenso a um dano irreparável. Seu desejo é que respeitem nele essa falta, esse furo. Então, o que a mulher pede ao homem diz respeito à insuficiência do amor de sua mãe. O que, de pedido, a mulher endereça ao seu par, a saber, é a reparação da falta de amor que ela crê ter sofrido por parte da mãe, o que quer dizer que o que ela lhe pede nem de longe (ou melhor, só de longe) lhe diz respeito propriamente como par, como homem. Diz respeito, mais freqüentemente, ao que essa mulher tomou como falta, como insuficiência na vivência do amor de sua mãe.

Assim, podemos tomar o desejo de Gládis, um dos sujeitos dessa pesquisa, manifesto através do pedido de que um homem, enquanto par, não lhe faça pressão submetendo sua liberdade, possa ter raízes na relação com a mãe, apresentada por ela como repressora tanto da sua sexualidade quanto de tudo o que daí decorre na esfera comportamental. Sua queixa dos ciúmes que os parceiros estabelecem em relação a ela, assim como sua fala constante sobre o desejo de poder estar em contato com vários homens livremente (conclui precisar selecionar alguns dos sessenta e três com quem está em contato atualmente na *Internet*) apontam para isso que se coloca para ela como uma questão. Se o amor de mãe lhe fez marcas como um amor de repressão, seu pedido a um homem é que lhe dê o que nesse amor materno lhe faltou. Assim, reivindica a reparação, pelo parceiro, desse dano sofrido; reparação evidentemente impossível, uma vez não se tratar disso, de fato.

De outro lado, temos o desejo de Ângela camuflado na queixa dirigida aos dois parceiros conjugais que teve, no primeiro e segundo casamento, referindo-se a uma dependência emocional (no primeiro caso até financeira) destes homens sobre ela, bem como um desinteresse sexual sobre ela que se estabeleceu, no primeiro casamento a partir de uma traição – o marido passa a ter uma relação extraconjugal –, e no segundo casamento por uma apatia sexual que se agrava até o isolamento sexual completo entre os dois, embora ainda vivessem uma relação dita conjugal. O que foi possível escutar da relação de Ângela com a mãe é algo dessa ordem: trata-se, no seu afeto, de uma mãe fria, pouco afetiva, que a denigre enquanto auto-imagem – ou seja, não a toma como objeto de desejo, e por quem sofre um abandono emocional que faz marcas no relato de suas vivências infantis. O que lhe resta reivindicar aos homens, na atualidade, é tapar esse grande buraco, num ato de reparação.

Na impossibilidade dessa reparação sempre presente nas relações parece que, tanto Ângela quanto Gládis, assim como Ro, têm buscado outros pares, numa negação dessa inviabilidade. A *Internet*, pode-se pensar, toma o lugar da não aceitação disso que se apresenta numa relação, a saber, a falta. Assim, toma o lugar de possível resolução pela procura facilitada, e que pode chegar a ser interminável, de um homem que suporte esse lugar vazio de um dano nunca reparado. É possível pensar nos *sites* de namoro da *Internet* como um lugar onde o sujeito se negue a conviver com essa contradição constituinte. Nesse espaço, pode alucinar uma possível resolução para essa questão permanentemente irresoluta.

Temos então que, na relação amorosa, cada um dos pares do casal vive uma história que está ligada à sua infância e que, à nível inconsciente, constitui-se como um pedido de reparação endereçado ao outro – seu parceiro. Na teoria lacaniana temos que o desejo feminino é o desejo de ter um desejo insatisfeito, com propósito de conservar uma insatisfação fundadora como o homem a tem, simbolizada pela castração.

Em relação à escolha do objeto nos ocorreu pensar: à cada taça, sua porção de vinho! A porção necessária e suficiente para que cada um possa com ela embriagar-se e, assim, usufruir da embriaguez seu maior deleite – o de poder reter esse momento de suspensão, de devaneio, hiância onde culpa e angústia (ameaças supremas ao sujeito) suspensas, acorrentadas provisoriamente, contemplam um momento único de pleno gozo. É nesse engodo, nessa enganação, que o sujeito ascende ao estado de plenitude inaugural perpetuamente perdido, por isso mesmo, eternamente perseguido. A cada taça, sua porção de vinho!

Mas no decorrer desta vida, a cada dia e a cada hora, as mulheres encontram ou crêem encontrar homens; mesmo que nada signifiquem para o fim de cada um de nós, e para o fim dos fins de todos os seres humanos, esses encontros conferem em seu espaço-tempo, dia após dia, um sentido às suas inquietações, aos seus desejos, aos seus pensamentos e atos, e é esse objetivo que nos propomos. Por isso, prossigamos (DOLTO, 1984, p.165).

Essas considerações teóricas e práticas levantadas a respeito do objeto nos levam a reafirmar seu obscurantismo e a reconhecer, como Lacan, que “[...] as verdades que nos importam, e não pouco, estão condenadas a serem obscuras” (1992 a, p. 87).

3.2 RELAÇÕES AMOROSAS: ALGUMAS POSTULAÇÕES

*“Eu almo, tu almas, ele alma.”
(LACAN, 1985b)*

O imperativo de gozar, ditado pelo princípio do prazer, impõe ao sujeito interrogações que o lançam a saber de si na esfera das relações amorosas e no acesso ao outro como fonte ou via de possibilidades de gozo. Das melhores ou piores possibilidades de confrontação do sujeito com o outro advém, como consequência presumível da efetivação da escolha de um objeto (se esta se efetiva), a relação amorosa propriamente. Embora não seja a relação amorosa o foco central de nosso interesse na investigação, e sim a procura do par amoroso propriamente, algumas considerações foram lançadas sobre esse tema. A primeira advém da constatação de que a procura do par é determinada previamente por uma concepção da relação que o sujeito pretenda para si. Constatou-se, na escuta dos sujeitos da pesquisa, que a descrição do homem que desejam para par amoroso redundava numa lista de atitudes que mais caracterizam a relação propriamente do que um sujeito em si. Aí está implícito o desejo de acesso a uma relação como tal, de modo que as duas coisas – escolha do par amoroso e relação amorosa – não podem ser separadas. A escolha de um par implica na escolha de um tipo de relação desejada. E aí estão em jogo os processos psíquicos do sujeito desejante.

Temos, então, como presumível, que a procura de um par amoroso traz em si, implicitamente, o desejo de uma relação amorosa, por esse lançamento à frente do ato mesmo da procura, como o lançamento de um dardo em direção a um alvo determinado. Porém, nisso reside uma questão que se abre por ordem dessa pesquisa: a procura é mesmo demanda de encontro? Será mesmo sempre esse o alvo desse dardo? A isso tratamos de dar resposta pela análise do discurso dos sujeitos pesquisados.

Quando escreveu *O Mal-Estar da Civilização*, Freud (1930) levantou a questão do propósito e intenção do homem, e apontou o amor como uma das vias de acesso para o seu alcance. Sua pergunta fundadora é: “o que pedem eles da vida e o que desejam nela realizar?”. A resposta incontestável é “ser feliz e assim permanecer.” Resposta que lança a uma meta positiva – experimentar intenso sentimento de prazer, e a uma meta negativa – ausência de sofrimento e desprazer. O funcionamento do aparelho psíquico, regido pelo princípio do prazer é, portanto, o que decide o propósito de vida. Mas a felicidade que pode ser traduzida como a “satisfação de necessidades representadas em alto grau”, é de natureza episódica, fugaz. O prolongamento desse estado prazeroso, alcançado em vista de um desejo, produz um sentimento diferente, um atenuamento desse prazer intenso. As possibilidades de felicidade do homem, conseqüentemente, são por natureza restringidas por sua própria constituição. Ao contrário, a infelicidade é menos rara. São três as direções apontadas por Freud, a partir das quais o sofrimento constitui uma ameaça. A primeira refere-se ao próprio corpo, sujeito ao sofrimento e ansiedade, e predeterminado à decadência e dissolução. A segunda ameaça é representada pelo mundo externo que pode voltar-se contra o sujeito como força de destruição. E a terceira, constituída pelos relacionamentos com os outros homens, apontada como a fonte causadora do sofrimento mais penoso, sendo a que concerne ao interesse mais premente desse estudo.

O funcionamento psíquico impõe que, ao longo das fases de desenvolvimento do sujeito, o princípio do prazer seja transformado no princípio da realidade. Com isso, o homem aprende a moderar suas expectativas de felicidade, e por vezes a felicidade pode implicar apenas na evitação do sofrimento, a sobrevivência a ele. O isolamento voluntário, o distanciamento das outras pessoas, o não estabelecimento de relacionamentos (o que não é possível em sua forma plena, exceto em situações muito específicas), é um comportamento de defesa contra o sofrimento que pode advir dos relacionamentos humanos. A felicidade, na esfera dos relacionamentos, pode estar pautada apenas na evitação do sofrimento a que ficaria exposto na efetivação de um laço amoroso. Ao que Freud chamou de felicidade da quietude. Trata-se da tentativa de controle sobre a vida instintiva, tal como o funcionamento psíquico de adaptação ao princípio da realidade, onde a meta de satisfação não é abandonada, mas a garantia de proteção contra o sofrimento é obtida no sentido de que a não-satisfação dos instintos mantidos nesse controle é menos penosa do que a que deriva dos instintos desinibidos. Há uma perda inegável na potencialidade de satisfação nesses casos, que denotam uma certa resignação do sujeito.

Podemos pensar que, no caso dos sujeitos de nossa pesquisa, essa questão possa estar implicada em alguma medida, trazendo como resultado um comportamento que pode ser tomado pela dicotomia: inserir-se num programa de procura de par amoroso e, ao longo de seu discurso, denunciar não querer de fato um relacionamento, ou não saber se o quer. Da mesma forma, a insistência de sua impossibilidade de dar continuidade aos relacionamentos iniciados, justificada por razões diversas, pode derivar da ação de comportamentos defensivos inconscientes. Freud apontou outros métodos que o ser humano adota no intuito da evitação do sofrimento que podem nos auxiliar na análise da questão dessa investigação. A sublimação dos instintos é um deles. Implica no deslocamento da libido através da qual a satisfação é obtida pela reorientação dos objetivos instintivos. Constitui-se numa tentativa de distensão dos vínculos, intenção de tornar-se independente do mundo externo, pela busca de satisfação em processos psíquicos internos obtidos através de ilusões. Como defesa psíquica, não é permitida a confrontação dessa ilusão com a realidade, a fim de garantir a fruição obtida de fontes do trabalho psíquico e intelectual.

Lacan (1998), frente à teoria freudiana da sublimação, coloca que a pulsão tem valor de pôr em questão o que é da satisfação. Ao sujeito, tudo o que ele vive, mesmo seus sintomas, depende da satisfação, e ainda que ele não se contente com seu estado, ele se contenta assim mesmo. Nisso está implicado que a satisfação pode se dar pelas vias de desprazer, podendo, para atingir essa espécie de satisfação, o sujeito se fazer sofrer. Trata-se de um tipo de satisfação paradoxal, que remete à concepção freudiana de que o caminho do sujeito é marcado pelo impossível, na dimensão do Real enquanto obstáculo ao princípio do prazer. A função do princípio do prazer, por consequência, é de satisfazer pela alucinação. Não é pela apreensão do objeto que a pulsão se satisfaz, já que nenhum objeto de nenhuma necessidade pode satisfazer a pulsão. O objeto não tem nenhuma importância, é “totalmente indiferente”.

Interessou especialmente ao propósito dessa investigação a modalidade de vida que busca no amor o caminho da felicidade. Nela, o amor é colocado no centro de tudo, e toda satisfação implica em amar e ser amado, atitude psíquica derivada da intensa sensação de prazer alcançado no amor sexual, tomado como modelo natural, como protótipo de toda felicidade. Entretanto, “[...] nunca nos achamos tão indefesos contra o sofrimento como quando amamos, nunca tão desamparadamente infelizes como quando perdemos o nosso objeto amado ou o seu amor” (FREUD, 1921, p. 101). O amor se apresenta, então, como um caminho a ser tomado ou, justamente ao contrário, a ser evitado, como via de acesso à felicidade, o que se dá de acordo com os mecanismos psíquicos, adotados pelo sujeito com

vistas à economia do aparelho psíquico sempre preservado pela busca de manutenção do equilíbrio entre o princípio do prazer e o princípio da realidade.

Decorre das experiências afetivas dos primeiros anos de vida a “imagem paterna”, a “imagem materna” e a “imagem fraterna”, que irão se apresentar nos processos de transferência ao longo da vida do sujeito, conforme o exposto nos capítulos anteriores desse estudo. Assim, Freud exemplifica: “Se a necessidade que alguém tem de amar não é inteiramente satisfeita pela realidade, ele está fadado a aproximar-se de cada nova pessoa que encontre com idéias libidinais antecipadas” (FREUD, 1912b, p. 134). A formação dessa atitude conta com as partes conscientes e inconscientes de sua libido. Implica em que as imagens infantis do indivíduo foram revividas em decorrência da libido entrar num curso regressivo, podendo desenvolver-se dois tipos de transferência: a positiva, ou transferência de sentimentos afetuosos; e a negativa, ou transferência de sentimentos hostis. A transferência positiva divide-se em sentimentos amistosos ou afetuosos, admissíveis à consciência, e na transferência de prolongamento desses sentimentos inconscientes, que remontam a fontes eróticas.

[...] todas as relações emocionais de simpatia, amizade, confiança e similares, das quais podemos tirar bom proveito em nossas vidas, acham-se geneticamente vinculadas à sexualidade e se desenvolveram a partir de desejos puramente sexuais, através da suavização de seu objetivo sexual, por mais puros e não sensuais que possam parecer à nossa autopercepção consciente (FREUD, 1912b, p. 140).

Lacan (2005) acrescentou ao conceito de transferência seu caráter de constituir-se como a realização da relação humana sob forma de símbolo. Nessa medida, concebe que o sentido que pode ser dado ao amor – “esse algo limítrofe” – é a conjugação total do símbolo e da realidade, que afinal fazem a mesma e única coisa.

No seminário A Transferência, Lacan (1992) apontou o amor como um significante, na medida em que se trata de uma metáfora, uma vez que coloca em causa a substituição. Por essa via, considera a entrada no que há de obscuro no objeto de desejo. Esse objeto amado não sabe o que tem de oculto e que constitui sua atração, o quê o designa enquanto desejado. Na relação de amor, o objeto tem aquilo que é convocado a se revelar, a ser atualizado, ou seja, é de outra coisa que se trata, pois está na correlação do outro, o desejante. Assim, no fenômeno do amor, encontra-se o dilaceramento, a discordância, uma hiância. O outro, enquanto visado no desejo, não é um sujeito, mas é visado justamente como objeto amado, é sua qualidade de objeto que está posta na relação. Trata-se de saber de quê, como significante, o amor é correlativo.

Lacan (1992) tomou o mito de Platão sobre o nascimento do Amor como fundamento para sua fórmula de que “o amor é dar o que não se tem”. Segundo esse mito, o amor é filho de Poros e Penia. O nome Poros, personagem masculina, remete, pela tradução, à “expediente”, “recurso”, “astúcia”; e Penia, personagem feminina, remete à “pobreza”, “miséria”, sem recursos. No texto ela é caracterizada como “aporia” – termo que remete ao “sem recurso”, mas que é usado também com referência ao processo filosófico no sentido de um impasse, “aquilo frente a quê entregamos os pontos, ficamos sem recursos” (p.125). No mito, é a Aporia que engendra Amor com Poros. No momento da concepção é ela, Aporia, quem velava de olhos abertos. Conta a história mitológica que Penia, ou seja, Aporia, viera à festa de nascimento de Afrodite, a deusa da beleza, mas pela sua condição de aporia, de nada ter a oferecer, permanecera à porta da festa sem nela poder entrar. Quando Poros adormece, embriagado após os festejos, e por assim estar, cria-se a condição para que Aporia se faça emprenhar por ele e daí gere um filho, que recebeu o nome de Amor. Pela coincidência da data de sua concepção com o aniversário de Afrodite, temos que o Amor tem sempre uma relação obscura com o belo. O Amor, nessa concepção, pertence a uma forma de negócio, de coisa, de “práxis”, no mesmo nível que “doxa”, termo que se refere aos discursos e comportamentos que são verdadeiros sem que o sujeito possa sabê-lo. Articula-se em torno de uma falta.

A definição dialética do amor vem ao encontro da função metonímica no desejo. Seu discurso trata “[...] de alguma coisa que está para além de todos os objetos, que está na passagem de um certo objetivo e de uma certa relação, a saber, do desejo, através de todos os objetos, e rumo a uma perspectiva sem limite” (LACAN, 1992, p.132). O processo metonímico se produz no sujeito como suporte da cadeia significante. O sujeito, submetido à marca da cadeia significante, institui-se na possibilidade desse deslizamento indefinido dos significantes, e tudo o que se acha uma vez associado à cadeia significante, os elementos mais-além no qual essa atividade desemboca, são tomados como equivalentes uns aos outros. Assim, um elemento qualquer da atualidade, circunstancial, pode assumir o valor representativo daquilo que é o termo da enunciação subjetiva, constituindo-se no objeto para o sujeito, o objeto privilegiado do desejo, capaz, ao menos momentaneamente, de estancar esse deslizamento infinito, pelo valor essencial que pode assumir na constituição da fantasia fundamental. Esse objeto, enquanto supervalorizado pelo sujeito, é o que possibilita ao sujeito fazer-se distinto da submissão ao deslizamento infinito do significante, designando-o enquanto dignidade. O sujeito, enquanto sujeito no desejo, é a possibilidade de ascensão à condição de sujeito propriamente, como culminância.

A transferência, importa enfatizar, é o processo pelo qual, de um lado, o sujeito viabiliza a repetição de uma necessidade, uma necessidade já há muito superada, por isso teve seu desaparecimento possível; e por outro lado, a transferência aparece como uma fonte de ficção, onde o sujeito fabrica, constrói alguma coisa, servindo à rememoração do sujeito, indo além disso. É o que Lacan procura descrever pelo termo da “ágalma” – o que contém um ponto central encoberto, que não se dá muito a saber, e que exerce sobre o sujeito uma atração pelo brilho que expande.

Assim, resta saber, para o entendimento dos nossos sujeitos – se por antecipação sabemos estarem sob efeito do processo da transferência nessas relações que estabelecem, como pressuposto – resta saber que imagos infantis estão operando, e que implicações vão ter – a partir das pré-condições estabelecidas na infância – de gerarem relacionamentos satisfatórios ou frustrantes nessas relações atuais. Que significantes operam nesses sujeitos. Que “negócio” lhes é possível fazer frente às questões do amor, e que objetos podem vir a constituir-se como esse lugar de passagem de um certo objetivo.

Lacan, na intenção e impossibilidade de responder a questões como: quem é o outro? quem é o meu semelhante? o que é o objeto de desejo?, inventou nessa intenção de definição o “objeto a”, cujo símbolo “a” se refere à primeira letra da palavra outro (*autre*). Assim, o “objeto a” vem ocupar um lugar vazio de respostas, na intenção de qualificar o objeto e designar o nosso semelhante, o alter ego. Refere-se a algo impossível de ser respondido, expressa uma ausência de resposta a uma pergunta que, sendo fundamental ao sujeito, não cessa de se repetir, conforme abordado nos demais capítulos desse estudo. É, afinal, a pergunta norteadora dessa investigação: quem é (ou pode vir a ser), o que é, o “objeto a” do sujeito da pesquisa? A quem (ou o quê) procura esta mulher que se insere na *Internet* num programa de busca de par amoroso? Quem poderá (será que poderá?) ocupar esse lugar vazio de “objeto a” para ela, lugar de objeto do seu desejo? Quem poderá viabilizar junto ao sujeito sua condição de acesso à condição de sujeito, enquanto sujeito no desejo, à sua dignidade?

No artigo Luto e Melancolia (1917) Freud já denominava de “objeto” a pessoa que foi perdida e de quem se faz o luto, de onde Lacan tomou base para sua teoria. Mas é na questão do traço identificatório que aqui vamos nos deter. Freud propõe que amamos aquele que carrega o traço do objeto anteriormente amado, e a tal ponto que poderíamos afirmar que todas as pessoas que amamos na vida se assemelham por um traço, traço que não é outra coisa senão o próprio sujeito. “O sujeito é o traço comum dos objetos amados e perdidos no curso da vida” (NASIO, 1993, p. 94). Lacan o chamou de traço unário. Frequentemente é possível

ao sujeito surpreender-se ao constatar que, num novo encontro, a pessoa traz a marca, um traço do que foi anteriormente amado. Isso foi possível de ser identificado na escuta das mulheres, sujeitos dessa pesquisa.

Kehl, reafirmamos, trabalha a idéia de que todo desejo sexual é constituído de uma espécie de objeto-fetichismo. Em psicanálise, toda a sexualidade humana é tomada como perversa quando se tem em vista que a sexualidade não se dirige ao outro propriamente, como alteridade, como semelhante, mas dirige-se ao objeto que ele (outro) porta, objeto causa do desejo, que se instala no nível do imaginário. “[...] O que mobiliza o desejo é um pequeno traço, um olhar, um movimento de corpo, um tom de pele – algo que funciona, na fantasia, como capaz de fazer cintilar o brilho fálico no corpo do outro” (KEHL, 2002, p. 175). O neurótico não identifica a natureza do objeto que o fascina, ignora o que no outro lhe atrai, esse “não sei quê” que torna um homem ou uma mulher irresistível ao outro. Ao contrário do fetichista, que conhece e domina os caminhos de seu gozo, o neurótico se põe à mercê da fantasia inconsciente, conforme já abordamos.

Gori (2004) refere que Freud descobriu que os sintomas constituem o modo de amar do neurótico e explora o sentido etimológico da palavra “patologia”, que foi utilizada inicialmente como o estudo das paixões: *logos* (estudo), *pathos* (paixões). O objeto do desejo, da paixão, apresenta-se na lógica do discurso do sujeito, onde o que se pode ver é que o objeto não é mais do que uma parte deste todo que representa seu desejo. “[...] o objeto da paixão pode apenas deduzir-se do desejo que, em própria vida, “mantém” aquele que por ela foi capturado” (GORI, 2004, p. 29). O ser amado é o meu bem, minha coisa, ele é eu, é a projeção ideal de mim mesmo. Pode-se ouvir a ressonância dessas afirmativas na fala dos sujeitos da pesquisa, especialmente quando elas descrevem as características do homem que desejam encontrar. Ouvir seu discurso tornou possível identificar, na sua auto-definição, uma forma muito próxima dessa com que designam os homens de seu desejo; diríamos até, trata-se de uma forma espelhada. Estes aspectos foram melhor explorados no capítulo da discussão dos dados. Gori insiste no ressurgimento de um sentimento anteriormente vivido que, contrariamente ao que o sujeito possa tomar consciência e dar-se conta, evidentemente não é um sentimento novo para ele. Os traços do objeto do desejo no adulto se desenham muito mais à imagem destes primeiros objetos perdidos irreparavelmente, antes mesmo do acesso à sua lembrança, do que daquele que presentemente ocupa esse lugar na sua vida adulta. A paixão está a serviço de obliterar essa perda originária. O amor, portanto, vem atender um desamparo, um abandono (suposto abandono) originário.

A metáfora do amor proposta por Lacan de que “amar é dar aquilo que não temos”, deve ser tomada considerando a mensagem dentro do princípio dos processos de linguagem (explorado no capítulo das implicações metodológicas): a mensagem enviada implica na sua inversão. Assim, quando uma mulher diz querer amar, e por isso está a procura de um par amoroso (no caso desse estudo o procura na *Internet*), podemos inferir que o que diz é que ela própria quer ser amada. Em outro termos, o que diz é que quer do outro o que ele não tem para dar-lhe. A falta de um reconhecimento ilusório de um outro que possa, para ela, ao menos sustentar essa metáfora, a remete repetidamente à circularidade da busca, garantia de si, enquanto sujeito desejante.

O desejo se inscreve no sujeito por uma contingência corporal designada por: “pára de não se escrever”, indicando sua condição de S1: o significante dos significantes, do gozo. A relação sexual, enquanto o impossível, é designada pelo “não pára de não se inscrever.”. Lacan (1985 b) com isso propõe que o princípio do prazer se baseia em pouca-realidade, a ponto de que “[...] tudo que nos é permitido abordar de realidade reste enraizado na fantasia” (p. 127). A natureza do “objeto a” se demonstra quando o símbolo se dirige para o real. O suporte da aparência de ser, do “objeto a”, é que o indica. A escolha de um par, então, se dá pela escolha de um suporte de aparência por outro qualquer, que de todo modo não poderá ser qualquer, mas um outro que se preste a encarnar essa miragem do desejo do sujeito. Nessa contingência – pára de não se escrever – :

[...] aí não há outra coisa senão encontro, o encontro, no parceiro, dos sintomas, dos afetos, de tudo o que em cada um marca o traço do seu exílio, não como sujeito, mas como falante, do seu exílio da relação sexual. [...] Ilusão de que algo não somente se articula mas se inscreve, se inscreve no destino de cada um, pelo quê, durante um tempo, um tempo de suspensão, o que seria a relação sexual encontra, no ser que fala, seu traço e sua via de miragem. O deslocamento da negação, do ‘pára de não se escrever’ ao ‘não pára de se escrever’, da contingência à necessidade, é aí que está o ponto de suspensão a que se agarra todo amor. Todo amor, por só subsistir pelo ‘pára de não se escrever’, tende a fazer passar a negação ao ‘não pára de se escrever’, não pára, não parará (LACAN, 1985b, p. 198-199).

Trata-se da dimensão do impossível na esfera do desejo.

Aulagnier (1985) propõe que é preciso que o outro, para ocupar o lugar de objeto, e por conseguinte, estabelecer uma relação amorosa, seja mediado pelo “outro-pensado”, pensado pelo sujeito, ou que haja através dele uma promessa, ainda que ilusória, da relação pensada pelo sujeito entre ele e o outro. Trata-se de que é preciso atender uma representação psíquica do sujeito sobre o que seja para ele o outro e o amor propriamente, representação forjada nas experiências dos períodos iniciais de sua vida, em que foram memorizados não só

a imagem de um rosto ou de um corpo mas, especialmente, de uma voz, a voz do Outro que o designou como sujeito, que esteve presente no registro do Eu. No encontro com o outro, sempre há a expectativa de uma palavra, de uma palavra a ser ouvida e de uma palavra a ser proferida pelo próprio sujeito. Para a instância do desejo e da necessidade, só existem seres falantes. “O desejo do Eu é sempre um desejo falado: o que o Eu espera do outro é o tornar-se destinatário e ser reconhecido como o anunciante de uma palavra de desejo” (AULAGNIER, 1985, p. 110). Daí a importância dada ao apoio da mediação verbal, mesmo na relação sexual, onde o orgasmo, embora possa ser vivido no silêncio, pressupõe a fala em suas preliminares que vão construir as condições para o gozo. Freud entendeu esse com um processo secundário de funcionamento mental. A exigência de comunicação do Eu, condição para sua relação com a realidade, ou seja, de sua relação com o outro, impõe a passagem da representação fantasmática (processo primário que só exige a figurabilidade), à representação ideativa (processo secundário). A exigência de comunicação se estabelece quando a psiquê passa a perceber (conceber) a exterioridade do mundo e do outro. O início da aquisição da linguagem e, por conseguinte, da significação e do desejo de comunicação, se dá ao mesmo tempo em que o Eu e a atividade do pensamento entram na cena psíquica. O Eu antecipado pelo discurso de um outro é um Eu supostamente falante, além de ser um Eu falado.

Lacan (1985a) propõe que o sujeito se situa no discurso universal que o antecedeu – discurso que é da ordem da origem dos tempos – e que prossegue. Nesse discurso, o sujeito está inscrito, e por ele já está determinado. Sua função como sujeito é de se orientar quanto ao seu próprio lugar como orador, como emissor, mas também como determinado inteiramente por esse discurso. Antes mesmo de seu nascimento, o sujeito já está situado nesse discurso, ele é este discurso. “[...] Escreveram-lhe uma mensagem na cabeça [...] Cada uma de suas escolhas é uma fala” (LACAN, 1985a, p. 353). O sujeito se acha inteiramente situado na sucessão das mensagens. Quando falamos do nosso sujeito da pesquisa, ou melhor, quando o escutamos, escutamos sua fala que implica nisso: no lugar em que ele se coloca nessa sucessão de mensagens da cadeia discursiva que o antecedeu, na qual está inserido, e para a qual precisa dar um prosseguimento. Sua fala é sua escolha, e se dá por ordem desse discurso que o antecedeu, discurso que o constitui, na medida em que ele é esse discurso que enuncia suas escolhas, na condição de sujeito da linguagem: o falado e o falante. Suas escolhas, podemos dizer, são, por essa ordem, de alguma forma antecipadas. Frente a elas podemos situar o sujeito como o escolhido que escolhe, inserido numa cadeia discursiva na qual tem de situar-se. É disso que falam os sujeitos da pesquisa quando enunciam o pedido de um par. Falam de como puderam se situar nesse universo.

O outro, o homem que poderá ocupar o lugar do desejo da mulher, e vice-versa, deverá poder estar inscrito de alguma forma nas suas referências, fazer de alguma forma menção a elas, precisará portar alguma insígnia, algo que o possa qualificar perante ela, que o faça valer, que lhe sustente a ilusão de que ele pode ser sua via de acesso a isso que não tem nome, que é o Outro. Deve poder sustentar uma promessa que, se sabe, não cumprirá. Mas sua missão é essa, não do cumprimento dessa missão impossível, mas de vislumbrar os seus contornos num eterno devir. Esse homem, para que o seja, terá que lhe adivinhar o código secreto (da mulher), do qual nem mesmo ela sabe o segredo, como condição de acesso a seu desejo. A escolha do par amoroso repousa sempre na questão do significante. Um homem, assim como uma mulher, não é mais do que um significante. De outro lado, o significado não tem a ver com o que é ouvido, mas diz respeito à leitura do que se ouve de significante. O que se ouve é o significante. “O significado acha seu centro onde quer que vocês o carreguem”(LACAN, 1985b, p. 59). Quando o escolhido não consegue sustentar esse lugar, lugar de ser uma promessa, ainda que não cumprida, rompe-se o elo na cadeia significante, e o sujeito se põe a inventar novas crenças imaginárias como possibilidade de empreender seu investimento libidinal num outro que lhe possa atender a demanda de ser objeto de seu desejo, sustentando a metáfora de dar-lhe o impossível, o que ele não tem, porque, de fato, ninguém o tem. Lacan, (1985b) propõe que amar é supor o saber naquele a quem amamos e, ao contrário, o ódio é des-suposição desse saber. Logo, o amor é um lugar a ser sustentado diante do outro, onde está implicada a relação de significante/significado que se dá à nível dos sujeitos envolvidos na relação. Amamos o amor, constituindo-se esse uma tentativa de fazer existir no outro o Um que não existe.

Aulagnier (1985, p. 111) propõe que para se estabelecer uma relação amorosa – que pressupõe tomar um outro como objeto do desejo –, se impõe como lei da psiquê haver homologia entre um sujeito desejante (que investe) e um desejado (que é investido), de forma que o Eu só pode reconhecer e investir libidinalmente o que se apresenta sob a forma de um Eu. Propõe que, no registro do Eu, toda relação libidinal se estabelece entre os três termos: O Eu que investe, a relação pensada ao Eu do outro, e o outro Eu como existindo na realidade. A relação amorosa tem como questão o manuseio da inevitável diferença que se manifestará, e dependerá dos limites que esta diferença possa suportar. Assim, está em jogo: a) o conhecimento que o Eu pode ter do outro Eu, limitado pelo próprio autoconhecimento sujeito às questões do inconsciente, e também pela necessidade de não-transparência de si para o olhar do outro, apresentando-se como uma parte preservada do Eu, considerada uma necessidade para o funcionamento do pensamento; b) o outro pensado, ou o encontro pensado,

será sempre mais próximo do encontro esperado que do encontro real, pela idealização (do outro, de si, da relação) que espera sempre mais prazer para o Eu que idealiza (o a-mais). A nível de idealização há sempre menos obstáculos; e c) o outro pensado, que é resultante do trabalho do pensamento do Eu, constituindo-se num investimento, um conjunto de representações que não são nada mais que o próprio Eu. Na condição de que não existe um Eu pensante sem pensamento, e vice-versa, o outro pensado, ou a relação ao outro tal qual ele é pensado, é a formulação em pensamento de uma relação entre dois Eus e é, ao mesmo tempo, uma formulação em pensamento de uma relação entre o mesmo Eu, enquanto amante, e o Eu que pensa se representar para o outro do seu lugar de amado. Com isso, a autora propõe não haver libido objetal separada de libido narcísica, pois há sempre um traço de si mesmo que é amado no outro, mesmo que seja uma imagem projetada que o outro remete de volta ao sujeito enquanto objeto amado.

A questão que nos interessou foi sobre os limites possíveis de serem suportados, no caso dos sujeitos de nossa pesquisa, para que a distância entre Eu pensado e Eu real, e o encontro pensado e o encontro real, lhes possibilite efetivar um investimento entre o Eu e o outro pensado e, por esta via, a um outro real. Interessou saber nesse estudo se algo dessa ordem possa estar implicado na questão das mulheres pesquisadas, inseridas há cerca de um ano e meio nos programas de procura de par amoroso na *Internet*, sem, no entanto, terem estabelecido relacionamento efetivo com nenhum homem, dentre os vários que conheceram durante esse período.

Seguindo o pensamento de Aulagnier, o Eu se confronta com duas escolhas cada vez que é obrigado a reconhecer que há uma não-conformidade entre o Eu pensado e o Eu real: a) desinveste o outro real e preserva o investimento do Eu pensado unicamente, obrigando-se a um tempo passado, que só existe como lembrança do que existiu, numa espécie de luto sem que haja morte; e b) a outra escolha que o Eu pode fazer frente a ter que reconhecer a antinomia entre o outro pensado e o outro real será o desinvestimento do outro pensado, o que obrigatoriamente implica o desinvestimento do outro real.

Frente a essas questões, o Eu encontra dois paradoxos que, em especial, nos interessaram nesse estudo. O primeiro refere-se ao fato de que para esta instância nada pode existir que não seja metabolizado em um representante psíquico, mas, ao mesmo tempo, o Eu só pode amar, pensar, viver, na medida em que encontra e investe na realidade um Eu que se faz referente real de seu pensamento. O outro paradoxo implica em que, para que se preserve uma relação de amor com o Eu real, é necessário, como condição, o investimento do Eu pensado, ao mesmo tempo que uma identidade entre esses dois suportes não poderá jamais

existir. Isso implica na condição também de que essa diferença seja conhecida e aceita pelo Eu.

No momento real do encontro – onde se dá a realização de um esperado, em que se põe face a face o Eu pensado e um outro Eu enquanto referente real deste pensado – o outro se constituirá em fonte de prazer ou decepção pela sua presença, sua palavra, seus gestos. Operada essa junção entre o representante ideativo e o Eu real, segue-se, inevitavelmente, o reconhecimento de uma distância estabelecida pela impossibilidade do outro real ser uma constante fonte de prazer, na medida em que ele é também fonte de decepção, de não-resposta.

A relação amorosa esclarece sobre a relação do Eu com a realidade. O Eu só pode pensar o que ele crê real, porque crê verdadeiro, quando a realidade é para ele apenas o que ele pensar dela. A demanda do Eu se endereça ao Eu dos outros e o que ele espera não são coisas puramente fantasmáticas - espera uma voz, um seio, uma carícia. É uma característica da relação amorosa “[...] a simetria e a interdependência presentes entre os dois Eus. O que espero, o que demando e o que preciso receber do Eu do outro é também o que o Eu do outro, por sua vez, precisa me pedir e esperar de meu Eu enquanto existente e desejante autônomo” (AULAGNIER, 1985, p. 117). Essa simetria, nunca perfeita, precisa, no entanto, ser suficiente para que o Eu amante não vivencie uma situação angustiante de dependência, própria das relações assimétricas como nos casos bebê-mãe, psicótico-Eu dos outros, e a relação passional. Todo ser adulto passou pela vivência da relação bebê-mãe, que pode ser tomada como uma relação passional enquanto caracterizada pela dependência física e psíquica do Eu da criança em relação ao investimento libidinal do Eu materno. Neste caso, o objeto da paixão (a mãe) torna-se insubstituível e necessário, porque é o que responde a um desejo que se tornou uma necessidade. Assim, temos que o homem encontra o amor, nessa sua experiência inaugural, através de uma relação angustiante de assimetria. Temos, conforme o acima exposto, que as lembranças de afetos anteriores apontam como vetores para relações futuras. Esta aí a razão de estar sempre presente no homem a nostalgia do excesso de prazer vivido no encontro com esse primeiro objeto de seu desejo, e a angústia advinda da idéia de reviver, ao viver uma nova relação, o excesso de sofrimento causado quando essa sua primeira vivência infantil foi ultrapassada. Podemos pensar que esses elementos podem estar presentes e atuantes no psiquismo dos sujeitos da pesquisa, interferindo ou mesmo determinando a inviabilidade do estabelecimento de uma relação amorosa, que se evidenciou nos seus discursos.

3.3 *INTERNET*: SERÁ QUE OS FINS JUSTIFICAM OS MEIOS?

*Isso que és tu,
tu mesmo, aí na tela!
Esse presente-ausente que tu és.
Nem sei quem és ...
E na tua tela,
Aí, nesse outro lado,
afinal, quem sou eu?
Que queres de mim?
E que posso eu querer de ti?**

Ao longo das discussões suscitadas pela escuta dos diversos autores que nos constituem enquanto psicanalistas e a escuta das mulheres, sujeitos dessa pesquisa, os rumos dessa investigação tiveram que ser redesenhados. A grande descoberta – descoberta individual, embora já tenha ocorrido a outros pesquisadores que nos antecederam – é que a pesquisa tem seu próprio rumo. Ela é que nos conduz ao invés de a conduzirmos. Em determinado momento do trabalho se dá a compreensão efetiva desse fato e então nos tornamos, cremos, acima de tudo, observadores. Nossa conduta passa a ser de observar e transcrever, no que é possível, as experiências observadas. E transcrever, sabe-se bem, significa já se deparar com outra coisa. Um estudo teórico precisa suportar saber-se um representante apenas, de uma experiência, de um fato. Quando se escreve sobre isso, já não é isso que temos, mas algo que, na melhor das hipóteses, o representa.

O fato é que, ao escutar repetidamente as mulheres falarem de seus fracassos nas investidas amorosas, nas sucessivas frustrações com os homens da *Internet*, ocorreu-nos que essa sucessão de fracassos poderia estar funcionando como um sintoma. Se iniciamos a pesquisa propondo buscar entender o que uma mulher busca especificamente na procura do par amoroso, através da colocação da questão “o que quer a mulher?”, nosso olhar deslizou para outro foco que estava sendo por elas apontado de forma camuflada. Por trás da determinação de estabelecer um relacionamento amoroso com um homem, o que é reafirmado através de sua incessante busca, especialmente nos *sites* da *Internet*, percebemos que havia outra coisa sobre a qual, ao que parece, não havia consciência – uma insistência no fracasso. Nessa medida, reafirmamos o dito de Lacan: “Eu não procuro, acho” (1998, p. 205), referindo-nos a um ponto desse estudo inicialmente negligenciado em sua importância e que se tornou central na análise do tema. Daí decorreu a insistência na pergunta inaugural desse estudo. Se os fatos apontavam para a possibilidade de que essas mulheres pesquisadas não

* Da própria autora da Tese.

queiram, ou efetivamente não consolidam a escolha de um par amoroso, embora haja tanta oferta, a questão foi retomada: afinal, o que quer a mulher?

Assim é, que os rumos dessa pesquisa tiveram que ser redesenhados. Passamos, então, a nos ocupar não só dos fins a que estavam propostas essas mulheres sujeitos da pesquisa, mas do meio por elas utilizado, entre tantos disponíveis, uma vez que o mesmo (a *Internet*) apontou para novas questões e contribuiu com indicativos que nos ajudaram no entendimento do comportamento feminino frente à busca do par amoroso. Que implicações terá essa escolha? Será que os fins por elas pretendidos, ainda que inconscientemente, justificam o meio? Lacan (2002 a) observa que o homem só pode ser compreendido considerando as “[...] antinomias que constituem suas relações com a natureza e com a sociedade [...]” (p. 58). Só em seu contexto social é possível ser entendida sua angústia e suas formas de vencer essa angústia, pois é através de crises dialéticas que ele cria a si mesmo e a seus objetos. Em vista disso, situamos o contexto social do sujeito dessa pesquisa – o sujeito das relações virtuais na *Internet*, buscando compreender o desejo dessa, que é a mulher contemporânea.

Já em 1964, no Seminário Os Quatro Conceitos Fundamentais da Psicanálise (1998), Lacan apresentou o sujeito tomado pelo avanço da ciência daquela época, enfatizando os aspectos da relação que toma referência em dois objetos: a voz “quase que planetarizada, senão estratosferizada por nossos aparelhos” (p. 259); e o olhar, com seu caráter invasor, sugerindo fantasias. Aponta, assim, para as vias do que veio constituir-se como meio de acesso ao Outro pela mediação tecnológica.

Kristeva (2002) apresenta a vida psíquica do homem da modernidade situando-a entre os sintomas somáticos e o devaneio diante da imagem, que tem o poder de capturar sua angústia e seus desejos. Tomamos essa captura do sujeito pela imagem na própria *Internet*, ficando a ela presos muitas horas, especialmente na madrugada e aos finais de semana, conforme relato dos sujeitos entrevistados. Esse ser da modernidade é um ser de dificuldades relacionais e sexuais, com impossibilidade de expressar-se, caracterizado pelo uso de uma linguagem sentida como “artificial”, “vazia” ou “robotizada”. Estabelece,

[...] relações constantemente decepcionantes, desinvestidas no próprio momento em que começam a esboçar-se e, de saída, fadadas ao fracasso [...] a corrida para o fracasso, a impossibilidade de escolha, a inversão dos desejos, as relações amorosas decepcionantes, múltiplas e impossíveis constituem sua semiologia (KRISTEVA, 2002, p. 64).

A reinvestida constante desses sujeitos investigados, caracterizada por sua participação em mais de um programa de busca de par amoroso consecutivamente, pelo longo período de tempo em que estão no programa, bem como o estabelecimento de relacionamentos paralelos, concomitantes, evidencia uma certa obsessividade, nos conduzindo a outra colocação da autora: “Uma obsessividade que não passaria de banal, se alguns eventos trágicos não viessem revelar de que morte camuflada em satisfação ela se havia construído” (KRISTEVA, 2002, p. 64).

Marion Minerbo (2000) se ocupa do que chama de uma perspectiva de ampliação da visão psicanalítica. Coloca que “é tão sintomática uma sucessão de fracassos amorosos quanto um quadro fóbico. Ele é compreendido como defesa necessária em função da angústia decorrente de conflitos” (MINERBO, 2000, p. 25). Enfoca as questões do sujeito, mas de um sujeito escancarado no mundo, produzido pelo mundo, mundo aqui entendido na amplitude de contexto social, e não mais as questões de um sujeito individual, com sua particular história, marcado pela sua trajetória psíquica solitária, evidenciando a indiscernível e problemática unidade psiquê-mundo humano. Investiga um fenômeno particular, mas sintomático do mundo em que vivemos, apresentando de forma denunciativa um novo “paciente” da psicanálise, o sujeito coletivo. Talvez nossos divãs de analista precisem ser ampliados para abarcar esse novo homem e essa nova mulher de nossos tempos, tempos diversos da época de Freud. Homens e mulheres que não vêm só para as sessões de análise, nem tampouco vêm apenas com os seus fantasmas parentais ou mesmo os da sua segunda e terceira gerações retroativas, mas sujeitos que trazem consigo, ou melhor, trazem em si, síndromes da sua coletividade. É preciso pensar, diríamos, na psicanálise globalizada. Nesses tempos de globalização, em que o mundo nos é proposto forçosamente de forma compactada – afinal quase tudo cabe num disquete; um *chip* abarca uma infinidade de códigos e informações, uma infinidade de realidades, ainda que virtuais. Nos deparamos com sujeitos engajados em formas comportamentais que podem ser observadas como identificatórias de uma coletividade sem fronteiras. A ver pelo evento da *Internet*. As mulheres ouvidas na pesquisa nos indicam isso quando nos falam de suas relações virtuais com homens que fisicamente vivem não só em outras cidades, outros países, mas também em outros continentes. Os *sites* de procura de par amoroso não tem fronteiras. Assim, também as incompatibilidades e frustrações se alinham de norte a sul nesse planeta global.

Essas reflexões nos empurraram obrigatoriamente a abrir um novo parágrafo nesse estudo, um capítulo de discussão das questões presentes e palpitantes no próprio meio de acesso escolhido pelas mulheres pesquisadas para estabelecer a procura do par amoroso. A

Internet é o que poderíamos chamar de um mundo próprio. É preciso uma pausa para refletir porquê é na *Internet* que elas procuram um homem. Será que uma resposta simples, do tipo é porque ali há ofertas, daria conta de nos responder? Se assim tentássemos, certamente haveria uma contestação óbvia – mas ali se oferecem homens também pelo mesmo motivo, ou seja, porque eles, os homens, constataram que ali havia mulheres procurando e oferecendo relacionamentos, o que inviabiliza a resposta. Seria o mesmo que dizer sim, porquê sim!

Para essa discussão recorreremos a Santaella (2003) que trabalha com os conceitos de McLuhan, na afirmativa de que “o meio é a mensagem”. Sua teoria coloca ênfase nos meios e insiste na “[...] impossibilidade de separar a mensagem do meio, pois a mensagem é determinada muito mais pelo meio que a veicula do que pelas intenções de seu autor” (p. 116).

Também Baudrillard (2005) recorre a essa conceituação de McLuhan para abordar a ideologia dos meios de comunicação publicitária, onde se evidencia, segundo o autor, que o conteúdo quase sempre esconde a função real do meio de comunicação.

[...] cada meio de comunicação impõe a própria lógica mais abstrata e mais coerente; sendo meio impõe-se como mensagem [...] o discurso manifesto não passa talvez de conotação, é a mudança estrutural (de escala, de modelos e de hábitos) operada em profundidade nas relações humanas (BAUDRILLARD, 2005, p. 129-130).

Refere-se à existência de um código comum e uma “cumplicidade cultural” entre os indivíduos, que implica em convivência e reconhecimento, podendo a linguagem, ao invés de veicular um sentido, se carregar de conotações de pertença, transformando-se em léxico de grupo. Podemos pensar que este seja um funcionamento operante nos *sites* de namoro na *Internet*. A linguagem dos *sites*, em alguns aspectos, nos remete à mensagem publicitária: o próprio sujeito se coloca na dupla posição de anunciante e anunciado; intenção de se “fazer-valer”; cumplicidade e convivência com o fato de que o que é dito não supõe sempre a verdade – a fotografia colocada no *site* nem sempre é atualizada, por exemplo, assim como a auto-descrição nem sempre corresponde ao corpo físico, psíquico e emocional do sujeito. Nessa cultura midiática há um pressuposto do uso de artifícios.

É preciso ressaltar vários aspectos desse lugar, esse universo chamado *Internet*, em especial dos *sites* de encontros amorosos, segmento que diz respeito aos interesses desse estudo. Em primeiro lugar, situá-lo como um “lugar” de encontros virtuais, ou seja, um lugar onde se estabelecem o que poderíamos chamar de pseudo-encontros, na medida em que as pessoas se comunicam sem um contato direto, presencial, podendo até mesmo nem fazer uso

da voz se assim o desejarem. Inicialmente, a comunicação se dá mesmo sem nenhum desses elementos presentes nos *sites* de encontros. Há, de início, a pesquisa a partir do rastreamento dos perfis oferecidos que trazem as características, interesses e intenções dos candidatos. Essa pesquisa pode ser facilitada pelo sistema a partir da definição de aspectos que o pesquisador julgue fundamental em linhas gerais como cidade/país do candidato, estado civil, faixa etária, gênero sexual que procura e intenções, no que se refere a tipo de relacionamento (amizade/diversão/relacionamento/romance sério). Existe, para isso, no programa, a oferta de um serviço chamado “busca rápida”. A seguir, selecionado um ou mais candidatos que reúnam as características desejadas inicialmente, o pesquisador comunica-se com eles por *e-mail*; ou seja, através de um texto via *Internet*. A partir daí, alguns caminhos podem ser seguidos, caso haja interesse em resposta ao pedido/convite feito. É possível que os envolvidos continuem a comunicação apenas por *e-mail*; é possível que troquem fotografias, ou não; que usem a *webcam* nas próximas comunicações, o que irá requerer um interesse e consentimento de ambos; é possível que estabeleçam contatos telefônicos; é possível que passem a se comunicar pelos *chats*, ou seja, saiam da relação mais estática da troca de escritos para uma “sala de conversa”; é possível que promovam e efetivem um encontro presencial. É possível que os envolvidos percorram essas várias possibilidades de comunicação, ou fiquem somente na primeira, ou se satisfaçam com a segunda, ou inventem mais uma, duas, ou infinitas formas de se comunicar a seguir. Mas, de conhecimento, são essas as possibilidades mais exploradas.

Se, pelos parâmetros convencionais de fisicalidade, dentro do que tradicionalmente foi concebido como noção de espaço, temos que a *Internet* é um “não-lugar”, tomá-la como um lugar – o ciberespaço – se apóia nos novos paradigmas contemporâneos, testemunhados pelo simbólico instaurado na nova cultura. A linguagem universal hoje inclui signos aliados à digitalização de dados e à informática de forma geral. Os internautas viajam rapidamente nas “infovias” – e o contexto político já usa a metáfora das “superinfovias” –, freqüentam “[...] pontos de encontros, áreas de trabalho, de discussão, e cafés eletrônicos [...]” (SANTAELLA, 2003, p. 117), visitam e podem ter sua própria “sala virtual”, formando, colaborativamente, as “cidades virtuais”. Inserem-se em “comunidades virtuais” – ambientes comunicacionais na rede – que,

[...] designam as novas espécies de associações fluidas e flexíveis de pessoas, ligadas através dos fios invisíveis das redes que se cruzam pelos quatro cantos do globo, permitindo que os usuários se organizem espontaneamente para discutir, para viver papéis, para exibir-se, para contar piadas, para procurar companhia ou apenas

para olhar, como *voyeurs*, os jogos sociais que acontecem nas redes (SANTAELLA, 2003, p. 123).

Enfim, a *Internet*, podemos dizer, é um lugar que instaura novas práticas comportamentais e relacionais na contemporaneidade. Os próprios sujeitos da pesquisa dão testemunho desse advento, quando afirmam que a *Internet* “é um lugar mais seguro e confortável” para procurar o par amoroso. Instituem assim, por suas práticas e sua linguagem, a *Internet* como um lugar.

Chama a atenção, nessas possibilidades, que um encontro possa se dar apenas através da troca de *e-mails*, que poderíamos chamar de correspondência. Num corte de tempo, pensaríamos nessa correspondência trocada agora eletronicamente, correspondendo às manuscritas cartas de amor do “amor cortês”. Nessa modalidade de encontro, tanto na atual era da sociedade contemporânea quanto na sociedade feudal do amor cortês, o que aparece como predomínio da relação é a inacessibilidade ao objeto. Também entre os romanos, através da escola poética, a elegíaca, dá-se a manifestação do que se pode chamar de celebração da perda do objeto, invocando aí um gozo. No século XIV, Petrarca celebra seu amor por Laura, e Dante exalta Beatriz, mulheres cuja imagem é marcada pela idolatria e por sua inacessibilidade, como se o objeto da paixão fosse a própria perda.

O amor cortês é tomado por Lacan (2004) como uma das direções sob as quais a sublimação pode ser estudada, sendo a outra, a obra de arte. A sublimação na relação amorosa do amor cortês concerne à mulher, constituída no nível da “coisa”, mulher que é cantada, homenageada e exaltada pelos poetas. Nesse contexto, todas as mulheres têm a mesma marca, estando implicado aí o representante da representação. Tem, ainda, por característica, essa relação, a importância dada à prova, à crueldade, coisas da ordem da interdição, visando a garantia dos rodeios, dessa inacessibilidade ao objeto. A poesia tem em seu princípio o amor sexual e implica na tentativa de ultrapassar o que é o amor acessível, e “[...] permanecer sempre estreitamente narcísico” (p. 219). A relação da sublimação com o gozo se explica pela “anatomia do vacúolo”, pela sua relação com o vazio, o buraco, implicado na constituição do objeto, conforme já abordamos.

Parece que a *Internet*, ao viabilizar essa forma relacional atual assegura, em nossos dias, essa possibilidade, numa reedição disso que foi a expressão das relações amorosas de outra época. É possível, portanto, namorar pela *Internet*, ao que poderíamos caracterizar como acessar sem ter acesso (e sem dar acesso), garantindo, de um lado, a idealização do objeto, e, de outro, o “contorno à coisa”, à coisa freudiana, sem a ela chegar. Disso podem-se inferir

várias possibilidades de satisfação alcançadas – deve haver gozo na possibilidade de fazer o desejo girar em torno de seu próprio eixo – o desejo de desejar.

Podemos pensar que também as mulheres dos *sites* de namoro formam uma figura paradigmática na contemporaneidade – têm todas a mesma marca, como as Vênus pré-históricas e como as mulheres cortejadas no feudalismo. Têm a marca que faz um registro social da forma como o sujeito da atualidade lida e sofre em sua relação com o gozo, que se insere pela função do mais-de-gozar, e que se apresenta como sintoma. Parece estar implicado nas relações virtuais um gozo obtido através dos rodeios, de uma certa interdição que faz barreira onde o sujeito lida com tão poucas ou quase nenhuma barreira na esfera da sexualidade, uma vez derrubados os freios sociais que exerciam as funções de repressão. A *Internet*, assim, estaria a serviço do princípio do prazer, na medida em que se institui como uma forma de barreira ao gozo. A mulher emancipada sexualmente que se apresenta na *Internet* é ainda assim a mulher que faz circularidade na relação com o gozo. O que a caracteriza e que lhe faz marca são as novas formas de efetivar esses rodeios, e a *Internet*, para os sujeitos da pesquisa, parece ter sido tomada como alternativa de viabilizar a ultrapassagem do que é o amor acessível – socialmente tão acessível através das conquistas da emancipação sexual –, e a permanência no amor narcísico. Na *Internet* é possível, e de certa forma esperado, esse comportamento. É lugar onde se pode desejar sempre um desejo, o mesmo ou infinitos desejos, representados por infinitos pares eleitos para infinitas trocas de *e-mails* – sem nenhum compromisso, necessidade, ou até expectativa de ir além disso. Da mesma forma, é possível ir além disso até o quanto se queira. É possível, na *Internet*, estabelecer-se um par ou experimentar múltiplos e variados pares sucessiva ou alternadamente. É possível namorar um brasileiro e um russo ao mesmo tempo, um africano e/ou um japonês. Os *sites* de busca de par amoroso se apresentam como uma diversidade de possibilidades tanto de escolhas quanto de formas de viabilizar as escolhas ou de estabelecer a relação. Quase não há limites, fronteiras com que se deparar. Nem fronteiras físicas, nem limites conceituais. É possível até questionar seus limites éticos a partir dos fatos relatados pelas mulheres entrevistadas na pesquisa. Essa forma relacional é o que poderíamos chamar de expressão caricatural de nossa época. Nessa perspectiva, pode-se fazer um novo paralelo do amor cortês, tomado na ordem do inabordável, do inacessível, com o namoro na *Internet*, pela via de ser tomado agora como lugar próprio à exposição, à acessibilidade.

Os *sites* de encontro na *Internet* parece que se adequaram a essa especificidade. Existem para viabilizar uma demanda que os sustenta – não houvesse demanda não se constituiriam; ao mesmo tempo, atuam como agentes instauradores, ou ao menos facilitadores

dessa demanda. Também aí, ou poderíamos dizer especialmente aí, esse conceito atual de relações se adequou. Mais que isso, ao contrário, talvez possamos dizer que é a *Internet* que se adequou às atuais tendências relacionais, atendendo as mudanças culturais no que diz respeito às relações amorosas. Estamos na era do “ficar”, como tão bem descrevem os jovens e adolescentes, referindo-se às relações atuais. Ficar parece estar no limite entre paquerar e namorar. Seria um estado relacional além da paquera e aquém do namoro, o que significa um contato amoroso sem compromisso entre os pares, onde está em jogo a possibilidade de lidar abertamente com múltiplos e simultâneos pares amorosos. Faz parte do contrato não haver contrato. Ao menos o contrato antigo que impunha limites, ainda que não fossem respeitados.

O que observamos pela escuta às mulheres entrevistadas é seu desapontamento frente às repetidas frustrações nas tentativas de estabelecimento de pares amorosos que não se consolidam. Parece que, num meio de relações voláteis, não sustentam a intenção de reter algumas relações. Há uma pluralidade de homens disponíveis que pode chegar ao efeito da ilusão de uma possibilidade sempre melhor, idealizada, o que inviabiliza a concretude de uma relação real, pela impossibilidade de escolha. Os *sites* de encontros, de certa forma, se sustentam pela promessa implícita do encontro do par perfeito, da alma gêmea, como se intitulam. Trabalham com o sujeito num nível subliminar de expectativas muito elevadas. E a multiplicidade sempre crescente e renovável de ofertas vem corroborar para que a promessa se mantenha. A cada dia que se aciona o *site* aparece na tela do computador um número elevado de homens e mulheres que nas últimas vinte e quatro horas aderiram ao programa; ou seja, são informadas quantas novas possibilidades de par são oferecidas diariamente, suscitando uma expectativa permanente até certo ponto, pois sempre há alguém novo a ser experimentado. E amanhã haverá mais, e mais, e mais, numa sucessão de ofertas impossível de ser esgotada. Disso resta a possibilidade de dois sentimentos: para que ficar com esse se posso encontrar um melhor? E de outro modo, se não encontrei meu par perfeito hoje, posso encontrá-lo amanhã. Há uma realimentação da demanda na própria forma de funcionamento do sistema.

Kehl (2002), quando discute a questão da alteridade, propõe frente a ela duas formas de relacionamento. Uma delas refere-se ao encontro na dimensão de posse, de submissão do outro, tomado não como objeto de compreensão, mas como objeto do gozo, onde a alteridade não se constitui. E o encontro do eu com o humano, numa relação com a totalidade de um outro cujo rosto eu reconheço. Toma o rosto não apenas como imagem, mas como “[...] a própria presentificação do outro diante de mim, em sua diferença irrecusável” (KEHL, 2002, p. 23). E, a partir disso, questiona nossa sociedade, na qual a subjetividade é reduzida à

dimensão de imagem, pela mídia, que faz a mediação do laço social. A pergunta que se coloca, e que consiste numa pergunta de fundo em nossa investigação, é justamente essa: como se dá a relação com o outro num campo dominado por formações imaginárias, como é próprio na *Internet*? As formações imaginárias, conforme abordamos nos demais capítulos desse estudo, organizam-se em torno do Eu narcísico, das identificações e das demandas de amor e reconhecimento. Assim, nos interessa saber porque o sujeito escolhe como meio de acesso ao outro, com propósito de escolha de um par amoroso, um lugar onde a imagem é tomada como dimensão do sujeito, de forma a ameaçar a alteridade.

Minerbo, trabalhando com as idéias de Baudrillard, coloca que,

[...] a realidade virtual, como sabemos, é uma realidade sem substância, onde tudo é possível e nada é ‘de verdade’. A substituição da realidade por imagens ocorre numa velocidade cada vez mais acelerada, agravando a crise da representação que está na origem desse processo (MINERBO, 2000, p. 136).

Poderíamos chamar, a esse, um funcionamento neurótico? Ou psicótico, no que confere um certo afastamento do real? Ou mesmo histérico, enquanto estrutura que permite a repetição da procura que se sustenta pela própria procura, desprovida da necessidade de efetivação do encontro (ou mesmo garantida dessa inviabilidade)? Poderíamos chamar a isso de qualquer outra coisa, dar-lhe um nome ainda não inventando. Talvez um novo nome para este novo fenômeno, desconhecido de Freud. Por ora, o que parece fazer sentido é suspeitarmos estar diante de um sintoma atrelado ao que Minerbo chama de “inconsciente da época”, podendo a utilização da *Internet* representar a inserção prestigiosa na era da informática.

Essa concessão social de prestígio, ao fazer parte dos *sites*, ao inserir-se na era da informática, conclui-se pelo volumoso número de adesões aos programas. Os *sites* da *Internet* tornaram-se um fenômeno cultural de nosso tempo. E é diante disso que nos deparamos ao investir nessa pesquisa que inicialmente pressuponha envolver-se com questões muito internas do sujeito, questões, como diríamos, de foro íntimo, ao buscar entender o que as mulheres procuram num par amoroso. Durante a caminhada, constatamos estar indo a outro lugar. Por isso a afirmativa de que o caminho se faz ao caminhar. Assim, percebemos, à medida que avançamos no percurso de escuta, que estávamos de fato tratando também de uma questão cultural, ainda que tratássemos da questão do sujeito da psicanálise. Os *sites* de procura de par amoroso podem ser entendidos como um sintoma de nosso tempo que nos explicitam as novas formas relacionais entre homens e mulheres, e também entre homens e

homens, e entre mulheres e mulheres, embora aqui nos atenhamos aos relacionamentos heterossexuais.

A crescente adesão à *Internet*, como veículo capaz de viabilizar a procura por um par amoroso, nos indica que há aí algo do coletivo, algo da ordem da identificação do sujeito nesse conjunto de sujeitos que têm, em comum, traços que os qualificam como pares. Talvez se pudesse designar esses programas mesmo como uma instituição, não no que se entende pela dimensão funcional das instituições, mas como diz Minerbo, “[...] É sua dimensão simbólica que determina a ligação entre um símbolo e um significado” (MINERBO, 2000, p. 88). Pode-se pensar que a marca identificatória produzida nos *sites* de procura do par amoroso possa pretender dar conta da subjetividade, e que a pertinência do sujeito ao grupo possa definir os caminhos a serem percorridos pelo desejo e o objeto de satisfação. Nessa medida, estaria constituindo o que Kehl (1996) aponta como um dos modos de alienação contemporâneo, estando essas identidades funcionando como próteses subjetivas, produzidas na sociedade de massa, como artifício protetor da solidão do sujeito diante do enigma do seu desejo. Está indicado, desde Freud, que a identificação se estabelece como resolução do complexo de Édipo, frente ao imperativo do recalque dos amores edípicos. A partir daí, o sujeito está predestinado a identificar-se, como forma de buscar vínculos, aliados, destinos, na tentativa de driblar sua insustentável solidão, impressa pela experiência constitutiva de rechaço.

Para Bogdan e Biklen, “[...] as organizações variam no grau em que oferecem significados fixos e no grau em que facultam a criação de significados alternativos” (1994, p. 57). Poderíamos pensar que cada sujeito se filia a esse símbolo comum instituído pelos programas de busca do par amoroso, elegendo o programa com que mais se identifique, e que esse símbolo, para cada um, tenha um significado próprio, esse sim designado pela subjetividade de cada um. Um novo conceito de identificação se estabelece:

A identificação não é mais entendida como o mecanismo psíquico que permite internalizar ‘aquilo que não se originou em mim’ (MEZAN, 1988, p.255), mas como uma ‘formação psíquica intermediária que mantém juntos os membros da instituição e a própria instituição (KAËS, 1991, p.14). Na formulação de Kaës, ela é um ‘biface’ sendo simultaneamente psiquê individual e grupal (MINERBO, 2000, p. 93).

Considerando as características acima examinadas a respeito da *Internet* como veículo de procura e estabelecimento do par amoroso, ocorre-nos a frase de Lacan: “a verdade eu digo a medias”, citada e comentada na contextualização do pensamento do autor nos

capítulos desse trabalho. Parece ser esse um espaço de comunicação onde melhor se pode falar, “a meias”, as verdades, por quanto tempo se queira, tomando à risca a afirmação lacaniana. Embora de toda a verdade não se possa falar, segundo os pressupostos desse autor, na *Internet*, de fato, dela se pode falar só o quanto se queira. Os manifestos da comunicação através do olhar, gestos, expressões faciais, entonação de voz ficam fora desse campo de interação. A espontaneidade que faz da comunicação ato, pelo que pode relevar, fica cerceada pela possibilidade, ao menos em alguma medida, de medir as palavras na criação de um texto-mensagem. Assim, de certo modo, é possível exercer um certo controle sobre a verdade revelada, o que ficou claro em algumas passagens dos relatos das mulheres entrevistadas.

Em seu livro *O Corpo Fala*, Weil e Tompakow (1992) falam da linguagem silenciosa da comunicação não-verbal, da linguagem corporal que se dá na busca de afirmação do eu: “[...] se braço, nariz ou mão é letra, o conjunto forma a palavra!” (WEIL; TOMPAKOW, 1992, p. 61). Essa palavra justamente escapa na comunicação “internética” quando se dá pela troca de *e-mails*. Assim, à parte do que as mulheres entrevistadas nos disseram como suas razões pela escolha da *Internet* como meio de procura do par amoroso (falta de tempo ou disposição para freqüentar ambientes sociais, como bares e boates/danceterias, comodidade oferecida pela *Internet*), podemos pensar que a escolha possa estar pautada na possibilidade oferecida de preservação do Eu.

Reduzir riscos e, simultaneamente, evitar a perda de opções é o que resultou de escolha racional num mundo de oportunidades fluidas, valores cambiantes e regras instáveis. E o namoro pela *Internet*, ao contrário da incômoda negociação de compromissos mútuos, se ajusta perfeitamente (ou quase) aos novos padrões de escolha racional (BAUMAN, 2004, p.85).

O namoro pela *Internet* vem atender essa demanda de “negociação de parceria”, da mesma forma que os *shoppings centers* atendem a uma demanda de consumo de bens “da sobrevivência diária”.

Todas essas considerações nos levam a pensar que, quando abordamos as questões de Gládis, Ângela e Ro, os sujeitos dessa pesquisa, no que diz respeito a sua inserção na *Internet*, nos *sites* de procura de par amoroso, estamos de fato diante de um sintoma que se manifesta:

- a) pela repetição – circularidade de comportamento (há um ano e meio, no mínimo, cada uma delas está participando do programa, ou seja, embora haja uma ampla gama de homens, não efetivaram uma escolha, o que implica que nenhum serve, ou que pode aparecer um melhor);
- b) pela rotatividade (o grande número de homens com quem têm estabelecido relacionamentos temporários, por curtos espaços de tempo – alguns encontros somente, às

vezes apenas um encontro); e c) pelo considerável e crescente número de participantes nos programas. Esse dado, evidenciado pela grande adesão de homens e mulheres aos *sites*, denota ser um sintoma do mundo atual. Poderíamos, então, situar a questão desse estudo entre o ato individual e o comportamento coletivo, apontando, portanto, do particular para o universal.

Herrmann apresenta o que chama de psicose de ação, e que poderíamos identificar com aspectos presentes na *Internet*:

O ato puro, em que se desconectam pensamento e ação, e a figura emblemática da psicose de ação que acomete nossa sociedade [...] A forma branda deste fenômeno está representada por uma tendência ao imediatismo dos projetos e a rapidez da satisfação [...] (HERRMANN, 1997, p. 171).

Os *sites* de procura do par amoroso na *Internet* parecem vender essa idéia de facilitação. Podem funcionar como uma promessa: – a partir de agora, encontrar sua alma gêmea já não será mais um problema! Basta teclar e acionar algumas páginas virtuais. O que antes era um projeto à médio e longo prazo passou a ser de acesso rápido, imediato, através desse mediador. Da mesma forma, é possível também *deletar* uma relação em segundos. Se desejar “saio do ar” ou “tiro do ar” com um breve movimento dos dedos sobre o teclado. É só, literalmente, “estalar os dedos”. Não é mais preciso ocupar o tempo com delicadezas ou considerações com o outro, não é mais preciso nem mesmo explicar razões, motivos, para um rompimento. Há um acordo implícito em suportar ser descartado, e a garantia de poder descartar sempre e imediatamente ao desejado – “se não agradar, eu *deleto*”. A fragilidade dos laços humanos é assim evidenciada: “Terminar quando se deseje – instantaneamente, sem confusão, sem avaliação de perdas e sem remorsos – é a principal vantagem do namoro pela *Internet*” (BAUMAN, 2004, p. 85).

Da mesma forma, é permanente o risco de não mais atender à demanda do outro, o que é um fator ansiolítico para quem participa desse jogo. As mulheres entrevistadas ilustram bem esse componente de angústia – possibilidade permanente de não ser mais o objeto do desejo do outro, conforme descrito por Lacan no capítulo da Identificação, nesse trabalho.

Quando olhamos para essas novas e atuais formas de relacionamento amoroso, nos defrontamos com o sentimento de insegurança que elas inspiram e os desejos conflitantes (estimulados por tal sentimento) de apertar os laços e, ao mesmo tempo, mantê-los frouxos. Podemos estar falando sobre nossas três personagens – Gládis, Ângela e Ro –, ou sobre,

[...] homens e mulheres, nossos contemporâneos, desesperados por terem sido abandonados aos seus próprios sentidos e sentimentos facilmente descartáveis, ansiando pela segurança do convívio e pela mão amiga com que possam contar num momento de aflição, desesperados por “relacionar-se.” E no entanto desconfiados da condição de “estar ligado”, em particular de estar ligado “permanentemente,” para não dizer eternamente, pois temem que tal condição possa trazer encargos e tensões que eles não se consideram aptos nem dispostos a suportar (BAUMAN, 2004, p. 8).

A explicitação de Bauman, ao deflagrar esse sintoma coletivo nas relações amorosas contemporâneas, e a explicitação de Gládis, Ângela e Ro, na apresentação de seu sintoma individual da mesma ordem, nos realinham na trilha dessa hipótese de que o indivíduo da psicanálise não é outro senão o recorte do coletivo que o constitui. Ângela, em seus relatos, melhor do que qualquer das outras, ilustra, numa passagem, a afirmativa de Bauman, quando diz que gostaria que o homem que escolhesse (se o pudesse escolher) morasse num apartamento ao lado do seu, mas que houvesse uma porta que ela pudesse fechar separando-os assim que desejasse (ou melhor, assim que deixasse de desejá-lo). Parece ser este o quadro atual de que Bauman fala – a ânsia por convívio e segurança e o temor de suportar uma relação. O *deletar* na *Internet* pode estar no lugar dessa porta que pode ser fechada como fuga às tensões provocadas pela relação.

As três mulheres pesquisadas afirmam em seus discursos estar à procura de um companheiro, uma relação estável, mas ao mesmo tempo afirmam não desejar dividir moradia. Uma diz não querer dividir o controle-remoto da televisão, numa alusiva indicação dessa dualidade atração-repulsão frente aos relacionamentos amorosos. Como se dissessem querer um compromisso descompromissado. Assim, a “agitação” dos *sites* da *Internet* representado pelas adesões freqüentes, entradas e saídas de participantes, e os inumeráveis contatos que daí derivam, contrastam com a inviabilização da efetivação de relações amorosas em alguns casos, testemunhadas pelas mulheres pesquisadas, o que implica numa certa paralisação.

Bauman se refere aos “relacionamentos de bolso” como sendo os relacionamentos descartáveis sempre que desnecessários, e ao mesmo tempo disponíveis sempre que novamente se tornem convenientes. Parece que a *Internet* viabiliza e, mais ainda, facilita essa forma relacional. Entrar e sair do *site* já é uma forma de disponibilizar, apenas conforme a conveniência, o acesso ao outro. Há um pressuposto de controle da situação.

Se lhe perguntassem, os habitantes de Leônia, umas das cidades invisíveis de Ítalo Calvino, diriam que sua paixão é ‘desfrutar coisas novas e diferentes.’ De fato. A cada manhã eles ‘vestem roupas novas em folha, tiram latas fechadas do mais recente modelo de geladeira, ouvindo *jingles* recém-lançados na estação de rádio mais quente do momento.’ Mas a cada manhã ‘as sobras da Leônia de ontem

aguardam pelo caminhão de lixo,' e cabe indagar se a verdadeira paixão dos leonianos na verdade não seria 'o prazer de expelir, descartar, limpar-se de uma impureza recorrente.' Caso contrário, porque os varredores de rua seriam 'recebidos como anjos', mesmo que sua missão fosse 'cercada de um silêncio respeitoso' (o que é compreensível: 'ninguém quer voltar a pensar em coisas que já foram rejeitadas')? (BAUMAN, 2004, p. 11).

Essa passagem textual tem a particular propriedade de poder tão bem ser comparada aos movimentos dos *sites* da *Internet*. De fato, a cada manhã é possível acessar novos contatos, mulheres e homens novos em folha, tirados desse tão recente modelo de canal de comunicações – nesse que é considerado o veículo “quente” do momento em matéria de contatos – a *Internet*. Mas a cada manhã sobram homens e mulheres desencantados, ansiosos e decepcionados, como nos dizem Gládis, Ro e também Ângela, por se verem descartadas. Provavelmente nas “latas de lixo” de alguns de seus correspondentes. Mas especialmente nos ocorre indagar, pela via da Psicanálise, se não seria mesmo essa a paixão dos internautas (em lugar dos leonianos). “O prazer de expelir, descartar, limpar-se de uma impureza recorrente!” Quando Bauman usa essa expressão “recorrente,” ocorre-nos, como psicanalistas, pensar se foi ao acaso que a usou. De qualquer forma, o autor ,aí, justamente aí, amarra as pontas dessas duas linhas, atando um nó – o sujeito e o social, já anunciado anteriormente pela citação de Minerbo. Porque “limpar-se de uma impureza recorrente” nos ata, na leitura psicanalítica, à reedição do Édipo, questão latente na procura do par amoroso. Assim, os varredores de rua, tanto quanto as lixeiras dos internautas, cumprem o papel de limpar essa sujeira, por isso sendo “recebidos como anjos.” Não fosse por isso, o sujeito estaria se confrontando com impurezas recorrentes. Essa descartabilidade na *Internet* poderia, então, estar funcionando como um excretor de processos inconscientes ligados à eleição de um objeto e ao estabelecimento de relações amorosas? Processos inconscientes porque justamente “ninguém quer voltar a pensar em coisas que já foram rejeitadas”. Daí pensar que a *Internet* pode, de certa forma, estar servindo como máscara dos entraves do sujeito no que se refere a travar um efetivo relacionamento amoroso:

Será que os habitantes de nosso líquido mundo moderno não são exatamente como os de Leônia, preocupados com uma coisa e falando de outra ? Eles garantem que seu desejo, paixão, objetivo ou sonho é 'relacionar-se.' Mas será que na verdade não estão preocupados principalmente em evitar que suas relações acabem congeladas ou coaguladas? (BAUMAN, 2004, p. 11).

Pela repetição dos fracassos das tentativas relacionais com diversos pares, nos perguntamos se Gládis, Ro e Ângela desejam, de fato, se relacionar, ou se na verdade estão falando de outra coisa. Por supor que fosse de outra coisa que falavam, foi que essa pesquisa

assumiu, de certa forma, outros contornos, conforme anunciado ao início deste capítulo. Assim, se Bauman aborda o relacionamento pelo prisma dos “infelizes caçadores de relacionamentos e seus especialistas”, nós aqui passamos a tratar das mulheres que buscam o par amoroso pelo prisma do meio de que se utilizam para isso. Conectar-se (na *Internet*) e relacionar-se passam a ser termos estreitamente ligados. Bauman diz que “[...] em vez de relatar suas experiências e expectativas utilizando termos como ‘relacionar-se’ e ‘relacionamentos,’ as pessoas falam cada vez mais em conexões ou ‘conectar-se’ e ‘ser conectado.’ Em vez de parceiros, preferem falar em ‘redes’” (BAUMAN, 2004, p. 12).

À parte do que dizem em sua linguagem explícita as mulheres entrevistadas acerca dos motivos que as levam a utilizar a *Internet* como meio de procura do par amoroso (por ser um lugar mais seguro, pela falta de tempo e disposição para frequentar bares, conforme já citado), o que se constitui como conteúdo manifesto de sua linguagem, podemos pensar no que poderia estar presente como conteúdo latente desses discursos. Os conceitos de conteúdo latente e conteúdo manifesto estão apresentados no capítulo da proposta metodológica desse trabalho. Novamente recorremos a Bauman:

Diferentemente de ‘relações’, ‘parentesco’, ‘parcerias’ e noções similares – que ressaltam o engajamento mútuo ao mesmo tempo em que silenciosamente excluem ou omitem o seu oposto, a falta de compromisso – uma ‘rede’ serve de matriz tanto para conectar quanto para desconectar; não é possível imaginá-la sem as duas possibilidades. Na rede, elas são escolhas igualmente legítimas, gozam do mesmo status e têm importância idêntica (BAUMAN, 2004, p. 12).

Remete-nos, novamente, à idéia de que a “rede” assegura o movimento de entrada e saída sem o necessário empenho de justificativas a que o sujeito se coloca diante de uma relação particular, privada e direta, como já citamos. “Diferentemente dos ‘relacionamentos reais’, é fácil entrar e sair dos ‘relacionamentos virtuais’. Em comparação com a ‘coisa autêntica’, pesada, lenta e confusa, eles parecem inteligentes e limpos, fáceis de usar, compreender a manusear” (BAUMAN, 2004, p. 12-13).

De fato, quando Ro, um dos sujeitos da pesquisa, cansada das investidas repetitivas e frustrantes da *Internet*, resolve buscar outro meio para viabilizar um encontro amoroso, e passa a frequentar “outros caminhos [...] um lugar que a gente dança”, testemunha sua experiência de mais frustração ainda nesse lugar, porque ali se sente rejeitada quando passa a noite sem ser convidada para dançar; ou usada quando os homens, logo a seguir à dança, já pressupõe um encontro sexual. Parece querer dizer justamente da dificuldade de lidar com

essa coisa “pesada e confusa”, difícil de manusear pela ambivalência que gera. Usando ainda as palavras de Bauman:

Como que obedecendo à lei de Gresham, as relações virtuais (rebatizadas de conexões) estabelecem o padrão que orienta todos os outros relacionamentos. Isso não traz felicidade aos homens e mulheres que se rendem a essa pressão; dificilmente se poderia imaginá-los mais felizes agora do que quando se envolviam nas relações pré-virtuais. Ganha-se de um lado, perde-se de outro (BAUMAN, 2004, p. 13).

É possível que esse movimento de Ro, na busca de “outros caminhos,” como ela mesma descreve, caminhos de relações não-virtuais, e a repetição da experiência de frustração, reforçada pelo sentimento de rejeição e exposição a que se coloca no contexto social (ela diz que quando não dança passa a noite com cara de pastel), tenha implicações na questão meio-fins. Podemos pensar que a escolha do meio de contato e procura, ou seja a *Internet*, possa ter como fim, além dos outros motivos já apontados, a evitação do confronto com esse real de ser ignorada e rejeitada pelo outro. Nos temas do narcisismo, da identificação e do complexo de Édipo, vemos como o sujeito se viabiliza pelo outro e, pode-se dizer, para o outro, nas suas fases de desenvolvimento e estruturação psíquica. Saber-se objeto do desejo do outro, refletir-se no olhar do outro, são condições estruturantes para o sujeito.

Balbo (2005), em seu texto *O Rir do Pequeno I(S) na Depressão*, explora a imagem do bebê ao seio da mãe, tomado por seus cuidados e sua atenção, destacando o movimento dos bracinhos e especialmente das mãozinhas em direção ao seio, ao rosto, aos olhos maternos. Chama-lhe a atenção os dedos que se movem como que tocando um piano com extraordinária destreza. Descreve esses dedinhos que “[...] parecem tatear, apalpar, contar mesmo alguma coisa simultaneamente ausente e presente” (BALBO, 2005). Refere-se a essa imagem que chama de “transbordamento”, a essa completude, essa sincronia, essa conjunção mãe-bebê, formada por esses dois quase Um – o bebê e este outro ele mesmo.

[...] é propriamente alucinante de ver, e o erotismo do dedilhado em particular, se localiza facilmente na alegria da face, cujo rir é tão significativa. Por seu gesto a criança renova um apelo dirigido à mãe, e não o reformula assim, pois antecipa aí uma resposta; desta antecipação, o dedilhado traz testemunho parcial (BALBO, 2005).

Refere-se à fase do narcisismo, quando não há ainda dissociação do eu como miragem do outro real que lhe faz imagem, no estádio do espelho. Esta cena narcísica, diz

Balbo, “[...] é um imaginário cujo significante fálico – a enigmática coisa dedilhada – explica a função” (BALBO, 2005). Podemos fazer uma analogia desse dedilhar do bebê com o dedilhar dos internautas à procura na *Internet*. Incidentalmente, a *Internet* é um lugar de procura, de busca, de tentativa de apreensão. Uma busca de apreensão que conjuga, justamente, esse dedilhar com o olhar de espera. A espera de uma resposta desse outro que, supostamente, tem uma resposta a dar. No caso particular dos sujeitos dessa pesquisa, a espera gira em torno do par amoroso. No caso do bebê... também! Trata-se da tentativa de apreensão de um objeto que se faça objeto de seu desejo, e para quem o sujeito possa ser tomado também como objeto de desejo. Na sua insistência no gesto, nos dedos ágeis não mais ao toque no seio da mãe, mas no teclado, acompanhado do olhar preso, não mais aos olhos mãe, mas à tela, a isso podemos tomar como um apelo dirigido, não mais à mãe, mas a esse outro que, por metonímia, possa vir substituí-la. Esse dedilhar no teclado é de expectativa. Antecipa uma resposta que deve vir, não mais da mãe, mas desse outro, antecipação testemunhada parcialmente pelo dedilhado, que não tem outro fim senão servir mesmo à espera de uma resposta. Esse dedilhar, o podemos tomar como um esforço para fazer ressurgir essa experiência perdida de unidade, de sincronia, de conjunção, através de um outro, cujo significante não é senão o retorno ao Outro. Dedilhar na *Internet*, ou teclar, como usualmente é designado, pode estar no lugar de uma renovação do apelo a esse grande Outro, na trilha de quem, e somente na sua trilha, todos os demais relacionamentos se podem efetivar ao longo da vida do sujeito. Será sempre esse Outro materno a ser buscado na *Internet*, identificado nesses outros com que é possível articular o desejo. (É mesmo possível?). Algo da ordem da interdição originária se apresenta sempre aí.

Podemos, também, referir essa relação virtual como uma expressão narcísica de relacionamento, nesse jogo do eu como miragem do outro real que lhe faz imagem. O eu, pela *Internet*, chega ao outro como miragem na tela, miragem de um eu que o outro configura com suas próprias cores. Essa relação por meio da tela, podemos tomá-la como analogia ao espelho – a imagem do eu vista pelo olhar do outro que me devolve essa figuração de mim, por mim mesma desconhecida. Na *Internet*, é pelo outro, via olhar do outro que o eu se presentifica. Só quando ele me vê é que meu eu se mostra. Não existe imagem aí que possa se mostrar se não há o outro no espelho – na tela. É pela interlocução com o outro que a imagem do eu aparece na tela. É preciso que o outro me designe na *Internet*, que me nomeie ao seu toque de dedos quando liga sua tela, quando se conecta, quando me conecta, quando me deposita sua atenção. É preciso, também na *Internet*, que o outro me olhe para que meu olhar sobre ele faça algum efeito. O efeito de demanda. O contato se dá pelo espelho e pelo dedilhar

em sincronia. Há uma simetria de ações a ser cumprida para que se dê o encontro virtual. Também aqui a “enigmática coisa dedilhada” pode explicar a função. A função mesma de um imaginário cujo significante é fálico. Essa coisa presente e ausente apalpada no teclado, podemos tomar como esse Outro perseguido indefinidamente pela expectativa de um reencontro sempre buscando pelas vias do desejo. Imaginariamente, no registro do imaginário, portanto, é pela presença de um outro que se almeja ver, no vídeo, ressurgir o Outro, sem que se saiba. A expectativa de formar um par é sempre e nunca outra, que o desejo de retornar, de fato, no real, ao “par perfeito”, numa alusão ao Um da vivência de completude, do entrelaçamento com a mãe no período arcaico, cuja lembrança está forçosamente apagada pelo recalçamento original que lhe adivinhou o erotismo.

Balbo, retomando as questões do auto-erotismo, relaciona o júbilo da criança, na cena ao seio materno, articulado ao dedilhado representando,

[...] o objeto parcial real, ausente certo das mãos, mas como terceiro disjuntivo da mãe e da criança, simbolicamente presente em razão mesmo da ausência real. Deste objeto parcial real, ausente ao não ser imaginariamente palpável, e presente ao não ser senão simbólico, o dedilhado sugere a imagem real – tanto faz a ilusão do falasser no berço – e também a presença virtual, tanto é simbólica de não ser senão o representante (BALBO, 2005).

Podemos vislumbrar as instâncias do registro do real, do simbólica e do imaginário nas relações pela *Internet*, ainda pela analogia ao dedilhado do bebê junto ao seio materno. É certo que esse outro acessado só o pode ser pela via do imaginário e do simbólico. Há, nessa relação virtual, a presença radical da ausência real desse outro, que precisa ser imaginarizado e simbolizado como um outro que faça função. E a função será sempre a função simbólica do falo, essa outra coisa oculta pela imagem do outro. A presença virtual desse outro é imaginariamente palpável, porque lá ele não está. Dele, na tela, só se tem uma imagem e uma função simbólica, é sempre seu representante que lá está, e nunca ele. Balbo faz alusão à ilusão do “falasser” no berço – o fala-ser do discurso lacaniano, apresentado no capítulo da proposta metodológica – referindo-se à relação de alienação do sujeito com a cadeia de significantes da sua fala, discurso da palavra vazia do inconsciente. Podemos pensar na palavra vazia das mulheres, sujeitos dessa pesquisa, na medida em que, na sua enunciação, poderão não saber do que falam. Repetindo, mais uma vez, a pergunta já feita por Lacan em *O Desejo e sua Interpretação*: “Será que, falando, o sujeito sabe o que faz?”

Nos Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade (1905), Freud anunciava o uso das mãos e dos dedos com sua função de articulação de um objeto real ou imaginário a uma zona

erógena, quando falava do auto-erotismo. Essas partes do corpo, evidentemente presentes e atuantes na articulação dos internautas, são justamente ligadas à masturbação.

Balbo aponta o auto-erotismo visto sob o enfoque do esquema ótico de Lacan no seminário A Angústia, referindo-se aos dois eixos cruzados do imaginário e do simbólico. E se fala disso para melhor interpretar a cena referência de seu tema (o bebê ao seio materno), podemos tomá-lo para falar de nossa cena referência, tema dessa pesquisa, e interrogar sobre componentes auto-eróticos que possam aí estar em jogo, na escolha desse veículo (a *Internet*) para a busca de um par amoroso. Porque aí podemos ver se desenrolar emblematicamente em ato a função ótica a serviço mesmo do cruzamento do imaginário e do simbólico. A imagem do objeto, vista pelo olhar do sujeito que olha, é sempre da ordem da ilusão, do imaginário, porque é “[...] essencialmente caracterizada por seu (do sujeito que olha) lugar no mundo simbólico, ou seja, no mundo da fala” (DOR, 1995, p. 38). Aí está em jogo a própria imagem do sujeito em relação ao eu-ideal e o ideal-do-eu, tema abordado em outros capítulos da fundamentação teórica desse estudo.

Já nesse ponto podemos supôr que, em resposta à pergunta inicial deste capítulo (será que os fins justificam os meios?), podemos dizer que a *Internet* é um meio pelo qual o corpo está fortemente implicado, pelo que tem de suporte nos arquétipos infantis que aqui estamos tratando de analisar. É possível que o meio *Internet* seja uma das vias pela qual o sujeito, tendo acesso a essas vivências, as atualiza, justamente quando explicita nessa atualização a intenção de retomada de um objeto erótico. Podemos, assim, entender a *Internet* como uma forma particularmente libidinosa de acesso ao objeto do desejo. É o corpo do sujeito que está presente, e não só o corpo do outro imaginarizado. E é um corpo erotizado, um corpo que tem função, esse diante do teclado onde seus dedos dedilham e diante da tela onde seus olhos repousam (ou se agitam?). Podemos pensar tratar-se de um momento auto-erótico onde o sujeito internauta, assim como o bebê na cena do aleitamento, enosa o real, o simbólico e o imaginário “[...] em volta de um objeto ‘a’ parcial, real mas ausente, ilusoriamente presente em sua imagem, e virtualmente susceptível de metonímias” (BALBO, 2005).

Parece-nos tratar-se justamente do sujeito objeto de nosso estudo, que escolhe, não outra forma, mas essa, justamente essa, a *Internet*, para pôr em marcha a empreitada de (re)encontrar o “par perfeito.” Com esses elementos de análise, podemos pensar que não é casual sua escolha do meio e que possam, portanto, os fins inconscientes de acesso ao gozo, estar aí implicados. Essa escolha se presta a esse retorno à cena original (mãe-criança), que Balbo descreve como a passagem do “dois que formam um” – referindo-se à fase em que o corpo do bebê e o corpo materno, imaginariamente, ainda não haviam se separado pela

experiência da cena do espelho – ao três simbólico, “mutativo de sua disjunção do outro”. Ora, a procura de um par amoroso não é outra coisa senão o desejo de um retorno impossível à condição de completude, do “dois que formam um”. Tentativa frustrada de anulação da disjunção fundamental do sujeito que, por isso tão somente, é o sujeito do desejo, o sujeito da falta. A *Internet* sustenta imaginariamente esse lugar onde,

[...] a imagem parcial da qual se sustenta essa passagem mutativa, é a de um fragmento do corpo deste outro, do qual esta imagem faz um objeto familiar e estranho: objeto realmente ausente, cuja imagem real não oferece senão a presença ilusória, e cuja virtualidade somente é que pode sustentar a presença possível (BALBO, 2005).

Devemos, mais uma vez, considerar o tempo de inserção das mulheres pesquisadas na *Internet*, o que repercute na reinteração sistemática da ação de procura, ou seja, de uso constante do veículo, e, ainda, na reincidência inabalável com que rejeitam qualquer homem real com quem estabelecem contato através de um encontro, o que implica num permanente retorno ao teclado e à tela. Em vista disso, podemos supor tratar-se de que seja, nesses casos, a virtualidade mesmo que possa estar sustentando a presença do possível. “Tudo se joga sem cessar entre uma ausência real, a ilusão de uma presença e a virtualidade de sua possibilidade real” (BALBO, 2005). Assim, podemos pensar que, para esses sujeitos da pesquisa, o que está em jogo é a procura e não o encontro propriamente, como acesso a um impossível.

O resto libidinal não especularizável, que só se encontra sob a forma de uma falta, e que o objeto a simboliza, é dado a supor pelo dedilhado, pelo qual o infans [e para nós, o internauta] não pode reencontrar nem sua imagem, nem sua completude sexual, já que ele não é senão um fragmento imaginarizado do corpo do outro (principalmente a mãe), corpo libidinalmente marcado de interdição (BALBO, 2005).

O que foi possível constatar é, justamente, que esse dedilhado, avenida por onde se lança o percurso da procura, não tem podido dar aos sujeitos a possibilidade real de (re)encontrar nem sua imagem nesse outro que nunca lhe faz eco, e que, portanto, não atende sua demanda, nem sua completude sexual, finalidade última de seu desejo. E não o tem podido por mostrar-se sempre insuficiente para comportar um significante que lhe dê sentido, e faça sentido para essa mulher que procura, e que faça, para ela, função. Os homens, expostos ao encontro real, não suprem essa falta, não são senão um fragmento imaginarizado do corpo de um outro, que faz alusão ao corpo libidinal interdito do Outro. Podemos pensar que essa questão possa estar na origem da repetição dos encontros fracassados, evidenciados

por esses sujeitos. Como diz Balbo, “[...] a relação mãe e criança não possui jamais o encanto nem a simplicidade das pinturas do ‘Quatrocento’” (BALBO, 2005). As mulheres entrevistadas nessa pesquisa relatam seu desencanto com os homens no encontro real, e com a própria relação que daí advém, onde não se cumpre a promessa da pintura na tela (tela do computador), numa alusão a essa passagem de Balbo.

3.3.1 *Sites* de Namoro: um sintoma?

*“a linguagem era comparável
a essa moeda apagada que se passa
de mão em mão em silêncio”
(MALLARMÉ, in LACAN, 2005)*

Freud afirmava que o mal-estar da civilização era basicamente a repressão dos desejos. Hoje, ao contrário, o imperativo é o gozo, e o sujeito impõe e usufrui sua liberdade de gozar. No entanto, há um novo ordenamento para que se produza o gozo. Se a proibição foi por muitos anos a guardiã do prazer e da satisfação funcionando como suporte do gozo, o que Freud apresenta classificadamente pelo interdito do incesto, coloca-se a questão, na contemporaneidade, dos efeitos do liberalismo sexual (e as mulheres pesquisadas são testemunhas vivas desse evento, anunciando seu desejo que não é outro senão sexual, num veículo de domínio público) sobre o desejo humano. Essa questão, tomada na dimensão social, implicada com a queixa evidenciada nos *sites* de namoro da *Internet* – de não encontrar o homem desejado –, pode estar apontando para que essa nova forma relacional possa estar funcionando em resposta a isso.

Melman (2005) coloca a questão dos meios de acesso à virilidade e considera que, na falta da castração vivenciada na atualidade, o estilo contemporâneo relacional poderia vir como forma de acesso à virilidade sem a castração.

A questão de tomar os *sites* de namoro como um sintoma está implicada em alguns fundamentos. Inicialmente, desde Freud e Lacan, tem-se que o sintoma é aquilo que liga o sujeito a seus desejos. O desejo, por sua vez, é, por constituição, ambivalente, implicando em que não possa ser satisfeito a fim de que não se esgote a demanda e que, em última análise, não se esgote o sujeito como demandante, como desejante, função que o sustenta enquanto tal. Nessa perspectiva, a *Internet* pode ser tomada como via de solução para essa conflitiva, na medida em que se caracteriza como um meio, um lugar, um suporte para que o ciclo pulsional faça seu circuito demanda-desejo-satisfação sem compromisso entre os termos, evitando, dessa forma, a ameaça de extinção, uma vez possibilitar e justificar a não-satisfação. Nos *sites*

de namoro, demandar-desejar tem em si mesmo um fim. É também um lugar privilegiado para que o sujeito tome o objeto fantasisticamente. Uma vez que o único lugar onde é possível gozar é na fantasia, a *Internet* se oferece na viabilização dessa demanda. O objeto capaz de sustentar o engodo do desejo do outro é sempre o objeto da fantasia. Os internautas, mais do que ninguém, se oferecem à essa função. Possivelmente seria de Freud a invenção dos *sites* de namoro, houvesse ele podido contar, em sua época, com esses recursos informáticos da atualidade. Isso, pela genialidade do invento, se analisado nessa perspectiva psicanalítica da subjetividade humana relacionada à teoria do desejo. Ainda pelo quê de resguardo podem oferecer a esse "impossível do gozo" – condição endógena, parte do funcionamento intrapsíquico.

Freud concebeu que nada poderia desviar o homem de seu gozo se ele pudesse satisfazer-se com ele, e que a civilização se edificou justamente sobre uma ausência no âmago do gozo humano. Podemos tomar que a *Internet*, como uma das formas da civilização atual ter acesso ao outro (ao gozo), tenha se edificado justamente sobre esses preceitos. É possível que pela *Internet* se dê a vivência desse impossível do gozo na civilização contemporânea do "a-mais do gozar". Os *sites* de namoro podem se apresentar como sintoma, na medida em que apontam para a forma com que o sujeito se liga ao desejo. Há, aí, uma nova forma de formação de laço, podendo-se destacar os aspectos da falta de consistência psíquica das relações, a volatividade, traços de superficialidade, instantaneidade/imediatismo da comunicação implicando numa urgência relacional, polaridade proximidade-distanciamento, simultaneidade de relacionamento, conforme evidenciado na análise dos sujeitos da pesquisa.

O liberalismo sexual na contemporaneidade se insere no ponto de reversão que se dá na concepção do supereu de Freud à Lacan. Se para Freud o supereu é tomado como um representante das exigências morais, sendo assim responsável pelo controle e punição do eu, para Lacan se dá uma reversão desse supereu proibitivo para o supereu compulsório que toma a função de empurrar o eu a agir para além do desejo – constituindo-se o imperativo do gozo –, ao invés de sua ação principal anterior. O gozo é o imperativo da sociedade de consumo.

O adiamento das gratificações está fora de moda, foi substituído pelo gozo imediato de tudo que se oferece a esse fim. "Não mais a renúncia pulsional e a 'castração', mas a fantasia narcisista de um eu que se prolonga nos objetos de satisfação" (BUCCI e KEHL, 2004, p. 58).

Segundo Christian Ingo Lenz Dunker, apresentando o pensamento de Zizek (2005), é este o "[...] ponto de virada da cultura da renúncia e do sacrifício para a cultura do consumo e

do prazer permissivo" (p. 74). Zizek trabalha o conceito de fantasia ideológica nos sistemas políticos, sendo que esta suprime a liberdade do indivíduo pelas operações que lhe são próprias. Como decorrência da fantasia ideológica, dá-se a produção de uma exceção que "[...] fixa o elemento faltante para o universal que ela promete. Esta exceção é o sintoma social, que como negação interna carrega dentro de si as propriedades formais da fantasia da qual se origina" (p.52). O autor também trabalha com os postulados de Marx para analisar o capitalismo e as formas relacionais daí decorrentes, afirmando que o valor do gozo presente no sintoma social lhe é conferido pela forma fetichista assumida pela mercadoria, sendo que as relações sociais entre pessoas presentemente se “disfarçam” como relações sociais entre coisas. Aponta essa coisificação nas relações atuais como a “histeria conversiva própria do capitalismo” – o sintoma social. Com isso levanta a tese do “cinismo” como “sintoma social hegemônico”, sustentada como estratégia do sujeito manter-se na situação de quem não sabe sobre o poder estruturador da fantasia ideológica. Zizek propõe a reversão do “eles não sabem o que fazem”, da cultura cristã, ao “mesmo sabendo eles continuam a fazer como se não soubessem” (p.53), advindo daí o “sujeito interpassivo”, para o qual a fantasia ideológica prescreve um lugar, lugar esse que poderá ser cedido para o ato do outro, um outro que supostamente crê. Um outro que acredite por ele, em seu lugar, analogamente ao sujeito suposto saber lacaniano.

A relação entre ideologia e inconsciente é traçada por Bucci e Kehl (2004) tomando as postulações de Pêcheux, que apontam o fato de ambos ocultarem na sua operação sua própria existência “[...] produzindo uma rede de verdades ‘subjetivas’ evidentes, com o ‘subjetivas’ significando aqui não que ‘afetam o sujeito’, mas em que o sujeito se constitui” (p. 39).

A inserção do sujeito contemporâneo nos *sites* de namoro da *Internet* parece adequar-se como um dos cenários onde essa trama social se desenrola. O imperativo “goza!” faz parte da fantasia ideológica social em nossos tempos midiáticos e, enquanto fantasia ideológica, suprime a liberdade. Não só liberada, mas imposta, a sexualidade precisa de um palco social onde o sujeito possa projetar a eficácia (ou ineficácia) do seu desempenho. Se o gozo é o universal prometido pela ascensão do imperativo, os *sites* de procura do par amoroso na *Internet* podem ocupar o lugar de exceção, e assim se constituir como sintoma social, que pela negação interna – afinal, nos *sites* circula a promessa velada (e desvelada) do encontro da “alma-gêmea”, do “par perfeito” para quem ainda não o tem –, carrega em si as “propriedades formais da qual se origina”, ou seja, a falácia da ideologia, da fantasia, da garantia do acesso ao gozo, no atendimento ao imperativo categórico - goza!

A forma fetichista assumida nas relações da *Internet* com o outro tratado dentro de alguns princípios mercadológicos (há uma lista de homens, mercadorias para escolha, há um preço a pagar pela participação no programa e para acesso aos candidatos, estabelecem-se lista de prioridades – “os preferidos”, lista de espera; enfim, uma relação de oferta e demanda) apontam também para a noção do sintoma social da “histeria conversiva própria do capitalismo”, ilustrando a mudança de valores na passagem das relações sociais entre pessoas para uma dimensão de relações sociais entre coisas.

Nos relatos das mulheres sujeitos da pesquisa está presente sua convicção de que as pessoas mentem nesse programa. Elas dizem saber que os homens mentem a respeito de si, assim como elas próprias depõem algumas de suas mentiras pessoais. No entanto, seguem acreditando na possibilidade de encontrar, nesses *sites*, sinceridade e verdade nos sujeitos, ao menos um deve haver – o “um” que será seu par. Contraditoriamente, continuam apostando e investindo no sistema, sustentadas pelo que Zizek chama de “cinismo” constitutivo do sintoma social, pelo qual o sujeito mantém-se na posição de quem não sabe, como forma de manter-se sob o manto da fantasia ideológica. Mesmo sabendo que os homens mentem à elas nos *sites* de namoro (e que elas próprias mentem a eles), continuam a procurar lá um “homem sincero, honesto, ...”. Continuam a fazer (a procurar) como se não soubessem. Todos sabem que todos mentem (dentro dos pressupostos por elas colocados), mas o fetiche é fingir não saber para seguir acreditando – para seguir desejando. Assim, essas mulheres ocupam, como “sujeitos interpassivos”, o lugar a elas prescrito pela fantasia ideológica. Não lhes é necessário crer nos *sites* de namoro como possibilidade efetiva de atendê-las, esse lugar de crença é ocupado pelo próprio *site* da *Internet* que se coloca como o que sabe por elas (afinal tantos já encontraram lá seus pares e tantos participam desses programas). A *Internet* supostamente crê na promessa que faz circular, ascendendo assim ao lugar do sujeito suposto saber laciano.

Os *sites* de namoro na *Internet* podem ser tomados como grande Outro, sob o registro imaginário de seus usuários, encarnando a figura, não só de autoridade, poder, amparo e proteção que oferece (as mulheres entrevistadas justificam sua escolha por esse meio de acesso ao par por ser mais seguro e confortável), mas também como figura que sabe desse sujeito e de seu desejo. Por saber disso, o *site* faz a sua oferta em atendimento a essa demanda, antes mesmo que o próprio sujeito a enuncie. Esse grande Outro faz uma oferta incessante de objetos para o desejo, pois supostamente está na posição de um saber sobre o desejo do sujeito.

Quando o grande Outro se encarna imaginariamente num objeto de cultura, decorre, segundo Bucci e Kehl (2004), dos sujeitos serem dispensados da necessidade de pensar e

simbolizar, “[...] dispensados do trabalho psíquico que nos constitui como sujeitos do desejo, ficamos perigosamente ancorados no eu imaginário e submetidos à violência própria das formações imaginárias” (p.98). Sendo o Outro a saber do desejo dos sujeitos dos *sites* de namoro e do que lhes satisfaça, já que o *site* tem o que lhes oferecer, poupa-os de criar consistência subjetiva, o que só é possível na experiência com o real, como dizem os autores, com “[...] os tropeços e cabeçadas que o real nos faz dar” (p. 98). A *Internet* tem por função pretensamente poupar, ou ao menos minimizar esses tropeços. Será?

O gozo imaginário do sujeito se dá pelo efeito de significação que se produz quando uma idéia ou desejo encontra uma imagem com a qual se dá uma ilusão de identidade. O ser é ocupado pela imagem na significação. Também Bucci e Kehl caracterizam a sociedade contemporânea como marcada pelo imperativo do gozo, pela intolerância à falta, pela demanda contínua, ainda que vazia, pela compulsão do sujeito à agir, respondendo à demanda do Outro, ao invés da reflexão, contemplação e dúvida. Os *sites* de namoro na *Internet* podem estar, para os sujeitos da atualidade, como uma das vozes desse grande Outro sem falta, no oferecimento da oportunidade de obturar a falta do sujeito. O lugar do objeto “a” imaginariamente passa a ser o campo de circulação de mercadorias – possíveis pares amorosos –, e a demanda, imperativa, ocupa o lugar do desejo. Assim, vemos nos sujeitos pesquisados uma demanda permanente. Mesmo a simulação de uma dúvida que se esboça quando se perguntam se de fato querem mesmo um par não interrompe a procura. Compelidas a demandar, se mantêm em atividade contínua nos *sites* por meses, anos a fio.

A *Internet* se apresenta como uma solução de compromisso, caracterizando-se como um sintoma onde os sujeitos sustentam um “*semblant*” de liberdade na tentativa de obter prazer e, ao mesmo tempo, mantêm o recalque, e o mal-estar persiste na forma de “mais-alienação”. Desde o estádio do espelho, em Lacan, sabemos da dependência absoluta do olhar do Outro nesta que é a forma mais primitiva de identificação. A certeza da existência do sujeito se dá pela constatação de que esse Outro o vê, o que se prolonga na vida adulta. Dizem Bucci e Kehl (2004): “Dependemos do espetáculo para confirmar que existimos e para nos orientar em meio a nossos semelhantes, dos quais nos isolamos” (p. 50). A *Internet* pode estar encarnando esse olhar de confirmação da existência do sujeito na promoção desse pequeno “espetáculo” encenado na tela do computador. De qualquer forma, tem-se presente que “[...] cada um é a causa determinante do comportamento do outro com ele” (DOLTO, 1998, p. 135).

Esse jogo de repetições do sujeito emblemado nos *sites* de namoro faz reflexo ao jogo mesmo que constitui o sexual, onde o que se repete não é mais o primeiro termo em

relação ao qual os demais seriam máscara. Repetem-se as máscaras, os disfarces, nos quais está inserida a repetição, repetição essa que é parte integrante e constituinte dessas próprias máscaras. Garcia-Roza (2003) coloca que “[...] não há um elemento primeiro, sem máscara, que poderia ser tomado como referencial absoluto e como a verdade sob os disfarces [...] nessa série de travestismos não encontramos o travesti desnudo...” (p. 45). Nessa perspectiva, vimos configurarem-se muitas das questões que analisamos nos sujeitos da pesquisa.

Lacan (1992), já o dissemos, apontava a “moral utilitária” implicada no reconhecimento dos objetos constituídos no que chamou de “mercado dos objetos”. Parte da concepção de que o objeto, na cadeia do princípio do prazer, não é senão significado, uma vez que objeto verdadeiro, o objeto primordial, não é apreendido de modo algum. Coloca-se, portanto, como objeto fantástico, exigindo substituição. Nessa perspectiva, trata-se de objetos cambiáveis, que “podem servir a todos [...] sua possibilidade de uso, a utilidade para todos e para o maior número” (p.240). Expressa, assim, a hiância entre essa espécie de objeto do mundo socializado e a constituição do objeto privilegiado da fantasia do sujeito.

Os *sites* de namoro na *Internet* podem ser tomados como um mercado de objetos, em que a demanda e a oferta se estruturam em torno da utilidade dos objetos, na busca de apreensão de “algum” que possa valer pelo “um”. A forma relacional nesse lugar gravita em torno dessa hiância – do objeto socializado ao objeto privilegiado. O sujeito socializado, que pode servir a todos, está implicado na idéia do inautêntico – lugar do sujeito na fantasia. A função de carne da fantasia, no lugar de objeto do outro, pressupõe em seu mecanismo que, por alguma marca na execução, não pareça de todo verdadeiro. Não pode ser verdadeiro porque incidiria no objeto como ameaça à castração, impedindo ao sujeito viver tal fantasia. Incide, aí, o significante barrado, que funciona apenas como significante, garantindo a defasagem entre objeto do desejo e objeto real. Esse sujeito inautêntico da *Internet* coloca-se, assim, autenticamente qualificado a ocupar o lugar desse obscuro objeto do desejo.

Na dimensão do gozo intermediado, e mesmo viabilizado pela fantasia, Lacan (1992) antecipa-o como um gozo virtual. Na análise que faz do gozo em algumas espécies animais ele constata que o gozo se dá em outras partes do corpo, além do órgão fático. Trata-se de um gozo que se dá em outro lugar e, mesmo desviado, ainda assim é “gozo copulatório”. Nessa lógica, é possível pensar a *Internet* mesmo como uma extensão do corpo libidinal do sujeito, um outro lugar onde seja possível o gozo, e, assim, constituir-se como um sintoma coletivo na contemporaneidade. Uma vez que o gozo no corpo, hoje, diferentemente do tempo freudiano, não está subjugado à repressão, ao contrário, trata-se de um gozo emancipado e, mais que isso, imperativo, sofre uma queda na amplitude dos efeitos próprios ao desejo barrado. Nessa

dimensão, a *Internet*, como suporte do desejo, pode estar na função de suplantá-lo um gozo perdido por conta das novas formas de rompimento das fronteiras sociais nas questões da sexualidade humana.

A maneira de satisfazer o desejo importa mais que o desejo propriamente, no que se refere à possibilidade de algum acesso ao outro (e mesmo ao Outro do sujeito em causa). O registro em que o sujeito terá que se mostrar, ou se camuflar, está implicado nas questões do eu ideal e do ideal do eu. A *Internet* vem se apresentar como um novo lugar, onde esse jogo se dá.

Giddens (2002) afirma que a modernidade é inseparável de sua própria *mídia*. O que abre novamente, nesse estudo, o debate acerca da permanência integral das descobertas freudianas como referencial possível de dar conta da tarefa da compreensão dos fenômenos psíquicos relativos à questão da eleição do objeto no sujeito contemporâneo. O debate incide agora sobre a conceituação do *voyeurismo* e do exibicionismo tomados, até então, como práticas de perversão. Na concepção de Lacan, em acréscimo a Freud, chama a atenção, nessas práticas, o fato de que sua apreensão põe em questão – além da relação entre aquele que vê e que se mostra a um outro sujeito simplesmente –, tanto na fantasia do *voyeur* como do exibicionista, um terceiro elemento que implica “[...] que pode surgir no parceiro uma consciência cúmplice que recebe o que lhe é dado ver – que aquilo que o expande em sua solidão, aparentemente inocente, se oferece a um olhar oculto [...]” (1992, p. 300). Assim, o próprio desejo está na sustentação de sua função na fantasia.

A *Internet* se apresenta como um vasto campo para o exercício do exibicionismo e o *voyeurismo*, apontando para um modo diferente de estabelecimento do laço com o outro, um modo concebido pelo social e incorporado às suas práticas, valendo-se, para isso, de uma das mais importantes ferramentas tecnológicas da atualidade. Nessa perspectiva, a *Internet* se oferece novamente como lugar de gozo, uma vez que assegura essa possibilidade da montagem do cenário para o desenvolvimento dessa trama entre o sujeito que se mostra ou que vê, o outro como parceiro, e ainda esse terceiro elemento, garantido pelo acesso desse outro ao visor do computador que lhe confere a função dessa consciência cúmplice do olhar oculto, que vem permitir ao sujeito a sua expansão em sua solidão do outro lado da tela. Nesse contexto da sociedade contemporânea, cabe questionar o caráter da perversidade atribuído a essas que se tornaram hoje práticas de acesso ao gozo, sancionadas socialmente.

Evidenciou-se, quando Freud (1911) escreveu suas Notas Psicanalíticas Sobre um Relato Autobiográfico de um Caso de Paranóia, e mesmo na própria fonte, através do texto de Schreber (1984), quando escreveu as Memórias de um Doente dos Nervos, evidenciou-se o

caráter particular da produção do sintoma, no rastro da história infantil desse sujeito, emblematizado na imbricação de seu complexo familiar. Mas é em Santner (1997) que se escancaram os “[...] elos entre o campo ‘privado’ dos distúrbios psicopatológicos e o campo ‘público’ das forças e realidades ideológicas e políticas”(p.13), no rastro dos estudos de Žižek, aplicados por ele à análise do caso Schreber. Contextualizando o sujeito Schreber no panorama sócio-político da Alemanha da época em que viveu, emerge o psicótico Schreber, que denuncia em seu corpo psíquico o acentuado antagonismo social no qual se inscrevia. Assim, na paralela do contexto familiar, o mundo delirante desse sujeito descortina sua via de saída sintomática em forma de sintonia profunda de sua crise individual com as crises sociais mais amplas de sua época. Santner reaviva a dialética imbricação filo e ontogênica adotada por Freud na análise do sujeito e das sociedades.

Nessa perspectiva, podemos tomar a abordagem particular dos sujeitos dessa pesquisa – o modo como criam sua solução de saída à questão emergente do desejo, como dar-lhe um destino –, sua crise individual, também em sintonia com as crises sociais mais amplas da contemporaneidade. O entrelaçamento de seu relato autobiográfico com o panorama do contexto social no qual estão inscritas essas mulheres, e o traçado dos elos entre seu campo privado e o campo público das ideologias reinantes, buscou ser aplicado à análise desses sujeitos. Daí a podermos suscitar os *sites* de procura do par amoroso como um sintoma de nossa época.

4 EDUCAÇÃO: ESCOLA, LUGAR DE GOZO!

*Se nos ensinassem a amar...
Ah, se ao menos tentassem,
quem sabe
a gente aprenderia... **

Dos desafios de conduzir esse trabalho de pesquisa, de todos eles, o maior nos pareceu o de intentar considerações que aproximassem, de forma clara e objetiva, a questão da psicanálise com a questão da educação. Como cruzar esses caminhos, quando até mesmo Freud considerou a educação como algo da ordem do impossível?

Freud (1930), em *O Mal-Estar na Civilização*, apresentou a educação como uma prática de ajustamento do homem aos interesses do social, como acesso à civilização, o que se dá por conta do recalçamento de suas pulsões sexuais e agressivas – fonte de muitas neuroses, portanto – em atendimento à lei social e suas possibilidades de sublimação. Como efeito a essa sujeição é dada ao sujeito a filiação à cultura no sentido do amparo e proteção da natureza e da lei do mais forte. Nessa via, psicanálise e educação se antagonizam: onde uma faz, a outra (des)faz; onde uma cobre, a outra (des)cobre; onde uma esconde, a outra mostra; onde uma silencia, a outra fala. A educação, por sua própria ação de socializar em busca da promoção do sujeito melhor e de uma vida melhor, impõe, pelo código de suas leis, a limitação, a castração do sujeito que a psicanálise trata de tomar com propósito de reconstrução da subjetivação.

Alinhada à política, a educação, também para Freud, apresentava-se como um desafio, tendo ele afirmado que ambas “[...]de antemão se pode estar seguro de chegar a resultados insatisfatórios” (FREUD, 1937, p. 282). Além disso, vê a própria análise como parecendo poder ser uma terceira profissão tomada como impossível, em função das rigorosas exigências a que o analista tem de atender no desempenho de suas atividades. Nessa afirmativa, surge um indicativo. Se é pelo rigor das exigências ao atendimento no desempenho de uma atividade que esta pode vir a ser tomada como possível, podemos, de saída, apostar que esta hipótese faça efeito também sobre a educação. Assim, falar da aproximação da educação com a psicanálise, constitui-se na proposta de que a primeira possa valer-se da segunda para resolução de grande parte das exigências desafiadoras que enfrenta, e que passam pela formação docente, para levar a cabo, com êxito, sua função junto ao aluno-sujeito. Neste sentido, caberia, neste momento de construção teórica do presente trabalho,

* Da própria autora da Tese.

toda uma revisão da teoria apresentada nos demais capítulos. Simplesmente porque à psicanálise cabe como função, junto à educação, apresentar o aluno na sua dimensão de sujeito. E apresentar o educador na dimensão de sujeito. Assim, é preciso que o saber da educação, enquanto equipe de trabalho, inclua saber que os desafios diários que enfrenta, embora passem à sombra, são reflexo do modo como cada uma das partes nessa interlocução escolar, de um lado os alunos e de outro a equipe de trabalho, como cada um vivenciou suas etapas de construção psíquica, como lidou com os conflitos inerentes à sua construção, e quanto essas questões estão diretamente implicadas nas suas possibilidades atuais de lidar com o mundo inter e extrapsíquico. A escola é um campo social, o mais importante ao longo de muitos anos da vida do sujeito, onde se embatem o narcisismo, as identificações e o Édipo de cada um, com todos os imbricados processos inerentes a ele. O ambiente escolar constitui-se, pelas características das relações que aí se estabelecem, um lugar privilegiado para sua encenação. E a cena que aí se põe em palco poderá ser um romance ou uma tragédia. Muito vai depender das possibilidades dos sujeitos envolvidos compreenderem seus próprios processos e tomá-los como implicados nas suas reais possibilidades de atuação, podendo falar de si enquanto sujeitos, o que vai para muito além do lugar-tenente de cada um, determinado pelas posições que ocupam nesse jogo de interlocução.

Ao pensarmos as questões da educação com enfoque na psicanálise, ou poderíamos dizer, ao pensarmos nas questões psicanalíticas com enfoque na vivência do sujeito no ambiente educacional, por qualquer dessas vias de acesso, chegaremos à Lacan, que propõe o sujeito da linguagem. É pela linguagem que é marcada a entrada do sujeito na cultura. De saída, à escola cabe uma função, que de muito se faz, sem se saber o que faz, na maioria das vezes. Implica em que caberia aos educadores tomar a linguagem (escrita e falada) como um processo constitutivo do sujeito, onde ele ali se apresenta, aparecendo como resultado na escola, o que de si esse sujeito pode falar, muitas vezes pelo sintoma, tão freqüente nos ambientes escolares. Os sintomas, deles a escola sabe bem. Aparecem sob diversas máscaras e, na busca de camuflar, evidenciam diferentes dramas. Poder ver o drama atrás da máscara do ator seria a função de um educador que, embora não seja um psicanalista, é a ele que, de forma mais constante, o sujeito se oferece. Seu grito silencioso de socorro invariavelmente passa pela escola antes de poder chegar a outro lugar, e muito poucas vezes consegue chegar à clínica. Importa na educação, no sentido de fazer aí uma diferença, poder acolher essa demanda do sujeito. Como pressuposto, o sintoma do educador precisa, antes disso, ser encarado como tal. A escola, como um lugar de relações, é um lugar de comunicação de inconscientes.

À parte de ser possível explorar toda a teoria psicanalítica sob a mira da educação, e vice-versa, vamos aqui abordar, inicialmente, dois pontos que têm, no ambiente escolar, palco para muitas cenas: a transferência e as identificações.

Freud (1912b) aborda a dinâmica da transferência referindo-se, conforme exposto ao longo da fundamentação teórica, que os sujeitos estabelecem suas relações atuais com base nas ‘imagos’ infantis. Logo, a transferência opera no contexto escolar. A posição ocupada pelo professor, colocado no lugar do saber, e por conseqüência, no lugar do poder, de saída, dá condições para que se estabeleça transferência na relação professor-aluno, uma vez que o desejo do aluno esteja engatado no desejo de saber. A fala do mestre terá efeito de acordo com o lugar em que se coloca no inconsciente do aluno-sujeito, podendo sustentar (ou não) esse lugar diante do outro. A partir disso, vários atos vão se desenrolar, no sentido mesmo de atuação. Importa saber que, também de parte do educador, uma transferência opera sobre o aluno, de acordo com o lugar em que este se coloca no inconsciente do professor.

De parte das identificações, cuja fundamentação teórica está também apresentada nos demais capítulos, o ambiente escolar, além de representar lugar de saída da criança para o social, nos primeiros anos de vida, se oferece como local onde novas e necessárias identificações se estabelecem, atuando de certa forma como uma ruptura e ampliação dos modelos identificatórios parentais. Toda a trama da construção do ideal-do-eu e eu-ideal se amarra também nesse contexto. O professor, na maioria das vezes sem o saber, desempenha nessa trama um papel central, a ponto de contribuir ou dificultar alguns processos do desenvolvimento psíquico do sujeito-aluno, que o toma em lugar de um outro a quem dirige sua demanda. Que o professor o saiba ou não, a ele o aluno toma, em alguma medida, como objeto de seu desejo, e nele faz a expectativa de poder ser tomado nesse desejo como uma resposta que o constitua como sujeito. Ser tomado como objeto do desejo do professor, e saber ser alvo de sua demanda, é condição da viabilização de qualquer processo educacional. É necessário que se estabeleça uma relação de transitivismo aí, em que o professor exerça sobre o aluno um golpe de força, que faça uma forçagem que o conduza à mudança de lugar. Para isso, já o vimos, é preciso que o professor (no lugar da mãe) possa fazer a hipótese do saber do aluno e nela faça sua aposta. Que o aluno se saiba merecedor dessa aposta o constitui enquanto estudante, e o engata no processo de aprendizagem. Esses dois processos – identificações e transferências – operam nas relações que se estabelecem entre os professores e seus alunos, a partir das imagos de parte à parte, de modo que muitas personagens circulem nas cenas que, a partir desse convívio, se desenrolaram. Como diz Fernández (2001), não são conteúdos, mas significações que se aprendem e se ensinam, uma vez que “[...] as

significações vão atravessando as pessoas e os objetos Reais, transversalizando-os e dando-lhes outra dimensão” (p. 175). O espaço da aprendizagem é, portanto, atravessado de significações inconscientes, e a transmissão do ensino se dá através do não-dito, do que não está nomeado. O desconhecimento dessas determinações inconscientes e suas articulações com o conhecimento outorgado gera a possibilidade de instalação das “patologias da aprendizagem”.

Embora este estudo não tenha pretendido apresentar respostas às inúmeras questões que se colocam frente aos desafios da interface educação e psicanálise, ao menos tratou de ocupar-se de algumas delas, com algumas contribuições que buscam oportunizar uma interlocução entre a teoria e a prática psicanalítica com a teoria e a prática educativa.

Assim, se fez questão no nosso estudo a forma como a educação tem podido, através de sua ação, lidar com a sexualidade. Se de um lado os sujeitos de nossa pesquisa (mulheres na faixa etária de 45 a 50 anos) não estão hoje sob o telhado da escola, de outro, por certo, muito de seu comportamento está sob sua égide. E, arriscamos dizer, seu comportamento amoroso sofre, grandemente, influências das experiências de liberdade e repressão que aí se somaram durante os anos de sua (de)formação. Em *O Mal-Estar na Civilização* (1930), Freud aborda a questão do sentimento de culpa como o problema mais importante no desenvolvimento da civilização. Sua intensificação implica em uma perda de felicidade, preço a ser pago por esse desenvolvimento. Nas neuroses, esse sentimento de culpa permanece inconsciente, produzindo seus efeitos, manifestando-se por uma necessidade, também inconsciente, de punição. E nesse contexto, Freud cita Shakespeare, pelo monólogo de Hamlet:

Assim, a consciência faz de todos nós covardes... Que a educação dos jovens nos dias de hoje lhes oculta o papel que a sexualidade desempenhará em suas vidas, não constitui a única censura que somos obrigados a fazer contra ela. Seu outro pecado é não prepará-los para a agressividade da qual se acham destinados a se tornarem objetos. Ao encaminhar jovens para a vida com esta falsa orientação psicológica, a educação se comporta como se devesse equipar pessoas que partem para uma expedição polar em trajes de verão e mapas dos lagos italianos (FREUD, 1930, p. 158).

Trata-se de que a educação esconde (ou quer esconder) as questões da sexualidade. Não as considera ou incorpora ao seu contexto. Com isso, abafa o que no sujeito o faz brilhar. Nesse mesmo texto, Freud (1930, p. 121) coloca que a vida em comunidade tem dois fundamentos: a compulsão para o trabalho e o poder do amor, que faz o homem relutar em privar-se de seu objeto sexual. A educação tratou de anular um deles dois. Então adotou por

meta, basicamente, preparar o homem para o trabalho. E assim tem sido desde Freud até os dias de hoje. A preparação para a convivência social, na escola, não abarca a relação erótica. Quando muito, prepara para a fraternidade (e pelos indícios atuais da violência crescente, tem fracassado também nisso). Na escola, a erotização, o gozo, o desejo, estão latentes sob o véu que lhes tenta encobrir.

Em seu texto *A Mulher Escondida na Professora*, Fernández (2001) denuncia a ocultação da mulher, enquanto ser sexuado, na figura da “senhorita” professora, tratamento usual na cultura argentina, correspondente à “tia” na cultura brasileira. Ambas expressões remetem à idéia de uma mulher que não faz sexo (senhorita traz implícita a idéia de mulher solteira; e tia, de solteirona).

Quando fala dos efeitos ulteriores da escolha de objeto infantil, Freud (1905, p. 235) se refere à importância das relações da criança com os pais. Distúrbios nessas relações produzirão graves efeitos na vida sexual do adulto. Propõe que casamentos conflituosos e separações predispõe a criança a distúrbios no seu desenvolvimento sexual ou à neuroses. Mannoni (1981, p. 52) conclui que não é a desunião dos pais que provoca os distúrbios infantis, mas o caráter patogênico de um deles reforçando uma situação real de conflito, criando para a criança algo insustentável que pode levá-la à fuga num *acting out* de suicida ou de assassino. Consideramos ser essa uma matéria de base para a educação. Sua intervenção deve poder ajudar a criança a lidar com vivências conflituosas, trazendo a debate as questões da sua vida, no seu contexto social e familiar, possibilitando a ela ter acesso a seus afetos de forma a que uma reinscrição desses possa ser feita de uma outra forma. Importa que a criança, na escola, não se sinta só com seus conflitos.

Nasio (1997a), abordando as questões de erupção do passado, questões do reprimido inconsciente, faz o que nos pareceu ser uma virada, como uma virada no jogo, capaz de alterar o resultado de uma partida. Propõe que, se podemos pensar que o passado jorra para a superfície do presente, manifestando-se de forma imprevisível e inesperada através de lembranças, ações, vicissitudes da vida afetiva, e pela repetição de acontecimentos exclusivamente infelizes, impondo-se ao presente, de outro modo podemos modificar o nosso olhar e, pelo inverso, ir do momento presente para o passado. Descreve o presente como esse instante, esse momento mesmo, que contém todo o passado e o germe do futuro. Assim, coloca que, quando o sujeito vive um instante presente que tem valor para si, momento em que tem o sentimento de criar e produzir coisas novas, reencontra, no íntimo do seu ser, o passado mais antigo. Quando do ato criador, há uma modificação no ambiente e uma modificação no sujeito criativo, é o momento em que são tocadas suas raízes mais antigas.

“Quando você cria, seja dando nascimento a uma criança ou a um livro, você avança no futuro, e ali, você volta às primeiras raízes” (NASIO, 1997a, p. 73). A virada possível é fazer do ato criativo uma oportunidade de ressignificar uma experiência, reviver um drama, dando a ele um novo desfecho. Freud (1915a) apresenta a sublimação como um dos destinos da pulsão. Em 1930, quando fala do mal-estar na cultura, novamente a toma como uma forma mais elevada de intensificação de prazer, a partir das fontes do trabalho psíquico e intelectual. Temos, aí, um lugar potencialmente predestinado à educação.

Podemos pensar que a reorientação da repetição pulsional, proposta como um dos modos de conceber a cura em análise, possa ser explorada também pela educação, enquanto lugar que trabalha com sujeitos cuja estruturação psíquica está em marcha, na dialética com o outro e com o social. A submissão da pulsão à articulação significativa abre essa possibilidade de transformação “[...] da repetição mortífera do mesmo na repetição que produz, a cada vez, uma modificação” (KEHL, 2002, p. 99). Lacan (1985b) atribui ao significante a categoria de contingente, não se produzindo como eterno. Ao nosso interesse de poder propor à educação um redimensionamento de sua posição frente ao sujeito, uma vez que é pelo sujeito e para o sujeito que ela surge, ao menos na sua forma ingênua, valemo-nos de dar destaque a essa abertura possível através de tomar o significante como contingente. A educação, como se tem visto através de inúmeros estudos, publicações, índices e críticas, está, salvo casos que podemos tomar como isolados, impostada numa condição de eterno, enquanto repetição mortífera do mesmo, sem produzir uma modificação que de fato importe do lado do sujeito.

Quando Freud (1920) trabalha a pulsão de morte, escandaliza pela desestabilização que causa a descoberta dessa incongruência intrapsíquica, que expõe a nú as incompatibilidades extrapsíquicas vivenciadas pelo embate emblemado mesmo nos conflitos da educação: como conciliar sujeito e sociedade, o “bem” proposto pela educação e o desejo inerente ao sujeito? Como encontrar um equilíbrio entre as exigências da cultura e as reivindicações do sujeito? Parece que esquivar-se de saber disso, embora sua prática se lance no enfrentamento desse paradoxo, foi uma posição adotada pela educação. E o fez constituindo-se como uma educação para a ilusão, conforme nos diz Freud (1927 a), visando adequar o sujeito à ilusão do bem, pelo viés da proibição de pensar – pensar sobre o que de fato importa, sobre a verdade velada –, preço a pagar pelo pertencimento ao tecido social. Mas, sabemos, o recalco insiste em se apresentar incontáveis vezes pelo automatismo da repetição. Lacan avisa que o inconsciente não pára de não se escrever. Nessa condição, a educação pode ser tomada como eterno, como automatismo de repetição, quando necessariamente deveria ser contingente e trabalhar as contingências dos seus – aqui

entendidos como alunos e equipe docente de forma ampla. Se é o significante que importa, uma vez que é a ele que o desejo se articula, tornar a escola um lugar de escuta do sujeito é caminho de acesso ao que lhe é significante – porta de entrada a um trabalho que se faça valer pelo sujeito, que não é outro senão o sujeito do desejo. Com que outro sujeito se poderia intercambiar? Cremos que a escola possa, também, como ao sujeito da psicanálise descrito por Kehl, “[...] assumir a tarefa de resgatar, em meio à repetição tediosa de uma prática sexual consentida mas vazia de discurso, uma nova arte erótica, produzida na interface entre a liberdade contemporânea e a criação significante” (KEHL, 2002, p. 99).

Embora o tema da sexualidade, hoje, se apresente desvelado socialmente, ainda se mantém atual a afirmação freudiana de que a educação, àquela época (1930, quando escreveu o *Mal-estar na civilização*), ocultava o papel que a sexualidade desempenha na vida do sujeito adulto, e dessa forma atua no engendramento do recalque. A escuta das mulheres, sujeitos dessa pesquisa, denuncia o que Freud já anunciava então (aspecto analisado no capítulo das injunções), no sentido de que a escola, por não escutar, não discutir, não levar o aluno a pensar, deixa-o acreditar numa ilusão. Freud referia-se à ilusão da bondade e virtuosidade dos homens, de si mesmo e dos outros, numa ilusão de felicidade – ser feliz e fazer os outros felizes, ele diz, sem considerar as contradições da subjetividade que operam no atravessamento dessas condições. Tomamos aqui a dimensão que exerce a omissão da escola frente às questões do complexo processo de eleição do objeto, embora o tema circule pelos demais integrantes daquilo que podemos chamar de sistema social de educação (os inúmeros meios de comunicação e veiculação de valores, inclusive a *Internet*).

Millot (2001) propõe que o “[...] reconhecimento desse Real de discórdia que nossos desejos constituem” (p. 115) possa ser um dos caminhos para atenuar o “mal-estar” na civilização. Podemos propor que ao menos possa minimizar o “mal-estar” do sujeito frente à difícil tarefa a que se vê convocado – dar destino a seu desejo, pela escolha do par amoroso. Que, pela palavra verdadeira que possa circular no discurso da educação, o sujeito se descole da ilusão que encobre o intrincado processo de acesso ao outro. Pela psicanálise, a palavra se faz ato. Embora a educação a tome de outro lugar, a palavra pode vir como recurso para dissipar a angústia. Dolto (1998) propõe que o esclarecimento de uma situação – fonte de angústia – possa, “revestindo-se de palavras” (p. 229), cenas e imagens, oportunizar à criança colocar seus sofrimentos. Calá-las é impedir que encontrem meios verbais, imaginários e culturais de negociar suas emoções.

Primeiramente, é preciso tomar a educação como uma prática sexual, já que nada não o é, e poder supô-la como uma nova arte erótica, na medida em que comporta o desejo.

Sabemos, desde toda fundamentação teórica desse estudo, que não há nada além do significante que possa ser objeto da satisfação. A escola precisa significar algo para que seja tomada como um objeto de satisfação, objeto do desejo do aluno (e do professor). É preciso que ela seja, em alguma medida, esse grande Outro, que sustente a hipótese do sujeito. É preciso que ela suporte, com o aluno, uma relação de amor, tal como a descrevemos nos demais capítulos, e permita circular seu discurso (do aluno).

A pulsão, embora não dê descanso ao sujeito, atuando como uma pressão sobre o psiquismo, ela é também “muda”, apresentando-se enigmática, não “diz” o que quer. A escola pode funcionar com propósito de produzir espaço para que a pulsão se faça palavra, espaço de escoamento desse estado de ansiedade que precisa, de alguma forma, se viabilizar pela linguagem. A escola vai importar ao sujeito se se constituir num lugar de transformação da pulsão muda, dando a ela o direito à palavra. Se é possível, na análise, criar um espaço em que o sujeito revive e ‘re-sente’ uma emoção passada, muito além do ato intelectual de lembrar dela, por que não seria possível, na educação, criar também espaços, mesmo que coletivos, onde o sujeito possa lidar com seus afetos e sentir, ou re-sentir, seus dramas de forma atualizada? Mais que isso, é preciso reconhecer a escola como um espaço onde de fato e efetivamente essa vivência já se faz presente, permanentemente, sem que seja reconhecida, acolhida e escutada na maioria das vezes. “A revivescência, em contrapartida, empenha todo o ser do paciente ... e do psicanalista que o escuta” (NASIO, 1997a, p. 71). Se a lembrança é um ato intelectual e a revivescência “[...] uma rara e apaixonante experiência humana” (NASIO, 1997a, p. 71), por que a educação está fundada basicamente sobre a lembrança? Por que os programas educacionais se fundam na proposta de lembrar e repetir conteúdos quando poderiam abrir espaço para o ato criativo que lança para o futuro? Por que a escola não pode ser um lugar onde se empenha todo o ser do aluno e do professor que o escuta, transformando-se a educação, também, numa rara e apaixonante experiência humana?

Talvez o que haja de mais extraordinário na psicanálise, e que produz efeito, seja justamente a escuta e o olhar sobre o sujeito. A escola, via de regra, já não olha mais, ou olha distraidamente. E certamente não ouve o sujeito que lhe fala, ou até mesmo já nem fala. O olhar sobre o sujeito é a experiência de re-sentir o olhar do Outro, desse outro das vivências arcaicas. A escola, na condição de cumprir sua função de educação, não pode se furtar de saber o poder de construção instaurado pela voz e o olhar do outro, desde as primeiras experiências de contato humano do bebê. A educação não pode se exilar da psicanálise jamais, embora dela se esquive em suas práticas que redundam, por isso mesmo, no fracasso evidenciado a olhos vistos. É por insistir no investimento de um fantasma que ela se

desmonta. Porque fala com um sujeito que não está ali onde ela o coloca. Está além, no mais além do inconsciente como tal. E, cremos, seja só lá, nesse lugar impossível de chegar, é que ela deva insistir em querer chegar. É dessa dialética do humano que a educação se esquivava, talvez desamparada na sua própria falta, e na impossibilidade, até no não-saber, fazê-lo. Nessa medida, a escola está doente, é, ela própria, um sintoma, sofre de uma des-função, entendida como uma destituição de função. Função que não é outra senão ser para o sujeito um outro que, na falta do grande Outro, se faça valer como tal, finja-se de tal, se coloque à disposição do imaginário do sujeito e se ofereça a simbolizar algo, uma promessa, que embora não cumprida plenamente, como toda promessa fálica, dê sentido a esse sujeito.

“Quanto mais o passado é esquecido, mais ele é doloroso” (NASIO, 1997a, p. 72). A escola não fala do passado do aluno, não sabe de suas vivências, de sua história, de seus dramas, sua trama. Não sabe de seus amores, dos amores de seus pais, sua teia familiar. “[...] e, ao contrário, quanto mais o passado se reaviva, mais a dor se faz suportável” (NASIO, 1997a, p. 72). A escola não tem ajudado o aluno a entender sua vida, a ressignificar sua história passada, germe do seu futuro. Os afetos, embora sentados nas classes, correndo nos corredores, irrompendo nas complicadas situações disciplinares, na evasão, no desinteresse, nos problemas de aprendizagem, no *déficit* de atenção, na drogadição mal-disfarçada, ainda assim, não fazem parte da chamada. A lista de estudantes é uma lista de sujeitos que, na escola, nessa perspectiva que abordamos, não são nomeados. Nomes-fantasmas de corpos de quem o significante foi extraído pela proposta pedagógica. Por contradição, e na contramão da psicanálise, a escola pode ser descrita como o lugar do não-dito, de coisas reprimidas, longe de ser o lugar da verdade do sujeito, quer esse sujeito se trate do aluno, quer se trate do professor. Afinal, a escola é o lugar de quê? “Se os adolescentes fossem encorajados pela sociedade a exprimir-se, isso os ajudaria em sua difícil evolução” (DOLTO, 1990, p. 85).

Se o sujeito é o sujeito do desejo, conforme nos diz Lacan, como é possível à escola tocar esse sujeito sem considerar seu desejo? E, sem tocá-lo, não lhe faz efeito. A escola trabalha quase sempre com alunos e quase nunca com sujeitos. Não trabalha com o desejo. Então não fala de desejo, fala de metas. Fala de planos. Planos de quê? De quem? Para quem?

Dor, referindo-se à alienação do sujeito na e pela linguagem, à luz do esquema L de Lacan, propõe a inversão da submissão do Eu (*Moi*) ao Isso. Como diz, inversão “[...] tão caras à *Ego psychology* e a outras ortopedias psicológicas de virtude normativa e educativa” (DOR, 1992, p. 127). Na linha de sua concepção, dentro da perspectiva analítica, o Eu (*Moi*) deve, ao contrário, ceder lugar ao Isso, tomado como sujeito. Propõe que, na análise, o imaginário do Eu (*Moi*) deve dar lugar ao sujeito na autenticidade do seu desejo, cuja verdade

está comprometida em razão da habitual alienação do sujeito no lugar de sua refenda. “Aonde o isso fala, isso goza”(LACAN, 1985b, p. 156). Propomos que, também na e pela educação, o imaginário do Eu (*Moi*), mascarado de aluno nesse lugar-tenente, dê lugar ao sujeito, ao desejo. Lacan aponta o saber didático como lugar onde o sujeito do inconsciente é forcluído, lugar de estereotípias. É preciso que na escola o “isso” fale, para que possa (a escola) se consolidar como um lugar de gozo.

Se o que move o sujeito são seus desejos, e isso o sabemos desde Freud, torna-se compreensível a inapetência escolar que se evidencia nos estudantes. E, porque não dizer, nos professores? Não foi objetivo desse estudo apresentar dados estatísticos no âmbito escolar que viessem comprovar as afirmativas lançadas. Trabalhamos com o conhecimento advindo das diversas fontes informais de que dispomos: estudantes, professores, outros trabalhos de pesquisa realizados recentemente e a observação assistemática, porém permanente, da dinâmica escolar. Tratamos do que entendemos como conhecimento já instaurado, o que nos desobrigou de nos ocuparmos com sua comprobabilidade, o que exigiria um outro espaço de discussão, não comportado nesse estudo por não ser esse seu foco.

A educação, enquanto instituição social, não encoraja os jovens à expressão de si e à evolução de si enquanto sujeitos, denuncia Dolto, se deixando cair na armadilha da tutela (1990, p. 96). Não seria possível, à escola, tentar descobrir a origem do desejo (ou do não-desejo) que anima o seu interlocutor? A escola se ocupa com o comportamento, sem considerar o sofrimento do sujeito.

Não creio que se possa ajudar crianças amortecendo ou não falando do que elas sofrem, deixando-as viver com o não-dito. Jamais! Isso voltará a aparecer um dia de forma dramática. Ao contrário, é sempre falando, citando o nome do que se quer rechaçar. Se o não-dito chegou até o estágio adolescente, deve ser muito difícil extirpá-lo (DOLTO, 1990, p. 118).

Freud (1927 a) preconizava uma “educação para a realidade”, quando, em seu texto *O Futuro de uma Ilusão*, propõe que a educação conduza a criança a levar em conta a realidade do desejo, ou seja, a realidade psíquica, e não somente a realidade externa material e social com suas exigências, com propósito de aumentar a extensão dos poderes da consciência, e, com isso, o controle sobre os processos psíquicos. O reconhecimento, pelo educador, dessa realidade, no âmbito de seus alunos, assim como em seu próprio, desinstalando-se do lugar de não-querer-saber, é o que pode dar alguma garantia de acesso à isso ao educando. As repressões às quais o professor está, ele próprio, sujeitado, dão origem às ações, ainda que inconscientes, no sentido da repressão das manifestações dos desejos dos

seus alunos. O equilíbrio libidinal do professor está na nascente dessas possibilidades facilitadoras ou limitadoras. Mais que os métodos educacionais adotados, sejam quais forem, nos diz Millot (2001), é a parte incontrolável dos inconscientes que está implicada na ação educativa – “[...] não se educa com a teoria, e sim com o que se é” (p.149). Por conta disso, Freud aspirava uma formação analítica para os educadores. A atitude do professor ocupa lugar na promoção da saúde ou da doença, de acordo com o modo como faz uso do lugar de poder que lhe é conferido. Fernández (2001) observa que esse poder pode ser usado sadicamente como forma inconsciente pela qual o professor tenta reparar aspectos não resolvidos em sua própria infância ou adolescência. Os modelos pessoais infantis, quaisquer que sejam, operam pela repetição, ainda que pelo inverso.

A escola tem deixado o silêncio do sujeito espelhado em seu próprio silêncio ao longo desse grande ‘estádio do espelho’ que não chega a termo, numa postura de mimetismo a esse duplo especular desvitalizado. Não o empurra a poder dizer-se a si mesmo o “Eu sou eu mesmo!”, afirmativa constitutiva do sujeito desde o mito de Narciso. Propõe-se uma educação que conviva e fale desse “Ele não sabe quem é aquele que ele vê”, pois nisso reside parte do silêncio e do sofrimento do adolescente. E que a escola lhe diga, como é preciso que o espelho lhe diga, “Quem quer que seja, saia daí!”. Mais ainda, como a mãe, que lhe testemunhe a identidade – “Sim, esse é você!”. À sombra desse dito, e só assim ele afinal saberá: “Esse sou eu mesmo!”, e poderá se preparar para algo que se pode chamar de vida, através do “Eu percebi e minha imagem não me engana”, numa afirmativa que implica, como interpretam Balbo e Bergès (2003a, p. 41), uma declaração de que sua imagem nunca mais zombará dele, aludindo à ascensão ao estatuto de sujeito.

Retomando Dolto, temos que “[...] a educação nacional não te ensina a educação para o amor [...] ao respeito ao outro, ao respeito de ti” (DOLTO, 1990, p. 15). Não aborda a sexualidade, embora ela esteja à flor da pele, senão através de programas pedagógicos, afastados das vivências afetivas do sujeito. Contraditoriamente, a escola é frequentemente um lugar onde o amor aflora, pela proximidade e intimidade que o contato diário entre os sujeitos oportuniza, viabilizando as conhecidas paixões juvenis, atualmente vivenciadas pela relação do “ficar”. Apesar disso, a escola tem atuado, ainda hoje, como repressora, impondo uma castração ao corpo de desejo desse sujeito.

Dolto fala que “[...] o lugar onde a tensão do desejo e da necessidade se confundem tornou-se lugar do gozo prometido, esperado, satisfeito ou não” (1992, p. 53), referindo-se ao narcisismo primário. A criança experimenta e reconhece no corpo tensão-privação e relaxamento-satisfação, advindas da satisfação das necessidades fisiológicas, ao mesmo

tempo que, através do contato com a mãe ou cuidadora, no manuseio dessas funções, suas necessidades narcísicas são satisfeitas. A isso, a autora nomeia de “necessidade abraçada ao desejo”. O lugar da falta, erotizado, é o lugar da busca, não apenas da necessidade, mas a busca sutil “[...] de coração a coração, do outro si-mesmo no amor, ou seja, do desejo” (DOLTO, 1992, p. 53). A escola precisa assumir ser esse lugar onde, no tempo presente do sujeito, possa se repetir um encontro que responda a necessidades e desejos, tornando-se um espaço assegurador para as crianças e os jovens. Propomos que seja um espaço da palavra, mas da palavra que valha, da palavra que basta, que dá sentido, que nomeia o desejo. Que fala da vida, dos fatos, da fantasia, do engodo da encarnação. Como diz Dolto, “[...] uma palavra que o acompanhe na ultrapassagem da prova” (DOLTO, 1991, p. 31). A palavra plena, em Lacan.

Che vuoi? Não caberia à escola essa pergunta? Propomos que a proposta educacional trate de responder, mais que tudo, a essa questão fundamental, que trate de incorporá-la a si. Que queres tu, aluno? Que queres tu, professor? No rastro dessas questões, e só aí, algo de novo pode se dar com a educação. Algo de novo pode se dar com o sujeito. O desejo está presentificado na escola, à espera de reconhecimento, já o dissemos. É preciso que esse desejo seja reconhecido, porque é o único capaz de demandar. Sem isso, pouco, quase nada, se pode esperar. E é preciso que algo se espere da escola, que ela seja um lugar de esperança, de devir, onde o sujeito passa a buscar o que quer que seja que sustenta seu desejo.

Millot (2001) propõe uma aproximação entre a psicanálise e a educação no objetivo de sua ação, no sentido de assegurar o lugar do sujeito (analisando ou educando) na designação própria dos fins e objetos às suas pulsões, não tomando o profissional a si o direito de imposição, no proveito do lugar de autoridade que ocupa junto ao outro – pelos processos de transferência e identificação já analisados nesse estudo. O objetivo de ambas, psicanálise e educação, é assegurar aos componentes pulsionais uma abertura a uma organização libidinal satisfatória.

Embora seja tarefa da educação, já denunciada por Freud, conduzir à passagem do princípio do prazer para o princípio da realidade – passagem do estado de natureza à cultura em Totem e Tabu (Freud, 1913), e acesso ao simbólico pelo Complexo de Édipo (Lacan) – negar a pressão permanente que o princípio do prazer exerce sobre o aparelho psíquico é trabalhar em cima de um engodo. Educar, assim como analisar, implica lidar com o desejo dos sujeitos de ambos os lados : educador e educando (analista e analisado).

Assim como o analista, também o educador escolhe como ofício o convívio permanente com a alteridade do outro, com a diferença, que exige de ambos submeter o

próprio narcisismo a constantes desgastes e abalos. Cada um, de parte do analista-analisado e professor-aluno, inventa para seus conflitos existenciais singulares uma solução que dê conta da sobrevivência psíquica – pelos sintomas, traços de caráter e nas estruturas psíquicas em geral. Cremos que à psicanálise e à educação é dado, por função, não destruir essas soluções, mas “[...]criar um quadro no qual outras soluções, mais criativas e menos geradoras de sofrimento, possam ser encontradas – quer venham a substituir as do passado infantil, quer a estas venham se acrescentar” (MEZAN, 1998, p. 209).

No trajeto à promoção desse fim, os profissionais de ambas as áreas – psicanálise e educação – confrontam-se com suas próprias “fachadas sociais”, com seus próprios processos neuróticos, podendo reconhecer no outro (analisado ou aluno) os seus próprios núcleos perversos e psicóticos, ou mesmo a “morte psíquica” que o habita. A ética da prática dessas profissões impõe, em vista da proteção da sobrevivência psíquica desse outro, questionamento e revisão permanente de nós mesmos.

Dentro do princípio de que a cura tem duas faces, conforme Calligaris (2004), temos que, se de um lado o dismantelamento dos sintomas acua pela perda das certezas cristalizadas na história pregressa, de outro implica numa perspectiva construtiva, pela qual é possível reinventar a própria história, resignificando-a, consignando ao sujeito a possibilidade de autoria de sua história presente-futura.

Balbo (2005), em sua conferência *O que Nós Podemos Aprender com as Crianças que Não Aprendem*, analisa o sistema educacional atual e o apresenta de forma a poder ser chamado de abortivo da singularidade do sujeito, uma vez que a expectativa de desempenho se funda na idéia de que todos devem identificar-se ao programa educacional, e, com isso, devem ser crianças mais ou menos iguais. A identificação coletiva, ele diz, não ao ser humano, “... mas a uma espécie de grande Outro que é o programa”. A originalidade, nesta perspectiva, implica em fracasso.

Nessa medida, a análise dos sujeitos adultos, tomados nessa pesquisa enquanto usuários dos *sites* de namoro da *Internet*, podem reportar ao enquadramento que o sujeito toma, também como efeito do processo educacional ao qual foi submetido durante a infância e juventude, enquanto lugar de subjetivação. A *Internet* é também um espaço onde a alteridade do sujeito se encobre pela massificação – cada um é um corpo quase indivisível desse grande corpo formado pela comunidade cibernética. Não fazer parte desse programa, não ser usuário desse veículo – não ser internauta – hoje pode ser tomado como um certo fracasso. A identificação aí também se dá ao programa proposto, nesse caso, ao programa do *site*, e a ele o sujeito se assujeita, respondendo a uma expectativa (comportamental) previamente definida.

Ao sistema, pode-se tomar no lugar do grande Outro. A *Internet*, vista nestes aspectos, funciona também como lugar desse sujeito coletivo, a quem é proposto, nesse estudo, chamar de novo sujeito da psicanálise.

Na escola, pela proposição de Balbo, a criança que não quer pertencer a essa massa vai ser tomada como uma criança doente. A criatividade aí implica um sintoma – a desadaptação e, conseqüentemente, os “maus resultados”. Ser criativo, diferente, implica um certo lugar de solidão. Sintomaticamente, a *Internet* garante, em meio à multidão dos internautas, um lugar de solidão do sujeito, colocado nesse espaço limítrofe entre o coletivo e o privado. Se de um lado a criança, através do seu sintoma escolar, insiste em que sua subjetividade seja reconhecida, de outro lado vêm-se as mulheres pesquisadas nesse estudo desejando ter reconhecida sua subjetividade, num meio em que esta não é tratada como prioridade. Tratam-se, os *sites* de namoro, de catálogos de sujeitos – homens e mulheres – inicialmente classificados por alguns traços identificatórios (idade, sexo, cor, nível de escolaridade, estado civil,...) que nada dizem da alteridade do sujeito.

Se Balbo se interroga sobre o que não vai bem com a criança que não aprende, e o que com ela podemos aprender, a interrogação que se coloca nesse estudo é: o que se pode aprender com o adulto que obstinadamente procura e não encontra um par amoroso, embora esteja engajado e siga o método do programa proposto no *site*? O que não está andando bem com esse sujeito? Para que se dê, tanto a aprendizagem na criança, quanto a eleição de um objeto no adulto, é preciso que se opere a passagem de um sistema (um registro) imaginário a um sistema simbólico, inicialmente, e, depois, ao real. A reincidência dos fracassos nas tentativas de estabelecimento do par amoroso tem apontado para a hipótese de que essa operação, para esses sujeitos pesquisados, é extremamente difícil. Porque, assim como à criança a quem é exigido um luto necessário do imaginário como possibilidade de acesso ao simbólico, implicando na viabilização da apreensão-aprendizagem, igualmente ao sujeito adulto é exigido que seja feito um luto, um difícil luto do gozo imaginário, do outro imaginarizado, do si mesmo imaginarizado e da relação imaginarizada, como via de acesso à simbolização – tomar no outro um significante próprio – e ao real de uma relação amorosa. Isso implica fazer um luto de toda sua família, no que reporta à idealização da completude relacional narcísica, amarrada à idéia de perfeição. De fato, não vai mais ser possível, no par atual, ser retomado o gozo na dimensão do par perfeito inaugural, embora seja em busca dessa miragem que o desejo se constitua. Trata-se, assim, de um luto que pode se apresentar como muito difícil para alguns sujeitos, por se tratar de um luto de um morto-vivo, um morto a quem o sujeito não admite enterrar e, por conta disso, o assombra como fantasma, fazendo

mesmo sombra à sua atualidade. A vivência da eleição do objeto, nessa medida, pode ser especialmente difícil para alguns sujeitos, como o é a vivência da aprendizagem escolar para algumas crianças.

Esse sujeito adulto, tomado nesse estudo como o sujeito inserido nos programas de procura do par amoroso, vindo de uma história subjetivante própria, que pode ser tomada como uma etnia familiar, em face ao luto familiar que precisa fazer, traz, no entanto, essa família no seu inconsciente. Especialmente a relação com sua mãe, na dimensão edípica, a quem precisa renunciar irrevogavelmente, numa reedição do complexo de Édipo, nesse segundo tempo de resolução dessa conflitiva que lhe impõe a tarefa de encontrar um par; ou seja, de substituir por um outro, esse proibido objeto do desejo. Essa renúncia vai ajudá-la: quem sabe seja na *Internet* que possa encontrar um outro (homem ou mulher) que vá cuidar dela. Um outro que valha por esse grande Outro interdito.

Sobre isso, Balbo antecipa uma conclusão: “Não é fácil para uma criança!”. Essa pesquisa evidenciou que também para o adulto não tem sido fácil. Mais ainda, o autor concluiu, sobre as crianças, o que essa pesquisa pôde apontar: “... às vezes o outro (referindo-se à professora, em seu texto) não responde ao amor que ela (a criança) lhe traz”. Nesse ponto pode-se retomar mais uma vez a metáfora do amor, proposta por Lacan, quando diz que amar é dar aquilo que não se tem e, de qualquer maneira, não vale a pena aprofundar o conhecimento. No caso do adulto pesquisado, parece não valer a pena o conhecimento do outro, então passa, a cada vez, a um outro, a um outro, a um outro, deslizando na cadeia metonímica, na tentativa de dar nome a um outro que possa deter um significante que lhe institua, ainda que provisoriamente, e por efeito de um engodo, ocupe ilusoriamente o lugar do grande Outro. Isso, para esse sujeito, pode não ser simples. Trata-se de um tema complexo, ainda que possa parecer simples ou mesmo banal – a tarefa de dar nome a um par.

A mulher sujeito dessa pesquisa, frente a esse compromisso, repete a desventura infantil frente à escola. Desventura de não encontrar com o outro, ou no outro (lá, na escola, referindo-se à professora), aquilo que ela pensava que poderia encontrar, que não é outra coisa senão a miragem de si mesma ao seio materno, e o que daí decorrer: o que ela pensava encontrar como palavra, como gesto, como olhar vindo do outro, que lhe assegure a possibilidade fantasística de retorno a esse lugar para sempre e irremediavelmente perdido. Essa é uma questão não só da aprendizagem da leitura, como aponta Balbo, mas do amor. Não é tão simples, nessa medida, aprender a amar. Parafraseando o autor, é preciso separar-se da mãe primeiro, não continuar ligado a ela porque, assim sendo, não se pode aprender a amar (e a ler, e a escrever).

O sujeito adulto que tem dificuldade de amar, tal qual a criança que tem dificuldade de ler e escrever, é um adulto/criança que perdeu uma das ligações referidas com a mãe: ou rompeu completamente com ela, o que o obriga a ter uma relação filial com o objeto; ou trata-se do sujeito que não pode nunca ir e vir, porque precisa manter o vínculo com a mãe para que um outro não substitua jamais o objeto de amor – é um outro desmame. À propósito, cabe nesse estudo perguntar-se: será que todos os adultos conseguem fazer esse difícil luto? A resposta que se tem encontrado pela escuta dos sujeitos pesquisados é a mesma com que Balbo responde à questão infantil frente a aprendizagem escolar: “Não, evidentemente”. Se de um lado a escola testemunha tal fato com a incidência repetitiva dos fracassos escolares (ou o que é assim tomado como fracasso), de outro está a *Internet* a testemunhar o mesmo fato com a incidência repetitiva de sujeitos que, à procura insistente de um par, reafirmam seu fracasso no que tange a não encontrá-lo e, conseqüentemente, sua presente inviabilidade no estabelecimento de uma relação amorosa.

A verdade aqui também é que se a criança é bem ajudada pelos seus pais a passar de um outro ao outro (assim como de uma língua a outra), se há com a criança um intercâmbio que vem e vai entre eles, o filho desses pais, não só vai escrever melhor na escola, como vai, quando adulto, ter melhores condições de relacionar-se com o outro tomado na dimensão de objeto. É preciso haver um empenho dos pais nisso. E se a questão pode, até certo ponto, ser tomada com alguma familiaridade no que se refere às implicações dessa relação dos pais e filhos com a escolarização de sua criança, parece não ser do mesmo domínio a percepção, tanto da parte dos pais quanto da escola, das implicações que daí decorrem no sujeito adulto, especialmente nas suas possibilidades de articulação de um par amoroso.

Nesse ponto, Balbo aponta para o papel da escola, enquanto sustentação de uma função paterna como possibilidade de facilitar a passagem de um registro a outro: mãe-escola. Porque a escola sabe-se detentora dessa tarefa de assegurar esse lugar de passagem (não importa se o cumpra ou não). Isso se torna para ela um compromisso que, sabe-se, é amplamente discutido nos debates educacionais que se asseguram minimamente de um suporte profissional na área das “psi”.

Cabe a esse estudo investigativo trazer à escola uma outra inquietação que supostamente não a tem ainda atormentado: a inquietação de saber-se ainda ausente de um compromisso do qual, no entanto, não lhe convém esquivar-se, uma vez ser ela imbuída da tarefa de formação de jovens e crianças. Trata-se de seu compromisso de, enquanto lugar e função subjetivantes, olhar para as conseqüências, a médio e longo prazo, de seu silêncio pedagógico sobre as questões do amor.

É ainda na leitura de Balbo, nesse espectro de paralelo que tem podido oferecer a esse estudo – na dimensão da apreensão da escrita e da leitura para a criança e da apreensão do objeto pelo adulto – que é possível atar essas duas tarefas humanas aos aspectos subjetivantes da vivência do narcisismo, e particularmente da experiência do espelho. Para ambas aquisições, é essencial que algo da relação da imagem no espelho esteja perfeitamente estabelecida. Se são fracassadas as tentativas de constituição de um par, da mesma forma que o fracasso pela não obtenção de boas notas na escola, se opera no sujeito um novo golpe com que ele se depara no espelho. Da mesma forma que a criança com muitas dificuldades na escrita e na linguagem vai sofrer na imagem do espelho porque é uma imagem alterada e estragada, o mesmo se dá com o adulto frente às suas muitas dificuldades na eleição do objeto. É preciso, para permitir uma resposta a essas duas questões vivenciais, cruciais ao sujeito, que sua mãe tenha sido oportuna no momento em que a criança pôde efetuar essa passagem no espelho. A escrita e a leitura – também a eleição de um objeto – são formas de reencontrar esse estádio deixado no espelho; ou seja, deixar aquele corpo que não se reflete mais, como descreve Balbo: “[...] ou a criança abandona o campo do espelho ou sua mãe não lhe falou sobre seu corpo no espelho”. De qualquer forma, cada vez que a criança é confrontada com isso, ante a tarefa de ler ou escrever, ou eleger um par amoroso, no caso do sujeito adulto, por um ato falho, é com isso mesmo que se depara. Dá-se, aí, uma difícil confrontação, onde os traços deixados por essa experiência inaugural constitutiva faz marcas, mesmo sem saber, por tratar-se de registros inconscientes. Tratam-se, esses traços, de espaços que a criança acreditou estarem vazios, com a imagem de si quando abandona o campo do espelho. O reencontro de uma imagem positivada do si mesmo, por decorrência do gozo advindo de um olhar de adoração materno, se dará em tempo presente, no espelho do livro para a criança em idade de aquisição da escrita e da leitura, e no espelho do corpo do outro para o adulto, no momento de eleição do objeto. Porque esse livro e esse outro dão acesso à vivência subjetivante da formação e aquisição da imagem do corpo do próprio sujeito. Trata-se do narcisismo da escrita, da leitura e do objeto.

Fernández (2001) propõe que os problemas de aprendizagem não existem como tal, mas que se apresentam como sintoma, como um sinal com significação própria, toma-os como “hipótese subjetivante”. Expressam o “aprisionamento do aprender por desejos inconscientes” (p. 157). Toma o erro construtivo como um ato falho, uma vez que tem a ver com o processo que lhe deu lugar. A “distração” do aluno, longe de ocorrer por acaso, tem lugar por um processo de associação inconsciente que liga o tema que está desenvolvendo a

um tema de vivência subjetiva. A origem da escrita, para a autora, se dá muito antes do acesso da criança à ação motora, estando ligada ao corpo inextricavelmente.

Preside a absorção do leite, a expulsão da urina e das fezes, o derrame da saliva e, mais tarde, a emissão de esperma ou de fluxo sanguíneo. Remete à satisfação orgânica ao mesmo tempo que ao desejo do Outro. A marca que deixa na pele esses diferentes fluxos e a que deixa no aparelho psíquico sua codificação, escrevem, em um mesmo ato, no inconsciente, a história do sujeito [...] essas marcas [...] são captadas na rede de significantes e organizadas pela palavra [...] convertem-se na escrita (DENISE VASSE, apud FERNÁNDEZ, 2001, p. 153).

A significação do aprender para o sujeito é dada desde as primeiras experiências corporais.

Se a criança com dificuldades escolares faz disso seu sintoma, o sujeito adulto da modernidade internética, assim o podemos tomar, faz disso também seu sintoma. É aí justamente – na *Internet* – que pode tão magistralmente dar vazão ao mecanismo da repetição, pois nos *sites* de procura do par amoroso, repetir insistentemente na procura é manter-se no sistema, é sustentar a própria proposta, é sustentar a demanda que, dessa forma, aponta em si, pela repetição, um significante.

Por decorrência desse estudo, pode-se tomar a *Internet* também como um lugar não formal de subjetivação do sujeito. Esse novo e moderno espaço virtual, marca da contemporaneidade, exerce uma ação no sujeito contemporâneo no sentido da construção desse novo sujeito, ainda que no âmbito da informalidade, à medida que o sujeito à ele se reporta na busca de conhecimentos – reconhecendo-o assim como meio de instrução; na busca de comunicação – reconhecendo-o como veículo de intermediação; e mesmo na busca de relacionamentos – reconhecendo-o como possibilidade de acesso e apreensão do outro. Embora esse estudo enfoque a *Internet* como lugar de inserção do sujeito adulto, atendendo a proposta de pesquisa desenvolvida, ainda assim cabe fazer registro da inserção das crianças, hoje, na *Internet*, desde muito jovens, estando assim sujeitas à sua ação subjetivante nos períodos de seu desenvolvimento psico-afetivo e cognitivo.

A *Internet*, como lugar de disponibilização de conhecimento e informação, instaura novas questões à educação formal. Diante do novo cenário é preciso repensar as propostas e as práticas escolares fundamentadas na transmissão dos saberes. Okada e Almeida (2004) denunciam a preponderância das notícias sobre os conhecimentos.

A notabilidade do imediato tomou o lugar das ciências configuradas e comportadas em estatutos que perdem pelas suas desatualizações [...] Estas não são mais notadas, anotadas, notáveis, conhecidas. Ganham destaque a notícia quente, a

informação breve, a novidade fluida, o evento volátil, a ligeireza da quantidade de dados [...] o conhecimento foi-se como valor. Ele, que é tempo vivido e que é prazer demorado, não tem lugar nem vez (OKADA e ALMEIDA, *in* LEÃO, 2004, p. 109).

O regime “*fast food*” da informação oferecida na *Internet* coloca o sujeito em contato com uma quantidade inassimilável de informações que se tornam, por decorrência, esquecidas e sem importância. Caem num vazio. “Não ficam rastros. Não há caminho. Não há pegadas que resistam a solo tão pantanoso” (p. 110). Decorrencia disso, tem-se que “dominar” um assunto implica em saber onde e como encontrá-lo, não mais em deter todas as informações.

Esse novo contexto requer, da escola, seu reconhecimento e acolhimento, bem como uma reconfiguração de seu papel junto aos educandos, comprometendo-se com um espaço de construção de novos significados através da leitura e discussão desses novos textos. A escola, de outro lado, constitui-se como um lugar formal, tradicional, onde se dá a subjetivação do sujeito.

É possível destacar em ambas – na escola e na *Internet* – um traço identificatório como decorrência de sua ação. Tanto num lugar quanto no outro, se dá um apagamento do traço unário do sujeito, daquilo que lhe atribui uma identidade única. Se Balbo denuncia essa resposta no indivíduo à ação educacional desenvolvida pela escola, na medida em que a expectativa sobre o sujeito é de respostas identificadas ao programa educacional proposto, é possível que se faça a mesma denúncia à ação “educacional” desenvolvida pela *Internet*, na medida em que, nesse lugar, a subjetividade dá lugar a uma identificação do sujeito enquanto “sujeito coletivo” – o internauta. Ser sujeito é constituir-se como significante diante de outro significante, mais uma vez afirmamos. O sujeito só aprende quando o outro o admite como “um”; quando o nomeia. Amar exige essa mesma prerrogativa do outro. No entanto, temos um “aluno” na escola e um “internauta” na *Internet*, o que implica na negativa desse reconhecimento da alteridade. Nos *sites* de namoro, os sujeitos não têm nomes próprios. Apresentam-se e são referidos por apelidos, já num indício do apagamento da identidade própria de cada um. Em detrimento de sua identidade, aderem à identidade coletiva da não-identificação – a desidentidade. O comum, nesse lugar, é não ter nome, é não ser nome, é não ser “um”, tornando-se, assim, esse um fator de coerência entre os usuários dos *sites*.

Se, para a criança, Balbo aponta como saída a psicanálise enquanto lugar de transferência e possibilidade de ser tomada como lugar onde “se fala francamente toda a baixaria”, possibilitando, pouco a pouco, uma melhor vivência da criança na escola, para o adulto aponta-se a mesma porta de saída para seu impasse diante do desafio de dar cabo da tarefa de eleição do objeto, e da vivência da relação amorosa. Se é a psicanálise a resposta que

se apresenta no momento como uma das possibilidades de resolução, cabe insistir em que a Escola, enquanto lugar de subjetivação, precisa ser atravessada por ela, no sentido de poder valer-se desse conhecimento psicanalítico para a condução e trato dessa questão no âmbito escolar. Talvez seja o caso de que também a escola precise fazer a hipótese da demanda da criança de fazer um luto. Do entrelaçamento (no que é possível) entre a escola e a psicanálise, nasce um novo campo de atuação para essa última, campo onde germinam ainda, em tempo presente, sujeitos designados (convocados, mesmo) a fazer a escolha de seu próprio sintoma. A interdição da psicanálise pode operar, assim, num âmbito inaugural para a prática psicanalítica, que pode ser tomada como uma ação preventiva. Resta perguntar, lançada essa perspectiva, se é possível fazer qualquer tomada preventiva e, ainda assim, chamá-la de psicanálise.

No campo social, na análise da formação da identidade do sujeito contemporâneo no binômio espaço público/espaço privado, temos que a educação tem um papel de importância fundamental. Enquanto espaço público, é lugar onde é possível desenvolver o diálogo entre o público e o privado, função de ordem política. A educação – e a escola mais especificamente – é talvez a “ágora”, definida por Bauman (2001) como o lugar intermediário entre o público e o privado, onde a “política-vida” encontra com a Política, buscando traduzir para a linguagem das questões públicas os problemas privados, bem como ajudando a buscar, pela possibilidade de estabelecer negociações e acordos, soluções públicas para os problemas privados.

A liberdade exercida pelo sujeito nas várias áreas do comportamento humano não trouxe a felicidade imaginada quando a liberdade era ainda um sonho individual e coletivo, já o dissemos. E muitas razões existem para esse fracasso, algumas de ordem do próprio psiquismo, até então entendido no que se refere à circularidade e manutenção do desejo – como dispositivo regulador para a manutenção e sustentação do próprio desejo. Outras, são razões de ordem social. O esvaziamento do espaço público, característica da contemporaneidade, deixa em aberto sua antiga função de diálogo sobre os problemas privados e questões públicas. Como diz Bauman, “o público é colonizado pelo privado” à medida que o interesse público está reduzido à curiosidade dos aspectos da vida privada de suas figuras públicas (escândalos, interesses, denúncias sobre os homens políticos são manchetes frequentes), e a arte da vida pública reduzida à exposição pública de confissões íntimas e particularidades de seus ídolos (o que comem, o que vestem – ou não vestem –, como vivem, quem namoram). Deu-se um processo pelo qual o indivíduo perdeu algo de cidadania. Sua tarefa é a árdua função de encontrar sozinho – e desamparado – soluções para

seus problemas privados. Diante de sua liberdade, confronta-se com a impotência e o fracasso pelo qual deve responsabilizar-se (e culpabilizar-se) em sua solidão.

A presente pesquisa ilustra, pelos sujeitos analisados, os aspectos da liberdade sexual desaguando nos sentimentos de menos-valia, impotência e fracasso na esfera relacional. Sentimentos solitários, partilhados nos *sites* de namoro da *Internet*. Olhar para o contexto de sociedade desses sujeitos impõe considerar, além de suas questões particulares, privadas na esfera psíquica aqui analisada, também, e muito, as questões sistêmicas que o afetam direta ou indiretamente. A individualização e a corrosão dos relacionamentos, marcados pelas características mercantilistas derramadas em todas as áreas do comportamento humano na contemporaneidade, comprometendo-as com seus valores (já analisados), desemboca, no que tange aos relacionamentos amorosos, nos *sites* de namoro da *Internet*, em que pode ser vivenciado um laço frouxo, marcado pelos princípios do poder na atualidade, ou seja, a fuga, a evitação e o descompromisso, ainda aliado à condição ideal da “invisibilidade” relativamente assegurada por essa intermediação eletrônica. Por isso, mais uma vez afirmamos que embora nosso foco de estudo seja o sujeito, já o sabemos, não existe sujeito fora do social. Embora a cada um seja dado encontrar para si soluções próprias para os destinos de suas pulsões, essas soluções se dão numa perspectiva histórico-social, espaço-temporal, portanto. Assim, o fenômeno da *Internet* apresenta-se como um fenômeno do nosso tempo. Talvez a alternativa encontrada (quem sabe provisoriamente) na busca de tentar reatar um laço cada vez mais perdido.

O abismo entre o “indivíduo de jure” e o “indivíduo de facto”, apontado por Bauman, precisa ser reconectado para que a liberdade traga melhores frutos. Implica em o sujeito poder ganhar controle sobre o seu destino particular tomando decisões pessoais, pelo controle dos recursos indispensáveis “à genuína autodeterminação”, reapropriando-se de algumas ferramentas perdidas e reaprendendo capacidades esquecidas no que diz respeito à cidadania, como forma de recuperá-la. “O outro lado da individualização parece ser a corrosão e a lenta desintegração da cidadania” (BAUMAN, 2001, p. 46). À escola sempre coube a função de trabalhar e desenvolver cidadania. Esse abismo, de onde “emanam os eflúvios mais venenosos que contaminam as vidas dos indivíduos contemporâneos” (p. 48) não pode ser transposto somente pelos esforços individuais, pelos recursos da auto-administração do sujeito. Trata-se de uma tarefa de ordem pública, política, na qual a educação deve engajar-se adotando-a como um de seus projetos mais veementes. A educação deve poder olhar para esse complexo fenômeno social, especialmente na esfera relacional que é a que nos instiga nesse estudo, e, reconhecendo-o, apropriar-se dele retomando seu

verdadeiro papel de agente social de transformação, lugar de reflexão, análise, diálogo das questões público-privadas que afetam seus sujeitos, o meio social circundante e o universo em que habita.

Fala-se hoje da “*webmatilha*” (LEÃO, 2004) como referência ao humano na *web* e “*linkania*” referindo-se a “cidadania sem cidades” (DIMANTAS, in LEÃO, 2004). É também nesse universo que vivem –“navegam” – os sujeitos; também dessa forma constituem seus grupos, desenvolvem sua cidadania – “*linkania*” – e habitam “ambientes híbridos” – ambientes que integram simultaneamente o real e o virtual (LEÃO, 2004). Apartar-se desse processo-realidade, no qual está inserido o sujeito contemporâneo seria, de fato, tornar-se uma educação virtual, no sentido de não-real, fora de acesso, fantasmagórica.

O homem não dá conta de apresentar soluções individuais aos problemas que permanentemente são realimentados pelo sistema. Diante da pressão que lhe é feita nesse sentido, mistificada pelo mito da liberdade, sobram-lhe os sentimentos de impotência, frustração e ansiedade que assolam a contemporaneidade, ilustrada pelos sujeitos da pesquisa. Tempos de depressão do sujeito, numa vivência solitária desse abandono social. À educação, e aqui tomamos a escola como instituição pública, cabe a tarefa de, através do seu fazer diário junto às crianças e jovens especialmente, redesenhar e repovoar a “ágora” quase vazia, promovendo o debate, a negociação, o encontro entre o indivíduo e o bem comum, entre o público e o privado. Cabe-lhe trabalhar no sentido de tirar o peso jogado nas costas do sujeito individual, que tem se mostrado curvado, ameaçado e, por isso, um tanto quanto alheio da escola e da vida, advindo esse comportamento do sentimento de impotência e de vazio diante do desafio do impossível enfrentamento a que é exposto. É possível que o vazio do adolescente reflita esse abismo camuflado socialmente. “E agora o que fazer com essa tal liberdade?” Assim cantam os jovens, cantam os homens e as mulheres da contemporaneidade.

Temos que o fetichismo estrutura a subjetividade (ponto analisado no capítulo do Objeto) e determina o modo de relação entre os sujeitos, onde a semelhança na diferença é o aspecto essencial que permite a troca e o interesse mútuo. Da forma de organizar o laço social depende o modo de funcionamento da sociedade em que o sujeito vive. A mobilidade social possibilitada pela economia capitalista representou uma ameaça ao sistema feudal, marcado pelo estabelecimento de privilégios e dominação. A sociedade burguesa em que Freud viveu foi por ele designada como uma sociedade de funcionamento da neurose obsessiva – interdições das satisfações pulsionais, ritualização, evitamento de contato com o outro, o diferente na semelhança, “sociedade de produção (industrial)” – ou seja, o capitalismo em expansão. As alterações ocorridas na tecnologia, possibilitando a produção do excesso de

mercadorias, apontam Bucci e Kehl (2004), deslocou o imperativo social do eixo “renúncia-trabalho” para o “consumismo” – o acúmulo de bens. “O imperativo do gozo substituiu a interdição do excesso [...]” (p. 74). Segundo os autores, hoje é a perversão, e não a neurose, o modo invisível e dominante da organização do laço social, produzido pelos efeitos do apagamento das diferenças subjetivas – condição de humanidade e dependência ao outro.

Se a psicanálise é biográfica, ao menos quanto à técnica que orienta a prática do seu fazer, a educação é sistêmica. E se de um lado a psicanálise pode e deve, pelo entrelaçamento com a educação, dar suporte para que melhores condições sejam dadas à subjetivação do sujeito no espaço de escolarização, a educação precisa, enquanto espaço público, abrir caminho para soluções públicas aos problemas originados pelas contradições do sistema, constantemente produzidas e reproduzidas no social.

“[...] O cidadão ideal da sociedade de consumo acredita que possui o domínio do objeto do desejo, uma série infundável deles, e que assim está livre da condição de desejar o desejo do Outro” (BUCCI e KEHL, 2004, p. 75). É o que, em Marx, denominou-se “fetichismo da mercadoria” e o que, em Freud, caracterizou-se como o funcionamento fetichista da perversão. Se, em Marx, o valor e a riqueza da sociedade devem estar na riqueza simbólica, “[...] na universalidade de necessidades, capacidades, gozos, força produtiva [...]” (p.78), obtida pelo intercâmbio entre os sujeitos dessa dada sociedade, no capitalismo, a riqueza de uma sociedade é medida pela riqueza de cada indivíduo, isoladamente, ou pela soma das riquezas subjetivas individuais. Resgatar valores sociais em desuso na contemporaneidade, a partir do entendimento desses processos de mobilidade e estruturação social, e o esclarecimento destes aos jovens e crianças, é função do ato educativo.

Mas, o que as mulheres analisadas, sujeitos dessa pesquisa, têm a ver com isso? Discutimos no capítulo em que tomamos a *Internet* como sintoma de nossa época, a posição de grande Outro que essa tecnologia pode estar ocupando junto ao sujeito da sociedade de massa, caracterizada, entre outras coisas, por uma modificação e enfraquecimento dos encontros dos sujeitos entre si. Na busca de obturar a falta (sempre incluída no laço), os sujeitos estão juntos diante do Outro, buscando, aí, um lugar de proteção e privilégios no seu saber. O descolamento a esse Outro imaginário, que tudo sabe, fecha o espaço para o pensamento e o diálogo. Bucci e Kehl (2004) trabalham com as concepções de Hannah Arendt na distinção de pensamento e conhecimento, sendo que, junto ao Outro, buscamos conhecimento. O pensamento não procura conhecimento, busca produzir significação. O estatuto do pensamento inclui a falta humana, na concepção da falta da verdade, e a ilusão de encontrar uma verdade é a produção de significação, que dá acesso a um “pequeno gozo”. O

pensamento continua porque essa verdade desliza, não é estável, especialmente na sociedade contemporânea, marcada pela rapidez, fluidez e multiplicidade de saberes e discursos próprios da diversidade. Pensar e agir são diferentes lugares que o homem ocupa. A suspensão à compulsão ao ato é necessária para que o pensamento se produza. É preciso uma certa renúncia ao gozo de produzir instantaneamente uma significação, de alcançar um efeito de verdade, confortável e apaziguador, para que o pensamento possa advir. E o pensamento, sabe-se desde Lacan, só existe na linguagem. A linguagem, pela palavra (funcionamento imaginário-simbólico), pode produzir alguma coisa que ainda não existe no real. “[...] se o pensamento não busca a verdade, mas busca o sentido, pensar é que dá o sentido à vida” (BUCCI e KEHL, 2004, p. 103).

Se o vazio do pensamento é uma das condições produzidas nas sociedades de massas, onde o ato é uma compulsão (imperativo: goza!), temos, aí, o sujeito que busca no Outro o saber. Nesse sentido, as significações no laço social estão fechadas, sem lugar para o novo, dá-se uma paralisação no discurso de significações estabelecidas que não dá brechas para o rompimento com esse Outro sem falta. A “paralisia” da sociedade atual, nos dizem Bucci e Kehl, dá-se pela prevalência das formações imaginárias – e, vimos, a *Internet* é, para isso, um lugar privilegiado. Segundo os autores, estamos diante da posição de “é o que é” com relação a sociedade, sem uma perspectiva do “vir a ser”. Temos que à educação cabe trabalhar no imaginário de uma sociedade que esteja em construção, em que algo novo possa produzir-se, em que o diálogo e a palavra, o pensamento, possam produzir novos significados.

Não deve ser na *Internet*, ou ao menos não somente nela, que o sujeito encontre solução para suas questões – e aqui tomamos especialmente a questão de dar destino a seu desejo, objeto desse estudo. Desamparado, é o recurso que lhe sobra. Na falta de ter onde desenvolver um diálogo, busca, pelos meios eletrônicos, um lugar “seguro” (seguro?) para dialogar. Diante do silêncio dos agentes públicos do debate – e a escola é um deles – e, na impossibilidades de falar sozinho, portanto, como saída defensiva da psicose, fala com um pseudo-fantasma. Desenvolve essa relação com ares de narcisismo, emblemada pelo individualismo social instaurado.

É dos anos quatrocentos antes de Cristo que temos a memória histórica, na Grécia antiga, da vivência do corpo e da sexualidade orientada pela esfera da ação pública. “No ginásio, ensinava-se como usar o corpo de forma que ele pudesse desejar e ser desejado com honra” (SENNETT, 2003, p. 42). Ali, os homens (não as mulheres, é verdade) recebiam instruções para “os modos de fazer amor ativamente”. Ao longo do percurso da história, essa relação aberta com o corpo, com o sexo e com o prazer no encontro amoroso, perdeu-se pelos

(des)caminhos da religiosidade, do poder político e dos hábitos e costumes sociais decorrentes, passando por diferentes processos de repressão. E se hoje vivenciamos a liberação sexual, proclamada (e conclamada) pelos agentes públicos de comunicação de massas, vivenciamos, na escola, a ambivalência do silêncio que ignora, escamoteando os problemas enfrentados pelos sujeitos do desejo. Deixando-se tomar pelo engano, a educação entra no discurso social do individualismo – da privacidade e da liberdade solitária – e se alheia à questão do sujeito como corpo social, como corpo sexual, isentando-se do compromisso de oferecer-se como lugar de reflexão e entendimento. É sozinho que o sujeito precisa procurar suas respostas. Desamparado, sofre isolado os efeitos do sistema.

Zizek (2003), no lugar de filósofo e sociólogo, propõe que “[...] o verdadeiro ato soberano é a ação violenta capaz de suspender o ordenamento jurídico ao instaurar um espaço de exceção” (p.185). Cabe-nos, no lugar de educadores e psicanalistas, propor imprescindível que a educação não perca de vista sua missão, ao menos no aspecto social, de instaurar-se como espaço de exceção no contexto social da contemporaneidade, capacitando o sujeito à revisão e possível suspensão do ordenamento jurídico vigente. Romper o contínuo da história, suspendendo a estrutura simbólica, inscrevendo o sentido de seu ato, é a verdadeira liberdade de escolha do sujeito, que não se limita às opções previamente instauradas, mas que, como escolha, possa mudar o próprio conjunto das propostas.

Por seu turno, Fernández (2001) denuncia os professores sendo usados pelo sistema como “agentes mantenedores da infantilização do espaço educativo” (p. 110), sendo, nessa mesma via, eles próprios infantilizados. Aponta as formas dissimuladas de agressão que se dão na escola como as mais perigosas, pelo submetimento a que os alunos são expostos de maneira encoberta, referindo-se às ideologias operantes através dos “mandatos inconscientes”, sancionadores invisíveis do poder de autonomia do pensamento.

Com relação ao progresso tecnológico, não se trata de negá-lo. Apresenta-se como progresso irrevogável, constituinte da própria natureza do humano. Trata-se, no entanto, de colocar-se na posição de refletir seu funcionamento e operar na determinação de seus fins. Segundo Santaella (2003), a própria escrita, a imprensa, o carro, os satélites, o telefone, o rádio, a televisão são complexos tecnológicos que alteraram irreversivelmente o modo de vida do homem. Nesse processo contínuo do desenvolvimento temos, na contemporaneidade, o advento do ciberespaço, que se define como um “mundo paralelo” onde é possível criar uma realidade à parte – trata-se de uma nova ciência que une a teoria do controle à teoria da comunicação. A criação dessa nova área do conhecimento se dá na direção da criação de

máquinas que imitam as próprias funções humanas ao ponto em que “[...] é o cérebro que está sendo reproduzido parte por parte em computadores” (p. 223).

A autora, embora considere que a vida moderna é marcada pela inseparabilidade do organismo humano das máquinas, tal é a evolução do processo e dos benefícios daí decorrentes, medidos pelos ganhos obtidos nas diversas áreas do conhecimento, no entanto, aponta que,

[...] o computador colonizou a produção cultural. Uma máquina que estava destinada a mastigar números, começou a mastigar tudo: da linguagem impressa à música, da fotografia ao cinema. Isso fez da cibernética a alquimia do nosso tempo e do computador seu solvente universal (p. 20).

Denomina de “pós-humano” as mudanças em processo nos últimos vinte anos, naquilo que constitui o humano – mudanças físicas e psíquicas, mentais, perceptivas, cognitivas e sensoriais –, considerando esse conjunto de alterações como correspondendo ao que chama de “terceiro estágio evolutivo da espécie”. O salto dado pelas tecnologias digitais teleinformáticas repercutiu na “[...] hibridização dos corpos carnis com os corpos sintéticos que permitem a navegação e a ação remota nos ambientes virtuais, bem como o *sensorium* humano em mundos tridimensionais” (p. 301). No rastro dessas transformações tecnológicas, emergem novas formações socioculturais, designadas como “*cibercultura*” ou “cultura digital”, entendida como “[...] o conjunto de técnicas, práticas, modos de pensamento e valores que se desenvolvem junto ao ciberespaço” (LEÃO, 2004, p. 166). Temos que é propósito da educação discutir o caráter e as implicações dessa cultura, para os quais serão necessários novos instrumentos conceituais. Sem perder de vista que “[...] sob a aparência da ausência de regras no ciberespaço, existe a omissão do Estado na representação de interesses públicos em oposição aos interesses comerciais” (p.74), que se sabe operantes. O *ciberespaço* tem sido ocupado pelos interesses do mercado capitalista, que transita livremente pelas “*infovias*” e se coloca como elemento invisível nas comunicações virtuais, impregnando as formas culturais e definindo paradigmas próprios do capitalismo global.

É inegável que a tecnologia computacional está fazendo a mediação do sentido de vida social, das relações sociais e mesmo da identidade do sujeito contemporâneo. Cabe perguntarmos como a educação pode atuar na administração desses recursos, ocupando lugar de agente e não de platéia nesses eventos. Diante dos benefícios e também dos danos advindos daí, que posição tomar? Santaella (2003) resgata a memória histórica do desenvolvimento e difusão da comunicação eletrônica, que teve sua origem na educação. Foi

na universidade que ela surgiu. Se a educação a criou, cabe-nos perguntar, porque não se apropria dela?

Numa ação simples, propomos que a educação – e a escola especialmente – seja lugar em que o sujeito possa refletir sobre o fenômeno contemporâneo pelo qual a identificação no espaço virtual, constituindo-se na nova comunidade virtual, mede espaço (ou mesmo ultrapassa o espaço em alguns casos) com a integração à vida comunitária, onde a relação presencial estabelece uma forma diferente de interação com o outro. É fato sabido que os jovens e crianças, hoje, passam um significativo número de horas de seu dia “na” *Internet*. As próprias mulheres, sujeitos da pesquisa, o atestam. É comum ouvir, no cotidiano de uma família, ao perguntar-se sobre “onde está o fulano?”, “ele ‘está’ na *Internet*” como resposta plausível. Igualmente os filhos, procurando os pais, podem encontrá-los lá – “na” *Internet*. É lá que “baixam” suas músicas preferidas, onde compram mercadorias das mais variadas possíveis, onde encontram respostas às questões acadêmicas numa substituição ao manuseio dos livros, onde aprendem com todos os recursos visuais o que a emancipação do tema da sexualidade passou a oferecer. Parece lógico que seja também onde busquem alguém para conversar. Um pouco mais adiante, lógico também que seja o lugar onde busquem alguém para amar (fase em que encontramos os sujeitos da pesquisa). É de lá que posso “baixar” meu par preferido. Se é lá que estão as respostas, é para lá que se dirigem as perguntas. E à questão fundamental do sujeito de dar destino ao desejo, à tarefa de encontrar caminhos para acesso ao gozo, nessa lógica, também à essa a *Internet* deve poder responder. Se era na comunidade, através das diversas trocas entre os sujeitos, que as respostas às demandas eram buscadas, dando-se assim uma das formas de identificação, hoje temos a *Internet* como grande Outro de onde a resposta virá – o “sujeito suposto saber”. Lugar de identificação do sujeito, de aconchego frente ao esvaziamento operado nas relações. A *Internet* pode instituir-se, na contemporaneidade, como uma caixa de Pandora que, ao abrir-se em busca de conhecer-lhe o conteúdo, dissemina males sobre a terra, como o castigo impingido aos humanos na mitologia de Zeus.

Não seria tempo da escola tornar-se espaço, não só dessa busca da informatização em que se coloca como parâmetro de modernidade e pertencimento ao “*status quo*” social, mas, ao contrário, espaço de reflexão dos aspectos controversos desencadeados por esse instrumento de modernidade e suas implicações sociais, psico-afetivas, a partir mesmo da auto-experiência do sujeito? Não seria o caso da escola questionar a função social da informatização como instrumento político-econômico, conforme denuncia Zizek (2005)?

A *Internet* se apresenta como um conjunto de propostas na dimensão da ideologia da liberdade individual, onde tudo (ou quase tudo) é possível, e é dada, ao sujeito, a noção de poder (liberdade) de escolha. Birman (1999), quando trata do mal-estar na atualidade, aponta o particularismo dos ideais dos sujeitos autocentrados da atualidade contemporânea, onde o social oferece muito pouco ou quase nada de “experiências alteritárias legítimas”, de contato e abertura do sujeito para a diferença. Como consequência, tanto os sujeitos individualmente quanto os grupos sociais são conduzidos para o pólo narcísico, pela destituição de valores ideais. Cabe ao sujeito, e mesmo aos grupos sociais, a busca de um gozo solitário, uma vez que “[...] inexistem instâncias seguras que possam regular a perversidade pulsional dos corpos” (p. 298). O imperativo de gozar impõe-se na falta de ideais alteritários que possam fomentar o projeto dos grupos sociais. Essa falta de regulação da perversidade pulsional apresenta-se ao sujeito como a possibilidade de gozar “à custa do corpo e da carne do outro” (p. 299) – representada, podemos dizer, tanto na violência social, como mesmo nas formas relacionais contemporâneas, à exemplo de como os *sites* de namoro podem ser tomados nessa dimensão – na oferta de relações onde o sujeito pode “[...] gozar freneticamente, diante da impossibilidade de desejar e face à sua pobreza simbólica” (p. 300).

É caso de podermos, numa verdadeira liberdade de escolha, entender os processos nos quais o sujeito está enredado, pela revisão de seu contexto, e instaurar a possibilidade de ruptura com as opções previamente instauradas, instituindo o espaço de exceção no contexto social, pela inscrição do sentido do ato do sujeito, podendo, não só limitar-se a fazer uma escolha particular entre as ofertas dadas, mas mudar o conjunto das propostas. Não reconhecer as contradições imanentes da “*internetização*” é elevar a tecnologia ao estatuto de representante simbólico – trata-se, então, do sintoma – o sintoma do nosso tempo.

Cabe à escola, como instância formadora, subjetivante, trabalhar na invenção de novos ideais alteritários, como alternativa à cultura narcisista, possibilitando o encaminhamento ao que Freud chamou de passagem da libido narcísica, autocentrada, à libido objetual, que viabiliza o investimento no objeto, no outro, o diferente, relançando seu desejo, como forma de abertura ao outro, e reanimando a tolerância como possibilidade de convívio – do sujeito e dos grupos sociais. Nesse âmbito de análise, a dialética freudiana que se enuncia pela oposição indivíduo-sociedade na manifestação do sintoma social, passa, segundo Birman, ao contraponto entre os processos narcísicos e alteritários, na conflitiva do sujeito entre o amor de si e o amor do outro. O outro, sempre encarado como ameaça mortal para a constituição autocentrada do Eu, hoje, mais do que nunca, encarna essa ameaça, fazendo peso

na permanente oscilação do sujeito do inconsciente entre os dois pólos – narcísico e alteritário.

Em Hobsbawm (1995) temos uma longa análise dos processos histórico-político-sociais do Século XX – a “era dos extremos” –, que ele divide em duas grandes eras: a era da “catástrofe” (de 1914 a 1948), marcada pelas duas grandes guerras; e a era do “ouro” (de 1949 a 1973), marcada pela expansão econômica, a estabilização do capitalismo e profundas transformações sociais. A partir daí, dá-se uma fase que se caracteriza pela decadência das autoridades públicas e pelo dismantelamento dos sistemas institucionais que tinham por função prevenir e limitar o “barbarismo contemporâneo”. Aponta para um futuro incerto.

Sem intenção de adotarmos uma posição ingênua, no que concerne à natureza e ao âmbito das decisões – supranacionais, nacionais, subnacionais e globais, sozinhas ou combinadas – podemos propor que a educação, enquanto espaço público de debate e de decisões, possa repensar sua relação com os sujeitos, sobre quem toma as decisões e impõe as ideologias aí implicadas. É também pela educação que podemos apontar para um futuro ainda a ser designado para o Século XXI. Um futuro que será marcado, certamente, pelo que vier a ser construído, como fruto das relações possíveis entre os sujeitos do nosso tempo.

Como ponto de suspensão momentânea dessa discussão, marcado pelo impositivo do limite de abrangência da proposta dessa investigação, retomamos seu início. Como na própria concepção do processo de análise, tomar o início nos ajuda a fazer as amarrações do final, final sempre entendido como o momento presente, atual e provisório. Assim é que retomamos a pergunta de abertura: como cruzar os caminhos da educação e da psicanálise? Resposta definitiva não a temos, assim como o próprio Freud não a teve, mas cremos poder trazer alguns pontos para a abertura, ou melhor, para a ampliação de um debate já em curso. O resultado dessas colocações implica na forma como nós, enquanto sujeitos, conseguimos nos colocar na linha desse discurso que nos antecede e para o qual somos convocados, como sujeitos, a dar um encaminhamento. Trata-se de possibilitar um intercâmbio de conhecimentos da psicanálise que possam servir ao trabalho da educação, tanto na promoção da saúde na aprendizagem, quanto de sua aplicação como espaço de subjetivação, pela possibilidade de sustentação do desejo: desejo de conhecer, de inventar, de surpreender-se, de amar, de ser feliz. Que a escola seja lugar de gozo!

Se a educação pressupõe o acolhimento como via de acesso ao sujeito, acolhimento às suas questões subjacentes, seu inconsciente, é pelo acolhimento ao mestre, às suas próprias questões subjacentes, seu inconsciente, que devemos começar a obra. Sabemos, desde Freud, passando por toda a revisão da literatura psicanalítica, que dar amor – e aqui entendemos que

acolher é, antes de tudo, uma expressão do amor – pressupõe ter sido amado. Pelo amor da mãe sobre si, a criança prepara-se e aprende a amar. Não se trata de psicanalisar a educação, transformando a sala de aula em divã. A cada uma – educação e psicanálise – é dada uma função. Mas trata-se de que a formação do professor inclua a psicanálise tanto quanto seja necessário para prepará-lo a lidar com o sujeito no lugar do aluno. E tanto quanto o conscientize do inevitável subjetivismo de sua atuação, ou seja, de quanto seu inconsciente está manifesto e se projeta nas suas relações com o aluno e com a própria concepção que tem de seu trabalho.

5 PROPOSTA METODOLÓGICA E SUAS IMPLICAÇÕES NA FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

“No princípio era o verbo”.

5.1 MÉTODO

5.1.1 Participantes

Participaram deste estudo três sujeitos que atendiam aos critérios estabelecidos nessa investigação para delimitação do grupo: três mulheres na faixa etária entre 45 e 50 anos, separadas ou divorciadas, ou seja, que já houvessem tido uma relação conjugal anteriormente, sem uma relação amorosa fixa no momento da pesquisa. Todas com formação de nível superior, duas delas exercendo uma atividade profissional e outra já aposentada, residentes em Porto Alegre. As participantes estavam inscritas nos programas de busca de par amoroso nos *sites* na *Internet*: “Par Amoroso” e “Alma Gêmea”, escolhidos para a pesquisa por serem os *sites* mais freqüentados.

A forma de acesso ao grupo de sujeitos da pesquisa deu-se, inicialmente, utilizando o meio de comunicação por elas próprias utilizado, ou seja, a *Internet*. Assim, foi feito um convite para participar da pesquisa, via *Internet*, endereçado aos endereços pessoais de mulheres selecionadas nos *sites* de namoro e que estavam dentro dos critérios de idade, nível de formação e estado civil. Não houve resposta de nenhuma das mulheres convidadas. Em vista disso, adotou-se outra forma de abordagem, anunciando o trabalho entre pessoas conhecidas, colegas de trabalho, que fizeram sua divulgação de maneira informal.

Os três sujeitos do presente estudo foram selecionados a partir dos critérios, dentre mulheres que manifestaram interesse em participar da pesquisa, tendo tomado conhecimento da mesma pelo meio acima exposto.

O sujeito 1, denominado Gládis, tinha 45 anos no momento da pesquisa, separada, pós-graduada, professora universitária e consultora em sua área técnica. O sujeito 2, denominado Ângela, tinha 48 anos no momento da pesquisa, divorciada, pós-graduada, trabalha num cargo técnico-administrativo. O sujeito três, denominado Ro, tinha cinquenta anos no momento da pesquisa, divorciada, aposentada, tendo atuado na área de publicidade.

A seleção dos sujeitos ocorreu através de um contato inicial, via telefone, visando identificar, entre as interessadas, as que se enquadravam nos critérios acima citados.

5.1.2 Delineamento e Procedimentos

O estudo foi desenvolvido a partir da escuta do sujeito, registro de sua fala, reflexão sobre os registros e teorização a partir da fundamentação teórica adotada.

Após o contato inicial, por telefone, foram agendadas entrevistas individuais. Cada sujeito foi investigado em duas etapas: a primeira delas, na fase inicial de investigação, através de duas entrevistas de caráter semi-dirigido, realizadas num intervalo médio de quinze dias, com enfoque central nas seguintes questões:

Primeira entrevista:

- 1-O que procuras quando te inscreves num *site* de procura do par amoroso?
- 2-O que é para ti um par amoroso?
- 3-Como é o homem que procuras?
- 4-Porque utilizas a *Internet* como meio de busca do par amoroso?
- 5-Podemos falar do teu relacionamento conjugal anterior?

Segunda entrevista:

- 1-Podemos falar do teu relacionamento com tua mãe?
- 2-E teu relacionamento com teu pai?

Na segunda etapa, após quatro a cinco meses transcorridos da primeira etapa, realizou-se mais uma entrevista, também de caráter semi-dirigido, com enfoque central nas questões:

- 1-Como estás atualmente em relação a relacionamentos amorosos?
- 2-Como está tua participação nos *sites* de procura do par amoroso na *Internet*?

As perguntas adotadas serviram de roteiro básico para as entrevistas, no entanto o pesquisador adotou a postura de escuta do sujeito, acolhendo o encaminhamento dado por ele (sujeito) a cada uma delas, de modo a que fossem o menos diretivas possível.

Por ocasião das primeiras entrevistas, foram assinadas, pelos sujeitos, as Fichas de Consentimento Informado. Também nessa ocasião, foram solicitadas às mulheres participantes cópias das suas fichas de inscrição nos *sites* da *Internet*.

As entrevistas foram gravadas em fita cassete e, posteriormente, transcritas literalmente. Todas as entrevistas foram agendadas com os sujeitos com, no mínimo, uma semana de antecedência, através de contato telefônico.

5. 2 IMPLICAÇÕES DA FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA NO MÉTODO

Assumimos, como propósito, abrir nossos escritos tomando os escritos de Freud, incontestavelmente, para amarrar as implicações da fundamentação teórica no método de pesquisa adotado. Consideramos que a escolha do método freudiano de investigação exige considerações teóricas por se tratar de uma escuta que visa o “mais além” do sentido da palavra, e é a palavra que tomamos para análise nesse estudo. Tomamos a palavra do sujeito em dois aspectos: sua fala direta ao pesquisador, e sua fala sobre sua fala com os homens da *Internet* com quem estabelece relacionamentos. Assim, tomar a palavra de Freud permitiu situarmo-nos enquanto escrita investigativa psicanalítica. Partimos, em cada tema, da concepção freudiana inicialmente, apresentando sua fundamentação teórica, seguida e entremeada com os autores que o sucederam, compondo um quadro teórico, a partir do qual buscamos tecer implicações na escuta dos sujeitos da pesquisa, em busca da compreensão do tema da eleição do par amoroso.

Lacan, em seu texto *Fala Vazia e Fala Plena na Realização Psicanalítica do Sujeito*, começa por dizer que “toda fala chama resposta”, e que ainda que a psicanálise só tenha a fala do paciente como meio,

[...] é para além da fala que procurará uma realidade que preencha esse vazio [...] mesmo se não comunica nada, o discurso representa a existência da comunicação; mesmo se nega a evidência, ele afirma que a fala constitui a verdade; mesmo se é destinado a enganar, especula sobre a fê no testemunho (LACAN, 1978, p. 112-116).

Nesses princípios se fundamenta a proposta metodológica dessa investigação, qual seja, de escuta do sujeito, que se dá a partir de entrevistas com perguntas norteadoras, intercaladas de silêncios-não-perguntas, que admitem e propõem que a fala desse sujeito possa tomar rumo dentro de seu próprio discurso pela associação de idéias-significantes. Essa pesquisa constitui-se, portanto, em seu aspecto metodológico, em uma escuta psicanalítica, no que confere buscar ouvir, no discurso do sujeito, sua palavra-significante, tomando o relato de sua história cotidiana acerca dos relacionamentos atuais que estabelece com homens que conhece na *Internet*, e seus relacionamentos parentais, presentes e passados. Tomando-os,

como diz Lacan “[...] por um apólogo que a bom entendedor dirige sua meia-palavra, uma longa prosopopéia por uma interjeição direta, ou, ao contrário, um simples lapso por uma declaração muito complexa, e mesmo o suspiro de um silêncio por todo o desenvolvimento lírico que supre” (p. 116-117). A proposição de ouvir suas histórias pregressas, no âmbito dos relacionamentos conjugais anteriores e das relações com os pais, abriu espaço para o que se constituiu, pode-se dizer, uma anamnese psicanalítica, que não se trata de realidade, mas da verdade do sujeito. Pretendeu-se, assim, que, pelo efeito de sua fala, pudesse ser possível encontrar o sentido das necessidades atuais que mobilizam as mulheres sujeitos dessa pesquisa à procura do par amoroso.

O inconsciente do sujeito é sua história, e a historiação atual dos fatos que determinaram um certo número de “volteios” em sua existência já é uma forma de reconhecer esse inconsciente. Nosso estudo do sujeito andou atrás dessas pistas, e sua palavra foi tomada como um discurso psicanalítico. Nesse sentido, um discurso bem sucedido pode dar-se num ato falho, num equívoco, num chiste, num lapso que tenha a função de mordaca sobre a fala. Estivemos à procura da meia-palavra. Esses fenômenos do inconsciente, produzidos na fala do sujeito, se apresentam como um tropeço, uma rachadura, diz Lacan (1998). Sinalizam para que alguma outra coisa quer realizar-se, numa temporalidade outra, deslocada. Nessa hiância, apresenta-se “um achado”, ainda que incompleto, que surpreende. Trata-se, de fato, de um “reachado”, sempre prestes a perder-se novamente, constituindo-se como forma descontínua de aparecimento do inconsciente, forma pela qual algo se manifesta como vacilação. Freud propôs que o inconsciente vacila num corte do sujeito, e à ressurgência do achado, está o desejo desnudado nesse discurso que tropeça.

Destaque pela investigação analítica, do sentido latente existente nas palavras e nos comportamentos de um indivíduo. A interpretação traz à luz as modalidades do conflito defensivo e, em última análise, tem em vista o desejo que se formula em qualquer produção do inconsciente (LAPLANCHE; PONTALIS, 1970, p. 318).

A escuta investida nessa investigação psicanalítica teve por propósito o uso de elementos da técnica de interpretação com vistas a identificar, em última análise, o desejo inconsciente dos sujeitos no que diz respeito às questões de escolha do par amoroso.

Lacan instituiu o sujeito enquanto o sujeito da cultura, articulado pela linguagem. O advento desse sujeito – operação que conduz a criança a não mais apenas colocar-se como objeto do desejo do Outro, mas sim como sujeito – “[...] atualiza-se numa operação inaugural de linguagem, na qual a criança se esforça por designar simbolicamente sua renúncia ao

objeto perdido [...] fundada no recalque do significante fálico, nomeado também significante do desejo da mãe” (DOR, 1992, p. 91).

A teoria lacaniana se fundamenta na afirmação de que o inconsciente é estruturado como uma linguagem, o que Freud, em outros termos, já havia proposto desde a teoria do sonho, onde se refere ao conteúdo latente e conteúdo manifesto dos pensamentos. Tomou a linguagem na perspectiva de uma concepção estrutural, com base na obra do lingüista Ferdinand de Saussure, aplicando a ela algumas modificações e até uma certa subversão. Propõe que a relação do significante com o significado é uma relação sempre fluída, prestes a se desfazer. Chama de ponto-de-estofa (*point-de-capiton*) a delimitação entre eles, referindo-se “[...] a operação pela qual o significante detém o deslizamento, de outra forma indeterminado e infinito, de significação [...] é aquilo por meio do qual o significante se associa ao significado na cadeia discursiva” (DOR, 1992, p. 39), o que se dá na dimensão de posterioridade, por um efeito retroativo. Dito de outra forma, a significação de uma mensagem só advém ao final, de sua própria articulação significativa. O significante é o que governa o discurso do sujeito, ou que governa o próprio sujeito, é o elemento guia, através do qual se exprime o significado desaparecido, justificando, assim, a tese do inconsciente estruturado como uma linguagem. Esse processo se utiliza de dois mecanismos: a metáfora e a metonímia.

A metáfora consiste em designar alguma coisa pelo nome de outra, baseada nas relações de similaridade e substituição – refere-se ao *fort-da* de Freud, jogo da presença-ausência do objeto perdido, através do qual opera na criança uma inversão simbólica onde ela passa a ter controle da presença-ausência da mãe graças a uma identificação a essa. O *fort-da* indica, na criança, fundamentalmente, o controle do fato dela não ser mais o único e exclusivo objeto do desejo da mãe, perdendo sua identificação com o falo. Implica na renúncia da expressão de seu desejo original e a instauração do pai simbólico, o que se dá pela relação significativa elaborada pela criança que nomeia a ausência da mãe invocando a referência ao Pai, que tem o falo (a mãe ausente, supostamente está com o pai – tomando-o como objeto fálico e depois como o que detém o falo). A partir disso, a criança pode mobilizar seu desejo para objetos substitutivos ao objeto perdido através da metáfora do Nome-do-Pai, sustentada pelo recalque originário. Daí a afirmativa: “A função do pai no complexo de Édipo é de ser um significante que substitui ao significante, isto é, ao primeiro significante introduzido na simbolização, o significante materno” (LACAN, 1999, p. 180). Assim, o pai surge como uma metáfora no lugar da mãe, que estava ligada a algo que era o significado na relação desta (a mãe) com a criança, ou seja, o falo. O recalque é simbolizado

pela presença do significante no Outro, inacessível pelo recalçamento, portanto inconsciente, insistindo em se representar no significado pelo automatismo da repetição. Nomear o Pai é nomear metaforicamente o objeto fundamental do desejo. O símbolo da linguagem pereniza esse objeto, e a linguagem, como tal, eterniza sua expressão, socializando-a no registro simbólico da comunicação intersubjetiva.

Dor (1992, p. 46) apresenta algumas conclusões sobre o processo metafórico, a partir de Lacan: a) é o produtor de sentido, uma vez que está sustentado na autonomia do significante em relação ao significado. “A metáfora se situa no ponto preciso em que o sentido se produz no sem-sentido” (LACAN, 1978, p. 239); b) o caráter primordial do significante é atestado no próprio princípio de sua construção, no sentido de que é a cadeia de significantes que governa a rede de significados; e c) esse caráter primordial do significante se exerce também em relação ao sujeito, que ele predetermina sem que este o saiba.

A metonímia, por sua vez, implica num processo de transferência de denominação, sendo um objeto designado por um termo diferente do que lhe é próprio habitualmente. Os dois termos devem estar ligados por uma relação de matéria a objeto, ou de continente a conteúdo. Implica num deslocamento de sentido. A formulação da metonímia convoca os mesmos símbolos, e sua função reside na conexão de um significante novo com um significante antigo, com o qual tem uma relação de contigüidade, e que ele substitui. Na metonímia, há uma resistência à significação nas relações entre o significante e o significado, que se apresenta como um não-sentido aparente, sendo necessária uma operação de pensamento para apreender seu sentido. Na metáfora, ao contrário, o surgimento do sentido é imediato.

A metáfora do Nome-do-Pai implica num processo da evolução psíquica, permitindo à criança advir como sujeito, ascendendo ao simbólico (uso da língua materna) e instituindo a divisão psíquica (*spaltung*) irreversível do sujeito com o advento do inconsciente. A metáfora do Nome-do-Pai intima a criança a tomar a parte (objeto substitutivo) pelo todo (objeto perdido) e o desejo persiste em designar o desejo do todo (objeto perdido) pela expressão de desejo da parte (objetos substitutivos), engajado na via de metonímia. “Por meio do recalque originário e da metáfora paterna, o desejo vê impor-se, então, a mediação da linguagem” (DOR, 1992, p. 94). O significante Nome-do-Pai instaura a alienação do desejo na linguagem que, transformado em palavra, torna-se nada mais que o reflexo de si. O recalçamento do desejo de “ser”, em prol do desejo de “ter” o falo, impõe à criança engajar seu desejo no plano dos objetos substitutivos do objeto perdido. Para isso, a saída do desejo é fazer-se palavra,

desdobrando-se numa demanda, perdendo-se na cadeia de significantes do discurso, permanecendo sempre insatisfeito.

De um objeto a outro, o desejo remete sempre a uma seqüência indefinida de substitutos e, ao mesmo tempo, a uma seqüência indefinida de significantes que simbolizam esses objetos substitutivos, persistindo assim em designar, à revelia do sujeito, seu desejo original (DOR, 1992, p. 94).

Pela via da insatisfação do desejo, ele renasce continuamente uma vez estar em outro lugar que não no objeto visado, ou no significante suscetível de simbolizar este objeto – o que constitui a metonímia do desejo. O objeto do desejo é um objeto metonímico. Jerusalinsky ilustra dizendo que “no desejo o objeto falta [...]. A lógica do desejo coloca o objeto num outro lugar que é o do fantasma [...]” (2002, p. 82).

Os processos metafórico e metonímico são os mecanismos que estão na origem do funcionamento inconsciente. Temos, como processos metafóricos, a condensação do sonho, o sintoma, a metáfora paterna (ou do Nome-doPai) como acesso ao simbólico; e, como processos metonímicos, o deslocamento no sonho, o processo do desejo. Ainda temos os processos inconscientes do dito espirituoso como condensação metafórica e/ou deslocamento metonímico e os neologismos, glossolalias e línguas delirantes como construções metafóricas e metonímicas.

Esses processos, presentes no discurso do sujeito como pressuposto, estão, evidentemente, presentes no discurso dos sujeitos dessa pesquisa. Nosso propósito foi de, com base nesses postulados, poder identificá-los e, através deles, ouvir, acerca da verdade dessas mulheres entrevistadas, o que não pôde ser falado, restos do reprimido inconsciente, pistas indicativas de seus desejos. Todos esses processos implicam num retorno da verdade do sujeito, e sua interpretação só é possível na ordem do significante que, por sua vez, só tem sentido em sua relação com outro significante na cadeia de significantes que é própria e particular de cada sujeito. A saber, o S1, significante fálico ou significante do desejo da mãe, fundado no recalque, é o que governa a rede de toda a cadeia de significantes, o que assegura a passagem do real imediatamente vivido à sua simbolização na linguagem. A linguagem aparece como esta atividade subjetiva pela qual se diz algo totalmente diferente do que se crê estar dizendo no que se diz. O substituto simbólico do Real não é o próprio Real, mas o que o representa. “É preciso que a coisa se perca para ser representada [...] Pela palavra que já é uma presença feita de ausência, a ausência mesma vem a nomear-se em um momento original [...]” (LACAN, 1978, p. 140). Essa é a fórmula de ascensão à simbolização, instauração da ordem

do significante e, por conseqüência, a alienação do sujeito na e pela linguagem, de certa forma desvanecendo-se na cadeia significante, encontrando-se representado unicamente na forma de um símbolo. A relação do sujeito com a cadeia do seu discurso implica uma sutura onde “[...] ele figura ali como elemento que falta, na qualidade de um lugar-tenente. Pois, faltando ali, ele não está pura e simplesmente ausente” (MILLER, 1966, apud DOR, 1992, p. 107). Os símbolos que evocam a garantia da representação simbólica do sujeito em seu discurso são os pro-nomes (uso do “nome”, “eu”, “tu”, “quanto a mim”, “ele”, “a gente”). Essa relação do sujeito com a linguagem denuncia a estrutura de divisão psíquica do sujeito: acede à linguagem para nela se perder. O sujeito não é causa, mas causado pela linguagem. Portanto, advém da linguagem, como já dissemos, e só se insere nela como um efeito de linguagem, sendo por ela eclipsado na autenticidade de seu ser. Lacan chama de *fading* esse eclipsamento que impõe que a apreensão do sujeito a si mesmo só se dê através de sua linguagem, como uma representação, uma máscara que o aliena e o dissimula para si mesmo. A essa alienação do sujeito em seu próprio discurso chama de refenda do sujeito, conceito originado da função do inconsciente advindo do recalque originário, fundador do significante primeiro, por ocasião da castração imaginária. Desde aí tem-se que o destino do significado é secundário em relação ao significante. A relação de alienação do sujeito se dá com o significante e pelo significante, e a refenda do sujeito define essa relação de alienação com a cadeia dos significantes no seu fala-ser. Sobre o sujeito da linguagem, Lacan (1992a) afirma: “[...] onde não está, ele pensa, onde ele não pensa, está [...]” (p. 96-97), referindo-se às questões do inconsciente e seus efeitos sobre esse sujeito.

O código do discurso, constituído pelo conjunto de signos e símbolos que permitem representar e transmitir informações, autoriza e funda a comunicação intersubjetiva. O círculo do discurso é um lugar de discurso relativamente vazio, lugar de palavra vazia, desse discurso concreto do fala-ser que se esforça para se fazer ouvir. O lugar do código é o lugar do referente simbólico, e aparece como lugar do grande Outro, chamado de “tesouro dos significantes” e “companheiro de linguagem”. O lugar da mensagem é o ponto de intersecção, de encontro com a cadeia de significantes, onde vai constituir-se o sentido para o código, lugar onde alguma coisa da ordem da verdade daquele que fala está mais suscetível de advir na forma de palavra plena, a palavra autêntica do sujeito. Assim, todo sujeito que engaja seu discurso no curto-circuito da ‘falação’, sem o saber, porque é da ordem do inconsciente reprimido, faz necessariamente ouvir muito mais do que ele crê dizer.

Temos presente, portanto, que o sujeito que nos fala em nossa pesquisa, sujeito de demanda de par amoroso – que se vale da intermediação da *Internet* como meio de supri-la –

não é senão isso, um sujeito eclipsado, uma máscara de si para si mesmo e para o outro com quem fala – o sujeito marcado pela alienação na linguagem.

A tese lacaniana *princeps* propõe que um significante é o que representa um sujeito para um outro significante.

Ao sujeito pois, não se lhe fala. Isso fala dele, e é lá que ele se apreende, e tanto mais forçosamente quanto antes que pelo único fator de que “Isso” se endereça a ele, ele desapareça como sujeito sob o significante que fica sendo, ele não era absolutamente nada. Mas esse nada se sustenta em seu advento, agora produzido pelo apelo feito no Outro ao segundo significante (LACAN, 1978, p. 320).

Nessa perspectiva, a divisão do sujeito pela ordem do significante implica que parte de sua subjetividade se defina como sujeito do inconsciente, ou seja, como sujeito do desejo. O “isso fala” refere-se ao ser do sujeito na autenticidade e verdade de seu desejo. Essa verdade, pelo recalque, não pode ser falada pelo sujeito, representando-se, apenas, em seu discurso. Inversamente, é o desejo do sujeito, o “isso” que fala dele em seu discurso.

Em Freud (1923), o “isso” corresponde ao id (*ES*). Enquanto o ego representa o que pode ser chamado de razão e senso comum, o id (*Es*) contém as paixões e é regido pelo princípio do prazer, irrestritamente.

Lacan, repetimos, toma da lingüística o parâmetro de que a enunciação coloca em cena o sujeito do enunciado, que pode estar explicitamente presentificado, ou não, no seu enunciado. O discurso didático se caracteriza pela proposta de certa neutralidade subjetiva, criando um distanciamento entre o sujeito do enunciado e a enunciação. Em contrapartida, o sujeito da enunciação implica numa participação subjetiva que atualiza um representante como sujeito do enunciado num discurso, o locutor enquanto lugar e agente da produção dos enunciados. Situa o sujeito do inconsciente, o sujeito do desejo, ao nível do sujeito da enunciação. A presença do inconsciente, por se situar no lugar do Outro, deve ser procurada na enunciação de todo discurso. O inconsciente emerge no “dizer”, na enunciação, no significante, enquanto que no “dito” a verdade do sujeito se perde porque aparece somente sob a máscara do sujeito do enunciado, onde a saída é o “meio dizer”. A estrutura de divisão psíquica do sujeito (*Spaltung*) se atualiza nessas oposições: enunciado/enunciação, ou dito/dizer. A refenda do sujeito da enunciação com o sujeito do enunciado evidencia a impossibilidade de coincidência dos dois registros da subjetividade, constituindo uma brecha ao engodo que se origina no registro imaginário e que sustenta a mistificação alienante do sujeito, no enunciado que articula sobre si. O “eu” do enunciado oculta o sujeito do desejo,

constituindo a objetivação imaginária do sujeito, usando como saída a identificação com os diferentes e múltiplos “lugar-tenentes” que o representam no discurso, e que constituem o *Moi* (Eu, mim). Tomar o *Moi* por *Je* (Eu) implica na captação imaginária, onde o fala-ser assujeita-se cada vez mais. Se no estádio do espelho o sujeito toma acesso ao simbólico, como já dissemos, pelo fim da relação especular com a mãe, dá-se, aí, uma recaída do sujeito no imaginário, culminando no advento do Eu (*Moi*). Na fala, o sujeito experiencia sua falta-a-ser, tomada no sentido do ser do desejo, alienação de si mesmo através da ordem significante. O Eu (*Moi*) é a construção de uma representação imaginária em que o sujeito se aliena, imagem projetada através de seus múltiplos representantes, e que toma seu valor pelo outro e em relação ao outro, numa dialética precedida pelo estádio do espelho. Lá, a identificação da criança com a imagem especular precisa estar sustentada em um certo reconhecimento do Outro (a mãe). É o olhar da mãe que avaliza para a criança aquela como sendo realmente a sua imagem. Aí se esboça o advento da subjetividade como construção imaginária do Eu (*Moi*), irredutivelmente submetido à dimensão do outro. Daí deriva a dialética da identificação de si com o outro e do outro a si,

[...] quando um sujeito real dirige-se a um outro sujeito real, ocorre, devido à divisão operada pela linguagem, que é um Eu (*Moi*) que comunica com um eu (*Moi*) diferente, porém semelhante a ele. Disso resulta que falar a um outro equivale inevitavelmente a manter um diálogo de surdo com ele (DOR, 1992, p. 125).

Lacan (2005) enfatiza a operação dos registros do imaginário, do simbólico e do real, conceitos centrais na dinâmica relacional do sujeito frente ao outro. Assim, formula que um comportamento pode se tornar imaginário quando se torna suscetível de deslocamentos que não asseguram a satisfação de uma necessidade natural, sendo ele orientado a partir de imagens. De outro modo, concebe a “realidade essencial” do sujeito, que se trata do que é encontrado, quer seja nos sintomas reais, ou nos atos falhos que se inscrevem, tomados como símbolos organizados na linguagem, funcionando a partir da articulação significante-significado. Para Lacan, a fala é uma ação, um ato e, além de constituir a mediação, constitui a própria realidade, uma vez que a fala é também “[...] um objeto, ou seja, alguma coisa que se carrega, um feixe” (p. 31). Toda a relação entre dois sujeitos é marcada pelo imaginário, e entre a relação imaginária e a relação simbólica “há toda a distância que há na culpa” (p. 33). Quanto ao Real, refere-se à dimensão do impossível, do inapreensível, na medida em que se refere, ou à totalidade, ou ao instante esvanecido do próprio sujeito.

O eclipsamento provocado pela mediação da linguagem implica em que um verdadeiro Outro jamais é atingido diretamente porque ele está sempre fora do circuito em sua verdade, do outro lado do muro da linguagem. “Viso sempre os verdadeiros sujeitos, e devo me contentar com sombras” (LACAN, 1985a, p. 286), o que revela o caráter de ambigüidade na relação com o outro pela linguagem. Esse outro, que também não sabe o que diz, pode ser tomado como um objeto. A ambigüidade reside em que a linguagem serve para fundar o sujeito no Outro, assim também como para impedi-lo radicalmente de compreendê-lo.

A dialética do desejo, em Lacan, funda-se na dialética do reconhecimento recíproco, ou seja, identificação de si ao outro e do outro a si. O desejo se estrutura sempre, fundamentalmente, como desejo do desejo do outro. A dialética da subjetividade aí está implicada: Eu desejo reconhecer-me no outro, mas uma vez que esse outro sou eu, é necessário que esse Eu Outro se reconheça também em mim. O eu só pode reconhecer-se nesse Eu Outro se reconhece que o outro já se reconhece nele. A essência do desejo se expressa no fato de que é preciso, necessariamente, que um encontre no outro uma outra consciência que deseje. O sujeito acredita desejar porque se vê desejado, e não percebe que o que o Outro quer dele é arrancar-lhe o olhar, também de desejo.

Lacan aponta a intrincação do desejo, da linguagem e do inconsciente, cuja estrutura se organiza pela ordem do significante, como o advento do qual resulta o sujeito. O desejo tende a organizar-se numa relação com o outro, na retroação da demanda sobre a necessidade. O primeiro encontro do sujeito com seu desejo, nessa relação com o outro, apóia-se na intencionalidade da necessidade, o que Freud situa ao nível das pulsões. Uma pulsão só pode ser reconhecida pelo sujeito quando encontra uma solução de expressão no aparelho psíquico através de uma representante. O processo pulsional apresenta-se na criança, inicialmente, como um desprazer causado pela tensão própria à fonte de excitação pulsional, diante de uma necessidade que exige ser satisfeita. Como resposta, lhe é proposto um objeto para satisfação, que poderá aceitar, ou não, sem que ela busque e sem que tenha dele uma representação psíquica, pois essa primeira experiência se desenrola num registro essencialmente orgânico. O processo de satisfação da necessidade dá origem a um prazer imediato pela redução do estado de tensão, deixando um traço mnésico ao nível do aparelho psíquico que liga a satisfação à imagem-percepção do objeto de satisfação. Diante de um novo estado de tensão pulsional, o traço mnésico será reativado. A partir dessa primeira experiência, a manifestação pulsional não pode mais aparecer como pura necessidade. Inicialmente, a criança tende a satisfazer-se sob forma de “satisfação alucinatória”, por confundir o objeto representado da satisfação, e o objeto real que pode lhe proporcionar uma satisfação presente, provocada pelo investimento

exagerado na imagem mnésica. Pela repetição de experiências sucessivas de satisfação, passa a distinguir a imagem mnésica da satisfação, da satisfação real. O desejo, para Freud, nasce do reinvestimento psíquico de um traço mnésico de satisfação ligado à identificação de uma excitação pulsional, e a reparação da percepção é a realização do desejo. O desejo, portanto, está ligado ao processo pulsional, e sua satisfação só se dá na dimensão de uma realidade psíquica, pois tem por modelo a primeira experiência de satisfação. Assim, o desejo orienta o sujeito para, além dessa experiência, buscar um objeto suscetível de proporcionar essa satisfação. Mas, como tal, o desejo não tem objeto na realidade.

A primeira experiência de satisfação da criança, pelo oferecimento do objeto da necessidade, é imediatamente investida de sentido pelo Outro, indo mais além do repouso orgânico causado pelo objeto. Trata-se do desejo que a mãe investiu na criança, a partir do que esse repouso orgânico toma valor para ela (a mãe) de uma mensagem da criança endereçada como “testemunho de reconhecimento”. A resposta da mãe, através de gestos e palavras, será, para a criança, fonte de um repouso prolongado e é o que a fará gozar, para além da satisfação da necessidade, no a-mais do gozo suportado pelo amor da mãe.

A demanda, tomada como expressão do desejo, é a demanda do a-mais, para além da demanda da necessidade, a demanda de amor. É sempre formulada e endereçada a outrem. Ainda que incida sobre um objeto de necessidade, a demanda é fundamentalmente “inessencial”, pois se trata de uma demanda de amor na qual a criança deseja ser o único objeto do desejo do Outro que satisfaz suas necessidades. O surgimento do desejo fica, então, suspenso à busca, ao reencontro da primeira experiência de gozo, experiência de caráter único, irrepitível, que procede da imediatidade da satisfação que neste momento não é ainda mediada por nenhuma demanda. A mediação psíquica da demanda, a partir da segunda experiência de satisfação, confronta a criança à ordem da perda. A partir disso, tomada no assujeitamento do sentido, é intimada a demandar para fazer ouvir seu desejo, é intimada a significar seu desejo. A medida do impossível reencontro do gozo primeiro com o Outro se dá justamente pela mediação da nominação, que introduz uma inadequação entre o que é desejado e o que se faz ouvir desse desejo na demanda. A função do desejo se dá como efeito do significante no sujeito. O desejo comporta a ambivalência própria à demanda, que implica em que o sujeito não quer que ela seja satisfeita. “O sujeito visa em si a salva-guarda do desejo, e testemunha a presença do desejo inominado e cego” (LACAN, 1992, p. 202). A recusa à satisfação de uma necessidade está implicada na preservação da função do desejo, da extinção da demanda. Em última análise, está implicada no desaparecimento do próprio sujeito enquanto sujeito do desejo.

Falar a um outro implica endereçar uma mensagem a esse outro, que é necessariamente tomado por um Outro, equivale a dizer o quanto reconhece esse outro como um Outro absoluto, um sujeito verdadeiro. Está sempre em jogo, aí, a incógnita da alteridade, pois, embora o sujeito o reconheça como Outro, ele não o conhece como tal. O que propulsiona a articulação da palavra plena é o próprio princípio da estrutura da comunicação autêntica na mensagem do sujeito, que se processa como vinda do outro sob uma forma invertida. “O emissor recebe do receptor sua própria mensagem invertida” (LACAN, 1981, p. 48). É uma mensagem que vem do mais além da palavra, do Outro, através da qual já se reconheceu no receptor. É a palavra de uma fala que engaja. É a unidade da palavra que funda a posição de dois sujeitos. De outro modo, para que haja a criação de um novo sentido na mensagem, é condição *sine qua non* um reconhecimento implicitamente partilhado no lugar do Outro, pelo locutor e pelo auditor, para que a neocomposição significativa seja admitida de parte a parte. Lacan designa de discurso do presente (o dizer do presente) algo que pode situar a presença do falante em sua atualidade de falante, o Eu (*Je*), o que representa o sujeito nesse discurso. O presente do discurso (o presente do dizer) é o que remete ao presenteamento no discurso. Difere da presença do falante, na medida em que se passa ao nível da mensagem efetiva, que pode ser subvertida, radicalmente, pelo desejo inconsciente do sujeito.

Che Vuoi? É a questão que Lacan toma do romance de Cazzotte, O Diabo Enamorado. Que queres? O Outro, que pode trazer uma resposta ao chamado do sujeito, encontra-se, por este chamado mesmo, interpelado pelo sujeito. Refere-se à preeminência da demanda sobre a necessidade, que vai através dessa pergunta fundamental, estruturar o desejo como desejo do desejo do outro. No retorno da resposta do outro ao sujeito, será atestado que a escolha de significantes que ele mobiliza veicula uma significação, ou seja, que a demanda do sujeito não constitui mais uma proposição enigmática à espera de confirmação. Em resposta ao chamado, o outro irá atribuir determinada significação à concatenação significativa desse chamado do sujeito, o que significa que o sentido da demanda fica tributário do “bem querer” do outro, que é o que governa à nível do princípio de comutatividade dos significantes da demanda. Esse princípio é o produtor de efeitos metafóricos, pois se apóia, fundamentalmente, na propriedade de substituição de um significante por outro significante. O princípio da comutatividade é o princípio de escolha capaz de fazer advir determinado significante ao invés de outro na articulação da seqüência significativa da demanda.

É entre as vicissitudes da demanda e o que essas vicissitudes fizeram-na tornar-se e, por outro lado, esta exigência de reconhecimento pelo outro, que podemos aqui chamar de exigência de amor, que se situa um horizonte de ser para

o sujeito, a respeito do qual trata-se de saber se, sim ou não, o sujeito pode atingi-lo. É neste intervalo, nesta hiância que se situa uma experiência, a do desejo, apreendida no início como sendo a do desejo do outro, e no interior da qual o sujeito tem de situar seu próprio desejo. Seu próprio desejo como tal não pode situar-se em outro lugar senão neste espaço (LACAN, 1958 apud DOR, 1992, p. 185).

A questão mais fundamental do sujeito, no que se refere à realização de seu desejo, é justamente inaugurada por esse “que queres tu?”. Sustentado nessa pergunta, o processo de realização do desejo deixa, inicialmente, o sujeito sem recurso, pela opacidade da presença primitiva do desejo do Outro. Tal opacidade convoca o sujeito à ordem da angústia em sua relação com o desejo do outro, angústia que vai buscar neutralizar pela intersecção da dimensão imaginária da relação de seu Eu (*moi*) com o outro. A estrutura do fantasma mediatiza a relação do sujeito com o objeto de seu desejo. Dizer desejar alguém consiste em envolver esse alguém, esse objeto, no fantasma fundamental do desejante. O objeto é em torno do que se fixam, se condensam, todas as imagens enigmáticas, cujo fluxo se pode chamar de desejo. O desejo está ligado, em parte, ao fantasma, assim como o Eu (*moi*) está, em parte, ligado a seus objetos. O fantasma se inscreve na sua relação com o desejo no lugar do inconsciente, onde o recalcado anda em círculo. Trata-se do retorno do recalcado.

Coube-nos, mais uma vez, enunciar a pergunta: Será que, falando, o sujeito sabe o que faz? Será que, falando, as mulheres sujeitos dessa pesquisa sabem o que fazem? O que quer essa mulher? O que ela diz quando pensa dizer que quer um par amoroso? Trata-se de uma comunicação autêntica a que tem estabelecido com esse outro, encarnado nos homens do *site* da *Internet*? Trata-se de uma palavra plena? Ou de uma palavra vazia? Que fantasma habita seu desejo? Ou melhor, que homem poderá ser capaz de encarnar seu fantasma amoroso? O que se quis saber nessa investigação é o que está simbolizado na linguagem das mulheres, sujeitos da pesquisa, acerca de sua escolha de objeto. O que tu desejas? Essa pergunta endereçada ao Outro, implica em querer saber “o que te falta ligado ao que eu te sou assujeitado” (LACAN, 2004, p. 81), e reporta à que o desejo do sujeito é o desejo do Outro. O que tu queres? Implica perguntar: o que eu quero? E é do Outro que se espera a resposta. Essa enunciação, marcada pela ambigüidade, carrega o sentido obscuro do desejo: eu me pergunto/eu te pergunto, o que tu queres/o que eu quero. A manifestação do desejo se inclina à que “seja feita a Tua vontade”.

Portanto, partindo do princípio laciano (1998) de que o inconsciente – dimensão em que o sujeito se determina no desenvolvimento dos efeitos da fala – está estruturado como

uma linguagem, foi adotado, nessa pesquisa, o método de escuta do sujeito, como via de possibilidade de acesso às questões inconscientes ligadas ao seu desejo.

A palavra, nesse estudo, de forma especial nos importou. Por isso justifica-se vir na proposta metodológica a teorização sobre o inconsciente estruturado como linguagem, retomando, de certa forma, a fundamentação teórica, e, de certa forma, amalgamando as partes em que o texto, por questões teóricas, insiste em se dividir.

Foi pela palavra (do sujeito da pesquisa) que se estabeleceu uma abertura para a análise dos fenômenos que queríamos observar. Sua palavra dirigida ao outro, possivelmente investido do lugar de objeto de seu desejo, diante do qual se coloca no lugar-tenente do sujeito da demanda, e sua palavra dirigida ao outro, investido do lugar de investigador que somos nós, diante do qual se coloca no lugar-tenente de demandado. Nessa medida, é inevitável evidenciar a situação que se coloca em prática: o sujeito da pesquisa constituiu-se, pela via dessa investigação, no objeto de nosso desejo. Tornou-se, nesse momento de pesquisa, alvo de nossas catexias libidinais.

6 DISCUSSÃO: (IN)JUNÇÕES

*“Penso em quão diferente possa ser
uma mulher de outra mulher.[...]
Pois, se cada mulher é única e irrepetível,
somos todas feitas da mesma essência.
Construídas da mesma fragilidade e
da mesma fortaleza que é ser mulher.”
(PAIM; NARDON, 2000)*

Com o propósito de analisar as implicações da constituição subjetiva do sujeito na eleição do par amoroso, a seguir passamos a interpretar o discurso dos sujeitos da pesquisa, a partir da escuta da gravação de sua fala em fita-cassete e da leitura da transcrição desse texto, considerando, para as injunções que foram realizadas, o referencial teórico adotado no trabalho. Além disso, foram tomados para análise os textos enunciados pelos sujeitos ao preencherem a ficha de inscrição nos *sites* de procura do par amoroso na *Internet*. Dentro do enfoque de escuta e interpretação psicanalítica, estivemos atentos às manifestações dos processos inconscientes presentes no discurso analítico, buscando observar a palavra plena e a palavra vazia em sua fala, de acordo com a definição dos termos na fundamentação teórica. Seu discurso foi tomado na seqüência em que o sujeito o apresentou na maior parte do tempo, com o propósito de não quebrar essa unidade que assegura a análise das associações feitas por ele.

Cada sujeito foi apresentado através das seguintes tomadas: apresentação, relacionamento com a mãe, relacionamento com o pai, à procura do objeto, *Internet*: um meio, educação e considerações.

6.1 GLÁDIS: O SUJEITO DA PESQUISA

*Eu procuro o par perfeito.
[...] aquele homem que... me trata como uma
princesa
[...] justamente a gente acha que casou com a
pessoa certa [...] estou com uma sombra.**

6.1.1 Apresentação

O sujeito da pesquisa, aqui, foi tratado pelo nome Gládis. Trata-se de uma mulher de 45 anos, com nível de formação superior, curso de pós-graduação, professora universitária e

* Gládis, sujeito da pesquisa.

consultora em sua área técnica. Esteve casada durante 12 anos, separada de corpos há quase dois anos, sem oficialização desse fato via documentação. Tem dois filhos, sendo uma menina de 11 anos e um menino de 8 anos.

Participava há 16 meses de dois *sites* da *Internet* chamados Par Perfeito e Alma Gêmea.

Enuncia, nesses *sites*, seu interesse em encontrar um par amoroso, identificando-se por apelidos e expondo sua fotografia.

6.1.2 Relacionamento com a Mãe

Gládis descreve seu relacionamento com a mãe dizendo: “Hoje é maravilhoso. Já foi... já tive problemas na relação com ela”.

Descreve a mãe como uma pessoa muito dependente, castrada, uma vez que viveu dos nove aos vinte e dois anos num convento, como aspirante à freira, até se casar. “Eu sou o contrário, sempre quis ser muito independente”, afirma Gládis. A seguir, diz que apesar disso a mãe “[...] nunca tenha sido quieta, sempre foi festeira.” Foi rainha da primavera e rainha do carnaval, fugia da casa da família aos finais de semana quando estava fora do convento para ir ao carnaval, onde usava máscara para não ser reconhecida como freira. Casou-se com seu pai em seis meses, tendo-o conhecido nesse período de tempo. As palavras textuais de Gládis a respeito de se próprio casamento: “foram seis meses relâmpago e eu me casei.” Tal fato faz alusão à identificação com o modelo parental.

Relata que sua mãe tornou-se a líder da casa, pois o pai (de Gládis), sendo militar (marinheiro), só vinha para casa de três em três meses, situação que se manteve por doze anos. “Coincidentemente”, doze anos foi o tempo de duração do casamento de Gládis, e podemos nos perguntar se trata-se tão somente de uma coincidência numérica, ou se incide aí algo da ordem da identificação, pois outros fatos a seguir relatados nos levam a levantar essa questão.

Descreve os atritos com a mãe em sua juventude em função de exigências que esta lhe fazia para atender questões domésticas, uma vez que esta não dirigia, exigindo que Gládis abrisse mão de seu horário de almoço para atendê-la. Gládis define como uma briga por espaço de parte a parte. E depois diz: “Nós entrávamos em atrito em relação a namorado também [...] o primeiro namorado, eu não ... eu adorava ele e ela não queria. Nunca quis que eu namorasse esse. Foi meu primeiro noivo”. E sobre ele relata que tinha envolvimento com drogas, coisa que os pais não aceitavam e ela não enxergava. Depois namorou um outro que

sua mãe não aceitava também e lhe avisava ser casado sem que ela aceitasse sabê-lo. Sobre esse namoro diz:

Eu vivia uma vida de rainha com ele [...] me tratava como uma deusa [...] eu ganhava o maior ovo da Páscoa, o maior buquê de flores [...] toda a semana eu ganhava um presente. Ele me cobria de perfumes e relógios. Eu tive coleções de relógios [...] Então é assim oh, tipo do homem ... daquele homem que a gente quer.

Recorre a um esteriótipo de relação narcísica, em que é tomada como objeto de adoração. Chega a dizer: “[...] eu confundia amor com idolatria.” Tratava-se de um homem dezesseis anos mais velho que ela, e que lhe dizia: “Ah! de repente não quero passar a figura do coronel”, porque ele a presenteava muito, embora ela trabalhasse e tivesse seu salário. A figura do coronel, que a toma como uma menina idolatrada, pode ser tomada como uma extensão da figura paterna, o que ficará mais claro quando tratarmos de analisar sua relação com o pai.

Relata que, embora seja a filha mais velha, dois dos seus irmãos se casaram antes dela. No entanto, afirma: “[...] eu fui a primeira a dar filhos, dar netos para eles, né [...] eu dei a primeira neta. Mas eu fiz o quê? Eu realizei algumas coisas para minha mãe, né!” Seu ato falho ao dizer ter dado filhos aos pais, ao invés de netos, como logo a seguir se corrige, ilustra a relação com a mãe como um traço que se apresenta hoje e se repete nas suas relações atuais, onde se coloca na posição de falo. Na extensão de sua fala, Gládis evidencia essa posição diante da mãe ao longo de suas vivências. E, quando se casou, na impossibilidade de manter-se na posição de falo da mãe, busca dar-lhe um falo-filho, através da neta. Mais adiante veremos a dimensão que toma essa construção imaginária, nos fatos que se desenrolam relativamente a essa filha e seus pais (avós).

Gládis mesmo afirma ter realizado muitas coisas para a mãe. Além de ter-se casado de véu e grinalda para atender essa demanda materna, diz também que “[...] o sonho da minha mãe era fazer um vestido de noiva, bordar um vestido de noiva da filha. O meu fez [...]”. Assim interrompe sua fala por um longo silêncio, que se estende até que a pesquisadora prossegue dizendo: “bordado, por ela?” Então, como que desperta de um pensamento em que se tenha tomado, retoma a fala e relata todos os detalhes da confecção do vestido, que demandou da mãe um trabalho muito especial, pois era em cor champanhe, e, não havendo à venda as pedras nessa cor para o bordado, a mãe tratou de tingi-las com chá de camomila. “Ela é que deu o tom [...] botou de molho [...] As pérolas, tudo, foi algo assim, sabe? ... Artesanal. O vestido era muito bonito! E então, assim, proporcionei isso a ela, né!” Seu relato reporta a

uma relação de completude de ambas as partes, como se, nessa cena, a mãe a tomasse e fosse tomada por ela, num retrato de perfeição narcísica. Poderíamos dizer um par perfeito, em que uma proporciona à outra a magnitude dessas pérolas artesanais. Temos presente o narcisismo da mãe e da filha nesse jogo relacional. Parece que Gládis é para a mãe uma extensão narcísica que se coloca na seqüência de uma vida até então coroada como rainha da beleza primaveril e carnavalesca. No lugar do cetro e da coroa, entra Gládis como um bebê inesperado, porque não planejado nesse contexto de vida.

As pérolas artesanais aí se apresentam como uma metáfora. Quando Gládis diz que a mãe é que “deu o tom”, podemos tomar sua fala figurativamente – a mãe deu o tom às pérolas e ao próprio casamento, realizado em função de uma demanda que parece ter sido sua e não de Gládis. A mãe não queria o noivo, mas desejava o casamento como ato reparador de uma falta que era sua e buscou obliterar através da filha-fálica. E, na seqüência dessa cena descrita, Gládis, num movimento de associação, repete o que já havia dito: “Depois a primeira filha ... fui eu, e eles queriam uma menina, no fim fui eu que dei a única neta, que o resto é tudo menino”. Novamente diz ter dado aos pais a primeira filha, ao invés de dizer ter-lhes dado a primeira neta, repetindo o ato falho. De qualquer forma, reporta-se sempre a essa criança, sua primeira filha, como presenteamento a seus pais, especialmente à mãe. Todos os demais netos, inclusive seu segundo filho, um menino, são tomados como “resto”, ou seja, estão numa outra ordem de representatividade.

Quando retoma a fala sobre seus atritos com a mãe, relata que um dos motivos foi ela ter sabido, através de seu irmão, que ela (Gládis) não era mais virgem. “Ela ficou muito [...] Ela ficou indignada porque ela queria ser a primeira a saber [...] isso nos causou muito atrito [...] meu irmão me desmascarou, então ela ficou furiosa”. Novamente uma grande pausa a reveste de silêncio, como se, depois disso, fosse preciso um tempo para que outra coisa pudesse ser dita. Poderíamos pensar, para que a mesma coisa pudesse ser dita, porque é da mesma coisa que ela fala todo o tempo que fala sobre a mãe. Ou seja, de um relacionamento com forte carga erótica. Marcado por uma mãe que toma a filha como viabilização de um ideal de si interrompido, indicando de parte dela (da mãe) uma difícil resolução edípica, por sua vez. A virgindade da filha é tomada como extensão da sua própria virgindade que, uma vez perdida, a deixa furiosa. Nisso, a filha (Gládis) não cumpriu a missão fálica à qual foi predestinada por essa mãe, no sentido de cumprir seus próprios projetos abandonados. Daí a decepção com o desvirginamento de Gládis, tomado pela mãe como uma perda no próprio corpo, no corpo do seu desejo, sempre estendido ao corpo do desejo da filha que lhe faz eco. A mãe funciona, aí, claramente, como a guardiã de sua castidade. Gládis, de sua parte, sente-

se “desmascarada” diante da mãe, o que denota sua frustração por não ter, nesse aspecto, atendido a demanda materna. Nessa ocasião, Gládis estava com 23 anos. Aos 28, saiu de casa, mudando-se para Porto Alegre, uma vez que a família morava em outra cidade. Como diz: “[...] eu havia cavado uma transferência”, o que desencadeou outra crise com a mãe. “É ... ela ficou muito desgostosa”. A justificativa dada para encobrir o seu possível real desgosto era o fato de, nessa época, terem se mudado para uma casa recém construída para a família. Gládis descreve a casa como uma “mansão” com trinta peças, cinco quartos, garagem para cinco carros, entre outros detalhes que aponta. Mas esses nos parecem significativos porque denotam a preparação de uma casa que pressupunha a permanência dos quatro filhos e do casal, embora dois filhos já estivessem adultos, Gládis com vinte e oito anos. Assim é, que a mãe não aceita sua decisão de morar fora de casa. Seu irmão saiu também e a “casa ficou enorme.” Vê-se, aí, a posição que os filhos, especialmente Gládis, ocupam no desejo dessa mãe. Mais adiante, em sua fala, Gládis diz, ainda a respeito de sua saída de casa:

[...] e hoje também me culpo um pouco, sabe? Podia ter aproveitado mais [...] eu vim para Porto Alegre na realidade é ... em busca de ficar mais próxima de um namorado que morava aqui [...] Então no fim [...] quer dizer, eu saí e a minha mãe ficou muito triste ... ela ficou muito ... ela não me ajudou a montar a casa.

Sobra-lhe uma culpa quando não se coloca na posição de objeto de satisfação do desejo da mãe. E esta (a mãe), ao ser “trocada” por um novo objeto do desejo da filha, lhe responde com uma negação – não a ajuda a montar a casa. Essa afirmativa contém, de parte de Gládis, a decepção por uma expectativa de que tal acontecesse. Esse homem, causa de seu desejo, era um homem casado, e a mãe não aceitou sua saída de casa sem que estivesse casada: “[...] ficar numa vida mundana ou sei lá o que passava pela cabeça dela. Então nós tivemos muitos atritos em função disso”. Aqui se apresenta, mais uma vez, seu temor pelo julgamento da mãe relativamente à vivência da sua sexualidade. A mãe, guardiã da sua castidade, aparece aí novamente como superego de Gládis.

Seu relato denota que seus atritos com a mãe se dão por ocasião dos momentos em que tomou decisões de cisão, de independência e, pode-se dizer, ações que a conduziam à vida adulta e a assumir uma vida sexual adulta, na medida em que elege objetos. A própria mãe engravidou numa situação peculiar – fora de uma relação matrimonial (expectativa que depositou sobre Gládis) e, mais que isso, ainda como aspirante à freira. Na seqüência de sua fala se reporta à culpa pela tristeza causada à mãe com sua saída de casa e o julgamento de sua mãe sobre ela, tomando-a como mundana. Relata sua decepção pela descoberta de que seu

namorado era, de fato, casado. Associado a isso, dizia lamentar ter perdido uma oportunidade, nessa ocasião, de comprar uma casa perto de onde moravam seus pais. Gládis, falando sobre isso diz: “[...] então eu deixei de ... Gente, eu perdi um anel!”. Nesse momento, olha para sua mão e se dá conta de ter perdido um anel. E se mantém, novamente, num longo silêncio. Literalmente havia perdido um anel, e é nessa hora que anuncia à pesquisadora essa perda, momento em que fala de perdas. Perda desse anel emblemático pelo desmonte dessa relação que se perde, após doze anos, quando ela é obrigada a se confrontar com a realidade – o homem dos sonhos, que a tratava como uma deusa, uma rainha, era, de fato, casado, e disso não podia mais se esquivar. Novamente a vemos funcionando psiquicamente refugiada num imaginário, que busca ferrenhamente manter (já que trabalhava na mesma empresa do namorado e todos lá sabiam de seu casamento). Quando é confrontada com a realidade, esse embate lhe exige uma ruptura, simbolizada pela ruptura da fala. Por isso seu silêncio interrompendo seu discurso na entrevista com a pesquisadora. Registra, então, em palavras, essa perda, anunciado à pesquisadora a perda de um anel que, de repente, percebe lhe faltar ao dedo. Essa falta vem em denúncia de uma outra falta, essa que não consegue ser preenchida. E na paralela, esse anel perdido pode enunciar também a ruptura feita com a mãe, dada por conta desse namoro quando sai de casa para morar em Porto Alegre, namoro que se esfacela no confronto com a realidade. Então, seu desejo de retorno a esse amor totalizante da mãe se manifesta pela lástima de não ter comprado a casa perto dela. É bem nessa hora que perde o anel. No que podemos tomar como alusão ao anel perdido duplamente – a aliança com o homem do seu desejo e a aliança com a mãe, ao que parece, seu eterno objeto de desejo. Cabe ressaltar, ainda, que essa relação com o homem que a motivou sair de casa durou doze anos, numa recorrência numérica que temos registrado ao longo dessa análise. Seu rompimento com ele só se efetivou quando se casou (de véu e grinalda como a mãe queria) com este que veio a ser o pai de seus filhos – casamento que durou também doze anos.

Diz ter aprendido a amar a mãe, ou, como se corrige, a demonstrar esse amor, com esse homem casado com que esteve por tantos anos. Encaminha-se para o fechamento de um dos encontros com a pesquisadora fazendo o que se pode pensar como uma retomada de suas decepções com os relacionamentos amorosos:

Então ... e aí, todas essas relações, minha família, minha mãe ... minha mãe sempre foi que muito me falou ... vai ... falava ... meu pai, é ... falava, mas é que geralmente o pai fala com a mãe, e a mãe é que ... é que reporta a fala da família, né!.

Parece que seu discurso é mesmo o discurso do Outro. A fala da mãe, é a fala! Parece ser dela que vem a voz que a constitui, é dela que vem a fala que Gládis tem na cabeça. E continua: “[...] e eu sempre teimando. E as minhas teimosias deram, tudo ... que essas conseqüências que eu estou arcando hoje. Então ... é assim como eu tô te falando. Então minha mãe hoje, minha mãe, meu Deus do céu, minha mãe é tudo pra mim! Tudo!”

Ao que parece, a mãe sempre foi tudo para ela, tanto que invoca a Deus para dela falar numa alusão à função desse grande Outro em sua vida, uma função totalizante, poderíamos dizer, a quem dirige o seu desejo, a partir de quem dirige o seu desejo.

Sobre sua relação com seus filhos, diz: “Eu fiz totalmente diferente da minha família, quando eu tive filhos. Eu não quis isso assim pra mim”. Relata que foi sempre “podada”. “Porque a minha vida de criança sempre foi muito podada”. Refere-se, em sua fala, a que os pais sempre restringiram os filhos em relação a roupas e mesmo a alimentação: “A coca-cola era só uma vez por mês”. Seus pais tinham por hábito poupar para a construção dessa referida casa. Gládis diz:

Então eu optei por um outro tipo ... Eu não vou poupar! Eu quero aproveitar. E fazer com que meus filhos também aproveitem. E não se encantem como eu me encantei. Eu, quando um homem dizia assim que ia mandar flores, e me mandava flores, eu dizia que o homem estava apaixonado por mim. Eu não quero ... eu quero que minha filha, quando alguém convidar para ir aos lugares, que ela pense: isso pra mim ta manjado. Que ela não se vislumbre como eu me vislumbrei.

Sua fala pode ser interpretada por alguns pontos que apontam para questões que consideramos centrais na sua subjetivação. Uma delas está amarrada à palavra “podada”. Se aqui Gládis a emprega para anuir às questões materiais de sua infância, consideramos que por trás dessa fala tenha outra, referida ao quanto foi podada em sua infância em aspectos de sua constituição subjetiva, em suas questões libidinais. Quando lhe foi negado o que para ela se constituía como uma necessidade – desejo de vestir e comer coisas de sua apetência, relativas mesmo ao corpo, nos reporta às questões libidinais. Porque essa negativa dos pais, que dispunham mas não lhe davam, funcionou para ela como uma “poda”, uma castração, uma negação do que tinha como seu direito usufruir, do lado do princípio do prazer. Essa fruição castrada, podemos pensar, fez marcas na suas condições e possibilidades de estabelecer relações amorosas. Tomaram um enquadramento de implicação na sua escolha de objeto sexual na vida adulta, o que Gládis denuncia por esse relato. Sua relação de encantamento diante de alguém que, em sua vida adulta, venha encobrir essa falta vivenciada na infância. Receber coisas de um homem implica tomá-lo como objeto do desejo porque reporta a essas

vivências infantis. E, por dar-se conta disso, busca redenção através dos filhos, adotando com eles uma atitude compensatória e reparadora. Ocupar-se de preparar melhor a filha para um relacionamento, vislumbrando que esta possa colocar-se menos fragilizada e carente diante do outro, como ela própria parece aí se situar. No que pode ser tomado como um ato falho, Gládis usa o termo “vislumbre” para expressar deslumbre. Reforça dizendo:

Hoje eu preciso ser muito mais consumista, porque sei o quanto me frustrou eu não ter as coisas no passado. Hoje eu não dou valor pra dinheiro, no sentido de, assim oh, esse dinheiro aqui vai ser para aproveitar, deixar meus filhos um pouco mais felizes [...] Saio sempre aos finais de semana com meus filhos [...] só pra te dizer o quanto eu tinha também essa magoa, essa diferença com a minha família de não poder me realizar naquilo que a gente queria e a gente não podia ter.

Pode-se pensar que sua queixa dirigida à família tenha raízes mais profundas e se refira às questões de caráter dos afetos reprimidos, mascaradas pelas queixas atuais com as quais ela pode lidar à nível da consciência. Sobre isso, conclui sobre a mãe: “[...] eu não recrimino! [...] ela escolheu um caminho e eu, pelo caminho que ela escolheu eu não queria ir. Eu não ia ir”. Outra vez uma longa pausa interrompe seu discurso, quando fala do corte que pode fazer na relação especular com a mãe, rompendo com esse modelo identificatório ao qual esteve e está sujeita em tantos aspectos. Pausa interrompida por essa fala tão significativa, na intenção de marcar ainda mais sua diferença em relação à mãe: “Por exemplo, eu sempre ...eu mesma dizia pra ela: ‘Mãe, larga pai. Larga o meu pai’. Meu pai não dá pra viver com ele, sabe? Eu pedia pra ela largar! E ela dizia: ‘Não, eu vou resistir’”. Podemos supor ver operando aí as questões edípicas nisso que constitui a triangulação edípica, ficando Gládis na posição, nos parece, não só de se colocar como possível par do pai numa identificação feminina, mas de se colocar ainda como o falo da mãe. A depreciação que faz da figura do pai frente à mãe para justificar junto a ela seu pedido, faz sombra ao real conflito situado do lado da mãe. Tendo frustrada sua tentativa de sedução à mãe, termina essa fala reafirmando sua diferença, possivelmente na tentativa de se descolar dessa relação pegajosa que estabelece com ela. Conclui: “[...] coisas que ela fez o contrário, por exemplo, eu larguei”, referindo-se à sua separação conjugal em seu discurso manifesto, quando supomos que no discurso latente possa estar se referindo a ter largado a própria mãe frente à frustração de tê-la visto na dependência do pai – do falo, destituindo-a da ilusão de poder vir a ser junto à mãe isso que lhe falta, e que falta a ela própria (a Gládis). Afinal, reconhece: “[...] é uma relação diferente (a dos pais), embora eles se desentendam muito, mas é uma relação, hoje, muito mais de ... Mas acho que eles tinham muito mais cumplicidade do que hoje a

gente tem”. Perdida essa batalha, Gládis sai em busca de um outro que possa, por metonímia, ocupar esse lugar vazio do grande Outro. Lugar de difícil ocupação frente às questões narcísicas, identificatórias e edípicas que fundam e constituem sua subjetividade, de forma a comprometer seu processo de eleição do objeto do desejo, em sua vida adulta. Constata-se a circularidade de seu desejo, sem encontrar um objeto que possa comportá-lo num nível simbólico de resolução. Suas possibilidades, parece, estão comprometidas no nível imaginário, que sucumbe em face ao real.

Fica evidente, no seu relato, a hostilidade como marca no seu relacionamento com a mãe, e, embora hoje considere maravilhosa a sua relação com ela, há claramente um movimento seu no sentido de apartar-se dela. Endereça à sua mãe uma carga muito grande de afetividade e hostilidade, mantendo com ela uma relação de ambivalência de amor e ódio. Poderíamos pensar que muito da vida libidinal de Gládis é regido, ainda, pelo primeiro tempo do complexo de Édipo, constituído pelo desejo da criança de satisfazer o desejo da mãe, buscando se identificar com o que possa ser o objeto satisfatório para ela – como, por exemplo, tornar-se freira ou casar-se de véu e grinalda, seja o que for, ainda que sejam desejos contraditórios – busca ser o falo. Sua mãe funciona atendendo essa demanda infantil, formando com Gládis essa relação dual, partilhando a ilusão de completude – sempre que essa completude ameaça se romper, a mãe fica muito braba e há uma crise na relação das duas.

6.1.3 Relacionamento com o Pai

Sobre a relação com o pai, Gládis começa por dizer que atualmente está excelente.

Eu sempre fui a queridinha do papai. Eu sempre fui a filha preferida, a mais velha, aquela que sempre tinha empatia com ele em tudo. Que concordava com ele em tudo, que gostava das mesmas comidas que ele, torcia pelo mesmo time. Então eu sempre fui muito puxa-saco dele.

De saída, podemos ver nessa fala muita proximidade à sua descrição das relações amorosas de sua vida – uma identificação com o outro, que pode ser tomada como uma forma de colocar-se no rastro do outro para ser tomada como a queridinha. Em função disso, como afirma Gládis, seu pai é bajulador dos seus filhos (dos netos). Ressalta novamente que sua filha é a primeira neta, tendo muita atenção do avô que, inclusive, paga metade da sua escola. Então Gládis coloca: “[...] Só que, muitas posições, vamos dizer assim, eu sou a filha que eu

jamais posso discordar dele. Eu quero muitas vezes porque os meus outros irmãos até me pedem ...” Manifesta sua posição de submissão ao pai, e justifica:

Eu até nem, nem posso, porque toda a vez que eu vou falar alguma coisa meu pai ... meu pai ... ele tem problema com álcool, né, é ... a gente pode dizer que, que a gente tem níveis de alcoolismo, né, vamos dizer, eu não sei a quantia certa, mas ele é um dependente químico muito grande [...] ele arruma qualquer coisa pra fazer, pra ficar bebendo [...] tomar as pinga dele.

Sua voz vacila, fala numa seqüência entrecortada, cheia de reticências, quando fala sobre o alcoolismo paterno, sugerindo haver aí um problema para ela. Diz que o pai mistura ervas na bebida para passar uma idéia de que é saudável, e amenizar o problema. Relata: “[...] ele teve muito problema comigo”. Ela diz que, por ser militar reformado, ele tem uma postura muito austera: “é autoritário, mandão, se apropria das pessoas, acha que aquilo ali é dele”. Mas o considera um homem muito bom. Diz: “meus pais são uns anjos”. Descreve-o como muito autêntico e verdadeiro: “Hoje eu entendo e até admito o jeito dele de ser porque é hilário ...”. Refere-se ao fato do pai ser descuidado com questões básicas de etiqueta e no modo de vestir-se. Quando diz que hoje até admira seu jeito, podemos inferir que houve tempo, provavelmente na infância, em que não o admirava, ao contrário, sentia-se constrangida com seu jeito. Relata que, como moravam em uma cidade pequena, onde todos se conheciam, tentavam (ela e a irmã) “preservar a imagem dele”.

Seu pai é empresário, dono de uma franquia de inglês junto com sua irmã. “Ele não mede as palavras para falar, assim, ele não mascara [...] Ele, talvez fala, também, ele fala ... talvez até [...] a minha mãe também, os dois se parecem um pouco nesse sentido”. E, logo a seguir, fala de si, identificando-se com eles nesse aspecto: “Eu sou de brigar [...] defender meus direitos. Aprendi a ser assim por causa deles”.

Mais uma vez diz que a mãe foi a líder da casa, agora acrescentando que isso se deu até o pai “voltar para casa”, uma vez que passou 12 anos viajando a trabalho pela marinha. Seu pai ganhava dinheiro e a mãe administrava a casa e as economias domésticas na ausência dele. A mãe administrou “[...] toda a arquitetura, a engenharia da nova casa que construíram”. Quando o pai voltou, abafou sua mãe: “Desde a cozinha o meu pai confiscou o posto”. As coisas tinham que ser feitas como ele queria. Isso foi motivo para que ela brigasse “um pouco” com ele: “Pai, porque tu faz isso com ela?”. Sua briga com o pai era em defesa da mãe por considerar que ela “[...] sofreu horrores, perdeu o poder, ela perdeu a diversão, ela perdeu a referência dela. E ... e aí eu briguei muito com ele nessa época. Nós tivemos vários atritos”.

Podemos interpretar a hostilidade manifesta com o pai que volta para casa, relacionada com o fato dele voltar a assumir seu lugar junto à mãe – como falo da mãe, portanto – como um sentimento de rivalidade. Até este momento, ela, Gládis, por ser a filha mais velha, tinha sido convocada pela mãe a ocupar esse lugar. Era ela que dirigia para a mãe, que a acompanhava aos lugares, coisa de que se queixava até então, conforme já relatamos. O retorno do pai à casa pode ter, imaginariamente, operado como uma destituição dela da posição fálica junto a mãe, simbolizando, aí, uma castração edípica. Associado a isso, na sua seqüência de fala comenta que seu irmão descobriu (o mesmo que a desmascarou quanto à perda da virgindade junto à mãe) que o pai tinha um “cacho lá no nordeste”. Curiosamente, Gládis relata, então, que o irmão ficou muito magoado com o pai, o que causou uma briga entre eles. Não relata qualquer posição sua de crítica ao pai nesse momento, talvez porque, imaginariamente, para Gládis, essa revelação pudesse causar na mãe o mesmo comportamento de fúria que a tomou por ocasião de seu próprio desmascaramento, causando uma crise entre ela e a mãe em outra ocasião já comentada. Podemos supor que houvesse fantasias inconscientes em Gládis de que essa revelação pudesse causar um rompimento entre os pais, de modo que a ameaça de interdição, simbolizada pelo pai quanto a seu acesso à mãe, se desconstituiria. Assim é, que associou esse assunto numa seqüência de fala, voltando sua crítica ao irmão, não ao pai, tomando o fato de que o pai nunca perdoou seu irmão por não ter sido militar.

E o pai então ... coitadinho, ele investiu ... investiu muito no meu irmão, mesmo ele não querendo [...] Meu pai fez tudo para ele ser militar. Mas meu irmão não quis nada com nada, desperdiçou tudo aquilo que minha família proporcionou, que o pai e a mãe proporcionou para ele.

Coloca o pai na posição de coitadinho, justamente nessa manifestação de seu autoritarismo a que ela tanto critica. Ao irmão cabe sua hostilidade, que pode estar encobrindo a defesa de suas fantasias libidinosas com a mãe (pela possibilidade de ruptura dos pais nessa revelação). Pode, também, esta hostilidade com o irmão, estar operando ainda em relação à sua delação quanto ao seu desvirginamento, desmascarando-a junto à mãe. Parece que a rivalidade com o irmão aí se apresenta de forma clássica. Porque, logo a seguir, comenta: “Eu não, eu fui a única que me formei na faculdade”. Enfatiza todo o seu esforço em ocupar esse lugar fálico na família.

Sobre seu casamento, diz: “Meu pai não aceitava meu casamento, foi horrível!” Relata que por ocasião do nascimento de sua primeira filha foi para a casa dos pais, e o

marido, no dia do parto, saiu com seu irmão e voltou alcoolizado, de madrugada, sem condições de buscá-la no hospital. Passa, então, a fazer um paralelo entre o marido e o pai em relação ao alcoolismo, que diz ter sido um dos problemas do seu casamento. De diferente entre eles, constata que o pai, embora parasse para beber nos bares, como o marido, voltava sempre para casa. Com ele (o pai), “Não tem nada de ... sabe? Demais”. O marido, ao contrário, “morre”, estraga a vida profissional. Relata que seu retorno do hospital foi horrível, pois o pai e o marido brigaram “de querer se agarrar, se bater”. A solução foi dada pela mãe, que aí novamente assume o papel de falo enquanto lei: “[...] mandou meu pai sair e ela tomou as dores e falou tudo o que tinha que falar pro meu ex-marido”, que acabou voltando para Porto Alegre, deixando-a na casa dos pais. A mãe funciona, também nessa ocasião, ocupando um lugar que seria esperado que fosse ocupado pelo pai, ou pelo marido. Na cena, ficam desvalidados o pai e o marido diante de Gládis, ou seja, a figura masculina, e restam, novamente, a mãe e ela nessa completude agora complementada pelo bebê de Gládis.

Na seqüência de sua fala, relata suas brigas com o pai por questões de posições políticas diferentes, e disso fala bastante até dizer que a família é muito unida. Trata logo, por essa via, de sedimentar sua posição do lado do pai, fugindo da ameaça das posições contrárias que poderiam ameaçar a especularidade identificatória que estabelece nas relações parentais. Assim, testemunha seu vínculo, seu compromisso e sua dependência, inclusive financeira, já que o pai a ajuda mensalmente, ao dizer que o pai já teve um problema de isquemia e a mãe já teve problemas de pressão alta “por causa do meu pai ...”. Então diz que em algumas ocasiões, quando viaja a trabalho, se pega imaginando, dentro do avião, como faria se os pais precisassem dela: “[...] eu acho que eu largo tudo”. Evidencia um vínculo muito forte com os pais e dificuldades de vivenciar uma ruptura simbólica desses laços, o que expressa em sua fala: “Eu acho que nem ... que nem após meu filho eu fui ...sabe? Eu me desgrudei dele ... deles. Sabe? Porque tudo pra eles, a opinião deles me importa muito. Sabe? A orientação deles me importa muito. Embora, talvez, eu nem o siga, mas o fato de ouvir”. Sua fala novamente pode ser tomada como indicativo do discurso do Outro operando na vida atual. Comenta ainda: “Então ela diz: – ‘é, vocês estão dando cabeçada na vida porque não me ouviram!’ E eu fico muito com isso na cabeça, sabe?”. Os pais, especialmente a mãe, ainda funcionam como superego para Gládis. Numa atitude de descolamento dessa identificação parental, Gládis retoma o discurso dizendo: “Eu não queria repetir isso com meus filhos. Com certeza vai repetir, porque as coisas se repetem”. Sinaliza dar-se conta, em alguma medida, das repetições em sua vida. Comenta arrepender-se de não ter ouvido mais a seus pais, especialmente sobre seu casamento, que não foi aceito por eles. Então diz que o plano do seu

pai para ela era de que também ela entrasse na marinha, mas alega que este não a orientou adequadamente quanto à forma de ingresso e ao seu encaminhamento profissional. Atribui essa atitude à falta de condições dos pais orientarem os filhos, pela escolarização reduzida que têm. Assim, não conseguiu entrar na marinha, embora tivesse tentado. “[...] Eu me lembro que eu fui porque eu queria ... e na realidade eu sempre pensei também em namorar ou me envolver, ou sei lá o quê com alguém de farda. Eu acho lindo o pessoal de farda”. Podemos aqui inferir que Gládis, na impossibilidade de ser, passe a querer ter o falo, numa alusão ao processo evolutivo do complexo de Édipo. Por identificação à mãe, passa a desejar escolher um objeto que se assemelhe ao pai, que tenha em comum um traço que o qualifique simbolicamente como possível substituto fálico para seu desejo. Poderíamos chamar a isso a metáfora de Gládis: na impossibilidade de ser militar, por lhe faltarem argumentos (argumentos que podem ser tomados no sentido fálico), passa a querer ter um militar, na condição de que militar possa estar no lugar do significante falo – o falo da mãe, o militar da mãe. A farda constitui-se como significante, fazendo presença na ausência pela substituição que promove. E como nada disso se concretizou na realidade, Gládis planeja, imaginariza: “E esse desejo do meu pai eu gostaria de repassar pro meu filho!”. Ao mesmo tempo em que Gládis se debate com a questão da repetição, inconscientemente está presa a ela, é presa dela, atualizando, por esse processo, traumas infantis, produtos da repressão.

Sobre seu relacionamento com o pai, diz ser intermediado pela mãe: “minha mãe é a ponte”. Ela fala com a mãe, que então fala com o pai, porque este, segundo Gládis, “escuta mal e interpreta mal [...] tu quer dizer uma coisa e ele interpreta outra”. E conclui: “então tudo é a minha mãe”. Diz fazer questão que seus filhos convivam com os avós, porque na eventualidade de sua falta, por morte, os filhos ficariam com eles, nunca com o pai, por sua desqualificação (educação e financeira). Relata, a seguir, arrepende-se de outra decisão que tomou, contrariando os pais. Trata-se de que estes queriam assumir sua filha “de papel passado”, ou seu filho, para que esses pudessem usufruir da aposentadoria em caso de sua morte. Ela concordou, mas seu ex-marido não aceitou, negando-se a assinar os documentos necessários. Em face a isso, Gládis teria, simbolicamente, burlado a lei do incesto, sendo a mãe do filho de seu pai, dando-lhe, literalmente, um filho. Ou dando-o à mãe. Sobre isso diz: “[...] é uma das coisas que eu não me perdô [...] eu só lamento não ter podido ouvir os conselhos dele”.

Na seqüência de seu relato, passa a contar dos presentes que o pai trazia quando voltava de viagem, afirmando que ele tem bom gosto, e embora não fosse do gosto da mãe, era do seu. “Trazia jóias de pedras e roupas de baixo [...] aquelas coisinhas bordadas de

frufu”. Podemos qualificar como presentes com componente erótico de sedução. Sua mãe, ao que parece, não se deixava seduzir, pois os presentes não eram de seu gosto. Gládis ocupava, então, esse lugar de se deixar seduzir pelos presentes do pai. Devemos também observar o significante dentro da cadeia de sua fala. A ela não foi possível dar um presente ao pai/mãe (sua filha para adoção), mas ela, por sua vez, ganhou muitos presentes do pai quando menina, numa alusão a um jogo fálico com esse pai. Gládis diz, identificando-se com o pai, dar muitos presentes aos seus filhos.

E, na seqüência, destaca como o pai sempre “botava objeção pra minha saída”, referindo-se ao tempo em que saiu de casa para morar sozinha. E conclui: “mas minha mãe se magoou mais com minha saída”. Passa, então, a supor que a mãe tinha uma espécie de ciúme dela, porque também gostaria de ter se tornado independente: “[...] não um ciúme maldoso”, assim busca neutralizar a hostilidade. “Eu sou de certa forma o modelo”. Tanto para a mãe, quanto para os irmãos, diz ter sido tomada como modelo. Desde aí a rivalidade da mãe, presentificada em tantas cenas, é nomeada por Gládis. Referindo-se ainda ao pai, nomeia a mãe: “[...] sempre muito bonita, muito fogosa, muito falante, muito brincalhona”. Relata que o pai tinha muito ciúme dela, no entanto, ele sempre a achou “muito burra”. Gládis disse que a mãe fala de forma errada, é maranhense, e por isso não consegue pronunciar algumas palavras, o que é motivo de riso na família. Ela própria se vê, às vezes, como a mãe diante de seus próprios filhos, que a criticam e zombam, apontando seus erros. Podemos supor tratar-se de um modelo relacional ambivalente, de admiração e desqualificação do objeto.

Quanto à sua participação na *Internet*, não contou aos pais. Contou somente à irmã porque, segundo ela, tem que ter um álibi na família. Pressupõe que a mãe saiba, mas o pai não pode saber. Teme a crítica deles, numa alusão à sua relação de dependência em relação aos pais e a função de superego ainda depositada neles.

6.1.4 À Procura do Objeto

Voltamos ao início da fala de Gládis, repassando alguns pontos, para analisá-los em outros aspectos. Gládis coloca, desde o início, como a primeira fala, que está procurando o que ela acredita que todos estejam procurando, e que é também a proposta do *site* (Par-Perfeito), o seu par perfeito. Faz uma breve pausa para a seguir dizer: “ou, ao menos, uma pessoa que se aproxime daquilo que tu quer de ideal, daquilo que tu imagina de ideal para ti”. E constata que no *site*,

a gente consegue encontrar pessoas também com a mesma expectativa que tu ... pessoas também com problemas, também querendo afeto. Acho que o mais importante é ter o afeto, é a busca de carinho ... o desejo sexual, mas é realmente mais carinho, é isso que me passa.

Retomamos sua fala na colocação do que é o par perfeito para ela:

é aquele homem que realmente eu sempre sonhei ... é aquele homem que me trata como uma princesa, aquele homem que ... de tu querer alguma coisa e ele já coloca as coisas na tua frente, aquele homem parceiro, cúmplice, que tem todos aspectos contigo ... Se tu quer sair para dançar, tu vai dançar. Aquele homem que tu quer fazer compras vai sem resmungar no supermercado, aquele homem que gosta de dançar (ênfatisa esse aspecto mais uma vez na seqüência de fala), mas mesmo que não goste faz isso porque a parceira gosta ... é justamente o complemento, que eu digo, aquela pessoa que tu troque as tuas afinidades, parceria. Mas que ele também saiba ceder e a gente saiba harmonizar tudo que se gosta. Gostaria de ter essa pessoa. Essas pessoas acho que existem aí, só que é uma questão da gente realmente procurar, ou saber olhar, saber enxergar.

Relata já ter sido casada há 12 anos, e sobre isso diz:

[...] justamente a gente acha que casa com a pessoa certa, ou pelo menos aquela pessoa pode não ter tudo aquilo que acredita logo no início, mas tu acredita que a força do amor ... que aquela pessoa vai se ajustar, que vá saber acompanhar o crescimento do relacionamento. Mas ... no fim a gente cresce sozinha e então o desgaste, é muito grande, porque não é uma construção a dois, é uma construção sozinha. Então sozinha por sozinha, prefiro ficar sozinha sabendo que eu estou só, que não estou com uma sombra.

Desde aí, podemos levantar uma questão que aparece na fala de Gládis: a confrontação de um ideal imaginarizado com o real. A descrição de sua expectativa quanto a um par amoroso, já de início, o define como par perfeito. Logo a seguir, afirma convicção na sua existência na realidade, tratando-se somente de que saiba procurar, saber olhar e enxergar.

Descreve um homem, claramente, para o atendimento às suas necessidades, na condição de satisfazê-la numa ordem perfeita de harmonia, que prevê um ajustamento dele às suas expectativas. Um homem, como ela mesma diz, dos sonhos, que a trate como uma princesa, que disponibilize “qualquer coisa” tão logo ela deseje, que dance mesmo sem gostar, que vá ao supermercado “sem resmungar”, e, ao longo de sua fala, ainda complementa para que fique claro “que ele também saiba ceder”, para que possam harmonizar tudo o que gostam. Parece que tudo o que gostam passa a ser, no par, nesse momento, tudo o que ela gosta e necessita. Trata-se de uma projeção idealística de um homem, sem outro desejo que não o de desejá-la e, nessa medida, atender seus desejos. O que nos reporta às questões

narcísicas. Gládis revela uma idealização de homem como um duplo de si, como um complemento, numa idéia de um colado a si, ao seu desejo. Amar a esse homem, enquanto objeto que satisfaz sua demanda, pode ser entendido como amar um outro que é especular a si, ou de quem possa se fazer imagem especular, na medida em que possa nele espelhar o si mesmo. Marcadamente, sua experiência recai num objeto ligado a um modelo arcaico, baseado na experiência de satisfação plena, absoluta, perfeita. Afirmar que o mais importante é o afeto, o carinho, fazendo pausa para o desejo sexual na sua fala, pode também estar implicado nesse indicativo de idealização de um par amoroso que remonte à experiência narcísica de seus primeiros afetos, marcados pela inviabilização da erotização, pela exaltação da corrente afetiva como encobrimento da corrente pulsional sexual imanente. Sua convicção da possibilidade dessa experiência plena, já que não se constitui a partir de nenhuma experiência relacional que tenha relatada ao longo das entrevistas, todas elas frustrantes para Gládis, deve estar, portanto, pautada em alguma experiência que a sustente – quanto à isso podemos supor tratar-se de sua memória da experiência infantil. Pois no seu casamento, justamente aparece a confrontação do seu ideal com o real: um homem que não consegue, pela “força do amor”, ajustar-se a ela, como diz, acompanhar o crescimento. Poderíamos pensar num amor materno onde, supostamente, isso se dê. Sua constatação no real, e que inviabiliza essa relação com o ex-marido, é que ele a desampara, deixando-a crescer sozinha, com grande desgaste, construir sozinha um si mesmo. Desse ex-marido, só sobra a “sombra”, que soa como um vulto sem recheio, desprovido de conteúdo que sustente uma função – função por ela descrita: amá-la e acompanhar seu crescimento. Em outras palavras, cuidar dela.

Podemos inferir que o que Gládis busca no outro, por intermédio da constituição do par amoroso, seria um reflexo de si mesma, e que a constatação de um outro, um diferente nesse lugar, cause um estranhamento diante dessa “sombra” em que ele se transforma. Voltando à teoria, temos que, quando cessa o narcisismo, o par se separa. Quando cada um deixa de ser levado por uma imagem.

Na seqüência dessa fala de desilusão sobre seu casamento, Gládis refere que o ex-marido ainda tem expectativas de retorno ao casamento, não tendo aceitado a separação: “ele acredita que a gente vai voltar, que ele vai se aprumar, que ele vai conseguir superar as dificuldades dele e que eu possa ... a gente possa ficar junto”. Vemos aí, depositada no outro, toda a expectativa de atendimento à sua demanda e uma espécie de “cura pelo amor” projetada no outro, comportamento tipicamente neurótico.

Mas quanto a isso diz: “[...] já quebrou o encanto ... já me desencantei”, numa alusão a que um relacionamento seja por ela vivido como uma ilusão, não evoluindo do plano do imaginário para o real – a confrontação implica no desencantamento, e daí só lhe sobra a “sombra”, e com isso nada pode construir. Parece que esse “já me desencantei” esteja falando de não querer permitir se deixar levar por uma imagem que não se sustenta, não se permitir ser motivo de zombaria de si mesma por acreditar numa falsa imagem, como Narciso refletido no lago.

A seguir, associa esse desencantamento a um novo encantamento, engatando em sua fala o relato sobre a primeira pessoa da *Internet* com quem saiu durante quatro meses: “[...] era ótimo, saíamos bastante, jogávamos”. Mas interrompe logo dizendo: “eu pensei que ia dar certo ... é ... é ... quase morre ... num acidente. É a tal coisa, quando a gente acerta ...(muito riso)”. Suas reticências silenciosas e seu riso efusivo são como um corte no real, apontando para a inviabilização dessa completude narcisista. Ao longo de sua fala, relata um período de cerca de seis meses em que esse homem ficou impedido à ela por força de sua hospitalização, no entanto, passado esse período, busca um reencontro e ela então se diz desinteressada. Podemos supor que essa confrontação com a perfeição imaginarizada, que não se sustenta no real de nenhuma forma pelo alto grau de libidinização das imagens por ela projetadas, deságüe nesse desencantamento. O que lhe agradava nele era “[...] o jeito carinhoso de ser, Ele era carinhoso ... é ... um homem muito bom de cama, nós éramos, fechávamos todas.” Fala em sexo sempre entre silêncios, fazendo pausas, tomando fôlego, e esse desejo erotizado vem sempre a reboque de uma exaltação da corrente afetiva. Segue descrevendo-o como um homem com quem conversava muito, “bem humorado, extremamente bem humorado, vivia contando piadas, vivia tentando fazer eu rir”, assim como ela própria se descreve, como uma pessoa alegre, brincalhona. Esse homem, que segundo ela podia dar certo, se mostrava em alguns aspectos como o duplo de si e funcionava na base do atendimento às suas necessidades, tentando fazê-la rir, ou seja, fazê-la feliz. Mas, logo a seguir, rende-se ao real, muda o tom de voz, que se torna mais grave: “não é que eu achasse que ele ia ser o par perfeito, porque ele tinha algumas coisas, né, mas eu sabia que era uma relação que podia durar um pouco mais, talvez se ajustasse, enfim”. O par perfeito, observa-se, se mantém como referência em toda avaliação que faz de uma relação real, mantém-se colada a essa imagem idealizada. Quando descola o imaginário do real, o espelho se quebra. Assim, ela passa a falar das coisas de que não gostava nesse homem: “ele era muito estourado ... mesmo que não expressasse eu notava na fisionomia dele. Ah, uma outra coisa era que ele não gostava muito de falar dele”. Ser muito estourado pode ser tomado como o oposto de “bem humorado”,

assim como “conversar muito” pode ser tomado como o oposto de não gostar de falar de si. Parece haver, aí, essa confrontação com que Gládis se debate quando o outro não funciona como espelhamento do si mesmo. Projeta uma imagem que não confere no real.

A partir daí, seu relato toma um rumo que nos remete a outro referencial teórico interpretativo. Referindo-se, ainda, a esse homem, nos diz:

Era ex-alcoólatra, também ... Ah!, Ele ... eu venho de família de meu pai ... é, tem problema com álcool, meu marido, me separei por problema de álcool. Então ... isso me deixava bastante apreensiva assim de não me entregar total porque eu tinha esse medo.

Sua fala é tomada pelas reticências a que se coloca diante disso, que para ela mesma soa como uma revelação, uma confissão de algo que procura encobrir pelos silêncios, pelos cortes na fala, pelo tom oscilante que imprime na voz. Afinal, esse é o homem que ela começa apresentando com a expressão “quando a gente acerta”. Podemos pensar que, de fato, tenha acertado num alvo seguro para Gládis sem que ela o saiba exatamente porquê. Poderíamos inferir tratar-se da identificação de um modelo. Seu pai era alcoolista, seu ex-marido também, portanto seu modelo de objeto tem a marca do alcoolismo e, embora tenha negado a (re)vivência simbolizada pela separação, recorre ao modelo quando elege esse homem atual. Que não era nem bem humorado, como queria, nem conversador, como supunha, mas, no entanto, era alcoolista como o pai. Atendia, portanto, a esse modelo arcaico, supostamente marcado com resquícios edípicos. Coube a Gládis acertar, justamente quando encontra um homem como o pai, o escolhido da sua mãe. E aí vemos, já nesse indício, as ligações edípicas com sua mãe que mais claramente vão se mostrando no decorrer de suas falas.

Refere-se a que esse homem, que passa a chamar de italiano, “era bem mais reservado”, e que, em função disso, ela tinha que se policiar para não dar a impressão de ser tomada como “Ah ela é muito aberta, ela é muito da ... no ... é ... Então eu tinha que ser mais moderada em tudo. Tem que sentar direitinho ... e tal”. Demonstra, aí, um temor de ser mal interpretada por esse homem, de ser tomada como uma mulher vulgar, o que podemos supor estar fundado na sua relação com a mãe, funcionando como repressão superegóica. De outro lado, demonstra uma preocupação em buscar atender expectativas que ela supunha que este homem tivesse a seu respeito, supondo que também ele procure no par um si mesmo. E reforça, dizendo: “Mesmo eu buscando ser mais moderada ele via o quanto eu deixava ele mais à vontade. O quanto eu relaxava ele ... o quanto eu era aquilo que talvez faltasse para ele”. Coloca-se na posição de objeto do desejo do outro, na intenção de supri-lo de uma

suposta falta. Seu esforço, nessa relação, foi o de atender a demanda do outro com propósito de ser tomada como objeto de desejo. Sua demanda é ser demandada pelo outro, o que reporta aos modelos arcaicos relacionais em que o bebê demanda da mãe que esta o tome como o que lhe falta. Novamente sua fala pode ser interpretada como nos falando do espectro de sua imagem refletida nesse homem: “Ele tinha uma Kawasaki 1000 ... Eu já fui corredora de moto ... eu sempre gostei de fazer coisas diferentes [...] adoro motociclismo”. Gládis revela buscar uma identificação à imagem desse outro que, para ser tomado como par, precisa remeter à condição de unidade narcísica. Refere-se a que o italiano tinha uma turma de amigos e que se sentia contrariada pelos compromissos que ele assumia com esse grupo.

Quatro vezes mais ou menos que aconteceu isso ... a gente ... bom, que ele me trocou, me trocou pela turma [...] eu tava tentando rever meus conceitos [...] eu acho que a gente termina querendo ... essa ansiedade que se tem de querer encontrar essa outra pessoa, a gente termina querendo sugar o tempo da pessoa só para si.

Novamente podemos tomar essa fala revendo as questões da relação do bebê na condição de necessidade de ser o único objeto do desejo da mãe. Assim nos parece Gládis, que quer “sugar” o tempo da pessoa, ou seja, a pessoa, talvez como o próprio bebê precisa sugar o seio materno e tomá-lo só para si. E, na seqüência de sua fala, que podemos tomar como um processo de associação, diz com voz mais baixa, implicando num tom de certa fragilidade: “É ..eu me entrego com muita intensidade e essa intensidade acaba ferindo por que tu não tem a mesma correspondência dessa intensidade”. Coloca-se, assim, numa posição mesmo que reporta a relação mãe-bebê, de dependência e de passionalidade.

Comenta, a seguir, que teve cinco relacionamentos, e que mergulhou nessas relações, por isso hoje, embora necessite ter mais uma relação, mudou um pouco seu enfoque: “Eu procuro o par perfeito, mas não quer dizer que talvez eu tenha até encontrado o par perfeito que eu não vá olhar outras pessoas ... Não quero investir numa única, quero investir em várias ao mesmo tempo, para poder escolher”. Podemos inferir esse como um comportamento defensivo, uma vez que o tema está associado à sensação de desamparo que apresenta pela assimetria das relações que estabelece, onde se sente fragilizada. De outro modo, podemos supor que, encontrando o par perfeito, suposição que Gládis reafirma como possibilidade, coloque-se imaginariamente numa situação de acesso ao que, por ordem da Lei, lhe é castrado. Ou seja, esse estado de plenitude perfeita que, se (re)encontrado, implica a própria perda. Segue falando: “Não me centrar em uma (pessoa), aí fica naquela expectativa de receber ou não a resposta ... será que é ou não é ... e depois? Quando a gente perde essa ...”.

Parece que essa perda se apresenta a Gládis como especialmente dolorosa, desorganizadora, talvez porque justamente reporte às vivências remotas dos primeiros afetos.

Como solução de saída dessa condição, Gládis diz, nessa ocasião, estar com três relações paralelas no *site*: “[...] não é nada sério, não é nada com cobrança. E eu nunca fui assim, sabe?” Denota um esforço para se adaptar a um novo modelo comportamental que comporte a incorporação dessas vivências dolorosas de relacionamentos desfeitos, e que a prepare para novas e possíveis perdas. Logo a seguir, diz que às vezes tem vontade de tomar a iniciativa e procurar por esses homens, mas também não o faz porque eles são casados e ela estaria pressionando.

Eu não quero pressionar, até porque eu não quero nada fixo. Mas eles são ótimos, são pessoas ótimas, maravilhosas ... assim oh, que eu acho o sexo muito importante [...] eu só quero me divertir agora. Eu estou procurando um relacionamento sério, mas o sério na linha de frente, mas eu quero me divertir também ...

De saída, vemos aí uma contradição de sua fala, entre querer algo sério e não querer algo sério. De outro lado, afinal assume, embora ainda em reticências, a importância do sexo. O que chama a atenção é que aqui, quando assume a corrente erótica, ela vem desprovida, separada da corrente afetiva que antes se mostrava como ponto fundamental na relação por ela destacada. O que nos reporta ao referencial teórico que aponta a dissociação dessas duas correntes como um desvio da normalidade. De fato, Freud atribui o sucesso ou fracasso do desenvolvimento libidinal associado a dois fatores: esse acima apontando (associação da corrente afetiva e erótica), e o outro, que se refere à quantidade de frustração da realidade, implicando na redução do valor do objeto escolhido, faltando sentido à escolha de tal modo que nenhuma escolha poderá ser capaz de ser suficientemente adequada. Poderíamos pensar ser daí que Gládis, embora enuncie o desejo de ter um relacionamento sério, ainda que o encontre, quer estar disponível para poder escolher. Ou seja, para continuar esperando, garantindo a circularidade do desejo, cujo único destino é desejar. Quanto à essa fala, cabe ainda destacar a recorrência ao modelo de homem casado que tem amantes, modelo que remete ao pai e, conseqüentemente, a identifica à figura da mãe quanto à escolha de objeto. Quanto aos relacionamentos sérios que teve, diz: “[...] eles me alugaram. Talvez eles tenham aproveitado e eu não ...”. É nessa condição de assimetria que se coloca na relação, a serviço do outro, colocando-se numa relação onde a alteridade não é considerada. Gládis toma, ou é tomada, pelo desejo do outro. É deusa, ou tem um deus; é uma princesa, ou rainha, ou se coloca a serviço de um quase rei.

6.1.5 *Internet*: um meio

Gládis diz ter optado pela *Internet* como meio de procura do par amoroso porque, pelas vias normais “[...] não se tem a possibilidade de ir tão longe, pelos meios comuns. A *Internet* veio facilitar porque é uma maneira de se comunicar, de se conhecer”. Ela acredita que muita gente pensa em usar a *Internet*, assim como ela, para esse fim.

Diz, sobre o meio: “[...] a gente conversa como se tivesse realmente te olhando. Então a fala, a comunicação, aí, flui mesmo”. Embora afirme que no *site* a comunicação flui, coloca, também, que é um lugar onde encontra pessoas que não querem se comunicar muito: “[...] falam frases curtas, conversas frias, mas têm outros que transbordam sentimentos ali”.

O *site*, para ela, como meio, resolve uma questão de ajuste de tempo, tanto tempo presente, em termos de conciliar sua rotina com a possibilidade de freqüentar lugares onde poderia encontrar homens, quanto o tempo visto na cronologia de sua vida:

[...] eu ainda não ajustei meu horário para poder, digamos... ir para uma boate, sair em busca de alguém, porque isso já passou para mim. Isso já foi outra fase da minha vida... A *Internet* é um outro tipo de boate... um outro tipo de local de encontros, só que virtual. E quando tem a *webcam*, aí sim te aproxima mais porque te comunica mais com a pessoa... Então é como se a pessoa estivesse ali.

Relata que no início estava mais empolgada com o *site*, mas que, em função do trabalho, não tem mais tanto tempo disponível: “[...] antes era verão, então eu ficava mais tempo viajando (na *Internet*)... agora só entro na madrugada”.

Esses são os motivos do discurso manifesto de Gládis. Nos ocupamos em tentar interpretar o conteúdo oculto que possa revelar outros motivos inconscientes que possam estar operando, determinando que sua procura de um par amoroso se dê pela intermediação da virtualidade.

Um fato que chamou a atenção nesse estudo é que, após um intervalo de cinco meses entre as duas etapas da pesquisa, constatou-se, na terceira entrevista, que Gládis continuava nos *sites*, aliás, em dois *sites* de encontros amorosos. Estava se relacionando superficialmente com quatro homens, paralelamente. Com um deles mantendo contato virtual já há um ano e ainda não promoveram um encontro, o que seria esperado, embora ele more em outro Estado, tendo em vista que anuncia seu desejo de encontrar um namorado e que mantém com esse homem uma relação constante, podemos dizer duradoura, ainda que virtual.

De outro lado, referindo-se ao número de homens com quem tem falado, além dos quatro nomeados, diz pensar em criar uma organização que lhe permita não confundi-los quando fala com cada um deles, assim também como é confundida por eles:

Eu não sei se eles confundem depois quem é quem, porque é como eu, eu às vezes confundo, às vezes estou falando com um e não sei com quem estou falando. E tem uns que cobram, mas eu já te disse isso, e eu não faço relatório, porque o que eu devia fazer? Pegar tudo o que eles falam, botar num cadastro, bom esse falou isso, esse falou isso, porque senão... te organizar ali, porque como eu clico com muitos batendo papo, termina a gente se perdendo e aí começa a... aí fica ruim.

Supõe-se, a partir disso, que estabelece uma comunicação impessoal, lida coletivamente com a individualidade, poderíamos dizer, e, assim, da mesma forma sente-se tratada. Confunde e é confundida como identidade, como alteridade, num meio que descreve como sendo lugar onde muitos falam com muitos, a ponto de não saberem o que dizem a cada outro, nem de que outro vem o texto que lêem e a voz que escutam. Se não catalogar, esse outro não passa de nada, porque se perde na multidão virtual, sem um rosto ligado a um corpo, a uma voz, a um olhar, a um sentido que possa dar-lhe algum sentido. Sem que possa se ligar a um desejo, já que não há demanda que o nomeie. Parece que aí o desejo anda em círculos, sem uma seta que o direcione ligando, ainda que imaginariamente, a um alvo. É um desejo lançado no além da tela. E na condição de não ser nomeado, não tem rumo, não tem destino.

Gládis diz que precisa “aliviar a agenda”, referindo-se ao grande número de homens com quem mantém contato. Tem a agenda lotada, e um lugar vazio. O lugar do grande Outro que, pela impossibilidade de que um outro faça sentido para ocupá-lo metonimicamente estabelecendo-se como objeto do desejo, mantém-se vazio. Pode-se pensar que esse lugar possa estar tomado pelo próprio rodeio da procura. Gládis ri muito ao dizer não saber se na *Internet* o encanto não consiste justamente em não ter nenhuma expectativa de concretude: “Essa coisa da gente sempre, a cada encontro tu tentar ser o melhor, ser o máximo para justamente fazer a conquista...”. Sua fala, podemos pensar, ilustra o movimento de contorno à “coisa”, garantia da sua inacessibilidade asseguradora da integridade do sujeito castrado. A *Internet*, somos levados a pensar, é um lugar que vem garantir essa distância necessária quando o objeto do desejo, não sendo um outro, seja o próprio Outro. É possível que seja disso que Gládis nos fala, sem saber do que fala.

Gládis comenta, ainda, sobre um homem de 76 anos com quem fala há seis meses, uma vez a cada mês. Essa é a periodicidade de seus encontros telefônicos, após se conhecerem na *Internet*. Diz que ele quer firmar uma relação, mas que ela não sabe se

gostaria de encontrar diariamente uma pessoa. Na sua pausa, a pesquisadora coloca: “Teu pai também vinha de mês em mês, não estava diariamente”. Gládis ri muito e, como resposta a essa escuta, surpreendida, diz entre reticências: “Então eu acho que isso é que faz assim”. Podemos tomar, aí, uma incidência do traço que faz marca em sua história, ligando e significando esse outro atual ao Outro ancestral de Gládis.

Ela comenta, no último encontro da pesquisa, sobre sua expectativa relativamente a quatro homens que poderiam dar certo. Mas, quando examina cada um deles, constata que de fato nenhum é adequado, porque nenhum lhe agrada. Ou porque ele é impedido ou porque ela talvez não o agrade suficientemente. Na paralela dessa questão, demonstra sua indecisão de efetivar encontro com um deles porque está na expectativa do outro que prometeu ligar, ou que vai chegar de viagem. Funciona como se a possibilidade de um inviabilizasse o outro, e, alternadamente, todos se excluem nesse jogo que oscila entre aceitar qualquer um e não aceitar nenhum. Refere-se, repetidamente, a três homens da *Internet* com quem já quis muito um relacionamento, por quem se sentiu apaixonada e que, passado um tempo, propuseram uma relação mais séria, ou encontro, ou retorno, e ela, sobre cada um, justifica sua recusa. O que se repete na recusa são duas constantes em sua fala: o desencantamento e a possibilidade de vir a conhecer um outro homem que lhe agrade mais. Por qualquer desses motivos, refere-se nessas circunstâncias: “ocupeí ele com outra vaga”. Essa afirmativa configura o caráter da descartabilidade, do descomprometimento como proposta relacional nesse meio de comunicação. Parece que Gládis se deixa tomar por esse coletivo, estabelecendo uma identificação com esse conjunto de sujeitos institucionalizados na *Internet*.

Se, por vezes, considera que a *Internet* seja um local de possibilidades, também se diz “[...] protegida no sentido de criar expectativa com o pessoal da *Internet*. Não que eu não veja que possa dar fruto, mas eu sou sonhadora, sou muito romântica, então eu tenho medo de criar muita expectativa e me danar, embora a gente saiba que tem muitos casos que deram certo”.

Comenta que, na *Internet*, só conhece o lado bom do outro e da relação, e que do lado ruim ela foge, por já ter sofrido muito nos relacionamentos. Sobre isso diz: “[...] é uma maneira de eu me proteger”. Só ver o lado bom implica em ficar no plano do imaginário, sustentar uma relação imaginarizada. Gládis, parece-nos, não tem suportado o confronto com o outro no real, por isso seu desencantamento. Não tem sido possível suportar a assimetria na relação com o outro, não tem podido encontrar um real que atenda seu ideal de objeto e de relação objetual projetada. Assim, refugia-se (se protege) na *Internet* como possibilidade de viabilizar (ou mascarar) suas evidentes dificuldades na área relacional, resultantes de suas

vivências libidinais atuais e remotas. Por essa via, podemos tomar a *Internet*, no caso de Gládis, como uma recusa-consentidade de acesso ao objeto.

Comenta sobre um homem por quem inclusive chorou na *Internet*, cuja tônica do comportamento é ser carinhoso, tímido, exaltando nele a corrente afetiva e cuja marca é ser ex-seminarista. Abandonou o seminário para casar-se, como sua mãe, aludindo à sua própria história, a história de um romance que lhe deu origem. De qualquer modo, há um traço sempre presente em suas escolhas que liga o presente ao passado, o outro atual ao Outro remoto.

Gládis comenta ter os seus escolhidos na *Internet*: “São 63 prediletos!”. E segue dizendo: “Acho que vou ter que fazer uma limpeza [...] vou ter que diminuir”. Devemos destacar que escolher 63, quando se trata de definir um par amoroso, é da ordem do impossível, redundante em não escolher. É a negativa da afirmativa: Eu quero! Eu não quero! Uma anulando a outra. Se fosse possível analisar cada um desses homens prediletos, é possível que algo em comum os ligasse, o significante de Gládis. O que lhe faz marca deve ter algum traçado nas linhas desses 63 homens.

Gládis nos lembra, retomando os textos da fundamentação teórica desse estudo, de Bauman, quando fala dos relacionamentos descartáveis feitos para “usufruir coisas novas e diferentes”. Quando o autor cita os habitantes de Leônia descartando, limpando-se de uma “impureza recorrente”, podemos ligar à fala de Gládis, limpando a recorrência de 63 outros a um único e grande Outro, tomado como impuro pelo que de incestuoso implica. Essa descartabilidade na *Internet* poderia estar funcionando como um excretor de processos inconscientes ligados à eleição de um objeto e ao estabelecimento de relações amorosas? Processos inconscientes porque ligados a ordem do retorno ao Outro, portanto, à conteúdos reprimidos.

Há, evidentemente, uma incidência no fracasso por parte de Gládis, se considerarmos seu discurso manifesto que anuncia um desejo de encontrar um par amoroso. Mas, tomando sua fala na amplitude a que uma interpretação de base psicanalítica nos remete, essa evidência não se mantém, ou minimamente se torna opaca. Porque é possível que os fins por Gládis pretendidos, ainda que inconscientemente, e, especialmente por assim o serem, justifiquem sua opção pelo meio (*Internet*). Assim, não há fracasso. Ao contrário, êxito. Se há encoberta a demanda de uma procura circular, que se sustenta em si mesma, a *Internet* tem atendido à termo a necessidade de Gládis. Se ela, Gládis, é tomada como um ser da modernidade, como descreve Kristeva no texto de fundamentação teórica desse estudo, um ser com dificuldades relacionais e sexuais – e ela as têm, confessadamente – cujas relações são constantemente

decepcionantes, desinvestidas ante a possibilidade de concretizar-se, fadadas ao fracasso, um ser impossibilitado de escolha – e todas essas características estão presentes nos seus relatos, na palavra vazia e na palavra plena de Gládis – tudo isso nos leva a crer que a *Internet* é o meio de viabilizar essa demanda, através dessas vivências. O que situa Gládis entre a particularidade de sua história subjetivante – vista aqui nos aspectos ligados ao narcisismo, identificações e complexo de Édipo – e o sintoma de sua coletividade.

Sua angústia diante da recusa do outro na *Internet* apaga-se no ato de descartar algum outro qualquer para aliviar sua agenda. Gládis oscila entre apertar os laços e mantê-los frouxos, entre a ânsia por convívio e segurança e o temor de suportar uma relação que contém o real, que é o real. Situa-se entre a atração e a repulsão, entre muitas esperanças e alguns temores, incapacitada de fazer escolhas. Convive com esse presente-ausente que “tecla” com ela. Podem teclar juntos por meses, anos, sem nunca se olharem, sem nunca se tocarem, apenas teclarem. É um novo verbo na gramática das relações amorosas: eu teclo, tu teclas, nós teclamos. Juntos – separados. Um aqui e outro lá, ambos no mesmo lugar. É possível que na modernidade coletiva, ou ao menos na particularidade do momento de Gládis, seja o par mais perfeito que é possível formar.

6.1.6 Educação: Gládis foi à escola!

Quanto à educação, Gládis refere-se a que a mãe nunca lhe falou sequer de menstruação. Justifica que esta, tendo sido freira, não sabia lhe falar em nada “[...] minha mãe nunca me dizia nada”. Disse ter aprendido muitas coisas sobre homens e sexualidade quando adulta, conversando com as colegas de trabalho.

As gurias me contavam uma série de coisas. Até de como ser esperta com os homens, como tirar proveito [...] isso me ajudou a enxergar de um outro lado, de uma outra maneira as mulheres [...] Talvez eu tenha até pré-conceitos, pré-julgamento sobre (as mulheres) mas em função da minha vida, da educação e tal.

Daí infere-se uma educação repressora que teve repercussão na vida libidinal de Gládis. Embora ela não fale de sua escolarização, está implícito que a educação da mãe, de forma muito particular, está implicada na sua subjetivação (da mãe e da filha), tendo desempenhado forte repressão, que repercute no seu processo de objetualização. Ela se questiona: “Quantas vezes eu me pergunto porque eu não me casei com aquele homem? O meu primeiro noivo, fechei os olhos e casei como eu queria...?”. Refere-se, mais uma vez, a

ter tido muita dificuldade de assumir suas próprias idéias, tomar decisões e, inconscientemente, porque não o pode nomear, questiona-se sobre sua impossibilidade de desvincular-se das fortes influências parentais na sua escolha de objeto na vida adulta. Nessa tomada de sua fala, evidencia-se a grande influência sofrida pela família através dos processos identificatórios e transferenciais, incorrendo na vida relacional adulta, em especial na escolha de objeto de Gládis.

Diz: “A gente não foi educada para isso”, referindo-se à escolha de um par amoroso, quando de seu arrependimento por não ter tomado essa decisão com esse homem. Na sua avaliação, hoje estaria muito bem financeiramente, aspecto que, na época, não considerou. “Com minha filha de 11 anos faço diferente. Digo a ela que as duas coisas tem que andar juntas. Não é só o amor. Antes a gente se apaixonava e não via mais nada, era muita paixão. Com meu filho de 8 anos também eu já dou uma visão um pouco diferente”. Novamente se manifesta seu desejo de distinguir-se da mãe, separar-se desse modelo, e reparar perdas através dos próprios filhos, na intenção de que eles não sofram as conseqüências que supõe a si, especialmente na questão de escolha do par amoroso, em decorrência do que considerou uma educação desadequada por parte de sua mãe. Assim afirma:

As mulheres hoje pensam a relação também assim, em como tirar proveito, quase como uma profissão, um investimento. Uma mulher de uns 30 anos pensa em passar uns 10 anos numa relação, o homem com uns 50, morre aos 60, 65, e ela fica bem, ainda jovem, bonita, podendo aproveitar. Por que não? Eu me arrependo de não ter pensado assim. A educação da minha mãe era bem diferente.

Aos 45 anos, Gládis avalia as implicações de suas relações infantis com os pais na escolha de objeto em sua vida adulta.

Mas agora eu não quero mais morar junto. Não sei direito o que quero. Acho que quero mais de uma relação, até os 50, 50 e poucos anos, ainda quero ser desejada por muitos homens. Eu gosto disso, de brincar com os homens, desse jogo de sedução em que eles pensam que eles é que estão mandando. Numa relação estável não tem mais esse jogo de sedução. E eu gosto!

Disse que era muito boba e inocente, em função do modo como foi educada pela mãe. Talvez se refira, sem o saber, à sua dificuldade de dissociar a vida imaginária da realidade e o sonho das relações reais, o que fica manifesto na forma como se estrutura sua relação objetal. Poderíamos dizer que Gládis manifesta a falta de objeto como frustração. Frustração essa que implica numa falta imaginária de um objeto real, que implica, por sua

vez, em que nenhuma possibilidade de satisfação pode ser encontrada, a ponto dela, de fato, dizer não saber direito o que quer.

Um aspecto que marcou o contato de Gládis com a pesquisadora é a transferência que estabelece, como assim podemos entender. E isso importa na análise dos aspectos educacionais nessa pesquisa. Quando se mostra confusa quanto a saber de si e o que de fato deseja, Gládis diz: “Talvez até o final de tua pesquisa eu tenha mudado de idéia quanto ao que eu quero. Falar me ajuda a reelaborar tudo isso”. Demonstra tomar esse espaço de conversa, que se constitui de fato na escuta da pesquisadora, como um espaço de viabilização para si, para suas dúvidas, para a angústia de não saber ao certo quem é, para a angústia de desconhecer o seu desejo. Evidencia, aí, uma brecha, uma falta, que podemos tomar pelo lado também da educação. Não houve, para Gládis, um lugar de fala e de escuta a não ser o espectro familiar. Mais que isso, só o que pode aprender com colegas circunstanciais de trabalho. “Tu não tem oportunidade. Vai falar para quem? Tu até pode falar de algum caso, mas falar, conversar...”. Ela pergunta: “Falar para quem?”. Significa que ao longo da sua vida a escola foi surda e muda. Sobre isso, nada falou. Sobre isso, nunca lhe ouviu. Seus conflitos passaram escondidos num lugar que seria de aprendizagem de vida, mais que aprendizagem de ofício – a escola. Gládis tem ofício, profissionalizou-se, mas seus conflitos latentes não lhe predispõe a independência, mesmo financeira, diante dos pais. Sua vida amorosa, pela impossibilidade de um lugar de ressignificação, anda às voltas com a repetição.

Ao encaminhamento do final de uma das entrevistas, final sempre adiado, pois ela retoma a palavra na intenção de uma continuidade, Gládis diz à pesquisadora: “Vamos combinar de uma outra vez voltarmos a conversar”.

Podemos propor que essa seja, também, uma conversa de escola. Por que não? Que a vida do sujeito seja o rumo e o centro da educação. Lástima é que Gládis, mesmo tendo ido à escola, lá não tenha podido falar de seu gozo.

6.1.7 Considerações

Podemos identificar um padrão de repetição na busca do par amoroso por Gládis, que remete ao perfil do pai, especialmente pelo alcoolismo, além dos outros aspectos identificatórios já abordados. O que se constitui na ambivalência da eleição de um objeto impedido. Se de um lado se coloca como ser desejante e explicita seu desejo, de outro, funciona de modo que a interdição se estabeleça, tornando inacessível esse objeto, como

vimos ao longo dessa análise. Parece que, mesmo na contemporaneidade do seu discurso, e especialmente aí, há um movimento de contorno à Coisa, com a garantia do inabordável de forma plena. Parece estar presa pela compulsão à repetição, presa às marcas de uma cadeia associativa, ligada a essa marca original.

A realização do desejo se dá ao nível das representações mentais – sua marca inconsciente da satisfação perdida está ligada ao modelo paterno e, por identificação à mãe, o elege substitutivamente como objeto, estabelecendo, com o outro atual, relações identificatórias e transferenciais, tomando-os (aos pais) como referência. Já que os desejos encontram satisfação nos significantes, mesmo que de forma parcial, no estatuto imaginário é possível que Gládis viva essa contradição entre o discurso e a prática de suas escolhas amorosas, pela via de obtenção do gozo no re-encontro do que supõe como perda, remontando às suas vivências infantis.

Podemos pensar ainda, sobre Gládis, em torno das suas relações amorosas, que suas expectativas podem ser tomadas de acordo com o seu ideal-do-eu, funcionando no nível simbólico. O que a remete ao reencontro de seu eu-ideal, no que diz respeito à completude perdida (no passado relacional com a mãe) e, ao mesmo tempo, a completude almejada (no futuro relacional proposto com alguém que possa encontrar). Assim, vemos Gládis na expectativa de encontrar seu par perfeito. Podemos supor ser essa sua vivência dos afetos infantis – a completude, unidade rompida pela perda do objeto em sua totalidade, podendo ter dele a parcialidade que a remete à incompletude e à falta. O outro, a quem endereça seu desejo, não é senão um desejo de retorno, reflexo do si mesmo. O relato de suas inúmeras frustrações amorosas e da dor vivenciada por elas, se apresenta como atualização da dor da ferida narcísica – nega-se a aceitar que possa não existir seu par perfeito.

Se a relação da mãe com a criança é determinante na constituição do desejo, e advém dessa identificação ao modelo originário o modo como o sujeito vai pautar sua forma de relacionar-se com o outro, devemos considerar, para melhor entender nosso sujeito, Gládis, que este foi concebido num momento e num contexto fora dos planos dessa mãe. Ela era quase freira, morava num convento, e, fora isso, gostava de ser a rainha do carnaval e do baile da primavera. Do lado do pai, tratava-se de um homem, por contingência, ausente. É o que sabemos. E o que daí decorre, disso já falamos.

6.2 ÂNGELA: O SUJEITO DA PESQUISA

*[...] no fundo, no fundo, todos nós queríamos encontrar um amor que fosse maior que os nossos fantasmas.**

6.2.1 Apresentação

O sujeito da pesquisa, aqui, foi tratado pelo nome Ângela. Trata-se de uma mulher de 48 anos, com nível de formação superior, curso de pós-graduação, trabalha num cargo técnico-administrativo. Passou pela vivência de dois casamentos, sendo o primeiro aos 27 anos, permanecendo casada por três anos. Após três anos de separação, estabeleceu uma relação conjugal, embora não tenha formalizado casamento, que durou por doze ou treze anos (ela não sabe precisar o tempo). Não tem filhos.

Participava, há três anos, dos *sites* de namoro na *Internet*. Atualmente estava participando de vários, dentre eles o Alma Gêmea e Par Perfeito.

Enuncia, nesses *sites*, seu interesse em encontrar um par amoroso, identificando-se por apelidos e expondo sua fotografia.

6.2.2 Relacionamento com a Mãe

Inicia dizendo que atualmente está invertendo os papéis com sua mãe: “[...] de filha estou passando também a um pouco mãe no sentido de cuidar, de chamar a atenção, dar umas xingadas de vez em quando porque ela tá entrando naquela fase que não quer mais usar o cérebro pra nada”. Sua mãe tem 68 anos, aparência “super jovem”, já fez plástica e “se der, faz de novo”. Ela diz à mãe: “não adianta tua aparência estar jovem mas a tua cabeça está muito velha já”. Relata que quando saem juntas, e a chama de mãe, as pessoas olham muito e ela diz à mãe: “[...] eu não sei se estão dizendo que tu é muito nova ou que eu sou muito velha” [risos].

Assim, começa a falar de sua mãe, inicialmente por sua aparência e pelo que há entre elas duas em termos dessa aparência. Temos que, de início, na primeira entrevista, Ângela diz que a escolha da comunicação na *Internet* é a “realização de um sonho muito íntimo de poder

* Ângela, sujeito da pesquisa.

me comunicar com pessoas sem que eles me vissem, sem que tivessem no meu corpo, na minha imagem o motivo principal de estarem [...] me apreciando”. Em outros momentos, refere-se à sua aparência de certa forma depreciativa. Um deles é referido quando relata um dos encontros com um homem da *Internet*, seu primeiro encontro com esse homem, que a surpreendeu pela beleza e aparência jovem. Sobre isso, ela diz: [...] eu até nem acreditava porque era areia demais pro meu caminhãozinho”. Em outro momento, quando fala das exigências dos homens da sua idade em relação à aparência das mulheres diz “[...] eles não querem gordinhas, tem que ser um corpo malhado de academia [...]” e completa sobre si “[...] embora eu não seja o padrão porque sou gordinha”.

Decorre disso Ângela falar, então, de seu relacionamento propriamente com a mãe: “Não é um relacionamento como eu gostaria que tivesse sido”. Descreve-a como “uma pessoa tremendamente dominadora, manipuladora, sempre tentou de todas as formas interferir, conduzir, nunca se colocou como uma pessoa amiga, realmente uma pessoa aberta”.

Considera-a hipócrita, preconceituosa, com avaliações morais muito antigas e dissociadas do contexto, da época quando ela era jovem. Logo a seguir, como que na intenção de neutralizar a firmeza das suas palavras, diz: “[...] mas é minha mãe, eu procuro respeitar essas características dela, principalmente porque é uma pessoa que teve poucas oportunidades de vida pra estudar”. Justifica, ainda, dizendo: “Ela foi estudar com os filhos adultos, já. Ela concluiu o segundo grau com os filhos adultos. Então eu tenho essa admiração por esse lado... vamos dizer assim, dinâmico que ela teve e ainda tem”. Mas logo conclui, sem intervalo ou reticências: “[...] mas em termos de relacionamento ela é uma pessoa bastante fria... bastante fria. O que já era o inverso do meu pai”.

Toda sua fala sobre o relacionamento com a mãe a reporta ao pai, e desse paralelo entre as duas figuras, paterna e materna, traça o perfil de um e de outro. Transita entre um e outro, num alinhamento associativo de idéias.

Da mesma forma, transita entre o antes e o agora na relação com a mãe, como que à procura de um tempo que pudesse gratificá-la mais. Mas não chega a termo sua procura: “[...] hoje é um relacionamento assim, a gente se dá bem, mas é aquele bem que eu sei que vai até o ponto onde eu não preciso nada de ... pessoal, onde eu não tenha que abrir meus sentimentos e emoções, porque se isso acontecesse... a minha mãe, no caso, ela se retira”. Temos, então, um quadro familiar onde, de um lado e de outro, pai e mãe se retiram; o pai, pelo transtorno da doença bipolar que portava, e a mãe, por temperamento. Uma vivência configurada pela presença-ausência dos elementos de referência e estruturação afetiva. Afirmar se dar bem com

a mãe que não lhe corresponde em termos de afeto, denota uma carga de repressão intensa relativamente aos afetos ambivalentes que a ela dirige.

Descreve a mãe, na seqüência de sua fala, quando evidencia sua falta afetiva, como uma mulher prática: “[...] ela prefere resolver o problema com a pergunta de quanto que tu precisa. Então passa o cheque e tá resolvido, porque problema pra ela... porque ela até não sabe lidar com o outro lado da coisa”.

No relato de seu primeiro casamento, Ângela coloca o ex-marido como um homem imaturo, irresponsável, inseqüente, questões que o tornavam muito diferente dela e acabaram interferindo na relação. Ela sustentava a casa, uma vez que ele demorou muito para fazer faculdade e não trabalhava, enquanto ela já estava formada. Assim é que ficaram juntos exatamente porque ela também pagava a conta, assim como a mãe. O ex-marido passou a ter uma amante, sobre o que negava, não querendo separar-se. Após o término da relação, Ângela reproduz as palavras dele: “eu fiquei contigo porque eu precisava do apoio que tu me dava, inclusive financeiro, pra eu terminar a faculdade”.

Uma análise desse relato aponta já para alguns indícios de implicações na ordem das identificações com as imagos parentais na escolha de objeto. Ângela coloca-se, como a mãe, no lugar da mulher que cuida, que administra um homem fragilizado, impotente, ficando responsabilizada por ele. Era a mãe que pagava as contas, administrava a casa e comprava tudo o que tinham. Após um namoro de cinco anos, sua decisão de casar-se, embora seu discurso manifesto de que não queria o casamento, aponta para um conteúdo latente de que a escolha do objeto recai num homem com as condições próprias a lhe oportunizar repetir um padrão comportamental, um retorno a um já sabido, uma vez que sua vivência infantil foi um contexto familiar onde o casal parental é formado por uma mulher “prática”, que conduz, e um homem desvalido, que é conduzido. Seu arranjo conjugal se presta à repetição da cena primeva. Ela diz sobre o ex-marido: “eu já conhecia o outro lado dele, muito imaturo, muito irresponsável, muito inseqüente [...] no dia-a-dia ele continuava o mesmo, não evoluiu disso”. Podemos pensar ser esse já um significante presentificando-se na eleição do objeto “a”, garantia de uma revivência identificatória com a trama conjugal de seus pais e uma identificação à imago materna.

Sobre a mãe, segue dizendo que ela não sabe lidar com a parte afetiva e supõe que essa dificuldade se dê porque ela tem um sentimento de culpa muito grande pela maneira como educou os filhos. Não aceita qualquer crítica ou referência a isso, não reconhece sua implicação na forma como os filhos são, em decorrência da educação recebida dela. Os dois irmãos de Ângela também são separados e a mãe, sem dar-se conta disso, critica que outras

peças se separem. Ângela toma a seu encargo dizer-lhe: “[...] tu tem três filhos separados”. Sua relação com a mãe é de confronto e de uma hostilidade às vezes mascarada e de outras vezes escancarada. Assim, Ângela, ao falar da mãe, oscila entre apontar suas características negativadas e justificar-lhe os motivos, num movimento defensivo contra seus próprios sentimentos hostis em relação a ela.

A mãe sempre disse que não se separou do pai porque “era ruim com ele, pior sem ele”. Isso, da parte dela, os manteve juntos até o final da vida dele, numa relação descrita por Ângela como cada vez pior. O pai, por sua vez, “[...] tinha vontade de se separar dela, mesmo com a doença, sabendo que era uma pessoa muito dependente ele pensava isso”. Com isso, Ângela busca apresentar a mãe, sempre na referência do pai: mesmo doente e dependente, ficar sem sua mãe lhe parecia ainda melhor. Novamente a dicotomia desse casal parental. Sobre o casamento, a mãe de um lado pensa que é melhor isso do que nada, e o pai, ao contrário, pensa que é melhor nada do que isso. O casamento dos pais de Ângela ficou entre o ruim e o pior. Podemos inferir que os seus também. Porque seu primeiro casamento descreve como péssimo, e no segundo, embora considere que este foi de fato seu marido, o toma como um relacionamento frio, com um homem ausente emocionalmente.

Por ocasião da morte do pai, Ângela fica braba com o choro e o desespero da mãe no enterro, porque sabia que, para ela, se tratava de uma resolução de sua incomodação em função dele. Assim relata: “Era pra minha mãe uma incomodação, talvez até a maior referência de um fracasso pra ela, porque escolheu achando que era uma pessoa e depois ele se mostrou outra, completamente diferente”. Temos, então, que seu pai era a referência do fracasso de sua mãe. A escolha objetal da mãe é apontada como fracassada, o que implica numa desvalidação do pai diante da filha.

Relata a vida profissional do pai, e, na seqüência, a da mãe que, após o nascimento de sua irmã, oito anos mais jovem que ela, voltou a trabalhar, tendo ingressado na mesma empresa do pai e dela própria, anos mais tarde, quando adulta. Seu pai não conseguia mais sustentar sozinho a casa, especialmente por decorrência de despesas desnecessárias que fazia nos períodos de surto maníaco.

Quando relata as crises depressivas do pai, faz relevo a como os filhos eram proibidos de rir, inicialmente por essa condição do pai, para, logo a seguir, dizer que “eles tolheram” seu jeito alegre, risonho e comunicativo que lembra ter quando era “bem pequena”. “A minha mãe dizia que muito riso pouco juízo, o meu pai não gostava que sorrisse muito, então em determinado momento eu tive que me fechar. Depois de mais velha eu consegui

me... me libertar mais”. Sua liberdade, hoje, é emblemada no seu riso constante, ainda que a mãe considere falta de juízo.

Na seqüência do discurso, relata uma briga que teve com o pai, para, logo a seguir, descrever a relação de muitos atritos com a mãe na sua adolescência e juventude. Assim, diz: “[...] uma vez nós discutimos, nós discutimos muito na minha juventude e adolescência e nós duas não podíamos nos olhar”. Sabe-se da função do olhar da mãe sobre o bebê. Esse não poder olhar, de parte a parte, de mãe e filha, instaurado na relação na adolescência, pode estar indicando a revivência desse olhar materno faltante da experiência infantil de Ângela.

Como terá sido sua vivência narcísica? Mais adiante trataremos disso na seqüência de seu discurso. Cabe ressaltar, até aqui, que a vivência de demandar o desejo de ser objeto do desejo do outro, para Ângela, se coloca nesse enredo familiar de um pai que alterna o olhar com o que poderíamos chamar de perder de vistas, e a mãe, essa que estabelece com Ângela uma relação onde dois não forma Um: “[...] nós duas não podíamos nos olhar”. Ângela abre sua fala a respeito de sua procura de par dizendo justamente não acreditar em par perfeito, e o que há na *Internet* é um jogo de sedução e muitas mentiras. Procura, nos diz, “um companheiro, alguém para conversar”. Supõe-se que sua vivência infantil do par perfeito a induz a não acreditar em par perfeito. Anda à procura de uma voz, de uma escuta, de um olhar que possa ocupar esse lugar vazio, vazio não somente pela via da castração constituinte, mas mais gravemente vazio pela falta de quem o ocupasse, efetivamente, na sua fase constitutiva.

Conclui, sobre o relacionamento com a mãe: “E hoje a gente se dá bem porque cada uma tem a sua casa, tem seu canto”. Ângela nega-se a desejar um homem que queira morar com ela. O que pode dizer do seu desejo é dirigido a uma relação que mantenha uma certa distância, que garanta o canto de cada um – como ilustra, desejando uma relação em que pudesse fechar uma porta separando-a do homem quando assim desejasse. Oportunamente, na *Internet* pode - é só deletar.

Passa a lembrar de uma ocasião em que a mãe ameaçou bater-lhe, ao que respondeu: “[...] bom, tu bate, agora tu vai apanhar também. E foi uma coisa que [risos] ... na vida dela jamais imaginou que um filho fosse dizer isso pra mãe. E eu disse...”. Ângela coloca nisso um sentimento de desadequação de seu comportamento, quando atribui à mãe dizer que não pensaria ser nunca essa a atitude de um filho. Possivelmente esse sentimento é seu mesmo, e entra em conflito por evidenciar sua conflitiva ambivalência de amor e ódio com a mãe. Defensivamente, conclui sua fala dizendo que esse assunto com a mãe foi encerrado e ela nunca mais a ameaçou.

Ângela diz que, pelas poucas coisas que leu a respeito de psicologia familiar, concluiu que a sua mãe seria “a maquininha de fazer esquizofrênico”. Cabe aqui nos reportarmos ao seu texto de apresentação na *Internet*, quando faz a descrição de seu corpo. Escreve: “Luto com os quilinhos à mais, mas não sou paranóica com isso”. Parece querer atestar, aí, de alguma forma, o fracasso materno: a ela, a mãe não conseguiu transformar. Interessa-nos observar que é no campo da descrição do corpo que Ângela fala disso, e não no campo da apresentação pessoal do *site* propriamente. Justifica sua afirmativa sobre a mãe com apoio enciclopédico:

[...] porque ela tinha um comportamento, aquele que dá uma... uma informação concreta mas com um subliminar, então tu fica sem saber direito o que é e o que não é... Ela verbaliza uma coisa, principalmente na frente de outras pessoas, mas pelo que tu conhece tu sabe que não é aquilo que ela quer dizer.

É como Ângela descreve as pessoas da *Internet* – verbalizando coisas que ela sabe que não é verdade. Destaca, em todos os relatos, a mentira como fator marcante das relações na *Internet*. Diz ter aprendido nesses três anos de participação nos *sites* que “quando um homem diz uma coisa ele quer dizer outra”. Diz ter aprendido esse jogo na *Internet*, mas seu discurso testemunha ter aprendido já com a experiência inaugural, com esse primeiro afeto materno que lhe fez as marcas, em busca das quais segue as pegadas. Algumas pegadas, podemos constatar, é na *Internet* que as encontra.

Avalia que a mãe faz “um jogo de chantagem [...] procurando atrair a pena pra ela quando ela se sente num momento vulnerável ou sendo questionada pelos filhos. Então pelo que eu tinha lido, essa figura dentro de um lar, principalmente sendo mãe ou pai, ajuda muito a formar um comportamento esquizofrênico”. Fica evidente que Ângela atribui mais à mãe do que ao pai a desestruturação familiar e as conseqüências da vida adulta dela e dos irmãos (os três tendo passado por dois casamentos). Sua saída sublimatória, parece-nos, foi buscar no campo intelectual uma forma de entendimento para essas vivências afetivas tão marcantes. “Hoje, eu já com 48 anos nas costas, eu já aprendi muitas coisas [...] não dou a mínima importância”. Sua expressão de 48 anos “nas costas” denota o peso a ser carregado por conta dessas relações parentais “pesadas”.

Reafirma, a seguir, não ligar mais se a mãe vai ficar braba ou não com o que lhe diz respeito, numa atitude de descolamento de seu juízo de valores, como que descartando esse superego materno encarnado numa mãe extremamente crítica. Então lhe conta que entra nos *sites* de namoro da *Internet* e sabe que ela teria muito a lhe dizer a respeito disso, mas não

diz porque “[...] sabe que comigo não vai adiantar”. Mas, de outra forma, a mãe a atinge com as críticas que ela descreve: “[...] agora acho que tu... tu hoje tem outra aparência, tu é uma senhora, né, então tem coisas que tu tem que ver que os homens querem mulheres jovens, tem mulheres bonitas”. E Ângela conclui: “Taí a mensagem dela, dela... tu é velha, tu é feia, e então agora tu tem que te retirar e aceitar a tua vida solitária. Essa é a mensagem que ela passa”. Importa aqui destacar alguns aspectos de sua fala. Primeiro dizer que é pela aparência “super jovem” que Ângela inicia sua apresentação da mãe, o que causa até certa confusão quando as duas são vistas juntas na rua – quem olha não sabe quem é mãe e quem é filha. Outro aspecto, é tomar o seu discurso quanto aos homens de sua idade quererem somente mulheres mais jovens e bonitas, “de corpo malhado em academia”, possivelmente como o discurso do Outro. Sem o saber, é sua mãe que fala, num processo identificatório que busca marcadamente apagar. Essa “senhora” a que a mãe se refere, referindo-se a ela, sua filha, está repassado no discurso inconsciente de Ângela que escreve na *Internet*, ainda no campo da descrição do corpo: “Estou envelhecendo como você...”. Sem o saber, é a mãe que a descreve no *site* de namoro da *Internet*. Sua referência a si mesma está pautada nessa designação materna do “quem tu és!”. E aí parecem estar presentes as bases da vivência narcísica de Ângela. Com uma mãe que se nega a envelhecer, que se ocupa com a beleza aos 68 anos e atribui à filha esse papel de envelhecimento em seu lugar, o que se expressa emblematicamente por lhe dizer: tu, minha filha, “tu és uma senhora”. Das duas, não se sabe quem é a mãe. Como diz Ângela, inicialmente, vivenciam uma inversão de papéis. Sobre isso, Ângela pôde falar em seu discurso manifesto pelos cuidados requeridos pela mãe em função de idade. Mas o que de fato ela diz aparece mais adiante, ao longo de sua fala, através desse discurso latente que tratamos de escutar e dar a ele um encaminhamento interpretativo que nos leve ao entendimento dos processos de subjetivação de Ângela, e de seus mecanismos e implicações na eleição do objeto erótico.

Então, Ângela, na seqüência de sua fala, que diz que o que a mãe diz “entra por um ouvido e sai pelo outro”, baixa o tom de voz para dizer: “É claro que tem aquela pressão do... do sensor que fica ali né. De vez em quando, quando baixa a auto-estima eu digo, tem razão mesmo, eu tô velha, tô feia, com um fungo na unha do pé, eu tenho mais é que me retirar” [risos]. Seu riso recorrente irrompe outra vez para aliviar a pressão dos afetos despertos pelo seu relato. Embora muito de sua vivência se dê por processos inconscientes, um tanto lhe escapa à repressão, e Ângela olha para o “fungo na unha do pé”. O discurso da mãe é tomado numa dimensão arrasadora à imagem do si mesmo. Aparece, nesse momento, a angústia de não se saber mais objeto do desejo do Outro. Entra em cena, parece-nos, toda

a conflitiva das formações do eu-ideal e ideal-do-eu na escolha de objeto. Então, alguns homens lhe dão a sensação de ser “muita areia pro meu caminhãozinho”, outros “que vão se enxergar com aquela barriga de cadela velha”. Retratando o conflito entre um ideal-do-eu formado pelo “sensor” materno, somado às questões do pai, e o desejo de Ângela de romper com a pressão que lhe amassa a alma e a auto-imagem.

Por ocasião de sua separação do primeiro casamento, em que foi traída pelo marido a quem ajudou financeiramente, pagando seus estudos e fazendo a manutenção da casa, relata que sofreu um grande abalo, levando-a a uma depressão profunda e anorexia nervosa. Nesse momento de retirada do investimento libidinal, há um abalo em sua estrutura narcísica, e é no corpo que isso faz marcas. Então emagrece. Seu corpo, ao longo de suas vivências, vai significando seus afetos. E a mãe trata de anunciar sua derrocada. Podemos supor que não comer, como reação psíquica frente ao abandono emocional e ao desinvestimento em si enquanto corpo do desejo do outro, reporta à relação pré-edípica com a mãe-seio-leite. Hoje, apresenta-se como “gordinha”. Aí está em jogo, marcado no seu corpo, um significante materno. E é esse corpo, justamente, que busca esconder na *Internet*, atrás da tela, o que explicita quando diz ter escolhido a *Internet* como meio por se tratar da “[...] realização de um sonho muito íntimo de poder me comunicar com pessoas sem que elas me vissem, sem que tivessem no meu corpo, na minha imagem o motivo principal de estarem, vamos dizer assim, conversando comigo, me apreciando”, como já relatamos.

Não é pouco o que ela diz quando parece não dizer nada. É quando Ângela não diz coisa com coisa que podemos escutar o que diz. Seu texto inaugural na *Internet* pode ser tomado como uma banalidade superficial. E é por aí que vamos com nossa análise. Porque é nesse não-dito, nesse “se fazer de bobo” que o sujeito se esconde. Lá está sua palavra plena, justamente onde parece não haver palavra. Deve haver outro que fala onde tanto uma palavra incide em dizer. Há, aí, sempre o Outro que, pela repetição, faz presença na ausência, como forma de se representar. Podemos dizer que é no corpo que Ângela faz o simbólico. Seu significante está no corpo. Por isso ela não pára de falar disso. Não pára, não pára. Se não for possível dar a isso um reordenamento significativo, não pára e não parará.

Retomando a fala de Ângela, ela diz, na seqüência do discurso, que desde criança a mãe tem essa postura frente a ela. “Muito do complexo que eu tenho da minha gordura e todo o mais é dela, de apelidos que colocava, de coisas que falava [...] . Ela sempre, sempre, sempre me pejorou”. Temos, aí, o que há de pegajoso nesse discurso materno instalado no discurso presente de Ângela. Um quadro que indica um comportamento perverso de parte de sua mãe, numa ação de aniquilamento da formação do eu-ideal ao ideal-do-eu.

A experiência narcísica fundamental formadora do ego foi vivida por Ângela como uma experiência onde o espelho lhe reflete essa imagem especular sobre si. E aí temos que a anorexia nervosa desencadeada por um drama atual (separação do primeiro casamento) pode estar remontando a trama dessa experiência inaugural junto a mãe, e se apresenta como atualização desse afeto (ou desafeto). O reconhecimento do eu, antes da aquisição da linguagem, abrindo caminho para as identificações futuras e para a entrada no complexo de Édipo, se deu, para Ângela, a partir dessa identificação fundamental, pela qual forjou a imagem do seu próprio corpo. Ângela, ao procurar o olhar da mãe para que lhe responda a questão da identificação daquela imagem no espelho como sendo a sua, se depara com esse adulto que assim a designa. Por isso sua expressão de que ela e sua mãe “não podiam nem se olhar”. Retomamos nosso referencial teórico a partir de Dolto, nesse estudo: “Se a imagem que ela vê no espelho satisfaz seu narcisismo, a criança descobrirá a integridade dessa imagem que terá um caráter de júbilo”. Sua vivência de formação de esquema corporal se funda nessa mãe, como a descreve.

Conclui, mais uma vez repisando esse infortúnio: “tivemos sempre um relacionamento muito difícil”. E prossegue: “Agora, na nossa idade madura é que eu acho que eu não sofro tanto, porque eu tenho a compreensão”. Daí depreende-se que não sofrer tanto está dado no plano da racionalização somente, porque, de outro lado, os desdobramentos desse Outro ancestral materno, assim também como o paterno, se dão pelo outro atual com o qual Ângela se embate. Faz marca também a posição em que se coloca frente à mãe quando se refere a “nossa idade madura”, incorporando o discurso da mãe que, contraditoriamente, trata de tentar anular. Quanto mais anula, mais se presentifica. É pela falta que a coisa aparece.

Ângela diz que a atitude da mãe é dirigida a ela em particular, não aos filhos de forma geral. Então relata que, em terapia, concluiu haver uma competição da mãe com ela em função da pequena diferença de idade entre elas (20 anos). Ângela diz: “Quando eu era moça ela era uma mulher moça também. Só que não se achava, não se via como tal, mas talvez quisesse né”. Podemos supor tratar-se, portanto, de uma vivência do complexo de Édipo por uma via fora do que se pode tomar como normalidade. Uma mãe que ela própria imaginariza tomar o lugar da filha, num processo de inversão, denotando a falta de resolução de suas próprias questões edípicas.

Do lado das vivências do narcisismo, importa, ainda, apontar o abalo narcísico de Ângela como decorrência do comprometimento a que a mãe está sujeita nas suas próprias questões narcísicas conflituais. Denota uma percepção da mãe com um comportamento “bem infantil [...] uma imaturidade emocional da parte dela”, exemplificando o ciúme que a mãe

tem dela pelas coisas que possui como “bolsas e coisas bonitas”. Ângela diz: “[...] ela fica namorando [...] e eu pra não me incomodar acabo dando a ela”. De fato isso pode ser tomado como uma inversão dos papéis, já enunciado por Ângela, entre ela e a mãe.

Seu pai, diante do desenrolar dessa trama, desse drama, no decurso dos anos de sua infância, os anos de sua formação, diz ela: “[...] o meu pai era simplesmente ausente, quando ele não gostava de alguma coisa ele se fechava mais ainda”. O que implica em abandono. Implica em que fechava a porta. Ausentava-se de sua função de exercer sobre essa mãe a castração necessária para que Ângela ficasse liberta do lugar de objeto do desejo sádico dessa mãe “manipuladora”, como ela mesma descreve. Mais adiante, outra vez aparecem manifestos os traços do sadismo perverso da mãe quando, após a morte do pai, diz a Ângela o quanto ele desaprovava suas escolhas amorosas. É possível que aí esteja em jogo a conflitiva da mãe em termos da sua própria resolução edípica, lançada sobre essa que é sua primeira filha e que, por assim ser, concentrou sobre si toda a carga da má elaboração dos processos de estruturação psíquica da mãe.

Quando Ângela relata a doença do pai e a relação de domínio da avó paterna sobre ele, diz que a mãe, embora de outra forma, mantinha com ele a mesma relação, porém de forma dissimulada. Como ela diz, a mãe “[...] minava [risos]. Ela não perdia uma oportunidade de colocar a criatura mais no buraco ainda. Ela não perdia, era um horror”. Como decorrência, “Ele (o pai) tinha aquelas explosões assim... porque esse martelar dela é muito cansativo”.

Abre-se um parênteses, nesse estudo, para sublinhar que a escolha de objeto do casal parental de Ângela se apresenta também de forma emblemática – seu pai escolhe essa mulher como forma de viabilizar a revivência da relação libidinal que parecia ter com sua própria mãe (avó de Ângela), descrita, também, como uma mulher dominadora e manipuladora que exercia sobre o filho (pai de Ângela) uma crítica severa. De parte da mãe, nada de sua história pregressa foi levantada, mas certamente apresenta marcas que determinaram a escolha desse homem com suas características próprias à repetição de cenas primárias.

Na seqüência de sua fala, Ângela diz que a mãe fazia com o pai o mesmo que fazia com ela. “As desqualificações[...] era a mesma coisa”. Em relação a seu irmão, por temer suas reações agressivas parecidas com as do pai, a mãe busca se valer da intermediação de Ângela para dizer-lhe o que deseja. O mesmo jogo que fazia com a palavra do pai. Ângela diz: “Eu não entro mais nesse jogo”. A mãe quer que o discurso de Ângela comporte o seu próprio discurso. Quer, portanto, ficar instalada nesse lugar de grande Outro familiar. Embora não entre mais no jogo, Ângela diz precisar se cuidar porque, às vezes, nem percebe a condução

da mãe. “Ela me conduz de forma sutil a alguma coisa e depois é que vou me dar conta”. Como fazia com o pai, “por debaixo dos panos”. Assim, sua irmã teve bebê e a mãe, já aposentada, atribui a ela ajudar a irmã enquanto ela “[...] pega as mochilinhas e vai pra praia”. Ela precisa “chamar a mãe no apito”, porque afinal a filha é dela, e ela já ajudou um bom tempo a cuidar dessa irmã. Diz que a mãe é “bastante individualista”. Seu irmão, quando criança, apelidou-a de CP durão, personagem da televisão caracterizado por ser o dono da bola e recolher a bola acabando com o jogo de todos quando bem decidisse. Ângela ri muito nessa etapa do relato. E completa: “O meu pai, coitado, nunca foi dono da bola, nunca foi”. Mas coube à mãe, segundo Ângela, conseguir tudo o que tiveram na vida, porque o pai nada fez. “Ela o desqualificava todo o tempo. Eles tinham uma relação horrível. Terrível!”. Os filhos, logo que puderam, cada um saiu de casa. É possível que seu primeiro casamento tenha sido impulsionado também por isso.

6.2.3 Relacionamento com o Pai

Seu pai, já falecido há cinco anos, sofria de transtorno bipolar. Ângela diz que há alguns anos atrás essa doença tinha um outro peso pelo nome que tinha (psicose maníaco depressiva), e conclui: “era dentro desse problema todo que ele vivia”. Podemos entender que esteja dizendo que é dentro desse problema todo que ela própria viveu seu período de infância. “A gente nunca podia contar muito com ele pra nada. Era uma figura ausente na nossa educação, totalmente ausente”. Descreve o pai, em termos de relacionamento, traçando um paralelo com a mãe – ela uma mulher muito fria e ele era o inverso. Seu quadro familiar, então, constituía-se de uma mãe fria, autoritária, dominadora, manipuladora, como já o dissemos, e um pai afetivo, mas ausente, inviabilizado, segundo a definição de Ângela.

Relata que passou a se dar melhor com o pai na velhice: “Eu tinha a sensação que eu conseguia senti-lo um pouco mais, mas a gente já não tinha, em função da cronificação da doença, já não tinha condições de um diálogo normal, assim, entre aspas, com a gente”. Quando diz que na velhice conseguia senti-lo um pouco mais, implica em dizer que, até então, o sentia menos. No entanto, esse avanço em poder senti-lo se dá em forma de uma negativa, pois o agravamento da doença impede um diálogo que, se fosse normal, ainda assim seria entre aspas, como ela diz, implicando no reconhecimento de Ângela de que diálogo com o pai nunca foi possível de forma normal. Essa afirmativa na negativa nos remete à forma como Ângela se apresenta na *Internet*, a ser comentada nesse texto (na tomada à procura do objeto).

Ao descrever o homem desejado, interpola afirmação e negação, apresentando aspectos negativos para, a partir disso, relativizar o que positivamente deseja.

Sendo a mais velha de três filhos, com essa constituição familiar, diz: “[...] acabei sendo o pára-raio da casa. Quando mais moça, para onde convergia o estresse, a raiva dos pais e ao mesmo tempo era a pessoa que tinha que estar sempre cuidando de um e de outro”.

Queixa-se que, desde moça, teve de cuidar dos pais, que a inversão de papéis entre eles de certa forma se instaurou já há mais tempo. Faz uma avaliação das implicações dessas vivências familiares, especialmente pelo papel de cuidadora que ocupou junto aos pais, na sua relação objetal quando adulta: “Isso é uma coisa que se refletiu nos meus relacionamentos porque eu sempre fui mais mãezona dos maridos do que amante deles” [risos].

Seu pai morreu aos 69 anos, psiquicamente muito comprometido, com a doença já em estado crônico. Ângela supõe que já houvesse outros fatores da psicose senil adiantados, pois sua aparência era de uma pessoa mais velha. Descreve a morte dele como um alívio “[...] pra nós, principalmente para a minha mãe, a morte dele foi um descanso. Pra ele e pra todo mundo, né. Porque ia ser uma luta muito grande”. A morte física do pai, parece-nos, vem se somar a uma morte já simbolizada pela impossibilidade de desempenhar o que dele era esperado. Ângela conclui: “Até no enterro... do pai, a mãe estava muito chorosa e desesperada e eu fiquei braba e eu digo, mas porque tu tá assim? Tu não tem que estar assim, ele morreu, pronto, acabou tua incomodação” [risos]. Devemos ouvir dessa fala, além do que é dito, as reticências de Ângela que apontam um corte, uma pausa: “no enterro do... do pai”. Um espaço que pode estar indicando um luto ainda não efetivado, embora trate, agora ela, de ser prática como a mãe e dizer-lhe: “[...] ele morreu, pronto [...]”, na intenção de encerrar o assunto. Assunto que agora encerra com risos, o que de novo constitui-se como discurso latente. Que riso pode haver no tema da morte do pai? Podemos pensar que esse riso esteja a serviço de um sentimento do lado do sadismo, pelo desfecho de um masoquismo findo com a morte desse que, não tendo desempenhado a contento sua posição de falo na família, deixou Ângela, em sua infância, entregue ao domínio dessa mãe fria, indiferente aos seus sentimentos. Esse pai que se lhe tornou um infortúnio duplo, na medida em que lhe demandava cuidados. Cuidados que ela própria esperava dele, na condição de filha. Esse riso pode encobrir a ambivalência da relação de amor e ódio que desenvolvia com o pai. Ao desvalido, seu ódio. Na impossibilidade dele atender sua demanda de amor, lhe dedicava um ódio reprimido, agravado pelo sentimento de culpa. Sua morte vem fazer efeito sobre seu desejo de morte latente endereçada a esse pai.

Quando fala que a escolha da mãe por seu pai foi sua maior referência de fracasso, diz que seu engano se deveu a que seu pai de fato era um homem encantador. “[...] Quem não conhecia o meu pai se encantava com ele, se encantava com ele! Uma pessoa alegre, comunicativa... mas quando entrava em depressão, na fase psicótica dele, aí ele era uma pessoa completamente diferente, né”. Sua descrição do pai tem a dimensão afetiva do próprio transtorno que o afetou – o exaltamento positivo e o rebaixamento negativo de sua figura.

Relata sobre a vida profissional do pai e, embora não comente a incidência repetitiva, exerce sua atividade profissional na mesma empresa e na mesma função. O pai aposentou-se por tempo de serviço, ao que Ângela acrescenta que, não tivesse dado tempo, teria de se aposentar pela falta de condições de trabalhar num determinado período de sua vida, em função da doença. Quando ele não pode mais sustentar a casa, a mãe precisou, então, trabalhar, especialmente pelos gastos exagerados que ele fazia: “[...] quando ele surtava, ele comprava dois, três óculos, coleções de livros que não lia, ninguém ia ler, eram umas coisas absurdas”. Encerra essa fala dizendo: “E essa é a pequena história”. Após o que, faz uma longa pausa. A pequena história de sua vida, entre um pai instável, inconseqüente por ocasião da doença, e uma mãe que suportava o fracasso dessa escolha.

Retoma, dizendo lembrar-se na infância de que o pai, nos momentos em que estava bem, era “[...] aquela figura mais carinhosa, que levava a gente pra passear, pagava lanche, coisa que a mãe, tu podia sair babando no centro que ela arrastava [risos]. Ela não parava pra nada. E ele não, ele comprava revistinha, ele chegava do trabalho às vezes com revistinha, com bala, então era tudo o que a gente gostava era aquele momento, não é”. Exalta o pai como figura afetiva ainda num paralelo com a frieza materna. E, na seqüência imediata do seu discurso, apresenta o pai eclipsado pela doença, retirado do convívio, desvalido da possibilidade de comunicação afetiva. Assim, relata suas lembranças dos finais-de-semana, principalmente quando,

[...] não se podia abrir a janela da casa porque ele queria que ficasse tudo no escuro. Ele tava sentado, numa poltrona, ainda de óculos escuros, dentro de casa. A gente não podia rir na mesa. E aí, irmão, criança, olha um pro outro dá aquela explosão de riso, né. Não sabe nem porque tá rindo, porque é proibido rir, né.

Seu relato emblemático a joga a afetos opostos: da presença opulenta que presenteia, do carinho, do acolhimento, à indiferença, à incomunicabilidade, à castração da alegria do riso. Ângela é uma mulher visivelmente risonha. O riso, já o dissemos, é uma marca na sua apresentação. Ri muito, efusivamente, em todos os encontros durante seus relatos junto à

pesquisadora. Seu riso é ruidoso, barulhento. Devemos salientar que na enunciação do homem desejado ela, jocosamente, usa uma expressão de riso em sua escrita na *Internet*, apresentada pelo símbolo “rs rs rs”. Apresenta-se lá, em sua descrição, como uma pessoa alegre e risonha. Conclui sobre as lembranças que tem do pai “[...] me gravou muito esses extremos que ele ia no relacionamento”. E, logo a seguir, situa a mãe como castradora de seu riso.

Seu processo de libertação da opressão dos pais, a partir da conquista de espaços para se mostrar como é, se deu com muitas brigas. Relata que passou um ano sem falar com o pai, “de mal com ele”, apesar de morarem na mesma casa. Situação que se repetiu em relação ao seu segundo marido na vida adulta – viveram praticamente sem se falar, dormindo em quartos separados durante um ano. “[...] Dentro de um processo de uma família doente, com personagem assim tão marcante do meu pai doente, a gente passa por muitos estágios, um de raiva. Primeiro é não entender. Depois, quando entende, tem raiva”. Ângela consegue se deparar com a ambivalência dos afetos diante do pai. Amor e ódio são reconhecidos nessa relação marcada pela bipolaridade. Segue dizendo: “Depois começa a ter pena daquela pessoa, se sente até responsável e tudo o mais, depois é de aceitação total do doente”. Ângela vivencia um sentimento de culpa de forma acentuada dentro desse quadro familiar, que muito bem descreve como o “processo de uma família doente”, onde ela própria se inclui, afetada que é pelo comportamento do pai em consequência da doença. Sua infância e juventude, logo, seu narcisismo, as identificações e o complexo de Édipo, foram elaborados dentro desse contexto, com implicações peculiares na sua subjetivação e, conseqüentemente, na forma como equaciona a eleição de objeto. O pai, enquanto referência objetal, exigiu dela a elaboração de uma compreensão e aceitação, superando a raiva pela sua falha afetiva em decorrência da doença. Era preciso dar onde lhe faltava. Aceitar a ausência na presença. Sua vivência com o pai pode estar implicada em aceitar por doze ou treze anos (ela mesma não sabe bem precisar) um homem por “conveniência”, como se refere ao segundo marido, um homem que não conversa com ela, que não a toma como esposa, que não partilha seus sentimentos, suas vivências, com quem convive, como diz, em condomínio, dormindo em quartos separados no último ano da relação. Um presente-ausente. Um marido que não cumpre seu papel, que se aliena e estabelece com ela essa relação alienante, onde o afeto se evade. Experiência de retorno ao grande Outro.

Nesse ponto, por decorrência de uma intervenção de fala da pesquisadora, estabelecendo uma conexão entre o comportamento calado de seu pai com essa mesma característica de seu ex-marido, Ângela passa a falar em tom de voz que se pode interpretar

como confessional, podendo-se tomar aí como o estabelecimento de uma relação transferencial. Diz, em resposta a essa intervenção:

Tu nem me fala nisso agora, que quando eu me dei conta, eu não conseguia acreditar. Eu chegava a olhar o H [cita o nome do ex-marido] e ter a sensação que eu, de certa forma, estava vendo o meu pai. Me apavorei! Eu nunca aceitei a tese freudiana de que a gente escolhe as [...] semelhanças de pai nos companheiros, mas aquela com o H foi... foi assim, muito grande. Quando eu percebi isso eu não conseguia nem chegar perto dele, porque eu entendia que existia até um relacionamento incestuoso [risos] naquilo ali de eu ter escolhido uma pessoa ... fisicamente parecida com o meu pai [...] era um horror quando eu percebi essas semelhanças.

Interrogada sobre a incidência dessa descoberta ter se dado na mesma época da morte de seu pai, Ângela só teve a responder: “Tem, tem!”. Relata a falta de apoio de seu ex-marido em face à morte de seu pai, invertendo-se os papéis de forma a que ela precisava consolá-lo, pois ficou em “estado de choque”. Ela mesma teve que fazer sozinha todas as tratativas necessárias aos funerais. Isso fez com que se desse conta que “[...] tinha feito uma grande burrada”. E repete: “Como eu fui burra! Como eu fui burra!”. Faz uma longa pausa que interrompe dizendo: “[...] o meu pai morreu e eu matei o afeto com o H. Matei completamente”. Justifica a dissolução do casamento por dar-se conta de que o ex-marido a deixava sozinha “[...] quando mais precisava da expressão do afeto dele pra me fortalecer [...] vi que sempre estive sozinha”. Ou seja, assim como o pai, H a deixava desamparada frente às adversidades de sua vida. Conclui dizendo: “Assim como o meu pai, era um encargo que eu tinha, assim como a minha família era um encargo que eu tinha”.

Passa, então, mais uma vez, a traçar um paralelo entre as inúmeras semelhanças entre o ex-marido e o pai:

A aparência física... o H era muito claro, que nem meu pai, ambos de cabelo totalmente branco. O H era muito claro como meu pai, a estatura do meu pai, o porte, o peso, a maneira assim de [...] o H era mais tranqüilo, bem mais tranqüilo pra falar, mas também aquela forma meio emocionalmente ausente de tudo que meu pai tinha. O H também tentou ter momentos de explosão na nossa relação, de ficar brabo, de querer gritar [...] mas eu cortei isso aí [...] eles eram muito parecidos, muito parecidos... o meu pai usava óculos, o H usava óculos... muito parecidos [muito riso].

Seu riso parece tentar atenuar a gravidade da revelação. Uma intervenção da pesquisadora questionou sobre sua conduta sexual com seu ex-marido diante dessa percepção da semelhança, uma vez ela ter afirmado em sua fala que se assustou com a questão da sexualidade incestuosa. Sua confirmação de um grande abalo na vida sexual com H (o ex-

marido) veio acompanhada da tentativa de justificar-se, inicialmente, pela decepção que sofreu com ele, para, logo a seguir, dizer que sua “[...] tesão terminou quando tive entendimento de que eu tinha escolhido uma figura do meu pai pra estar do meu lado [...] passei a ter nojo dele, nojo, nojo dele”. Aponta, aí, o que pode ser uma barreira tipicamente construída no período de latência, após o declínio do complexo de Édipo, dentro dos processos descritos por Freud, conforme apontado na fundamentação teórica desse estudo. Muitas questões para análise surgem daí, mas interessa ainda avançar em seu relato pois, na seqüência cronológica de sua fala, que podemos tomar como um processo de associação, passa a relatar um fato que se torna determinante para a análise dessa segunda relação conjugal e para o entendimento das motivações na escolha de objeto, relativamente às implicações de sua constituição subjetiva.

Ângela relata uma cena a que classifica como estupro por parte do ex-marido, e que ocorre no período em que já estavam em quartos separados. Sobre isso, disse não ter falado nunca com ninguém, à exceção de uma amiga muito íntima. Era seu hábito dormir com a porta chaveada, porque tinha medo após anunciar ao marido o pedido de separação. Quando interrogada sobre esse medo, responde à pesquisadora que se referia ao medo de uma invasão sexual. E só então diz: “Que no fim teve, né! Que no fim teve!”. Descreve o ato como um “estupro consentido”, uma vez que não quis causar escândalo. Estavam há um ano e meio sem atividade sexual. Nessa noite, havia deixado, como ela diz, “a porta aberta”. Sobre esse estupro nunca mais voltaram a falar. Ela apenas sugeriu a ele a possibilidade de denunciá-lo, frente ao que ele se desculpou com ela. Encerra seu relato com o riso que marca seus grandes temas nos contatos com a pesquisadora. Na seqüência de sua fala relata que o marido nessa época reclamava que ela andava nua em casa, e diz: “[...] mas não no sentido assim de que eu tava mexendo com a libido dele”. O marido, conforme diz, não tinha mais “tesão” por ela. Pressupõe que seu ato deveu-se a que ele pudesse estar se sentindo humilhado, embora não soubesse do amante que ela tinha nessa época, e com isso quisesse “provar a masculinidade dele”.

Possivelmente as questões edípicas de Ângela estão diretamente implicadas na eleição desse objeto. Ela própria consegue identificar e falar disso. Devemos destacar alguns pontos, a começar pelo estupro que recorre às fantasias incestuosas de Ângela, referindo-se à figura paterna. Quando ela classifica esse fato como estupro consentido, pode haver um motivo inconsciente aí manifesto. Filha de uma mãe autoritária e castradora, Ângela, possivelmente, atua sob efeito de poderosos processos de repressão. O pai, desvalidado pela mãe, precisa ter sua “prova de masculinidade” testada. Coube a H executá-la. Supõe que o H

estivesse humilhado. Rememora o próprio pai, efetivamente humilhado pela esposa (mãe de Ângela) e por sua própria mãe. Um “falo” cuja função é desvalidada por essas mulheres de referência. O estupro se dá, e faz efeito, tão somente pelo contexto criado, como um cenário preparado para uma cena – a proibição estava instalada entre Ângela e H, uma vez que já dormiam em quartos separados e ela, como enfatizou, já havia entrado com o pedido de divórcio. De outro lado, afrouxou as barreiras expondo-se nua aos seus olhos que já nem eram de desejo e, mais ainda, “deixa a porta aberta”. Literalmente deixa a porta aberta para que ocorra o ato e possa vivenciar o estupro clássico da fantasia edipiana feminina. Ela não diz ter esquecido de chavear a porta, já que se referia a chaveá-la a cada noite. Inconscientemente, seleciona as palavras: “[...] foi um dia que eu deixei a porta aberta”. Simbolicamente, a porta aberta reporta ao corpo aberto, à entrada ao quarto e a entrada ao corpo. Podemos pensar, associando as informações de Ângela, distribuídas ao longo de suas falas, nos efeitos que podem ter se dado na sua constituição psíquica ao passar pela experiência, em sua adolescência, aos quatorze anos, tempo em que se reavivam as questões edípicas, de ter que tomar conta do pai doente a ponto de dar-lhe banho. Tal experiência deve ter ativado suas fantasias inconscientes incestuosas de forma poderosa. Somam-se a isso as questões de rivalidade, muito presentes, em relação à mãe. Seu relato dos funerais do pai, sob efeito de riso, pode estar sinalizando a resolução simbólica de uma culpa imaginária, testemunhada pelo alívio advindo dessa morte. O nojo que passa a sentir pelo ex-marido, e o afastamento sexual deste ao dar-se conta das semelhanças com seu pai, apontam na mesma direção. Na morte do pai, H perde a função. Não há mais o que ser feito edipicamente junto à Ângela. E ela o depõe.

Destaca-se que, ao referir-se a um relacionamento atual com um dos homens da *Internet*, Ângela diz que ele tem um perfil que lhe agrada em muitos aspectos, e que até poderia se enquadrar para viverem juntos, desde que fosse possível terem um apartamento contíguo, onde ela pudesse, em determinado momento, separá-lo dela fechando uma porta. Ri muito quando diz esse seu desejo, por dar-se conta que o que deseja é poder desfazer-se desse objeto após seu uso. Podemos pensar que essa porta ela já conhece. Foi atrás da qual o pai se recolheu nos períodos depressivos, separando-se irreparavelmente de seu afeto, instaurando sua ausência, sua negativa, que faz registro na sua atual forma relacional. Não querer morar com um homem, embora esteja há três anos procurando um na *Internet*, e admitir apenas “cueca na cadeira, não mais na gaveta”, pode estar implicado exatamente aí, nessa vivência de abandono infantil com todas as conseqüências psíquicas decorrentes. É possível que, para não

ser abandonada, na evitação desse drama, o reviva pelo inverso – a não viabilização de um relacionamento estável.

Então Ângela retoma seu texto dizendo, ainda sobre as fases sucessivas, que chama de estágios afetivos em relação ao pai: “Só que tem que dar limites àquele doente, e foi o que eu comecei a fazer. A simplesmente não... não dar mais atenção pras coisas que ele dizia”. O distanciamento afetivo que buscou, como solução suporte para os afetos sofridos com relação ao pai, a colocam na posição de “não dar mais atenção” ao que ele diz. Sua palavra é desvalidada por Ângela, que diz de imediato: “Quando eu me separei a primeira vez ele não queria que eu casasse nunca mais, que eu tivesse mais [...] mas eu não dava bola” [risos]. Ângela continua rindo, como obliteração a essa palavra desvalida. “Eles queriam muito que eu voltasse a morar com eles, mas eu não fui morar com eles”. Sua fala é redundante para enfatizar essa negação dirigida aos pais, que se segue por uma longa pausa em seu discurso.

Passa a relatar a causa da briga que teve com o pai. Deveu-se ao que chama de uma “explosão” dele, em decorrência de uma cena banal do cotidiano, quando a irmã derramou café à mesa. Ângela estava em torno dos 21 anos, e a irmã por volta dos doze anos. O pai “começou a surtar e gritar enfurecido” com a criança. Ângela relata ter saído do banho enrolada na toalha, e ela própria surtar com ele, xingando o exagero da reação do pai dizendo-lhe: “[...] que ele ficasse quieto, ele nunca participava de nada, se era só pra brigar conosco ele não precisava falar mais nada. E outras coisas que na época eu aproveitei e disse”. Sua ira reprimida toma forma e “aproveita” para dizer o que lhe falta. Decorreu daí uma crise depressiva do pai, que chorou muito, sendo difícil à mãe acalmá-lo. A mãe lhe pedia que se desculpasse com o pai e ela dizia: “[...] não vou falar com ele [...] não sou eu que tenho que pedir desculpas”. E ficou um ano sem lhe dirigir a palavra. Está aí implícita a dívida do pai – devia-lhe desculpas, à Ângela, pelo desafeto. Possivelmente não se tratava do desafeto da cena cotidiana, mas do que ele lhe devia enquanto posição fálica falida, que custou a Ângela suas dificuldades relacionais, por conta de escolhas de homens que decorreram em relações frustrantes pela identificação inconsciente às imagos parentais. Seu primeiro marido é alvo de transferência de sua relação com o pai – cabe a ela cuidar das suas irresponsabilidades e inseqüências financeiras. Seu marido, no lugar de seu pai, e ela própria, no lugar ocupado pela mãe frente ao pai. Mesmo lugar que ela própria passa a ter que ocupar junto ao pai quando adulta – a que cuida.

Segue sua fala ainda referindo-se à briga com o pai: “[...] aquele dia eu não fiquei mais quieta. Então, assim como eu abaixei a cabeça muito tempo e me acomodei àquela situação, também tive uma [...] minha mãe [...] eu era adolescente, jovem [...]”, e passa, a

partir disso, a relatar seu relacionamento atritado com a mãe na juventude. E, nesse relato (tomado no texto do relacionamento com a mãe), apresenta o pai como “simplesmente ausente”, deixando-a entregue à manipulação do desejo sádico da mãe que a toma como objeto, nessa dimensão. Segundo ela, ele se fechava e “[...] não dizia nada, especialmente pra mim”. Aí se escuta, no discurso latente de Ângela, que algo dele era esperado, uma ação, uma palavra que fizesse o corte dessa mãe sobre si, que a salvasse, que intervisse operando a função, no plano imaginário, da dupla proibição do segundo tempo edípico, descrito por Lacan, na fundamentação teórica desse estudo: “Não te deitarás com tua mãe” e “Não reintegrarás o teu produto”. Era preciso, e ela assim o esperava, que o pai fizesse essa castração. Tratou, enquanto adulta, de buscar saber na enciclopédia o que impediu o pai de fazê-lo, e assim, simbolicamente, o reconstituiu como pai, via sublimação.

Segue sua fala dizendo da sua surpresa, após a morte do pai, de saber pela mãe que ele não gostava também do seu segundo marido, ao contrário do que supunha, além de não ter gostado do primeiro. Ela diz: “Eu achei que ele gostava. Achei que ele gostava muito!” [risos]. Seu riso possivelmente denotando o desapontamento por não ter acertado a escolha. Pela dupla frustração de um casamento que não a agradou e nem ao menos a seu pai. Sua escolha objetal comprometida com a difícil resolução das etapas de sua subjetivação se joga nesse riso que, de outro modo, estaria deslocado no contexto. No entanto, ele faz parte do texto. É o próprio texto de Ângela que o repete, repete, a fazer marca com esse riso que sempre chega a termo numa afirmação desconcertante. Como que na tentativa de concerto, de mascaramento a um afeto negativo ele aparece (esse riso) para iludir os bobos. Para revestir de uma falsa alegria e resolução onde algo paira irresoluto na história de Ângela.

A esse tom jocoso, associa a continuidade do seu relato: “Mas o meu pai tinha disso, tinha momentos que ele não gostava de ninguém, nem da gente”. Nem da gente é sua impossibilidade de dizer nem de mim. Tomar a si esse desafeto requer desvios a que a linguagem utilizada por ela, fazendo uso do “a gente” no lugar do “eu”, tratou de dar conta.

Pela mãe, soube que ele (o pai) falava mal dos filhos, embora diretamente ele nunca tenha falado. Temos, aí, o pai literalmente introduzido pela mãe. Na sua falta, após sua morte, quando então já não pode mais falar, embora, na verdade, nunca o tenha feito, é a mãe que fala por ele. Possivelmente como sempre falou, apresentando aos filhos um pai da palavra vazia, da palavra invalidada. E o que tem a mãe a dizer aos filhos após a morte do marido, em seu nome, é que ele não os amava. Os traços do sadismo perverso da mãe, novamente aí se delineiam, deixando rastros na história de Ângela. Sobre-lhe essa herança: saber que o morto não a amava. E a mãe abre esse testamento, atribuindo a cada um o seu quinhão. À Ângela

coube saber dos desapontamentos do pai em relação às escolhas que fez de objeto, uma vez que desaprovou secretamente seus maridos. É possível que esteja aí encoberta a conflitiva narcísica e edípica da mãe enodada em Ângela, sua primeira filha, o que temos analisado nesse estudo na tomada de seu relacionamento com esta. O pai sempre foi intermediado pela mãe: “Ela sempre transmitia todas as informações”, detinha o poder sobre sua palavra, logo, sobre ele. Com ele, Ângela nunca conversou nada de íntimo, de particular.

Ângela relata que a doença do pai se manifestou quando ela tinha quatorze anos, e se deu por ocasião da morte da avó paterna, quando ele teve a primeira crise, que se caracterizou pelo isolamento. “Ele simplesmente nem falava”. Sob ameaça de uma possível tentativa de suicídio, o pai tinha que ser vigiado permanentemente, e cabia a ela, na ausência da mãe que trabalhava, assumir essa função em seu turno extra-escolar. Nessa época, relata, não havia possibilidade de internação hospitalar e a medicação era precária, de modo que o pai sofria crises agudas. Cabia-lhe fazer-lhe a barba, dar-lhe banho e os demais cuidados. Mais tarde, passou a se hospitalizar por períodos de até três meses. O surgimento da doença do pai se dá pelo que também para ela implicou numa grande perda porque, como diz: “Eu amava de paixão essa avó. Essa avó era [...] adorava”. Era uma figura muito presente na vida de Ângela. Comenta que soube, através da mãe (uma vez que esta conversava com o psiquiatra do pai), que o relacionamento de seu pai com a avó era “[...] bem doentio pois ela era uma mulher extremamente dominadora e que ele teria uma relação de amor e ódio muito grande com ela” [risos]. Parece-nos que a repetição desse modelo encarnado por ela e a mãe, agora simbolizado em palavras, causa-lhe o riso. Pois temos presente que ela já descreveu a mãe, segundo suas leituras sobre psicologia de família, como “[...] uma maquininha de fazer esquizofrênico”. Comenta que sua mãe também exercia esse domínio sobre seu pai (como a avó paterna exercia sobre ele), só que de outra forma, como diz, “por debaixo dos panos”, pois temia sua reação explosiva. No seu imaginário, pode ter que afinal a avó obteve mais sucesso que a mãe, levando a termo a função junto ao pai (pai de Ângela).

6.2.4 À Procura do Objeto

Ângela anuncia seu desejo de uma forma curiosa, negativada, falando, antes, sobre o que não quer para, somente ao final, dizer o que deseja. Assim se coloca:

Desculpe, mas não quero conhecer homens com idade inferior a quarenta e seis anos, nem com escolaridade inferior a minha ou casados. Quem está só em

busca de sexo, sugiro que procurem profissionais competentes (não estou aqui para tirar o emprego de ninguém) rs rs rs ... Quero conhecer alguém interessante para dividir momentos de lazer e talvez ... algo mais.

Seu texto, divulgado na *Internet*, responde à seguinte proposta do *site* de namoro: “descrição de quem Ângela busca.” Este é o outro que ela quer, enunciado em seu discurso manifesto. Ela busca, antes de outra coisa, alguém que não seja como ela não quer. O que ela quer está resumido numa incógnita: “lazer e talvez ... algo mais”. O que é o algo mais sobre o que Ângela não sabe, e é bem por isso que não o diz? Há três anos participando dos *sites*, continua à procura. Podemos pensar que, não sabendo o que procura, não o possa encontrar. Pode somente reconhecer o que não quer, por ela definido, e disso se desviar. Quem sabe, justamente nisso se deleitar. Os fatos de sua história o tem testemunhado. Pois seu relato conta de relacionamentos duráveis com homens casados, e relacionamentos passageiros que apontam para a vivência da sexualidade apartada da corrente afetiva. Podemos pensar que é na negativa que ela afirma o desejo que, reprimido, vem negativado.

De outro lado, este “algo mais” que ela busca aponta para duas saídas: a corrente afetiva – por ela negada ao nível de discurso quando afirma: “outro não vou escolher tão cedo”, ou a corrente erótica – por ela também negada, que por medo de ser confundida, logo avisa não ser profissional do sexo. Uma forte carga de repressão está aí em curso nesse anúncio. Sua saída, por não saber como dizer, é deixar no ar uma proposta dúbia, ambivalente e duvidosa: “talvez ... algo mais”.

Seu texto de apresentação pessoal, no campo “descrição do corpo” do *site*, também marca a ambivalência, os pares de opostos, a afirmativa acompanhada de seu contraditório: “Não perderei tempo falando sobre meu corpo, minha foto esta aí ...” Ela afirma que não falará do que, de fato, já está falando – de seu corpo. Acha uma perda de tempo, o que implica que há aí algo sobre o qual devemos nos debruçar para análise. Sua relação corporal, analisada na tomada do relacionamento com a mãe, indica uma vivência narcísica que não lhe trouxe júbilo o suficiente para hoje querer, ou poder, falar disso. De saída, avisa que disso ela não quer falar. E nessa negativa, o indicativo. A seguir, declina o motivo: “Luto com uns quilinhos a mais ...”, indicando um ideal-do-eu distante do eu-ideal, como decorrência da resolução do estágio do espelho. Ao longo de suas falas, Ângela dá outros indicativos do seu comprometimento com uma imagem de corpo negativada. Diz: “[...] Aí, de repente, eu chego, tiro a roupa, paro na frente do espelho e penso, tu também ta virada num bofe” [risos]. A imagem de si refletida no espelho não satisfaz seu narcisismo hoje, assim como, possivelmente, na experiência do estágio do espelho, fundante da identificação primária.

Tomando o referencial teórico temos, segundo Dolto, que a imagem corporal é o lugar do desejo, relativamente à representação psíquica do corpo gerada pelos investimentos libidinais. Pela análise da relação de Ângela com a mãe, fica claro que os investimentos libidinais não foram adequados à formação de uma imagem corporal satisfatória. Da mesma forma o pai, como figura fundante, comprometido com uma doença que implica na ausência afetiva nos relacionamentos, também ele não pode lhe dar plenamente um olhar constituinte de admiração. Assim Ângela completa seu pensamento, logo a seguir, em sua fala: “[...] se eu fosse homem eu também não ia me querer”. A seguir, diz: “Estou envelhecendo”, e, podemos pensar, que é a voz do grande Outro materno que aí fala por ela, através dela, fala ela. Aí o “isso” fala. Segue em seu anúncio: “Tenho quase tudo que quis”. Usa, nessa expressão, dois tempos verbais, criando uma mensagem ambivalente. Afirma ter, no presente, coisas que de fato quis no passado e as nomeia “... já viajei muito por outros países, já casei, descasei.” Não há uma afirmativa em tempo presente. Só depois é que vai dizer: “agora gostaria de ter um namorado”, e este anúncio soa uma certa condicionalidade, desperta dúvida. Ao dizer: “gostaria de ter”, não aplica um verbo afirmativo em tempo presente. Na seqüência de seu texto ainda diz: “... não me considero bonita, mas também não sou feia”. Um par de opostos é a sua busca de definição. No outro campo do *site*, chamado “apresentação pessoal”, diz: “... gosto de fazer e estar com amigos, mas não abro mão de minha privacidade. Sou espontânea, mas reservada, simples, mas exigente”. O “mas” separa em opostos seus desejos. Sabe-se, tomando o referencial teórico desse estudo, que o desejo fica suspenso à busca, ao reencontro da primeira experiência de gozo. Ângela, intimada a significar seu desejo, proposta explícita nos *sites* ao preenchimento dos quadros de inscrição nos programas de procura do par amoroso na *Internet*, presentifica seu assujeitamento ao universo dos significantes do seu grande Outro, em busca do a-mais do gozo que ela, na falta de melhor dizê-lo, o chama de “algo mais”. Seu pedido de algo mais é o pedido do a-mais do gozo. Seu reencontro de gozo, forjado na sua história a partir da sua subjetivação, tem um lugar de encontro marcado: na ambivalência, nos pares de opostos que remontam à sua primeira experiência de gozo. O pai, objeto do desejo da mãe, e seu próprio objeto na vivência edípica, é bipolar. O próprio nome do transtorno contém a enunciação do desejo em Ângela. Sim, o desejo “em” Ângela, uma vez que o desejo “é” nela. Sua vida é marcada de forma contundente pela presença-ausência dessa figura que ela própria descreve como “marcante” – seu pai. Em torno da trama desse casal parental se dá o embricamento de seu narcisismo, suas identificações e é aí que vivencia o complexo de Édipo. Seu desejo, como desejo inconsciente de retorno, de reencontro, gira em torno dessa ambivalência.

Ângela diz não acreditar “nessa coisa de par perfeito”, procura um companheiro para conversar. Sua experiência fundante não lhe dá subsídios suficientes para sustentar tal crença, o que está analisado nas tomadas de seus relacionamentos parentais. A concepção do “par perfeito” ou “alma gêmea” implica numa vivência positivada do narcisismo, pois implica na idéia usual do “nós dois somos um só” comentada no referencial teórico desse estudo. Sabe-se que há um rechaço da mãe dirigido à Ângela, há, endereçada a ela, uma crítica depreciativa intensa, a mesma que a mãe endereçava ao seu pai (pai de Ângela). Tanto do lado da relação mãe-filha, quanto do lado da identificação com a imago paterna, implicada na depreciação recebida pela mãe (pela mãe de Ângela, sua esposa, e também pela própria mãe, avó de Ângela), de qualquer modo, Ângela está marcada pela inviabilização de um par perfeito. Há um abalo narcísico à sua imagem, implicado na sua escolha objetal. Aqui importa retomar sua palavra: “[...] se eu fosse homem eu também não ia me querer.” Então, o que pode desejar é o que lhe falta: um companheiro, alguém para conversar, porque sua vivência é de solidão e abandono emocional, de uma certa rechaça vinda de parte a parte do casal parental – do pai, impedido pela doença, e da mãe, impedida por sua problemática narcísica e edípica.

Num recorte de sua fala, Ângela diz: “[...] enquanto o par perfeito não chega, a gente vai aproveitando o que está próximo” [riso]. Aí está implicada, inicialmente, a afirmativa do que antes negou, a possibilidade do par perfeito, e, a seguir, podemos pensar que suas vivências foram de acomodação mais do que de satisfação. “Aproveitar o que está próximo” implica numa certa resignação com uma condição imposta de certa forma paralisante. O relacionamento com o pai implicou em poder aproveitar o que dava, enquanto dava – passear com ele, comprar revistinhas, fazer lanches na rua (coisas que a mãe lhes negava, aos filhos), antes que ele se ausentasse na crise depressiva e se tornasse inabordável. Aproveitar o próximo, na impossibilidade de aproveitar o distante em que o pai se tornava. Seu pai era a figura do estranho-conhecido, o presente-ausente. Dele, ela nada pode nunca saber: “não conseguia sentir o meu pai [...] ele era meio emocionalmente ausente de tudo”.

Voltando ao texto que Ângela coloca no *site* da *Internet*, ela preenche o campo “procuro” com a seguinte expressão: “quero amizade, romance e relacionamento sério, essas três”, e salienta não querer homens casados e mais moços que ela. A seqüência da análise de sua fala vai apontar para a incompatibilidade da enunciação de seu desejo com suas vivências relacionais, e elucidar a ambivalência presente em seu discurso relativamente a eleição do objeto.

No segundo encontro de Ângela com a pesquisadora, ela comenta a grande incidência de homens que usam uma forma de comunicação impessoal nos *sites* da *Internet*, o

que poderemos situar no campo da linguagem do fala-ser, descrito por Lacan, conceito abordado na fundamentação teórica desse estudo. Com isso introduz seu próprio fala-ser no que não pode ser tomado ao nível de consciência: “[...] não tenho coragem de dizer, abrir pros homens o que eu procuro, os meus sentimentos, por enquanto eu estou um pouco burocrática na minha linguagem”. Ângela convive com a dificuldade de enunciar o seu desejo. Anda às voltas entre dizer o que não quer, na negativa, e não saber o que dizer. Quando diz que “não tem coragem”, sugere estar lidando com conteúdos reprimidos, sob efeito de forte fator de repressão. A ação superegóica fundada no grande Outro materno opera nesse sentido, tolhendo-a na expressividade do desejo.

A análise dos relacionamentos mais prolongados que Ângela teve a partir dos encontros da *Internet* podem ajudar na compreensão de como as questões de sua subjetivação estão implicadas na eleição do objeto. O primeiro deles, com quem esteve cerca de oito meses, ainda no período do seu segundo casamento, era um homem casado, “estrangeiro” como ela define, não a atraía fisicamente, mas dava-lhe atenção, era carinhoso, inteligente e lhe permitia, como ela diz “... me ver de novo como ... como uma mulher desejada”. Era “tipo amante latino [...] sem ser aquela coisa pegajosa”. Era alcoolista e tinha a saúde comprometida. Ao seu retorno ao seu país, continuaram amigos, correspondendo-se por *e-mails* esporadicamente. Dele, ela diz: “[...] não sei se ele tá vivo ou já morreu”. Podemos supor tratar-se de um objeto que encarna o estrangeirismo fundante nas vivências infantis de Ângela. Configura-se como um homem presente-ausente, que está no Brasil mas vai voltar para o seu país, como o pai voltava para o que podemos chamar de o seu país distante, mandando mensagens esporádicas. Um homem casado, impedido como o pai, e, por garantia desse interdito, um homem que não a atraía fisicamente. Somado a isso, a valorização acentuada da corrente afetiva reporta à repressão da corrente erótica – ao final do romance, tornaram-se amigos. O que reaparece nos relatos de Ângela ao descrever outros finais de relacionamentos amorosos. Agradava-lhe, no relacionamento com esse homem, ver-se como uma mulher desejada, embora ele não a atraísse fisicamente, o que reporta novamente ao desejo do desejo do outro. Mas, em Ângela, esse desejo esbarra aí, sem que ela lhe dê retorno, simbolizado pela afirmativa de não se sentir atraída.

No alcoolismo, podemos entender mais uma configuração dessa presença-ausência, desse afastamento do eu que se dá no nível do funcionamento de um sujeito alcoolizado. Sua “saúde comprometida” remete novamente à figura paterna. Se está vivo ou morto, ela nunca soube ao certo sobre o pai. A interpretação nos conduz a identificar nesse relacionamento a

ação de processos transferênciais e identificatórios com as imagos paterna e materna. Ângela escolhe o objeto identificado ao objeto escolhido pela mãe.

O segundo relacionamento, com quem esteve cerca de um ano, ainda no período do seu segundo casamento, era um homem casado, com quem se estabeleceu uma “atração à primeira vista”. Descreve-o como “ótimo amante e muito amigo”, deu-lhe apoio emocional e ajuda na resolução de problemas práticos de vida. Seu sentimento sobre esse relacionamento era: “Meu Deus do céu, eu não mereço tanto!”. Ângela relata que teve medo de conhecê-lo e hesitou ao marcar o primeiro encontro. Encerrado o namoro, continuaram amigos. Nessa escolha objetal, Ângela parece reunir a corrente afetiva à corrente sensual num mesmo objeto, no entanto, trata-se de um relacionamento paralelo, uma vez que ainda permanecia casada e morando com o marido, embora dormindo em quartos separados. Implica, portanto, mais uma vez, na separação dessas duas correntes libidinais, impossibilitadas de se viabilizarem num mesmo objeto, como decorrência da forte repressão a que Ângela esteve exposta em suas vivências infantis. Importa, ainda, destacar o sentimento de não merecimento dessa satisfação, que aponta para um comprometimento na sua formação do eu-ideal e do ideal-do-eu, tendo em vista a vivência da fase narcísica e edípica descritas nas tomadas dos relacionamentos parentais.

Além desses dois relacionamentos, relata inúmeros outros encontros que “não deram em nada”, ou se resumiram numa “experiência sexual.” Chamam atenção algumas falas de Ângela que sinalizam questões nodais na forma como lida com a escolha objetal, que passaremos a analisar. Primeiramente, refere-se a um homem com quem mantém contato, via *Internet*, que descreve como “é gato demais pra mim”, o que novamente reporta ao comprometimento da formação de uma auto-imagem empobrecida em decorrência das vivências infantis.

Um outro homem com quem se comunica, morando em outro estado, ela assim o descreve: “... ele não tem nada, absolutamente, a ver comigo”. Pode estar aí operando uma identificação com a imago materna no que diz respeito à eleição de um objeto na base do “é melhor isso do que nada”, já abordado na tomada do relacionamento com a mãe. Reforça a afirmativa de Ângela de “aproveitar o que está próximo”, implicando na impossibilidade de aproveitar o que está distante – aqui tomado na dimensão do inacessível. Podemos interpretar como uma expressão do efeito da castração, implicando nos volteios à “coisa”, por saber a ela não poder ter acesso. De um lado um homem que lhe parece “bom demais” para si, portanto inalcançável como objeto de desejo, e de outro, um homem que “não tem nada a ver”, insuficiente por não comportar o significante que o qualifique a objeto do desejo.

Relata sobre um outro homem, ainda, a quem chama de “meu objeto de afeto”. Comunicam-se há um ano, conhece seus filhos pela *webcam*, e o descreve como “uma pessoa fantástica”. Trata-o diferentemente dos demais, com “palavras carinhosas, apaixonada pra ele”, como trata as “pessoas que são caras” a ela. Ângela não aceitou sua proposta de sexo virtual. Alguns aspectos a destacar nessa relação que, embora já tenham sido abordados, reforçam os pontos já interpretados na análise dos outros relacionamentos, e importam para marcar a incidência da repetição, implicando aí marcas do traço unário, do significante. São eles: o estrangeirismo, a inacessibilidade, separação da corrente libidinal erótica da afetiva – as pessoas que lhe são caras não podem ser desejadas, supõe-se, por efeitos da ameaça de castração.

Além desse, conversa com alguns homens de outras cidades, ou homens casados. Objetos obstaculizados de uma forma ou de outra, e que oferecem a garantia de não unificação das duas correntes libidinais.

O relato de Ângela na segunda etapa dessa pesquisa, transcorridos seis meses da primeira etapa, apontava para relacionamentos que podemos tomar como incidências repetitivas. Um deles refere-se a um homem que conheceu na *Internet* que se caracteriza por ser “uma companhia agradável, inteligente” mas que, em função da idade, tem problemas de impotência. Além disso, recorre a muitas medicações pelos comprometimentos de saúde que tem. Sobre ele, Ângela diz não ter qualquer expectativa.

Volta a referir-se ao homem que namorou durante um ano, que era especialmente bonito (o que descreve como “muita areia pro meu caminhãozinho”) e faz aí uma revelação nova. Inicia por referir-se à sua beleza, salientando: “nunca vi um membro sexual mais lindo que o dele”, e ainda: “oh, na cama ... ele agrada porque assim, é ... perfeito!”. Segue por dizer ter lido a respeito de que os homens que sabem que têm um “membro bonito e tesudo” esquecem as preliminares por achar que encantam uma mulher com sua beleza. E, por fim, conclui, referindo-se a ele: “ele tem ejaculação precoce”. Importa em dois aspectos, especialmente, sua fala. Um deles refere-se ao momento tomado para essa revelação. Chama a atenção o fato de que nos outros relatos, há seis meses atrás, referiu-se muito a esse homem, colocando sempre os aspectos positivos do relacionamento com ele, para tão-somente agora abordar a sua insatisfação sexual nesse relacionamento. O outro aspecto refere-se ao conteúdo da revelação, apontando para os seus próprios comprometimentos na área da sexualidade, uma vez que toma como perfeito e namora por um ano, um homem que não a satisfaz sexualmente. Além disso, e justamente por isso, podemos supor, está novamente implicada a inviabilização da unificação da corrente libidinal erótica e afetiva no mesmo objeto.

Ao final do relato, Ângela aborda duas questões que precisam ser consideradas. Uma delas se inicia por sua afirmativa: “O meu envolvimento com os meus familiares é tanto que de repente pode assustar algumas pessoas”. A partir disso, comenta ter quatro sobrinhos e dividir com seus irmãos as tarefas relativas aos seus cuidados, o que lhe toma muito tempo, por vezes todo o final de semana. Aponta isso como um impedimento para estabelecer um relacionamento. É possível tomar essa fala em dois aspectos. Primeiro, no sentido de que esta questão possa se colocar, para Ângela, como forma de mascarar um impedimento relacional de outra ordem, de acordo com o que tem sido analisado nesse estudo. De outro modo, podemos tomar a sua fala particularmente na articulação de um dizer da ordem do inconsciente. Literalmente, o envolvimento de Ângela com os familiares, sob o ponto de vista psíquico, e não no sentido prático proposto em seu conteúdo manifesto, pode “assustar de repente algumas pessoas”. É possível que seja de seu próprio susto que esteja falando, sem saber que fala. Há um conteúdo latente nesse discurso que aponta para o que, em algumas tomadas, Ângela vislumbra acerca das implicações das vivências das suas relações parentais na escolha do par amoroso. Alguns desses vislumbres já foram analisados no transcurso dessa análise.

A outra questão está implicada nessa primeira e refere-se à dúvida que Ângela se coloca: “Eu até me questiono até que ponto eu realmente tô querendo encontrar alguém [...] Até que ponto eu não fico com alguém porque ele não preenche o perfil que eu quero, ou até que ponto realmente a pessoa chegou com aquilo que eu queria e agora não quero mais” [pausa]. Há, aí, uma pausa mesmo, onde Ângela se vê convocada a saber do seu desejo. Desejo tão confusamente enunciado e tão contraditoriamente experienciado, conforme se observa em seus relatos. A seguir, diz sentir dor de estômago quando pensa e avalia os seus casamentos, e diz: “Eu não tenho mais condições emocionais”. Logo, conclui que também o modelo do casamento dos seus pais lhe deixou marcas. Diríamos, ao contrário, que foi a experiência com os pais, como fundante, a origem de sua dor de estômago. Os outros decorreram daí.

Ângela escreve para um homem da *Internet*: “[...] no fundo, no fundo, todos nós queríamos encontrar um amor que fosse maior que os nossos fantasmas”. Podemos tomar essa como sendo, de fato, a grande enunciação do seu desejo. Podemos tomá-la como enunciação que comporta a definição do objeto do desejo como tal.

6.2.5 *Internet*: um meio

Ângela diz ter escolhido a *Internet* como meio de acesso ao namoro por se tratar “da realização de um sonho muito íntimo de poder me comunicar com pessoas sem que elas me vissem, sem que tivessem no meu corpo, na minha imagem o motivo principal de estarem, vamos dizer assim, conversando comigo, me apreciando”, como já o dissemos, e aqui importa repetir. A escuta de Ângela, na seqüência de sua fala, permite a interpretação dessa afirmativa dentro da sua história das vivências do narcisismo, suas identificações e o complexo de Édipo. Utilizar a *Internet* como meio de acesso a um objeto pode estar no lugar de garantir a preservação, pelo menos inicialmente, de expor uma imagem de corpo – aqui entendido na extensão do corpo psíquico – imagem essa muito comprometida pelos processos de subjetivação a que esteve submetida.

Enfatiza várias vezes em sua fala que os *sites* da *Internet* são um jogo de sedução e muita mentira, enganação. Quanto a si mesma diz: “[...] eu levo numa brincadeira, mas procuro sinais de uma coisa verdadeira. No momento que tu não acha sinais, cai fora! Ou então entra na história sabendo que é uma brincadeira”.

Relata já ter conversado, na *Internet*, com pessoas com uma vida muito diferente da dela – homossexuais, garotos de programa, mulheres de programa, psiquiatra tarado, praticantes de sexo virtual – e diz: “[...] pra mim é um laboratório aquela telinha”. Reporta-se, muitas vezes, à aprendizagem que tem podido fazer através dessas experiências da *Internet*, especialmente no sentido de se preparar melhor para conhecer o outro e não se deixar enganar. É possível ligar essa fala de Ângela com o que diz a respeito da escolha objetal de sua mãe. Diz: “Ela caiu no conto do dentista porque meu pai dizia que ia ser dentista, logo o meu pai que não podia ver sangue” [risos]. Com isso, fala do engodo vivido pela mãe com um homem como seu pai que se mostrava “maravilhoso, encantador” e ela não sabia de sua doença. Diz que na *Internet* aprende a olhar para isso: “[...] aquilo que as pessoas aparentam ser é diferente daquilo que tu descobre que elas realmente são”. Para ela, é um jogo que precisa aprender: “[...] depende da capacidade que o outro tem de esconder e a capacidade que tu tem de descobrir os sinais [...] eu fico atenta aos sinais”. Podemos pensar que a *Internet*, de certo modo, atualiza seus afetos infantis na medida em que também esteve submetida a vivências infantis onde tinha de estar atenta aos sinais. Cabia-lhe, inclusive, por algum tempo, ocupar-se dos sinais de um possível suicídio do pai.

Era preciso que aprendesse a lidar com os sinais que lhe permitiam ou não rir à mesa, os sinais da mania ou depressão do pai em crises alternadas. Descobrir esse outro escondido dentro do Outro foi, para Ângela, particularmente um jogo infantil, que hoje atualiza na *Internet*. Importante ressaltar que Ângela se refere à *Internet* também como um jogo de sedução, “mentira e sedução”, sendo a mentira tomada como artifício da sedução. Pode estar aí simbolizada a carga erótica reprimida na sua relação edípica com o pai. De outra parte, a mentira na *Internet* remete a descrição de sua mãe como hipócrita.

De sua parte, também trata de jogar – mente a respeito de si, para seduzir na *Internet*. E justifica: “para não abrir muito” sua identidade e para “[...] me valorizar mais diante deles [...] Já tô sabendo dar balão”. Seu argumento está implicado na mesma questão da formação do ideal-de-eu, já abordado.

Argumenta sobre a *Internet* exigir cuidados no seu uso como meio, pois pode implicar num vício. Possivelmente é de si mesma que fala quando coloca esse tema de forma impessoal. Especialmente considerando o longo período de tempo em que é usuária dos *sites* de busca de par amoroso (três anos), implicando numa possível incorporação de hábitos.

É possível que a *Internet*, como intermediação entre o sujeito e o objeto do desejo, para Ângela, tenha uma função especial pela viabilização da (re)vivência de uma relação com a presença-ausência do outro de forma peculiar. Estar com um presente-ausente a quem enderece sua demanda de amor é a experiência infantil de Ângela com o pai bipolar, um sujeito que está e não está alternadamente na dimensão da bipolaridade. Tomar um recorte da fala de Ângela, quando se refere ao relacionamento com a mãe, permite, também, uma interpretação dos fins justificando a escolha do meio (*Internet*). Ela diz “[...] nós não podíamos nem nos olhar”. O olhar, na *Internet*, não se estabelece de forma direta. Mesmo o uso da *webcam*, que Ângela adota, dá um distanciamento ao olhar do outro, o olhar difícil de encarar em sua vivência relacional com a mãe. De outro lado, o pai em crise, com o olhar ausente, ou de “óculos escuros sentado na sala escura”, também é a vivência da falta de olhar. Nessa medida, a *Internet* pode estar servindo como meio por assegurar à Ângela a (re)vivência do acesso ao outro, no lugar do grande Outro parental, através desse olhar desfocado.

É possível, ainda, que o uso da *Internet* como meio esteja ligado aos fins a que Ângela ascende só ao final do último encontro com a pesquisadora, ou seja, de não saber sua demanda. Desconhece seu desejo, não sabe até que ponto quer encontrar alguém. Nessa perspectiva, deletar pode vir no lugar do deleitar. Então fica às voltas, entrando e saindo do ar,

atualizando, pela repetição do traço de sua marcante história infantil, as entradas e saídas do ar de seu pai – objeto do seu desejo.

6.2.6 Educação: Ângela foi à escola!

Ângela foi à escola e, no entanto, nada dela falou quando, ao longo dessa pesquisa, falou de sua vida, de seus hábitos, da família, de seus temores, seus amores. Apresenta o relato de sua vivência escolar de forma breve e pejorativa, demonstrando não ter sido uma experiência enriquecedora: “Estudei em colégio interno, só de meninas, não quero mais saber. Acho que a convivência dos gêneros é muito boa”. Pressupõe-se daí a ação da escola como fator de repressão libidinal.

A escola aparece em seu discurso de forma indireta, quando fala do nível cultural dos homens na *Internet*, e de sua intenção em conversar com quem tenha o mesmo nível de escolaridade que ela. Mas não menciona nisso a implicação de sujeitos mais preparados para lidar com as questões afetivas. Ela própria, com bom nível cultural, referindo-se às suas decisões amorosas nas escolhas dos dois maridos que teve, proclama: “Que burra que eu fui! Que burra!”.

Mas menciona, em sua fala, por duas vezes, o trabalho de psicoterapia que fez e que a auxiliou no entendimento de algumas questões. Uma delas lhe permitiu dar-se conta de que seu segundo casamento consistia na repetição de sua relação com o pai, estando implicadas as suas questões edípicas, conforme já analisamos. Ângela chega a citar Freud. Seu depoimento é de que na análise encontrou subsídios para suas questões afetivas, através de um reordenamento significativo das suas vivências. Suas repetições tem a ver com o não ter como parar, uma vez que falta a possibilidade de dar um novo encaminhamento para uma tal demanda. Fora da terapia, nenhum espaço lhe foi oferecido para isso.

Quando Ângela relata que aos quatorze anos cabia-lhe a função de cuidar do pai doente – sob ameaça de suicídio – no seu turno extra-escolar, é a segunda vez que cita a palavra escola. E sobre isso, nada mais. O que implica que, acerca disso, lá nada se dizia. Não era um espaço onde pudesse falar dessa angústia existencial que tomava a sua vida por inteiro. É possível que algum colega soubesse disso, mas a escola, ao que parece pelo silêncio de Ângela, nada sabia. Que escola era essa que recebia essa aluna? Ângela ia para a escola, literalmente, de mochila cheia, com uma carga pesada demais para uma adolescente, e, possivelmente, seus professores não sabiam disso. Era época de lidar com suas próprias questões de uma sexualidade emergente, na adolescência, ao mesmo tempo em que lhe cabia,

diariamente, banhar o corpo do pai e dele se ocupar. Tempo em que, psiquicamente, tinha que dar conta de seu próprio corpo.

Aprendeu, certamente, várias e indispensáveis coisas e culturas na escola. Mas hoje, na *Internet*, busca conhecer os jogos relacionais que se estabelecem nessa interlocução de mentiras e sedução. Busca aprender a escutar a palavra vazia e a palavra plena do outro. Busca aprender a se valorizar diante do outro. Busca a convivência dos gêneros que foi negada na escola. Busca saber do seu desejo. Lições que não foram trabalhadas e que hoje são cobradas em sua vida adulta, quando se depara com a função de apresentar sua demanda e eleger um objeto para o seu desejo.

Na vida de Ângela, nesse sentido, a escola não apresentou nada novo, a não ser a repetição da experiência de conviver com uma ausência na presença. Com o silêncio em torno da sua angústia. Com um outro que não fala, que não responde ao chamado do sujeito, sujeito que espera dele uma resposta porque esse é seu papel – de responder suas demandas. A escola, se colocada como o grande Outro social, ofereceu à Ângela a mesma infeliz vivência de seu grande Outro parental – estabeleceu com ela uma conversa de surdo e mudo. A escola não se presentificou na sua vida a ponto de fazer diferença no que hoje lhe importa. Na falta disso, trata de aprender com seus próprios erros.

6.2.7 Considerações

Ângela é uma mulher que transita entre os processos inconscientes que orientam seu desejo – e, como tal, estão implicados nas suas escolhas de par amoroso – e uma certa consciência dos fatos de sua vida pregressa, presentificados nas suas vivências atuais. Buscou sublimação na apreensão de um certo conhecimento intelectual que lhe desse algum suporte para sustentar suas experiências ameaçadoras à constituição egóica. Quando diz que o seu desejo, “no fundo, no fundo”, é de “um amor maior que seus fantasmas”, ronda em torno de sua verdade, sem, no entanto, a ela poder acessar. Sabe onde ela está, mas não tem a chave de acesso à ela, por ser presa das repressões, que jogam ao inconsciente isso que ela busca saber nos livros de psicologia familiar. Por força dos processos repressivos a que está submetida, apresenta-se confusa sobre seu desejo e, conseqüentemente, sobre quem possa encarnar esse desejo. Então, sem que o perceba, a ambivalência rege o jogo de sua eleição de objeto. Diz o que quer, mas não quer o que diz. Suas vivências amorosas, apartadas do seu discurso, são um indicativo. O que há de comum nos homens que escolhe, e que implica na determinação de uma constituição de funcionamento enquanto casal, embora ela todo o tempo negue, é sua

identificação aos modelos parentais. Assim é, que o primeiro e o segundo marido, ambos estabelecem com ela uma relação de dependência onde ela, como a própria mãe, tem de atender sua fragilidade emocional e, no primeiro caso, até financeira. A escolha de marido seguiu o modelo paterno (o homem fragilizado e distante emocionalmente), pela possibilidade de repetir o tipo de relacionamento que teve com a mãe. Dos namorados da *Internet* depreende-se a repetição insistente na vivência de uma relação onde a corrente afetiva e sexual não se encontram no mesmo objeto. Se ama, não deseja; e, se deseja, não ama. Além do que, são relacionamentos estabelecidos com um objeto interdito, por um motivo ou por outro, remontando ao Édipo. A assimetria é uma característica desses relacionamentos, onde, ou o homem é demais para ela, ou não lhe exerce atração, ficando ele, então, na posição de desvalido eroticamente.

Pela ferida narcísica, forjada na vivência de uma relação materna conturbada pelos comprometimentos narcísicos da própria mãe, Ângela tem uma imagem de si comprometida à nível do corpo.

Seus processos de subjetivação, particularmente nas questões do narcisismo, das identificações e do complexo de Édipo, somos levados a supor, presentificam-se na problemática das suas relações atuais. O outro atual, como desdobramento do Outro ancestral, a lança a relacionamentos que reportam às cenas primevas e se tornam, assim, lugar de segurança e rechaça, paralelamente, pelo que de insuportável de sua história de afetos atualizam. Suas escolhas objetais lançam-na a se deparar com homens que reavivam a sensação da presença-ausência, marca indelével da relação com o pai.

Os processos transferenciais dessa figura paterna ficam acolhidos pelo meio que Ângela escolhe para procurar um par. É um meio especialmente propício para a (re)vivência da presença-ausência. Por isso, para Ângela, propomos que o meio escolhido – a *Internet*, está justificado pelos fins – reviver afetos infantis de presença-ausência instaurados pela relação com o pai.

O protótipo de toda relação de amor é a criança ao seio da mãe, e o encontro de um objeto é o reencontro desse seio, conforme nossa fundamentação teórica. Daí se dá a que Ângela eleja sempre homens que não acolhem, que não olham, que não cuidam, que, como ela diz, “não a tomam como mulher”, que a deixam sozinha. Na escolha de objeto, parece-nos, só tem podido retornar a esse protótipo relacional instaurado.

De outro lado, temos, na fundamentação teórica desse estudo, a proposição lacaniana de que a relação da criança com o falo se estabelece na medida em que o falo é o objeto do desejo da mãe. Na particular história de Ângela, que aqui retomamos brevemente, temos que

o falo, do lado do pai, é um falo desvalidado pela mãe, que o deprecia. O significante falo que opera no complexo de Édipo é de um falo inoperante, depreciado. Na relação com a mãe, Ângela se identifica ao significante fálico, sendo ela própria desqualificada pela mãe, oferecendo-se dessa forma, portanto, como objeto de seu desejo. Na condição de querer ter o falo, Ângela vai buscá-lo junto ao pai e encontra aí essa figura dúbia de quem ela não sabe se o falo vale ou não vale. E por fim, identificando-se à mãe, busca, por um processo metonímico, um outro que possa valer (ou menos-valer) pelo Outro. Assim é, que suas escolhas se concentram em homens cujo significante fálico deixa uma brecha, não sustentando a satisfação do desejo de Ângela. Como ela mesma diz, essa é sua pequena história.

6.3 RO, O SUJEITO DA PESQUISA

*[...] eu nunca acho (um homem) que é suficientemente bom pra aquele buraco que tem que ocupar...**

6.3.1 Apresentação

O sujeito da pesquisa, aqui, foi tratado pelo nome Ro. Trata-se de uma mulher de cinquenta anos, com nível superior, aposentada. Esteve casada durante dezenove anos e está separada há oito anos e meio. Tem uma filha de vinte e dois anos.

Participava, há cerca de um ano, do *site* da *Internet* chamado Par Perfeito.

Enuncia, nesse *site*, seu interesse em encontrar um par amoroso, identificando-se por apelido e expondo sua fotografia.

6.3.2 Relacionamento com a Mãe

“A gente se encontra muito, pelo menos uma vez por semana eu falo com minha mãe”. Assim inicia sua fala sobre a mãe. Ro descreve uma relação familiar muito intensa também com os irmãos, o que chama a atenção pela sua afirmativa de que se sentiu “sem família” quando se separou do marido.

Descreve a mãe como uma pessoa muito ativa. Ela tem um sítio. Diz: “Ela é muito... ela é muito assim, vive a vida dela”. O que, no discurso manifesto, aparece como “cuidar

* Ro, sujeito da pesquisa.

muito da vida dela”, reforçado pela pausa que antecede esse dito, podemos entender que signifique, no discurso latente, não atender a um anseio de Ro de que essa mãe cuidasse um pouco (ou muito) da sua vida também, na condição de sua filha.

Relata que veio a saber, quando adulta, que a mãe casou-se com seu pai sem amá-lo. Era apaixonada por um homem casado. “E aí ela sabia que não tinha jeito, então ela casou com ele (seu pai) porque ele era um cara legal... era um cara legal, era bem humorado, seria um bom marido e um bom pai [...] e levou assim”. Chama a atenção, inicialmente, que em sua autodescrição no *site* de namoro na *Internet* Ro se apresenta como “bem humorada” e “honestíssima”, procurando um homem também “bem humorado, bom caráter e honesto”. Em sua fala, faz uso constante do humor, apresentando-se como uma pessoa muito bem humorada, de fato. Parece ser uma qualidade que ela tratou de desenvolver por identificá-la como poderosa moeda de barganha no comércio relacional, o que tomou por empréstimo das relações parentais. Foi o que fez valer seu pai junto à mãe, na falta de despertar-lhe “paixão”.

Após muitos anos, esse homem a quem a mãe amava quando solteira reapareceu, e por ele ela “largou o casamento”, sendo que seu pai “ficou na casa com as duas filhas ainda” (Ro e o irmão já estavam casados). Ro descreve esse homem, “mais velho uns vinte anos” do que sua mãe, como “sem vergonha, mulherengo, um tipo super escroto... que ainda continuava casado há cinqüenta anos com sua mulher e tinha uma amante fixa há vinte e sete anos”. E conclui: “mas ela (sua mãe) era apaixonada por ele”. Estiveram juntos e separaram-se várias vezes porque com ele “[...] era só problema”. Diz que a mãe não agüentava porque ele “bebia feito um louco”, o que causava as separações. Assim, vemos que ao pai Ro poupa a responsabilidade pelo alcoolismo (descrito no texto do relacionamento com o pai) como possível causa das separações da mãe, enquanto o mesmo fato parece a ela pesar muito na determinação das desavenças da mãe com este outro homem. Ao mesmo tempo, vemos o alcoolismo como possível significante atuante nas escolhas amorosas de sua mãe, uma vez que se repete nos pares que elege. As lacunas de informações sobre sua história pregressa não permitem uma análise dessa questão. Ro repete várias vezes no discurso, quando se refere à procura de um par amoroso, a expressão “casado, tô fora”, referindo-se, inconscientemente, a não querer identificar-se com a mãe nesse aspecto. No entanto, seu relato aponta para repetidos relacionamentos com homens casados, o que será analisado mais adiante.

Então diz: “Mas minha mãe, com a gente, assim, ela... ela queria que todo mundo fosse assim, certinho, tudo no... sabe”. Seu irmão ocupou o lugar de “queridinho” para a mãe, era um “cordeirinho” para ela. Ro diz: “o meu irmão era tudo. E eu resolvi me rebelar”. O irmão é o único filho homem dentre os quatro filhos do casal. O discurso manifesto de que o

irmão era “tudo” pode estar significando como discurso latente que Ro, diante da mãe, sentia-se nada, ou ao menos muito pouco em comparação ao irmão. Como defesa, adota um comportamento de rebeldia social endereçado à mãe. Então relata que aos nove anos “matava aula”, não ia às aulas de balé que a mãe considerava importantes, e ficava passeando pela rua para voltar para casa no horários certo. Quando descoberta pela mãe, não conseguiu dizer-lhe que não queria ir ao balé porque não gostava: “não me sentia no direito de dizer isso. Então eu comecei a aprontar [...] a fazer bolo no colégio que a minha mãe achava que era tudo que ela queria pra mim. E era tudo o que eu não queria pra mim [...] então fiz horrores naquele colégio [...] era um colégio super rigoroso”. Ro denota, aí, um desejo latente de desagradar a mãe, de atingi-la, quando ela própria sentia-se preterida em relação ao amor da mãe pelo irmão. Configura-se a relação edípica com a mãe, triangulada pelo irmão, que imaginariamente tinha mais a oferecer do que ela, assim desvalidada nessa relação, o que remete à castração simbólica. Na inviabilidade da obtenção do lugar de objeto da mãe, duplamente frustrado pelo pai e pelo irmão, ambos portadores do falo, que lhe ocupam o lugar de forma privilegiada, Ro arquiteta sua defesa psíquica pela adoção de uma conduta de rebeldia e de negação dos ideais maternos, tratando de frustrar-lhe os planos sobre ela, uma vez sentir-se, ela própria, frustrada pela mãe, desencadeando uma ambivalência afetiva de amor e ódio. Assim, via social, a atacava pelo não atendimento ao que lhe era mais caro: “era super rebelde no colégio e detestava balé”. Conta que “todo mundo” na casa dela passou no exame de admissão, menos ela, então foi para uma escola particular, onde tinha total liberdade. “Rodei o ano e quase rodei o outro, e a minha mãe enlouqueceu comigo. Então ela vivia me controlando, eu era a grande preocupação dela. Eu era a ovelha negra...”. Ser a ovelha negra teve a função de, tornando-se a preocupação da mãe, captar seu olhar e atenção. Era uma disputa na qual ela pôde vencer, superando o irmão rival, tornando-se o objeto da mãe, fazendo-se, pela via da transgressão, seu objeto.

Ro relata: “Eu me lembro que aos nove anos eu tive um problema com a minha mãe, que eu achava que ela não gostava de mim quando eu era criança [...] e eu falei isso pra ela...”. Manifesta não lembrar porque foi aos nove anos que se sentiu assim. Em vista disso, comenta: “[...] fomos três durante muito tempo, a minha outra irmã é muito mais nova. E eu era a filha do meio, então tinha aquela coisa, o J (o irmão) era o que sabia tudo, o perfeito, era aquela coisa maravilhosa e... a minha irmã era o neném da casa. Eu era qualquer coisa, tava ali”. Um foco do surgimento de um forte sentimento de menos-valia se apresenta no complexo familiar e no afetamento à subjetividade de Ro, originado nessas estruturas relacionais assim vivenciadas.

Ro lembra que “quando tinha sete anos, disse para ela (sua mãe) que eu queria um neném, e ela teve a minha irmã quando eu tinha sete anos... e aí era pra mim, eu achava que era pra mim que ela estava tendo aquele neném”. Sua fantasia de que a mãe lhe dá um filho oblitera temporariamente sua posição de sujeito faltante. É à mãe que ela convoca a dar-lhe um filho, porque é a mãe que exerce, na família, essa posição fálica. Assim vemos em Ro, antes do delineamento do amor apaixonado que investe no pai, um investimento libidinal na figura da mãe que a frustra. Assim, como resolução a essa recusa, ou supondo que a vinda do novo neném pudesse ser-lhe a aquiescência do desejo materno, ela, Ro, assume como seu esse bebê-simbólico, com que a mãe a presenteia – filho dela e da mãe, portanto. “Eu assumi a C (a irmã que nasceu) [...] tinha uma coisa especial com ela, que eu tenho até hoje, diferente do que eu tenho com os outros, porque ela era minha filha...ela era minha boneca de verdade”. Aceita, assim, o presente da mãe. Mas aos nove anos retoma o sentimento de desafeto da mãe e, em vista disso, diz sentir-se desamada por ela e a interroga. A mãe, como resposta, “[...] teve uma conversa muito legal comigo, mas... foi, eu não lembro sobre esse episódio, disso, eu não me lembro do porquê eu achava isso... eu não me lembro de... achar ruim... eu não me lembro de nada, eu me lembro dessa conversa. Só”. (Faz uma longa pausa no discurso). E retoma: “E eu fui levando o resto da vida, até a minha adolescência, até casar. Sempre, sempre”. Ao mesmo tempo que denuncia, esconde os motivos de seus desafetos infantis, diz não lembrar-se deles, o que implica repressão de conteúdos afetivos relativos à culpa. Coloca a conversa que teve com a mãe como resolução, como uma pedra em cima do assunto, e trata de “ir levando o resto da vida”, numa expressão que reporta à dimensão de ter-se submetido, afinal, aos nove anos, à castração. Foi levando a vida “até casar”, ou seja, até aceitar e poder substituir esse primeiro objeto do desejo incestuoso por um outro que lhe pudesse obliterar a falta e resgatar, simbolicamente, essa perda estruturante e fortemente emblemada no relato de sua história. Encerra dizendo “sempre, sempre” numa alusão a um aceite, a um arranjo psíquico de acomodação, a uma falta que se estabeleceu para sempre, sem possibilidade de retorno. Por conta disso, da constatação da irreversibilidade do destino do objeto do desejo, imposto pelo interdito da castração do incesto, Ro segue procurando, metonimicamente, um outro objeto a que possa destinar seu desejo errante. Diz: “E a minha mãe hoje é muito minha amiga, depois que eu casei...”. O casamento de Ro parece ter servido para aliviar a pressão dos relacionamentos libidinais, tanto com sua mãe, quanto com seu pai, pois aponta sempre isso como uma marca de uma mudança nessas relações.

Relata que em uma conversa atual com a mãe comentou que ela e os irmãos fumaram maconha quando adolescentes e diz ter percebido que a mãe se surpreendeu com a revelação

quanto a seus irmãos (os outros filhos), mas quanto a ela, a mãe supunha que pudesse ter feito esse desmando. Diz à mãe, no que parece ainda uma atitude de afronta: “Ou tu pensa que tu era poderosíssima e podia segurar? Não tem essa”. Com isso, depõe a mãe desse lugar do absoluto, contra o qual sempre se debateu na infância e adolescência, e ainda intenta contra a imagem dos seus irmãos, despindo-os diante da mãe, nessa que é uma atitude da ordem da delação, provavelmente por sentimentos de rivalidade ainda presentes na relação fraterna. Depois justifica a investidura da mãe castrante: “Aí é uma coisa dela (como uma função), assim, enquanto eu era dependente dela, filha dela (refere-se a ser filha antes do casamento, como se agora não o fosse, denotando aí, possivelmente, componentes que emergem da repressão), eu não podia... (não diz o que ela não podia, suspende a fala) ela tinha que ser mãe, autoritária, distante”. Ou seja, hoje, adulta, entende que sua mãe tinha que assumir a investidura de castradora, e, para sua própria segurança psíquica libidinal, manter uma distância asseguradora da investida libidinal da filha em relação aos pais. Continua: “Depois que eu não precisava mais, que eu me governava (governava a libido, tendo-a submetido à Lei da interdição incestuosa), ela pôde então ser minha amiga”. Sinaliza que a mãe pôde se aproximar sem danos à sua integridade psíquica. “Eu me dou super bem com minha mãe. Super bem”. Quando assume sua identidade adulta, filia-se a ela. “Tudo que eu não me dei com a minha mãe até a adolescência, me dou hoje super bem”. Relata que a mãe se desarmou e se aproximou dos filhos, tendo, hoje, uma relação aberta e próxima com todos. Interrompe-se, dizendo que “[...] no primeiro momento ela deu aquela abandonada na família, assim, porque ela queria viver aquela coisa dela [...] tava no cio quando estava com aquele outro homem [...] Depois ela voltou, recuou”.

Descreve, sobre a relação dos pais, que o pai “viviu para a mãe” e a “mãe vivia para os filhos”. A mãe de Ro vinha de uma família pobre, onde seu pai (avô de Ro) abandonou a mulher (avó de Ro) com oito filhos, “não queria repetir” a história de pobreza materna, por isso casou-se com um homem (pai de Ro) que “ganhava bem [...] tinha conforto”. Por isso essa “[...] doença dela de querer encaminhar todo mundo (Ro e os irmãos) [...] era rigorosa”. E afinal afirma: “Ela era nossa referência, com quem a gente falava, apesar dela ser ruim [...] ela era o que a gente buscava quando precisava de ajuda. Porque meu pai não tava nem aí, pro meu pai tudo era flores”. Denuncia uma falta no lado do pai, preenchida pela mãe que, por conta do cumprimento dessa função junto aos filhos, era “muito controladora”, exercendo, nessa medida, uma função fálica.

Relata que já era adolescente quando a mãe fez faculdade; e que ela dirigia: “sempre foi mais prafrentex do que as outras...”. Exalta-lhe as qualidades do dinamismo e iniciativa, ao

mesmo tempo em que a apresenta como controladora. “Ela ia no colégio dar umas incertas, ficava de tocaia. Volta e meia me pegava no pulo, né, eu tava sempre fazendo merda. (E repete). Eu tava sempre fazendo merda”. Fazer merda era como ela própria controlava a mãe, invertendo os papéis, manipulando-a assim, como mecanismo defensivo pelo qual, imaginariamente, resgatava para si a atenção que julgava sua e supunha roubada pela relação da mãe com seus irmãos. Sua fala traz à tona o simbolismo fálico das fezes, numa etapa primitiva do desenvolvimento, fase determinante na subjetivação. Conclui que afinal a mãe tinha razão de controlá-la porque ela não sabia usar sua liberdade. “Mas ela passava a vida preocupada comigo”. Parece ter sido o jeito de Ro convocá-la. “Porque o resto (os irmãos) não dava trabalho [...] As gurias até que aprontavam, mas aprontavam na surdina, e eu não, eu rasgava bandeira...”. Rasgar bandeira foi, possivelmente, a maneira de se destacar nesse contexto familiar, de sair do lugar de ser “qualquer coisa”, de apenas “estar ali”.

Diz que sua relação atritada com a mãe, enquanto dependente dela, tornou-se uma relação “super aberta”. E então diz que atualmente conversa “tudo” com ela, inclusive seus namoros na *Internet*. Chama a atenção, no relato de Ro, que a relação com a mãe, da infância à vida adulta, migra de uma posição de mãe austera e controladora, para a qual nada pode, à posição atual da mãe, onde tudo pode. A mãe passa da mulher que jamais disse um palavrão na infância de Ro (ao contrário do pai que os usava habitualmente) à mulher que hoje ouve da filha a acusação: “tu ta ficando uma velha depravada”.

Ro relata especialmente um relacionamento seu sobre o qual a mãe se posiciona favoravelmente, e que nos interessa para análise do seu processo de identificação com a imagem materna. Trata-se de um homem casado com quem manteve um relacionamento durante dois anos, cuja esposa tem problemas de saúde, ameaça de suicídio, por conta do quê esse homem não se separa dela. A história repete o modelo da relação da sua mãe com o outro homem com quem esteve ao separar-se do seu pai, cuja esposa apresentava a mesma problemática, e cuja situação como um todo implicava da mesma forma num impedimento, redundando em que ocupasse o lugar de amante. Ro diz que a mãe lhe sugere que aceite esse homem com essas contingências, ao que Ro responde não querer “porque ele não pode ser meu”. Embora conteste a mãe, vivencia relações adotando identificações com ela, numa atitude ambivalente entre aceitar e refutar essa imagem materna. Como tentativa inconsciente de resolução diz, sobre a mãe: “Agora ela tem um namorado também. Eu acho que vou botar ela na *Internet*” (risos). Novamente tenta subverter a ordem e colocar na mãe a função de espelhar-se nela, de tomá-la como modelo, em alguma instância.

6.3.3 Relacionamento com o Pai

Em sua primeira menção ao pai, diz: [...] o meu pai não funciona mais porque fazem seis anos que o meu pai morreu”. Relata ter tido uma relação com o pai, na infância, “[...] aquela coisa de respeito, distante, não era uma coisa próxima como é hoje a relação dos filhos com os pais e com as mães [...] era muito distante. Ele tinha dificuldade de demonstrar a afetividade dele [...] era muito travado. Ele não teve mãe (esta morreu quando ele tinha seis anos), foi criado pelo pai e a irmã mais velha”. Recorre às dificuldades da vida emocional do pai, resgatando sua história infantil, para justificar-lhe a “reclusão”. Era assim “com todo mundo. Tinha dificuldade de expor seus sentimentos, de abraçar [...] não tinha toque, não tinha aproximação, não tinha aprofundamento”. Descreve-o como uma pessoa ótima, “divertida, bem humorada [...] todo mundo gostava dele”. Sua relação com Ro e os demais filhos mudou quando a mulher (mãe de Ro) separou-se dele, saindo de casa. Ele ficou “desasado”, não esperava que pudesse acontecer. Coincidiu com sua aposentadoria, tendo sido para ele, segundo Ro, “[...] um baque horroroso”.

Já aqui aparecem alguns traços de identificação de Ro com o pai. Sua descrição se aproxima da autodescrição dela própria nos aspectos do humor, da diversão, dos relacionamentos ampliados. E também traços que ela apresenta quanto à dificuldade de expressar sentimentos mais profundos (por exemplo quando diz que agüentava sem saudade os afastamentos do marido; quando, em quinze dias, decide separar-se e o manda sair de casa por ocasião da traição – aspectos analisados mais adiante), e pela vivência de abandono do parceiro, onde ambos, o pai e ela, sentem-se “desasados”, a ponto de Ro afirmar, contraditoriamente, ter-se recuperado e, ao mesmo tempo, dizer que nunca mais vai se recuperar desse baque, referindo-se à sua própria separação.

O nascimento da filha de Ro ganha um simbolismo muito próprio nesse momento, quando, então, o pai: “[...] se grudou na guria”. Ela passa a freqüentar sua casa diariamente, a seu pedido, com a “recém-nascida”, que fez ponte para o resgate dessa relação dela com o pai. Ele providenciava todo o tipo de conforto a ambas. “Então todo o dia tinha aquela coisa de almoçar com ele, coisa que eu nunca tinha feito antes. Não tinha proximidade, não tinha intimidade com meu pai”. Ro, simbolicamente, presenteia-o com a filha para amputar-lhe a dor justamente da perda da esposa. Parece configurar-se, aí, uma vivência tipicamente edípica, em que Ro, de certa forma, assume o lugar da mãe junto ao pai. Ela passa a atender suas demandas, inclusive de levar-lhe, ao invés de dar-lhe, uma filha. Explicita: “É por uma condição dele de, de repente, de repente, no momento estar sozinho, estar sem mulher...”. Ela

refere-se a ele estar sem “mulher” (sua mãe), aludindo que, sendo esse o lugar vago, seria o lugar que poderia ocupar – o de mulher. Em vista dessa nova estruturação familiar, ela diz que “[...] ele começou a liberar a afetividade dele... pra ela, pra J (a neta, filha de Ro), e com isso ele também conseguiu liberar pra gente um pouco [...] mudou sua maneira de se relacionar com os seres, com o mundo”. Fez com essa neta o que nunca tinha feito com os filhos, uma vez que não havia conseguido ajudar a cuidá-los. Relata que para sua filha, “[...] ele ficava de quatro pra ela”. A relação do pai com a neta rompe com o padrão relacional com seus próprios filhos: “Ele se aproximou da gente de uma maneira muito especial, bem diferente do que era antes, de todos os filhos”. Sua filha tem uma função simbólica determinante nesse contexto familiar. Então, Ro diz: “Aí ele começou...ele arrumou uma mulher que tinha a minha idade e...e ele foi embora com ela pro interior”. Delineia-se aí um novo corte edípico, um novo interdito se estabelece entre ela e o pai. Ela menciona a mulher do pai como sendo da sua idade. É a partir daí que a cita, de seu próprio referencial. Como se o pai também a estivesse substituindo por uma que, não podendo ser ela mesma, é outra que lhe equivale na idade. Passaram, a partir disso, a se ver pouco. O pai adoeceu e, num carnaval, os filhos foram chamados de urgência e ele veio a falecer após dez dias de hospitalização. Conclui: “[...] e aí ele morreu lá. Veio pra cá pra ser enterrado, só.” Segue-se uma longa pausa em seu discurso, possivelmente para que Ro possa se recompor dos afetos mobilizados por essas lembranças. Retoma o tema do relacionamento dos pais para dizer que a mãe, após a separação, voltou para casa por falta de opção. O pai era “completamente apaixonado por ela” e sofreu mais ainda quando a mãe quis separar-se novamente. Diz supor que seu pai nunca traiu sua mãe “[...] era todo correto”. Revelam-se aí outros traços de identificação de Ro com a imago paterna, tanto na descrição do caráter quanto na posição assumida na relação conjugal. “Ele era um anarquista... porque meu pai, eu tenho muito dele, assim, na maneira de ser, eu tenho muito dele [...] contra qualquer regra, era rebelde [...] e eu tenho isso também”. Enfatiza o quanto é parecida com ele em alguns aspectos.

Quando o pai morreu, fazia dois anos que Ro havia se separado, e ela relata: “[...] há dois anos eu não chorava, bloqueava o meu choro. E quando ele morreu foi quando eu chorei de novo né, voltei a chorar, então eu me curei ali, de um etapa de...”(não termina essa frase). Chamam a atenção dois aspectos de seu discurso. Primeiro, o bloqueio do choro que reporta à descrição que faz do pai – “muito travado”; e, além disso, sua cura se dá pela reabertura à dor que sua morte lhe impõe. Faz uma ligação dessas duas grandes perdas (duas ou uma e a mesma perda?) do marido e do pai, pelo laço da dor que não consegue conter.

Ro relata que, após três anos do sepultamento de seu pai, o corpo foi trazido de volta para sua cidade, e foram dela as decisões sobre ele – não permitiu que houvesse missa, já que o pai “odiava essa coisa de igreja [...] como eu, que não acredito e acho bobagem”. Decidiu pela cremação do pai. Sua fala sobre esse episódio nos traz mais elementos para analisar sua profunda ligação com o pai, pois relata que foi ela quem buscou a urna com as cinzas dele e, no trajeto, ia conversando com ele, mostrando os lugares, “comentando o que tinha acontecido na cidade, eu ia falando com ele o tempo todo, dizendo onde ia passando”. Após três anos da morte do pai, convoca-o a escutá-la, a acompanhá-la, a fazer-lhe companhia por algum tempo. “Bom, um dia ou dois eu fiquei com ele no carro, aí minha irmã disse assim pra mim: cadê o papa? Eu disse: tá lá no porta-mala. E ela: traz aqui que eu quero ver ele. Fui lá no carro, peguei o troço, levei lá pra dentro, era o dia das mães, tava todo mundo reunido, todo mundo queria ver o papa [...] e eu fui embora e esqueci ele lá. [...] Minha irmã ligou e eu disse, tá deixa ele aí que amanhã eu pego”. Todo o humor com que Ro vivenciou, e agora relata os fatos, parece estar no lugar de encobrir um afetamento profundo causado por essa separação e perda do pai, que ela, de alguma forma, nega, adiando o ritual de despedida, de descolamento desse pai absolutamente simbólico, levado ao estatuto absoluto do real nessa urna-cinzas desse pai morto-vivo. Ao fim de alguns dias, depositou suas cinzas próximo ao estádio de futebol do time para o qual ele torcia, fazendo, assim, essa última reverência, na intenção do atendimento derradeiro de suas vontades.

Ro enfatiza o quanto foi tardia a vivência amorosa com o pai que, até ela casar-se e sair de casa, “era muito distante [...] depois foi muito legal, muito diferente do que era antes, quando ele não tinha mais...quando ele tava sozinho [...] porque até então bastava pra ele interagir com minha mãe, ele só queria ela”. Revela-se mais uma face da vivência edípica nessa manifestação, que denota uma certa rivalidade com a mãe na disputa pela atenção e amor do pai. Retendo o corpo em cinzas do pai, monopolizando o seu destino, apoderando-se e fazendo dele o que lhe parecia melhor, Ro sai vencedora, nessa disputa, usufruindo de um tempo que lhe havia sido roubado imaginariamente na relação triangular com a mãe e o pai. Tempo final que reserva para burlar o interdito interposto pela mãe que lhe castra a relação incestuosa, tentando, assim, reparar seu recalque. Ro, pode-se dizer, tripudiou nessa cena, e ali fez seu gozo. Foi quando, aliviada pela morte que lhe faz álibi, pôde melhor gozar do corpo do pai.

Na seqüência de seu relato, reforça como o pai foi fiel à sua mãe, porque não sentia necessidade de qualquer outra mulher. Diz: “[...] pra ele, ela era assim uma... uma entidade”. Parece estar falando mesmo, ainda que não o saiba, de sua vivência edípica. Essa mãe

constituiu-se como imbatível, uma rival promovida imaginariamente à “entidade”, possivelmente para que, nesse semblante enaltecido, pudesse fazer frente a uma corrente pulsional muito intensa. Só uma entidade poderia contê-la e exercer sobre ela o interdito, fazer-lhe o corte junto ao pai, ele sim idolatrado por ela. Então segue o curso de associação de idéias pontuando novamente: “[...] eu sou muito parecida com meu pai [...] eu fui assim no meu casamento também”. Na impossibilidade de tê-lo, identifica-se com ele. E segue se identificando: “[...] quando ele perdeu (a mulher – sua mãe), pra ele foi uma coisa horrorosa, assim como foi pra mim quando eu perdi”. Refere-se à sua perda do marido, ao menos a nível consciente é o que consegue perceber que seja sua perda. O pai e ela, separados de seus pares, identificados na condição de abandonados, pode ter sinalizado uma oportunidade imaginária de retorno à formação desse par interditado: “Ele ficou muito baqueado com a minha separação, eu acho que doeu nele como doeu a dele [...] Aí ele se aproximou mais de mim ainda, acho que ele viu uma afinidade ali que ele nunca tinha imaginado...”. Parece que, finalmente, ela se sente olhada pelo pai, afastados os impedimentos castradores simbolizados por sua mãe e seu marido, colocado em lugar do pai. E se o pai nunca havia imaginado tal afinidade, como ela diz, ela certamente a imaginava desde sua vivência primordial junto ao pai. Não fica claro, na cronologia de seu relato, se o tempo que antecede a separação de Ro, em que ela assumidamente se descuidou da relação com o marido – adotando a atitude defensiva de fazer vista grossa para o envolvimento crescente dele com outra mulher, mesmo sendo testemunhado por ela mesmo dentro de sua própria casa – se esse tempo não seria preparatório para esse desfecho de defrontar-se com o pai, ambos imaginária e inconscientemente desimpedidos.

Só então revela, mesmo nesses termos, assim desconectados: “Bebia...quando ele se separou a segunda vez, estava...ele já estava desde a primeira, eu acho, alcoolizado [...] começou a beber muito, tanto que morreu de doenças vinculadas ao álcool [...] já bebia quando casado [...] Dá pra dizer que era alcoólatra”. Vai revelando aos poucos isso que para ela, embora o justifique pela “auto-estima muito baixa e ser um homem muito mal resolvido emocionalmente”, faz dele um “cara fraco”, como ela diz, embora “ele era muito do bem, muito do bem”. “Do bem” é como descreve seu ex-marido, com um “caráter inabalável”, assim também como o pai. Empréstimo ao marido qualidades que vê no pai, embora este (o marido) não as tenha sustentado, na medida em que a trai suntuosamente, sem que ela até hoje possa fazer essa avaliação objetiva. Continua negando os atos do ex-marido possivelmente como possibilidade de não separar-se ao menos da ilusão desse homem idealizado à imagem do pai.

Só mais ao final do seu relato, Ro pôde dizer sobre o alcoolismo do pai: “vi isso na minha adolescência... Nunca tive problemas com ele na adolescência sobre meus namoros, nunca se meteu”. Opera uma negação do caráter negativo do alcoolismo paterno, afirmando que isso nunca a incomodou. Contraditoriamente, fala disso de forma evasiva, joga o assunto e o retira de pauta simultaneamente, mascarando o tema. E aos poucos vai abrindo espaço em sua fala para alguns traços do pai que, de certa forma, apagam o brilho com que até então o pintara. “A gente não sabe muito exatamente o que ele pensava das coisas porque ele se omitia. Era a minha mãe que tomava a frente, ela é que era a ruim [...] a gente tinha uma distância muito grande dele [...] não o conhecia, tinha respeito por ele”. Na casa e nos filhos “era a mãe que mandava e ele não se metia”. Quando a mãe o convocava a assumir o papel de autoridade “pra dar mijada” nos filhos, ele não cumpria porque não era o jeito dele, “não sabia fazer”.

Ro descreve tudo com muito humor, e embora em algumas fendas do discurso apareça um pai que deixa espaços abertos no atendimento do seu papel, ainda assim é descrito como um personagem leve, colorido, encantador aos olhos dessa filha. Se de um lado, conforme nos diz logo no início de sua fala, como primeiro desígnio do pai, ele “não funciona mais porque morreu”, parece-nos, de outro, que suas possíveis falhas não são tomadas por Ro com desabono. Foi um pai que teve função enquanto vivo, e faz função morto. Como o pai da horda, instaurou nessa filha sua imortalidade – o pai simbólico –, instituindo-lhe o dever da renúncia e o direito ao gozo.

Resta saber se haverá objeto capaz de comportar, para Ro, esse significante, e se ela poderá ter acesso a ele, autorizando-se ao usufruto do gozo. Terá resolvido suficientemente seu complexo edípico? Ou o fantasma a assombra, mesmo transmutado nos homens da *Internet*?

6.3.4 À Procura do Objeto

À pergunta sobre sua procura de um par amoroso na *Internet*, Ro inicia sua resposta reportando-se à sua separação e sua expectativa de retomar o casamento com seu ex-marido: “Os primeiros cinco anos eu morri pro mundo. Eu tinha uma expectativa de voltar”. Configura-se, aí, um longo período de luto de uma relação que descreve como um “casamento bárbaro, super tranquilo [...] éramos muito apaixonados, era uma história legal”. Entre namoro e casamento “na real durou vinte e cinco anos”. Relata que desde a adolescência esteve com

ele, desde os seus dezesseis anos. Foi sua referência amorosa e sexual única até seus quarenta e um anos, quando se separaram: “a minha primeira relação foi com ele e... sempre só com ele”. Apresenta, em seu relato, contradições que nos parecem da ordem da negação. Assim, se de um lado sustentou uma expectativa de retorno do ex-marido durante os cinco anos em que ela “morreu pro mundo”, de outro lado relata que ele, desde antes da separação, mantinha outro relacionamento com uma amiga em comum que freqüentava sua casa e que, desde a separação, “eles ficaram direto juntos e estão juntos até hoje”. É Ro mesma quem se descreve, desde o início de seu relato, pelas contradições que apresenta, como uma “otimista irrecuperável [...] eu exerço a negação de uma maneira assim impressionante”. O ex-marido apresentou vários indícios de estar envolvido amorosamente com outra mulher, “todas as pessoas que estavam a minha volta tavam vendo [...] nossos amigos [...] vizinhos [...] acho que até querendo me mostrar, aqui, acorda! [...] Na hora eu não via nada [...] na época eu não via nada”. Relata várias situações em que o ex-marido manifestava o afastamento: “Então ele tava me mostrando que alguma coisa muito séria tava acontecendo. E eu não queria ver, não vi”. Diante da irritação do ex-marido, perguntava-se sobre o que estaria acontecendo e supunha: “Será que eu fiz alguma coisa?”. Após vários meses, quase um ano, ela resolve sair à sua procura, sabendo onde estaria: “Aí eu tive certeza”. Frente à confrontação de vê-lo com outra mulher, diz não suportar sua presença em casa:

Não podia admitir que ele estivesse comigo por obrigação. Se eu não tivesse tomado uma atitude de me separar ele estaria até hoje do meu lado... ele não teria coragem... não conseguiria... Não porque ele quisesse ficar... ele ficou enrolando em casa... mas depois de um tempo o vi com ela... Desde que saiu de casa ele tem culpa... uma culpa que corrói ele até hoje.

Diz estar, ela própria, “curada” há alguns anos, e ele continua sentindo-se mal com o que fez, porque tem muito caráter, “é um cara cem por cento”, e, segundo ela, não se conforma em tê-la feito sofrer. “Ele ainda gosta muito de mim [...] a gente tem uma amizade, uma coisa bonita”. Quando tem problemas, ele a procura para conversar porque “[...] ele não tem pra quem contar... a mulher dele não é amiga dele de jeito nenhum. Ele tinha uma história sexual com ela no começo [...] Todas as vezes que ele fala comigo queixa-se dela”. Se de um lado Ro afirma já estar “curada” – e nisso implica ter havido uma doença sobre a qual se curou, a doença instalada por essa ruptura amorosa, esse ataque violento ao seu narcisismo –, no contraponto apresenta o que podemos entender como dois sentidos emergentes no discurso latente. Um deles refere-se à que ele não se curou nunca dessa culpa que o corrói. Na falta de amor, ela aceita e impõe que ele lhe deva culpa, preço a pagar pelo desamor, e, talvez, mais

ainda, preço a pagar por tê-la obrigado a ver o que ela mesmo afirma negar-se a ver sobre a realidade do relacionamento “bárbaro, tranqüilo, legal e apaixonado” que ela queria e supunha ter.

Ocorre que haviam estado, cinco anos antes da separação, morando separados durante nove meses por decorrência de, ao terem ambos ido trabalhar em outra cidade, outro estado, inicialmente por motivo de transferência dela na empresa em que trabalhava, ele, após cinco anos decidiu voltar. Ela inicialmente não quis, depois justificou que teria que ficar mais alguns meses em função da empresa, e afinal ficou nove meses ainda antes do retornar. Ele veio e ela decidiu: “Então tu leva a J” (a filha deles). Viam-se esporadicamente, no Natal e férias, até que ele, como ela adia constantemente o retorno, afinal pediu que ela tomasse uma decisão porque, disse-lhe ele, “tá todo mundo perguntando se a gente se separou”. Parece que, novamente, “todo mundo” vê o que ela própria não quer ver. Talvez por não poder lidar com a ameaça da separação já eminente entre eles. Ro relata: “A vontade que eu tinha era não voltar mais”. Mas voltou, apesar de ter importante perda salarial, justificando-se: “o cara que eu gosto é ele”. Durante sua estada conjunta nessa outra cidade onde moraram, Ro teve uma ascensão profissional, sendo-lhe demandados muitos compromissos sociais, aos quais ele não queria acompanhá-la. Também viajava muito a trabalho. “Eu adorava aquilo”. E diz: “ele ficou inseguro”. Mesmo em seu retorno, ela continuava viajando por períodos de até quinze dias, e relata, “eu agüentava bem, não sentia saudade dele”. Parece haver, aí, um arranjo entre desejos contraditórios; querer ficar longe e só, e voltar ao casamento. Parece que havia se instalado, do lado dela, uma relação em que a separação, ainda que provisória, já tinha sua função dentro desse relacionamento. E, quem sabe, não “ver” a outra mulher do marido tinha por função uma forma inconsciente de não ter que ocupar ela própria esse lugar, de ser sua mulher, embora não o quisesse perder. Pois relata que, numa ocasião em que chegou de surpresa mais cedo em casa, encontrou o marido com essa amiga tomando chimarrão, e embora tivesse estranhado e se perguntando “afinal o que essa mulher está fazendo aqui na minha ausência?” e, ainda que tenha percebido o marido desconcertado com a situação, ainda assim não percebeu o que estava ocorrendo. Sua surpresa maior, confessa, foi vê-lo tomando chimarrão, coisa que nunca havia feito antes. Dá indício de que, de fato, não o conhecia como pensava, podendo ainda se surpreender com um hábito seu desconhecido por ela, quando de fato não aceitou, não se permitiu surpreender-se, com sua conduta, novamente num processo de negação.

Quando viajava, Ro sabia, pela filha e pelo próprio marido que lhe contava, que aos finais de semana ele saía para andar de bicicleta com essa mulher, embora, como diz Ro,

“nunca desconfiasse que houvesse algo entre eles”. Talvez tenha sido o mecanismo usado para dar conta das suas demandas ambivalentes: estar e não estar, usufruir de liberdade sem perder o vínculo, estar casada e viver só, sair e não abrir mão desse lugar. Quem sabe, amar e não amar esse homem que, embora diga ser o amor de sua vida, não lhe fazia falta, desde que estivesse seguro. Manter seu casamento estava talvez no lugar de evitar confrontar-se com o sentimento que descreve como “uma perda muito dolorida”. Parece negar não só os acontecimentos, mas os sentimentos do marido e dela mesma, por dificuldade de deparar-se com a ambivalência dos próprios afetos.

Aparece, ainda, encoberto pelo discurso manifesto, o que podemos entender como a manutenção de uma expectativa de resgate da relação, quando afirma que a mulher do ex-marido não é amiga dele. Ou seja, ela (Ro) o é, tanto que é com ela que ele conversa. Além do resgate da relação, parece ser o resgate das perdas narcísicas ocorridas que busca, do afetamento de sua identidade feminina – ela é amiga, ela atende essa necessidade do ex-marido. O ex-marido queixar-se de sua companheira atual implica estabelecer com Ro uma cumplicidade que ela parece de fato não suportar perder, colocando-se no lugar de sua confidente. Queixar-se da outra pode denotar, também, um reconhecimento comparativo das qualidades e valores de Ro. De outro lado, quando nomeia de “história sexual” uma relação que já dura oito anos, é uma tentativa de desvalorizá-la, o que denota o tom de desdém que usa para dizê-lo. E com isso denota, além da tentativa de desvalidar essa relação do ex-marido, uma desvalorização do papel da sexualidade no relacionamento. Sobre isso, do seu casamento nada citou. Apenas podemos inferir que “agüentar firme sem sentir saudades” nos repetidos períodos em que se afastava do marido (embora ele ficasse inseguro, demonstrando assim, ao contrário dela, importar-se com isso), possa referir-se também à sua vida sexual.

Após esse relato, Ro retoma o tema da pergunta sobre sua procura de um par amoroso na *Internet*, descrevendo os novos relacionamentos que teve após os “cinco anos em que morreu pro mundo”. E, nesse relato, vai se referindo ao tempo de duração de cada um: um namorado por dois anos, outro por um ano, e outro ainda por dois anos também, antes de entrar nos *sites* da *Internet*, dos quais participa há cerca de um ano. Chama a atenção a contradição imanente do somatório desses períodos, somado aos cinco anos de “morte”, excedendo ao tempo em que está separada (oito anos). Foi algo em seu discurso que não pudemos dar conta de significar mais claramente, podendo implicar em sinais que não conseguimos identificar suficientemente. Ao entrar no *site*, conheceu e namorou um homem que foi “um amor de quinze dias, intenso e ininterrupto”, após se corresponderem por “dois

ou três dias”. Relata que ele veio passar um final de semana em sua casa e foi ficando até ela descobrir que “ele estava de volta com a mulher dele”.

Pudemos inferir que aí ela trata de ver logo o que se passava, talvez porque não havia ganho em manter seu “otimismo incorrigível”. De outro lado, permite-se vivenciar uma “história sexual”, desvalorizada quando do lado do seu ex-marido. Após, relata: “Eu fiquei uns dois dias pensando na minha vida [...] passado um tempo eu entrei no *site* de novo”. Mandou mensagens para vários homens “para ver o que acontecia”. É possível que Ro quisesse ver o que acontecia há mais tempo, mas, por força das repressões, vivia os conflitos encobertos pelo “casamento legal”. A partir disso, relata mais algumas tentativas frustradas de contato com homens que não lhe respondem ao chamado na *Internet*, até que encontra um que chama de “maníaco do parque”, e que assim descreve: “Não era o que eu tava procurando”. Descreve-o como egocêntrico, exibicionista, fútil. Segundo seu relato, “sofrimento garantido ou seu dinheiro de volta”. Logo percebeu, após alguns encontros, que “não ia dar em nada”. Passou um mês sem entrar no *site* e novamente investiu “espalhando um monte de mensagens e de novo nada aconteceu”. Os homens que lhe respondem não a agradam, não gosta das fotos. Conclui que tem “um pouco de preguiça”, acha “[...] muita mão de obra se disponibilizar, começar a falar de si pra alguém que tu não conhece, que tu não viu pessoalmente, tu não sentiu a pessoa [...] ter todo o desgaste [...] contar a tua vida [...] uma exposição...”. Oscila ao avaliar tanto o investimento no outro quanto o meio que escolhe para isso. “Quando tu conhece a pessoa, avalia melhor no olho no olho”. Encerra dizendo: “já larguei de mão, não tenho mais entrado” (no *site*). Alterna períodos de entrar e sair desse lugar de encontros, sem estar convencida de sua eficácia – ou de seu desejo?

Quando lhe é perguntado o que exatamente procura (embora se saiba ser essa uma pergunta insustentável), ela diz que na adolescência era mais fácil. O que tem encontrado é “um monte de homens casados, dando tiro por aí, pra ter histórias fora do casamento”. Além do que, diz que os homens ficam pouco tempo disponíveis, logo se casam novamente ou então “tem algum problema”. Propõe assim, uma equação quase sem solução.

Diz buscar alguém para namorar, “não pra morar nem pra casar”. Quer um “queridinho”. No entanto, a vimos relatar uma relação em que o homem “estava praticamente morando na minha casa diariamente”. Aparece a contradição entre o que diz desejar, à nível consciente de sua fala, e o que se coloca como ato, denunciando um desejo ambivalente encoberto.

E a seguir consegue nomear essa conflitiva: “Ao mesmo tempo que eu estou buscando, quando... parece que quando vai se... quando algum homem insiste para eu ligar, eu

não ligo. Por que não ligo?” Faz pausa diante de sua própria pergunta, que se apresenta de forma vacilante, em reticências. Interroga-se sobre a contradição de seu desejo. E diante de um silêncio reflexivo, em que é incitada a responder-se, ela diz: “Eu não tenho vontade de dar essa arrancada, de começar”. Segue-se longa pausa em seu discurso. Talvez se veja aí, diante de um vazio de respostas para essa que é uma pergunta irrespondível, uma vez aludir às questões do inconsciente.

Retomado o diálogo, perguntamos o que seria para Ro o par perfeito, que homem atenderia sua expectativa para ter um relacionamento. Diz esperar um homem disponível, de nível social, cultural e econômico parecido com o seu, e que esteja “resolvido emocionalmente. Ser bem humorado é fundamental [...] e não pode ser brocha”. Afinal nomeia o sexo, atribuindo-lhe valor. Diz querer um companheiro, pois quando se separou sentiu-se “sem família [...] minha família era só meu marido e minha filha”. A busca de um par parece vir obliterar essa falta, esse buraco que tem se mostrado impossível de preencher. Fala do pai já falecido, da mãe que vê com frequência, e dos irmãos (um irmão e uma irmã morando na mesma cidade, e a outra irmã morando em outra cidade). Fala da filha já ter seus próprios amigos e programas. E fala da “[...] falta, falta alguma coisa desde que eu me separei. Talvez seja essa coisa que eu não tenha resolvido ainda”. Quando diz querer um homem “resolvido emocionalmente”, é possível que seja a si mesma que se refira, na condição de não estar encontrando o que procura. Entrevê, nessa fala, a possibilidade de que esteja nela mesma o interdito para encontrar um par adequado, mas logo segue dizendo “... o que aparece pra gente é homem comprometido”, novamente lançando no outro a inviabilidade. É do lado do objeto que se localiza sua falta: “É falta de ter um homem do meu lado”.

A autodescrição de Ro na *Internet* é de uma pessoa bem humorada, faceira, que gosta de se divertir e encontrar amigos. No perfil desejado, diz querer uma pessoa bem humorada, bom caráter – porque não admite mentiras –, que seja como ela. Denota um tipo de escolha narcisista de objeto, numa projeção de si espelhada no outro.

No entanto, ao longo de sua fala, relata vários encontros a partir do *site* que não se configuram na relação desejada – encontrou homens casados que mentem a respeito de si e de sua situação.

Novamente volta ao seu questionamento reflexivo: “Eu não sei se o meu nível de exigência é muito grande, ou se tenho medo de me meter num relacionamento de novo assim, mais sério”. Possivelmente as duas assertivas são verdadeiras, e possivelmente se reportem a um nível primitivo de angústia – uma exigência de igualdade e plenitude, de um outro que lhe

dê acesso ao Um inaugural inconsciente. Do mesmo modo, meter-se num relacionamento “assim mais sério” pode reportar à angústia da perda, à ameaça da castração edípica, constituindo-se, no presente, como uma ameaça que, por constituir-se num nível mais profundo, inconsciente, não seja para ela possível de ser acessada. Na falta de uma resposta à essa questão que ela própria se coloca, por ser da ordem da repressão, a questão retorna, instalando-se como repetição. Diz: “Apesar de eu estar achando que eu estou buscando, buscando, buscando isso, quem sabe eu não estou buscando, né”. A palavra mesmo se faz ato em seu discurso, e ela repete quatro vezes o verbo que incide no inconsciente que “não pára de não se escrever”, como nos diz Lacan. Ro continua, levantando uma nova hipótese: “[...] Ou estou me iludindo...”. Defronta-se com a possibilidade de estar se iludindo, possibilidade impensada na vivência do fracasso do laço com o marido, diante das evidências de sua traição e de sua mentira durante o casamento. Referindo-se ao perfil desejado, ela diz: “Basta eu desconfiar que tem uma mentira na história e eu saio fora”. É quando não fala do casamento que Ro pode nos falar do que houve com ela aí. Porquê demorou tanto a ver o que se passava, porquê não se permitia desconfiar. Possivelmente porque sabia ser muito difícil “sair dessa história mais séria”, que a deixaria “sem família”. Montar recortes de sua fala, pedaços espalhados do seu texto é buscar dar um sentido onde ela não pôde dar. É ao longo do texto que se explica o início. Seus significantes vêm camuflados, entrincheirados por seus processos repressivos, obras de seu inconsciente poderoso, guardião dos segredos que ela tenta expiar através das questões que se coloca em meio a seu discurso e que, ainda assim, não lhe responde. Suas perguntas e respostas vêm esparramadas no discurso, embaralhados no texto, na intenção inconsciente de inviabilizar sua conexão, desviar seu sentido, resguardando aquilo sobre o quê nada pode ser dito.

Para tamponar essa falta conclui, sobre seu medo de se “meter” numa outra relação, que ela tem pré-conceitos, pois vê suas amigas se relacionarem com homens que ela olha e diz: “que figuras...eu sempre arranjo um defeito. Nunca é bom pra mim, nunca é bom o suficiente [...] pra mim não serve”.

Aparece, em seu discurso, a dualidade, como um embate do desejo e o possível objeto alvo desse desejo, possivelmente funcionando como garantia que esse cortejo não se configure numa relação de fato. Quando Ro diz que nenhum homem nunca é bom para ela, parece que está contornando a Coisa (a coisa freudiana), e fazendo dela o impossível, o inabordável, o inatingível. Essa mulher consegue se perguntar se estaria se iludindo na condição de ser desejante, talvez na impossibilidade de reconhecer, também em seu desejo, a concepção da negação desse desejo através dos mecanismos adotados que lhe garantem o não

acesso, que fazem barreira, interditam a possibilidade de tomada do objeto de satisfação da pulsão. É bem do “buraco” de Lacan de que fala, provavelmente sem o saber. O buraco de todos nós, vazio constituinte do sujeito castrado que, na impossibilidade de se saber castrado, segue procurando um jeito de obturá-lo. Trata-se de que é só pela via do imaginário que essa demanda pode ser atendida. No encontro real com os homens, pelos relatos de Ro, o outro cai, cai-lhe o falo. A fala de Ro faz eco quando diz insistentemente: “ele pede pra mim ligar, pede, pede por um encontro e eu não ligo, não vou, não tenho vontade. Isso eu não entendo em mim”.

Também chama a atenção na fala de Ro o modo como se refere ao movimento atual de separações, fazendo uma avaliação da disponibilização de homens e mulheres, onde conclui que “[...] continua tudo igual, a chance continua a mesma [...] quer dizer, ele (refere-se aos homens) tirou uma do mercado, mas ele jogou outra”. A concepção de mercado denota estar engajada nas formas relacionais contemporâneas, onde o outro é tomado numa dimensão de valor mercadológico, mercado esse que pode ser avaliado pela alta e baixa de produtos, aumentando ou diminuindo as chances de comercialização e lucratividade. Estabelece, nessa fala, uma dimensão de troca de gente como se fosse a troca de coisas, de objetos que se equalizam pela lei da oferta e da demanda. Denota, também, ser ainda o homem o grande negociante, o que define os movimentos da balança comercial dos corpos disponíveis no mercado, onde as oscilações se dão na medida em que ele “tira” ou “joga” uma mulher no mercado. Ou seja, compra ou vende, faz uso ou se desfaz da mercadoria. Encerra com muito riso sua fala. É possível que ela não saiba de todo, do que ri. A verdade, diz Lacan, nunca se sabe toda.

Ro expressa a existência de um abismo que se abre entre a enunciação de uma demanda e a configuração de um desejo. Emblema sua posição de fragilidade diante de não saber que lugar ocupa no desejo do outro, quando anuncia seu desamparo diante de uma pista de dança sem um convite para dançar. Assim, refugia-se na *Internet*, onde esse risco e esse desamparo são vividos de forma mais velada, com algum resguardo à sua integridade narcísica. Sobre sua investida na procura de par amoroso em ambientes públicos, declina: “já desisti de ir lá, são sempre as mesmas pessoas”; ou seja, é sempre o mesmo desamparo, angústia de não atender à demanda do outro. É o ponto onde ela perde suas referências, sua identificação. Diz, em tom de muita brincadeira, ter descoberto pela observação empírica, a partir de “quem é que os caras tiram pra dançar”, que os homens escolhem as mulheres pelas seguintes características, em ordem de preferência: “campeã é a mulher de vestido [...] aqueles bem de frufu, assim, rodados, como esse aqui (aponta para a blusa que está vestindo).

Sáinha, adoram mulheres de vestido. Loiras [...] por último as morenas, e de calça, então [...] (risos) que é o meu caso (muito riso)”. Isso pode significar, nesse momento, não se saber objeto do desejo do outro e não poder se identificar com esse objeto, com essas referências. Na sociedade do espetáculo, ela não se sente como modelo aceito de apreciação. Então se interroga: “[...] e aí tu começa a te frustrar e te perguntar: será que não vai acontecer?”. Ao que parece, a pergunta remete a um estado de incerteza e angústia, que tem a ver com “[...] este momento preciso em que o eu se reflete num espelho que lhe devolve uma imagem que não tem mais significação identificável, isso é a angústia” (Lacan, 1966).

Ao final da última entrevista, um fato que vinha se configurando nas entrevistas anteriores parece ganhar vulto, especialmente pela forma como se coloca. Tendo presumivelmente terminado a entrevista, já com o gravador desligado, ouve-se a voz de Ro dizendo: “Eu acho que vai passar o tempo que passar e eu nunca mais vou sentir por alguém o que eu senti pelo meu marido [...] foi uma relação de vinte e cinco anos, que eu fui apaixonada do primeiro ao último dia...”. O fato é que Ro, estando separada desse homem já há cerca de quase nove anos, ainda assim parece-lhe particularmente difícil abandonar essa posição libidinal, nem mesmo, na realidade, quando um substituto já se lhe acena, assim como nos diz Freud, em texto já citado na fundamentação teórica. Parece não ter sido possível retirar toda a libido dessa relação. Descreve o ex-marido como “[...] ele é do bem”, e diz que a relação “[...] começou na adolescência, tem todo um sonho, tu cria, tu cria uma...né...e tu vive aquele sonho”. Suas reticências dão um tom de agravo à sua dor, disso do qual é difícil e reticente falar, tanto que só é falado quando ela propõe, com o término da entrevista, que não há mais nada a dizer. É justamente aí que diz, e diz dessa verdade que lhe é marcante.

6.3.5 *Internet: um meio*

Ro participa do *site* de namoro na *Internet* de forma descontínua. Revesa períodos de participação e períodos de afastamento, de acordo com seu ânimo ou mesmo por ocasião de iniciar e manter por algum tempo relacionamento com algum homem em particular. Diz às vezes se “enfasiar” com a *Internet*.

Há períodos em que expõe sua foto no perfil do *site* e outros períodos em que a retira. Fases que ela chama de “desesperança”. Encontrou-se com vários homens e teve relacionamentos pouco duradouros decorrentes da participação no *site*. Correspondeu-se com vários deles.

Seu “fastio” com a *Internet* justifica-se pelo que chama de “círculo vicioso, sempre as mesmas pessoas, sempre a mesma coisa [...] aquelas mesmas pessoas que tu não te interessa ou que não se interessam por ti, ou que não tem nada a ver”. Conclui: “E aí eu acho que é uma busca infrutífera”. Então Ro sai do *site* e, como diz, “vou pra outros caminhos”, referindo-se a que também se dispõe a buscar um par fora da *Internet*. Assim, passou a freqüentar um “lugar bem legal, no começo eu achei bárbaro”, para logo a seguir relatar que lá também as pessoas se repetem, repetem-se as mesmas questões que apontou no *site*, enfatiando-se da mesma forma.

Queixa-se dos homens quererem sexo logo no primeiro encontro, e desaparecerem frente à sua negativa. Nesse lugar que passou a freqüentar, relata que “no começo eu tava com muita sorte, assim... bom, mas eu acho que tudo era casado dos que eu arrumei lá [...]. E agora já tô cansando também [...]. Agora eu já tô precisando arrumar outra fonte”.

Ambivalentemente, mantém um relacionamento há dois anos com um homem que conheceu no *site*, que é casado, mas que lhe “presta serviço eventual”. Refere-se à sexualidade e, paradoxalmente, ao fato dele “furar, instalar, fazer coisas, furos na parede, instalações diversas”. Diz: “ele é muito prendado”. E logo a seguir, no que podemos tomar como associação de idéias, diz que ele instalou no seu banheiro um “lava-cús”, e que a história dessa instalação durou “[...] não sei quanto tempo, né, porque eu tenho problema com a questão de sexo anal, né, eu tenho horror (muito riso)”. Ao repetir seu próprio texto, com propósito de enfatizá-lo, comete um ato falho e diz: “Agora ele vem instalar o cú sujo, o lava-cús” (sempre rindo muito, na sua habitual característica de “bom humor”). O paradoxo da substituição cú sujo e lava-cús, bem como a “instalação” de um cú sujo por um homem com quem faz sexo, mais ainda a própria alusão insistente na expressão cú podem ser atadas à seu discurso quando diz que na adolescência “só fazia merda”. Naquela ocasião, cabia à mãe o papel de lava-cús, pois era ela que a controlava severamente. Agora, cita esse homem que vem instalar-lhe um “cú sujo” ao invés de um “lava cús”. Remonta às vivências arcaicas de Ro, onde a figura materna exerceu sobre ela uma educação austera e repressora. Ro não diz somente que tem “horror” a sexo anal, mas que tem “problema” com a questão. Ou seja, para ela, isso se faz questão. Chama atenção seu silêncio absoluto sobre sua vida sexual com o ex-marido, embora tenha falado com muita fluidez e durante muito tempo das entrevistas sobre o relacionamento com ele, o que implica, possivelmente, a ação de mecanismos repressivos. Então diz, sobre esse homem casado, tratar-se “só de prazeres [...] sem compromisso”. Vêem-se a cada duas ou três semanas. Sem que o possa desvelar completamente, Ro repete o modelo relacional materno.

Após cinco meses de intervalo da primeira etapa de coleta dos dados, Ro encontrava-se no que chamava “fase de desesperança”, de abandono da *Internet*. Continuava sem um relacionamento fixo, encontrando-se esporadicamente ainda com o mesmo homem casado. Depõe: “acho que estou numa fase de entre-safra de uma coisa que aconteceu e outra que tá pra acontecer, entendeu? Não sei se é verdade [...] Agora eu saturei [...] vou me dar uma quietada, assim, eu vou ver o que vai me dar vontade de fazer daqui a pouco”.

Diz que no lugar que vai dançar com amigas conheceu alguns homens: “Inclusive tem um que eu sou a número dois dele”. Quando lhe foi perguntado sobre isso, ela responde: “Aliás, ele nunca chegou em mim [...] ele tem uma preferida que não dá bola pra ele [...] eu nunca falei com ele, nunca, ele nunca dançou comigo nem nada”. Em vista de que sua resposta não esclarecia em que medida pode se considerar a número dois de um homem nessas circunstâncias, repetiu-se a pergunta, e ela respondeu: “Sim, porque ele dança com a outra, comigo ele não dança, mas ele passa me olhando”. Podemos supor que o olhar tenha, nesse contexto, uma grande carga libidinal para Ro, a ponto de tomar essa amplitude de representação. O que só podemos entender se retomarmos sua questão infantil de captura permanente do olhar materno, comentado no texto do relacionamento com a mãe.

Foi-lhe colocado, então, que ela era a número dois de dois homens nesse momento: esse que lhe olha e não lhe fala e o homem da *Internet* que “presta serviços” esporadicamente. Ela, curiosamente, nega ser a número dois desse segundo homem com quem tem um relacionamento sexual, ao passo que se aceita como a segunda desse outro que a destaca e a captura justamente pelo olhar. Como a não se importar que ele escolha outra mulher para dançar (quem sabe até para “transar”), desde que ele a olhe. De qualquer forma, ela se coloca na situação da número dois em ambos os casos, embora no conteúdo manifesto só o admita na situação do homem do olhar. O que outra vez a arrasta ao modelo relacional, atuando por identificação à imago materna.

Continua seu discurso dizendo achar que “não vou arrumar nada”, após o que faz uma longa e silenciosa pausa. Quando interrogada, diz perceber uma resistência “não sei se é na minha maneira de ver. Não sei se é na minha postura [...] talvez eu esteja... impedindo que isso aconteça”. Diz supor não saber comportar-se na “caça”. Um amigo disse-lhe que ela precisa “olhar pros caras, ficar encarando quando se interessar por alguém”, mas ela afirma não conseguir. Vemos aí um possível indício dos motivos de sua opção pela *Internet* para procura de um par. É um lugar onde ela sabe portar-se e não precisa “encarar” o homem pelo qual ela se interessa. É o “encarar”, ou seja, olhar, sustentar o lançamento de um olhar que lhe parece o mais difícil de aprender. Sua infância foi marcada pelo sentimento da falta do olhar

da mãe, ocupado pelo encantamento do irmão mais velho (“o preferido, o queridinho”) e pelas gracinhas da irmã mais nova. Quanto ao pai, ela traz dois significantes: “não tava nem aí”, ou seja, não olhava para ela nem para os irmãos; e ainda, “vivia pra ela” (a mãe), ou seja, só olhava para ela, para a “entidade”. A *Internet*, como meio, a poupa de enfrentar uma situação onde ela não sabe se “comportar”, e ao mesmo tempo propicia uma rara oportunidade dela própria olhar à vontade e ser olhada, sem o constrangimento de não saber o que fazer. Há um comentário no texto da Procura do objeto em que Ro diz sentir-se desamparada frente a uma pista de dança sem um convite de um homem para dançar. Quando sai percebe que “todas” as mulheres são convidadas e não entende porque ela sobra, uma vez que não se acha feia. Denota uma certa angústia por não entender o que acontece. É possível supor que, pelo uso da *Internet*, Ro esteja se desviando do confronto com essa experiência angustiante, uma vez que no *site* a forma relacional não a deixa assim exposta e confrontada com essa situação de, literalmente, não saber-se objeto do desejo do outro. Quando, no discurso manifesto, diz que “todas” as mulheres são escolhidas, menos ela, pode estar se reportando a um conteúdo latente, reportando-a às vivências afetivas infantis de ser preterida pela mãe em relação ao amor aos seus irmãos. Cada um dos dois irmãos (antes que nascesse a mais jovem, que tem sete anos menos que Ro, ou seja, o período de estruturação psíquica e vivência edípica), cada um com seus encantos, eram “convidados à dançar” por essa mãe libidinal, enquanto Ro, a “filha do meio”, era “alguma coisa que estava lá”. Assim como se sente diante da pista de dança, essa alguma coisa que está lá, experiência que dá acesso à ferida narcísica inconsciente.

Foi retomado, com ela, o tema de que no início da sua investida nesse lugar onde vai dançar havia tido “muita sorte”, conforme ela mesma relatou. Foi-lhe perguntado a que atribuía essa sorte de encontrar homens nesse período. Ao que ela respondeu tratar-se dos meses de janeiro e fevereiro, época em que os homens casados estão sós na cidade, uma vez que as famílias estão em temporada de praia. Então foi-lhe dito: “trata-se então de homens impedidos...”. Ela respondeu monossilabicamente: “Mas eu conheci um que não era. Bem legal o cara”. Diante da pausa que ela faz, como se nada mais houvesse a dizer, foi-lhe perguntado, então, onde estava esse homem, o que tinha acontecido entre eles. E ela responde que ele ligou várias vezes e ela não atendeu porque estava saindo com um homem que namorou durante quinze dias. Após algum tempo, voltou a encontrar esse mesmo homem interessado nela, viúvo, na praia, num local de dança, e ele novamente veio convidá-la a dançar, e ela diz não ter gostado “do jeito que ele chegou”. Ela estava olhando para outro homem e confundindo a figura de alguns homens que conhecera sem conseguir distinguir e

identificar cada um separadamente. Passa a impressão de vivenciar uma impessoalidade nas relações, não se aprofundando em nenhuma delas, estabelecendo vínculos superficiais. Lembra o modo como descreve o seu pai, muito bem relacionado com todo mundo, mas sem profundidade relacional com ninguém.

Relata, ainda, outros encontros sem seqüência, outros telefonemas que ela não faz ou que ela não atende, numa seqüência ininterrupta de “caras”, homens que aparecem e desaparecem rapidamente do seu discurso, assim como da sua vida, sem que se possa dar conta com clareza do seu relato, que se torna truncado pela velocidade e rotatividade dos relacionamento semi-descritos.

Há um quê de vertigem no seu discurso, onde o sentido se perde para o ouvinte, talvez como para ela mesma, que fala e confunde os homens sobre quem fala, às vezes mesmo não sabendo o que dizer de cada um deles. Destaca-se somente, de forma insistente, dessa massa vertiginosa de informações, sua fuga dos homens que se mostram disponíveis e interessados, e seu interesse pelos comprometidos e pelos que fogem. Repetem-se seus relatos presos a esses modelos, indicando significantes para Ro.

Diz não ter “traquejo” no relacionamento: “[...] não sei se eu cago tudo, ou se eu não demonstro o que tô pensando e aí alguém que possa estar a fim não sabe se vai ter receptividade da minha parte e nem tenta”. Novamente retoma a identificação com a imago paterna – a falta de tato na relação, o recolhimento, a falta de receptividade.

Relata que as várias cartomantes que consultou quando estava “em pânico”, logo que se separou, nenhuma “[...] nunca viu ninguém pra mim...nenhuma, nunca!”. E disse achar estranho tal fato, porque mesmo as charlatãs que têm por hábito predizer um homem por aparecer na vida das mulheres, não viram nenhum para ela. Assim delineia um presságio, um saber mitológico sobre si mesma. Se é na previsão do futuro prescrito pelas cartomantes que pensa construir seu mito pessoal, já o vemos desde a escuta de sua fala, na retrovisão de sua vida, na história pregressa infantil, onde Ro, ímpar entre os três filhos até seus sete anos, experienciou o sentimento angustiante de não ter par. Não ser escolhida é uma marca, traço desenhado no arquétipo familiar que a acompanha e prediz seu futuro. E se toma a *Internet* como meio de viabilização ao outro, embora mudem as características, permanece a questão. Talvez opere aí a experiência inovadora dela própria poder escolher, vasculhando a quase infinidade de perfis disponíveis. Mas, ainda assim, o processo é para ela difícil e insuficiente, uma vez que se depara com suas trincheiras intrapsíquicas.

6.3.6 Educação : Ro foi à escola!

Fica evidente, no discurso de Ro, que teve uma educação bastante repressiva. A mãe e as professoras eram “generalas”, como ela diz. Frequentava um “colégio extremamente rigoroso, que era tudo o que a minha mãe queria pra mim. E era tudo que eu não queria pra mim”. Sua rebeldia (comentada no texto do relacionamento com a mãe) marca sua vida escolar, onde deposita sua contestação à opressão materna e ao forte sentimento de menosvalia em formação no complexo familiar de Ro. Depreende-se de seu discurso ter um casal parental onde a mãe era controladora e autoritária e o pai *laisser-faire*, “não tava nem aí [...] para ele tudo era flores”.

No período dos doze aos quatorze anos, no ginásio, relata que o colégio era “aquela coisa horrorosa, até pra sair mais cedo cinco minutos eu tinha que levar anotado na caderneta e minha mãe tinha que assinar [...] era super rigoroso”. Rebelou-se contra essa repressão: “[...] a gente dava um jeito de burlar aquelas normas [...] fazia uns bolos lá no colégio [...] matava aula”. Sua mãe era constantemente chamada à escola. Não tendo passado no Exame de Admissão (ao contrário dos irmãos), foi para uma escola particular e depois para uma escola pública, reconhecidamente liberal. “Bom, aí lá eu tinha total liberdade, eu podia fumar dentro da aula, podia tudo, podia fazer o que eu quisesse”. Parece que sua trajetória escolar repete o modelo de educação característica do casal parental. Assim, Ro sai de uma escola autoritária, onde nada pode, e passa à escola *laisser-faire*, onde tudo são flores, onde tudo pode. Como resultado, relata: “Rodei o ano, quase rodei o outro...”. Refere-se a um único colega de aula, sobre o qual diz: “[...] ele era um malandro inteligente e eu era uma malandra otária. Porque ele assistia às aulas e prestava atenção, e eu matava a aula”; assim, seu plano conjunto de estudar “só vinte dias por ano, na véspera das provas” funcionou para ele e não para ela, que rodou por faltas. Relata: “[...] quando eu fui pro colégio que tudo podia eu pirei, eu surtei na batatinha lá [...] porque eu não sabia usar a minha liberdade”.

Os modelos educacionais vivenciados a jogam numa situação de desconforto e desamparo. Sente-se desinstrumentalizada para um e para outro desses extremos opostos. Sente-se literalmente uma “otária”, e vencida por ambos. Não demonstra simpatia pelas escolas que frequentou. Passando dos ambientes vivenciais de “nada pode” ao “tudo pode”, transita experimentando formas de colocar-se nesse corpo social. Na trajetória em busca de dar um destino ao seu próprio corpo psíquico, lança-se na vertente da rebeldia, na fuga dos limites opressivos, experimentando seu próprio fracasso diante da liberdade.

Ro diz que “fazia horrores naquele colégio”. Poderíamos dizer que aqueles colégios fizeram horrores à Ro.

6.3.7 Considerações

Ro constituiu-se, dos sujeitos da pesquisa, o mais difícil de ser apreendido. Há sempre algo que falta, algo que resvala insistentemente no seu discurso, e que a limitação de nossa compreensão deixa escapar. Ela se evade em algum ponto que esbarra no seu inconsciente, e possivelmente no nosso, não dando acesso a algo que se esconde ou que nem se constitui propriamente.

Parece evidente que Ro não tem acesso aos processos inconscientes que orientam seu desejo, nem mesmo se dá conta dos modelos de identificação presentes na sua atualidade relacional, calcados nas imagos do pai e da mãe, além do irmão mais velho, uma vez que ela repete, no seu texto, que procura como par amoroso não um marido, mas um “queridinho”. Esse irmão, único homem, pelo qual desenvolve forte rivalidade pelo ciúme junto à mãe, é tomada por “queridinho”, o preferido entre os filhos, na percepção de Ro. A competição com ele sempre foi frustrante.

Suas vivências amorosas são marcadas pelo casamento, numa relação transferencial idealizada onde projeta a superação da conflitiva familiar, supervalorizando a figura do ex-marido, com o qual não conseguiu efetivamente fazer um rompimento amoroso – não é mais sua esposa, mas é sua amiga e confidente. A separação conjugal a remete à vivência de abandono e perda de referência. À repressão que se constituía a instituição do casamento – embora não houvesse um comportamento de controle por parte do marido, que parece mais o modelo liberal do pai de Ro –, ela dá jeito de contornar pela via profissional, que se coloca como possibilidade de exercer uma “rebeldia comportada”, facilitando uma vivência mais solta. Saída dessa experiência de normatização do casamento, confronta-se com uma liberdade para a qual não se sente preparada, sente-se sem “traquejo”, e, poderíamos dizer, usando suas próprias palavras, “quase pira na batatinha”. O que fazer com todos os contatos possíveis na *Internet*? Como atender à insistência dos telefonemas de alguns homens? Como tomar a iniciativa de telefonar para outros?

Caracteriza o relato de Ro, o que também a distingue dos demais sujeitos da pesquisa, o fato de que ela varia as formas de procura do par amoroso, indo da *Internet* à dança. Ou seja, da mediação eletrônica, caracterizada pelo apartamento dos corpos, à dança que, no oposto, implica na maior aproximação física possível, fora o sexo. Parece transitar

entre o “nada pode” e o “pode tudo”, experimentando onde colocar seu corpo (físico e psíquico). Atualmente procura outros lugares, não sabe ainda quais sejam, para investir na procura do objeto. Sua procura é dupla: procura um par e procura um lugar onde possa procurá-lo. Ao mesmo tempo, oscila entre desejo e não desejo quando diz: “abandonei total”. A variação dos meios de acesso, implicando igualmente no fracasso do propósito, sinaliza para as questões endógenas operantes.

O que se depreende das escolhas de objeto de Ro é estarem presas à representação mental de um significante materno, onde ela continua a ser preterida por uma “queridinha”, repetindo isso que constitui sua experiência inaugural afetiva. Além disso, seu comportamento relacional transita desde sentir-se ofendida por uma investida sexual por um homem a quem demonstra interesse, à vivência de uma relação “só de prazer” com um homem casado. Vai da repressão à liberdade, pretensamente ligada ao princípio do prazer. Afinal, onde se dá o prazer de Ro? Onde ela goza?

7 DISCUSSÃO GERAL E CONSIDERAÇÕES FINAIS

*No que concerne ao humano,
a teoria posta em prática
remete o sujeito ao inusitado.**

O objetivo deste estudo foi o de compreender o processo de eleição do par amoroso em sujeitos adultos, a partir das implicações da sua própria constituição subjetiva. O narcisismo, a identificação e o complexo de Édipo foram tomados como eixos teóricos interpretativos, além do que se buscou analisar as implicações do meio utilizado pelo sujeito para acesso à escolha de um par amoroso.

A análise dos sujeitos indicou implicações de suas vivências narcísicas, estruturantes na construção do ideal-do-eu, como diretamente vinculadas às suas proposições de estabelecimento de par amoroso e a forma psíquica como operam suas escolhas objetais. Da mesma forma, pôde-se verificar que as imagos parentais apresentam-se atualizadas, pelos processos identificatórios, na eleição de um objeto que se constitui como um outro, pelo qual o sujeito viabiliza a (re)vivência da experiência infantil junto ao grande Outro, a partir de processos transferenciais. No discurso dos três sujeitos da pesquisa apresentam-se, como tema recorrente, evidenciados nos seus relatos, a adoção de modelos paternos e maternos em atuação, marcados pela insistência das repetições na eleição de objetos na sua atualidade.

Também a vivência e resolução do complexo de Édipo está implicada no processo de eleição do objeto. A partir da posição que a criança ocupa no jogo edípico familiar, no jogo das interrelações dessa triangulação constitutiva pai-mãe-criança, e na vivência ambivalente de amor e ódio nessas relações parentais, o sujeito adulto estrutura sua forma relacional junto ao outro, bem como o processo de eleição do par amoroso.

A definição do campo de pesquisa – a *Internet*, teve como propósito investigar as implicações da opção do sujeito pela intermediação eletrônica como via de acesso ao objeto do desejo, e, a partir disso, elucidar o próprio desejo enquanto vinculado a esse meio com características tão peculiares de intermediação. Constatou-se, na análise dos sujeitos, que a escolha do meio está implicada nos fins inconscientes do sujeito, operando como instrumento que oportuniza a vivência ambivalente do sujeito quanto ao acesso ao objeto, de acordo com o funcionamento no plano imaginário, simbólico e real.

* Da própria autora da Tese.

O que se constatou a partir da análise dos sujeitos é que, embora cada um apresente características próprias na forma de lidar com a escolha do par amoroso, de acordo com sua estruturação subjetiva amarrada à sua particular história, com base nas suas vivências infantis na imbricação de seu complexo familiar, a escolha de objeto, para eles, constitui-se no que poderíamos definir como uma caminhada. Uma trajetória do par perfeito à alma gêmea. O par perfeito aqui tomado como a dimensão inaugural do sujeito bebê-mãe, no que tem de completude e perfeição enquanto par. E a alma gêmea como miragem na busca incessante do que possa vir a obliterar essa falta constitutiva. Assim, o sujeito se lança na trajetória de dar atendimento a seu desejo, e, para isso, sai em busca de um que faça efeito do Um. Sai em busca desse retorno, daquilo que possa, de alguma forma, significar-lhe a viabilização de acesso à vivência inaugural do gozo. Do par perfeito à alma gêmea, uma trajetória definida pelas marcas deixadas pelo processo de subjetivação do sujeito.

Nesse sentido, acreditamos que os eixos teóricos interpretativos propostos para a análise das implicações da subjetivação na eleição do objeto – par amoroso (narcisismo, identificação, complexo de Édipo, *Internet* como lugar de procura e educação) permitiram encarar o processo de escolha amorosa como algo mais amplo, que convoca o sujeito a questões inconscientes e que o impele a se reconstituir em função dessa tarefa. Assim percebemos, a partir dos casos investigados, a emergência das suas vivências precoces, acionadas em função da vivência atual na escolha do par.

Constatou-se, na análise dos casos aqui estudados, o desamparo do sujeito frente às questões de preparação para isso que constitui um dos objetivos da vida adulta: a constituição do par. Na história de subjetivação de seus pais, calcada na história de subjetivação de seus próprios pais (os avós), e assim retroativamente, estão implicadas as possibilidades de estabelecimento de condições mais favoráveis, ou menos favoráveis, a que o sujeito ascenda de forma mais saudável a essa vivência na vida adulta. Os resultados sugerem que se pense o momento de eleição do par amoroso como uma possibilidade de reconstituição psíquica, na qual antigas vivências são reativadas, para possibilitar, pela resignificação dessas vivências arcaicas, o surgimento de um sujeito liberto do circuito da repetição dos fracassos na esfera relacional. Pareceu-nos ser um momento em que a própria história constitutiva possa ser reestruturada, em vista da aparição dos conflitos que, aparentemente, estavam resolvidos.

Daí a importância dada a esse estudo, no sentido de viabilizar formas de oportunizar ao sujeito o contato com suas experiências, que implique na oportunidade de resignificação dessas vivências, com vistas a que, o quanto se possa, facilite a tomada de consciência quanto aos processos que operam na eleição do objeto.

Que o sujeito saiba que sua escolha de objeto implica um “porquê” e um “para quê”. Que tome consciência que não é uma escolha que se dá de forma casuística. Ao contrário, sua escolha o convoca a saber de si. Que o sujeito saiba ser sua escolha de objeto reveladora de si enquanto sujeito subjetivado. E possa operar essa escolha tomando a si os elementos aí presentes, conscientizados, ao menos quanto é possível, com vistas a obter, nessa escolha, o quanto de satisfação se possa obter de um objeto do desejo que, sabe-se de antemão, não poderá jamais ser pleno.

Será que todo desejo implica, em princípio, uma causa perdida? Toda vitória do sujeito, na subordinação do seu desejo, traz consigo uma perda, pela inviabilidade de um objeto pleno. Toda apreensão de um objeto institui uma falta.

Quais as implicações da constituição subjetiva do sujeito na eleição do par amoroso – questão-problema dessa pesquisa? Trata-se de uma pergunta sem “a” resposta, ao menos, sem resposta plena. Na mesma medida que não é pleno qualquer objeto como resposta à ascensão ao desejo, senão por um pequeno objeto “a”. A essa questão-problema temos, quando muito, pequenas respostas cheias de uma falta irrespondível.

O propósito de uma tese é sempre o de buscar dar resposta a perguntas não respondidas. Um estudo na área da psicanálise, em especial, visa, em última análise, a busca de alternativas para as questões dos impasses humanos diante de sofrimentos emocionais. Essa investigação, mais particularmente, buscou, pela análise dos temas da subjetivação, responder à questão – questão estruturante no sujeito – referente aos destinos da pulsão. Como o sujeito dá destino ao seu desejo pela eleição do objeto.

Temos que o final de uma análise, para Freud, dá-se como marcado pela possibilidade dada ao sujeito de viver sua fantasia. Para Lacan, esse final pode ser considerado pela possibilidade do sujeito apreender de que maneira o objeto de sua fantasia vem tapar a verdade no Outro; ou seja, que no Outro nada há que possa indicar qual é o objeto certo e bom – o bem supremo. Implica na possibilidade do sujeito ser menos adicto de seu objeto fantasístico, relativizando sua dependência em relação à sua fantasia, não estando, portanto, assegurado que a escolha de seu gozo possa ser para sempre correta e boa.

Da importância social que esse estudo possa ter em termos de contribuição para o saber científico, temos a intenção de que possa se fazer valer por sua condição de, no tempo presente da contemporaneidade, discutir uma questão latente, palpitante, onde a busca de sua operacionalização se dá pelo espaço-lugar da *Internet*. Este estudo vem apontar para a premente necessidade de que o sujeito, ao menos quanto possível, possa apreender a maneira particular pela qual ele próprio busca um objeto fantasístico que possa vir a tapar um buraco –

cavado, por concepção, pela sua constitucionalidade psíquica, na sua história relacional progressiva com as figuras parentais, no decurso de suas vivências infantis. Buraco que, contraditoriamente, não aceita reparos. Mas disso, é preciso que o sujeito saiba, como uma certa garantia, ainda que relativa, de resolução de sua crise diante da impossibilidade de resolver plenamente a questão da eleição do par amoroso e de elucidação do obscurantismo do objeto. Há o propósito e a intenção de denúncia pública, ainda que de alguma forma repetida, de que só um objeto fantasístico pode ocupar esse lugar, e, ainda assim, não preenchê-lo de todo, para que o sujeito esteja um pouco mais preparado, mais apto, a desempenhar essa tarefa de dar um nome ao seu desejo, relativizando sua dependência à essa fantasia, ainda porque ela não pode mesmo assegurar-lhe o bem supremo. Pode, quando muito, assegurar-lhe um certo lugar de gozo.

Assim, esse estudo tem o objetivo de contribuir para que o sujeito possa aliviar o peso de colocar-se como escravo do objeto de sua fantasia e possa parar de atuar como o bobo, na expressão lacaniana – hoje às tontas na *Internet* na busca frenética disso que não é mais do que nada. Ao contrário, que o sujeito possa se utilizar da atualização desse objeto, na sua vida adulta presente, para despertar – no sentido de tomar consciência dos mecanismos e movimentos psíquicos aí implicados –, abrindo mão de viver num sonho (o sonho tão bem simbolizado, nessa pesquisa, pelas relações virtuais na *Internet*), para viver uma relação, no que é possível uma relação ser vivida.

É propósito desse estudo gerar outras discussões sobre o tema, acentuando o papel dos profissionais de áreas diversas, assim como pais e educadores aqui enfocados particularmente – porque diretamente implicadas como agentes nos processos de subjetivação –, visando dar acesso a essas discussões. Que o tema do amor humano, do desejo humano, seja efetivamente posto em pauta, superando essa castração social metaforizada pelos efeitos de uma educação que deixa silêncio onde algo audível é esperado. Essa é uma das possibilidades de formação de um sujeito mais engajado a nível dos seus processos disso que, até então, encoberto pela rechaça enquanto tema de pauta, tem sido fonte de sua ignorância e conseqüente sofrimento.

Lacan considerava a responsabilidade do sujeito sobre seu inconsciente, contrariamente à tomá-lo por vítima desse, já que o inconsciente de cada um é feito a partir dos seus recalques, dos temores, dos medos, da timidez, das covardias. Da mesma forma, o sujeito é responsável por seu desejo e por levá-lo a termo, dando-lhe um destino.

Dentro dessa concepção, e da evidência das dificuldades dos sujeitos, apontadas nessa pesquisa, parece se constatar, aí, uma falta. Considera-se que algo de novo deva se

apresentar, vindo em auxílio a esse sujeito, presa de seu inconsciente, vítima dele, portanto, para que possa passar a assumir responsabilidade por ele, e, assim, possa desejar de forma menos enigmática.

O trauma implica em que alguns acontecimentos venham a se situar num certo lugar da estrutura psíquica do sujeito, assumindo um determinado valor significante, sem que disso o sujeito saiba e, por decorrência, a nível inconsciente, opere na relação do sujeito com o desejo. É o que faz do objeto o “obscuro objeto do desejo”. Embora o objeto do desejo não possa ser de todo interrogado, na medida em que dele é impossível tudo saber, é possível que a re-significação das vivências traumáticas restitua (ou institua) ao sujeito, na atualidade, consciência quanto aos processos que nele operam na eleição do objeto.

É possível pensar que o progresso do sujeito na esfera das relações amorosas possa se dar, na medida em que esse possa se encontrar com a dimensão simbólica do que o determina, e para isso, cremos que cabe aos agentes educacionais tomar seu lugar de mestres, exercendo, aí, um papel fundamental. Na concepção de que um significante é símbolo do nada que ocupa um lugar central no psiquismo, é preciso partir do princípio de que o sujeito precisa saber desse furo, de que lhe seja dado esse saber – particularmente pela família e pela escola enquanto instituições formadoras, efetivas no processo de subjetivação do indivíduo –, da insuficiência como marca também do outro, e também da própria relação com o objeto.

Uma das constatações dessa pesquisa é de que não tem sido mais fácil ao sujeito a escolha do par amoroso, hoje, pela *Internet* – nesses tempos marcados pela não-repressão social – do que o foi no tempo freudiano. A procura dá no mesmo lugar vazio, é o que podemos concluir junto aos sujeitos da pesquisa. É possível até avaliar um agravamento da situação pela confrontação com a pseudo-facilitação proporcionada pelas novas e modernas técnicas humanas com vista a dar acesso ao objeto. O que reconduz à tese de que a modernidade precisa se fazer de outra forma para que tenha efeito sobre essa questão milenar, além do que a tecnologia possa oferecer. A *Internet*, por si só, com a promoção de acesso ao outro que viabiliza, através dos *sites* de namoro especialmente, não dá conta da questão. Pelo fato de que a questão não é essa. Ao contrário, cria outras questões acerca das complexas formas relacionais que promove.

Melman (2005) interroga: “Será que estamos chegando progressivamente à idade em que temos a coragem de abordar as condições que comandam nossa vida psíquica e nossa vida social?” (p.100). O presente estudo aposta numa resposta afirmativa. E particulariza, em vista de seu objeto de investigação: é pressuposto de algum progresso que haja coragem de abordar as condições que comandam a vida relacional do sujeito, as implicações da subjetivação na

eleição do objeto – par amoroso, com vistas a que, ao menos no que é possível, chegue à termo, para o sujeito, sua procura à “alma gêmea”, e se elucide o obscuro objeto do desejo.

O pesquisador que se dedica à compreensão do comportamento humano, tanto quanto o analista, deve pôr em dúvida aquilo que ele compreende, preferindo a dúvida à confiança excessiva em sua compreensão. Embora possa saber o que é o desejo, não sabe o que esse sujeito, sujeito da sua pesquisa, deseja.

Se esse é um discurso psicanalítico-educacional, que o seja. E que sejam, ao menos essas, as instancias em que se possibilite esse discurso circular. Não em forma de resposta, na medida em que as respostas exigem sempre superação de si mesmas, mas ao menos enquanto perguntas que possam ser tomadas – num dado momento, delimitado pela abrangência que possa ter esse estudo – como um norte.

Lacan nos precedeu na descoberta de que a psicanálise, não enquanto prática, mas enquanto lugar de um novo discurso, não é destinada somente aos psicanalistas. Se grande parte de sua vida profissional foi dedicada a falar entre colegas, no meio psicanalítico, em outra, dedicou-se a ensinar a estudantes da Escola Normal. Porque identificou aí, nesse lugar de grande influência cultural, a possibilidade de fazer circular seu discurso, e porque pressupunha haver uma expectativa de escutar outra coisa, além da mesmice das falas correntes. Lacan sabia que a psicanálise precisa, de alguma forma, fazer parte da formação dos educadores.

Esse estudo pretendeu, nesses aspectos, ter um efeito significante, e assim fazer eco na esfera social, especialmente no âmbito familiar e escolar, onde se dá a base da formação do sujeito. Pretendeu lançar essa discussão com propósito de criar um pensamento novo, uma vez tratar-se de um debate ainda muito embrionário na sociedade contemporânea. Se, de um lado, temos os avanços tecnológicos oferecendo possibilidades até cem anos atrás apenas imagináveis por alguns poucos visionários, de outro, temos o sujeito ainda presa de seu próprio desconhecimento, no que diz respeito à sua dimensão inconsciente. De um lado, a possibilidade do sujeito colocar-se instantaneamente “diante” do outro; de outro lado, o sujeito ainda sem saber quem fala por ele, o que diz quando pensa algo dizer, e o que endereça a esse outro.

“Curar é um ato de amor” (Salomé, 2001, p. 23). E amar, para os sujeitos dessa pesquisa, pode ser um ato de cura. Cura no sentido de ultrapassagem disso que lhes constituiu um sintoma: a inviabilidade de eleição de um objeto de desejo e o acesso ao par amoroso. Se há algum caminho a propor, à luz das discussões dessa pesquisa, não é outro senão considerar a possibilidade do sujeito reencontrar-se em si mesmo, num retorno a si pelo acolhimento às

marcas constitutivas de sua história de subjetivação, reafirmando sua alteridade enquanto sujeito. Tomar a si seu passado e os afetos que daí decorrem, ainda que se considere a irreverência do inconsciente, é a abertura possível para que tome a si seu presente e, conseqüentemente, suas projeções futuras de forma geral, e em especial na esfera das relações amorosas.

“A psicanálise não é outra coisa que uma colocação a nu, operação que o homem doente evita, por que ela lhe arranca a máscara, mas que o homem curado acolhe como uma libertação...” (Salomé, 2001, p. 24).

Resulta como proposta deste estudo que, do lado da psicanálise, dentro desta perspectiva e no que lhe confere, seja apresentada como via de acesso do sujeito ao si mesmo, numa operação libertadora desse sujeito, viabilizando, a partir do encontro de si, o encontro do outro.

No aspecto familiar, temos que Lacan (2002 a) propõe que a família desempenha um papel primordial na transmissão da cultura, pois é nela que se dá a primeira educação, a repressão dos instintos, a aquisição da língua materna, presidindo, assim, os processos fundamentais do desenvolvimento psíquico; ou seja, a subjetivação do sujeito, a organização das emoções, que são a base dos sentimentos. Transmite, portanto, estruturas de comportamento e de representação cujo jogo ultrapassa os limites da consciência.

Nessa visada, Freud já havia proposto que as relações atuais do sujeito estão – por processos transferenciais – carregadas dos afetos infantis ligados às imagens parentais. Por essa via, é possível tomar o outro (o homem procurado na *Internet*) como um cabide, onde as mulheres pesquisadas visam, inconscientemente, pendurar suas memórias apagadas das vivências relacionais primitivas. Assim, olhar para o homem atual, eleito como objeto pelas mulheres pesquisadas, ou a falta desse, permitiu inferir as vivências desse sujeito na tenra idade; tanto quanto é possível buscar no seu passado a edificação do seu presente, na esfera relacional. Pois, mesmo sublimada, a imagem do seio materno continua a desempenhar um papel psíquico muito importante na atualidade.

Nessa perspectiva, foi propósito desse estudo gerar discussões que visem criar alternativas de formação do sujeito em contato com esse conhecimento teórico acumulado, de forma a oferecer-lhe subsídios que possam operar no processo de subjetivação em marcha – o seu próprio e de seus descendentes – responsabilizando-se pela autoria dos seus atos, tanto quanto possível. Cremos que a educação, enquanto agente operante nos processos de subjetivação, deva estar implicada nessa função.

Compreender os processos em andamento, no que se refere ao propósito dessa pesquisa, ou seja, as implicações da subjetivação na eleição do par amoroso, implica também um esforço para a compreensão do inusitado que nos é apresentado quando nos deparamos com as inúmeras interfaces da *Internet* como meio utilizado para acesso ao outro. Deparamo-nos com o desafio de interrogar as bases da nossa compreensão do sujeito humano forjados numa era pré-informática. As transformações práticas advindas da era digital instalaram o *ciberespaço*, a *cibercultura* e o *ciborg*. As noções de espaço público e privado confundem-se na experiência massiva das comunicações sem fio, assim como instauram “lugares digitais”. Onde está o sujeito quando, em sua casa, está conectado em outro lugar através da rede? Está aqui, ou lá? A vivência corporal-física do lugar (casa) dissipada da vivência psíquica do lugar (acesso) nos trás interrogações novas. Afinal, onde está o sujeito? Se até ontem se falava em homens e cidades plugadas, hoje Lemos (*in* LEÃO, 2004) discute as questões técnicas da “cidade desplugada”, característica do sistema *Wi-Fi* (sistema de conexão sem fios, *Internet* móvel, por banda larga), que implica na idéia de que, ao invés do usuário ir à rede, é a própria rede que vem até ele, instaurando o que podemos entender como a onipresença da rede digital no cotidiano do sujeito, pela forma de incorporação dessa nova tecnologia digital no contexto social. A “era da conexão” se coloca como avanço à “era da *Internet*”, e “[...] coloca em sinergia espaço virtual, espaço urbano e mobilidade” (p. 38). Os “espaços telemáticos” apresentam-se como alternativas dos espaços físicos e se dão no limite do público e do privado onde, de fato, não existem mais limites ou fronteiras que os possam separar.

Que implicações haverá na subjetividade do homem imerso nessa experiência de ambivalência, nesse espaço híbrido físico-eletrônico? Estar com o outro, através da conexão da rede, estando fisicamente em outro lugar; ou seja, estar e não estar, simultaneamente, que implicações terá? Será que podemos dizer que nos encaminhamos para o fim das fronteiras no binômio presença-ausência, fisicalidade-virtualidade, assim como tem sido com a noção de espaço público-privado? Casalegno (*in* LEÃO, 2004) diz: “Não existe mais um aqui, mas tudo é agora” (p. 56).

As noções de territorialidade e desterritorialidade impõem revisão na era da “cultura da mobilidade”, quando, após séculos de evolução do homem no processo de socialização, passando do nomadismo primitivo à sedimentação na terra, voltamos agora à condição de nômades pelo artifício das redes computacionais, conforme nos apontam Sennet (2003) e Lemos (*in* Leão, 2004), entre outros. A própria concepção de tempo se redefine pela instantaneidade dos deslocamentos nos “lugares digitais” – a qualquer hora estamos em qualquer lugar. O processo de globalização, iniciado no século XV pelas grandes navegações,

é radicalizado, hoje, pelas novas tecnologias de comunicação e informação, que estão na base do fluxo e da circulação de informação, dinheiro, pessoas, produtos e processos na contemporaneidade.

Namorar na *Internet* – sem olho, sem cheiro, sem toque é, ainda assim, namorar? Das discussões geradas por esses temas, nossas certezas se abalaram e andamos um pouco à deriva, percorrendo leituras de autores atuais que escrevem sobre os avanços tecnológicos ligados à teleinformática para, depois, retornar ao continente da psicanálise. Dessa viagem, voltamos convictos que uma nova ordem de conceitos se impõe na contemporaneidade para a compreensão do sujeito. Que repercussão terão no humano, e na esfera dos relacionamentos, essas intrépidas mudanças?

Interpretar os sujeitos dessa pesquisa, partindo da análise do meio utilizado para acesso ao outro, colocou-nos diante de questões múltiplas e controversas, conforme discutimos nos demais capítulos desse estudo. O homem e a cultura, inseparáveis, arrastam o sujeito da psicanálise para o centro dessa comunidade virtual onde a vida acontece. Também acontece aí a vida do sujeito contemporâneo. Nesse novo lugar, instaurado nesse novo tempo, de paradigmas novos, ainda não tão bem conhecidos, ainda de um domínio insuficiente sob o ponto de vista da compreensão das implicações e significações na subjetividade humana. As mudanças nos meios de discursar implicam uma mudança no discurso.

Ignorar as linguagens das tecnologias de comunicação – e, sabe-se, o sujeito torna-se sujeito através da linguagem e através dela adquire significância cultural –, ou considerá-las meramente sob o ponto de vista instrumental, implica desconsiderar as novas questões que se colocam por essa cultura digital. Da mesma forma, avaliar esses fenômenos sociais, nos quais o sujeito está imerso sob enfoque de antigos paradigmas teóricos, seria pretender não enxergá-los.

Assim, novas interrogações surgiram ao longo desse estudo: será que, mudadas as práticas sociais de enunciação do desejo, permanecem as mesmas ou mudam as questões de apreensão do objeto? Para dar conta dessa questão, a teoria se reproduz ou é preciso renová-la, inventar uma nova teoria – psicanalítica e educacional – que venha responder em sintoma com essas novas práticas na esfera relacional?

A psicanálise, desde Freud, se apóia no caráter simbólico da cultura, valendo-se, para seus estudos, da antropologia e da mitologia. Lacan, posteriormente, recorreu à semiótica – ciência universal dos signos e dos símbolos – para estudar o homem a partir do conceito de “sujeito da linguagem”, sujeito da cultura. Se é dado, na psicanálise, que o inconsciente está estruturado como uma linguagem, propomos que a evolução da linguagem implica na

evolução do próprio inconsciente, operando na sociedade novos sintomas, como apontamos nesse estudo, como decorrência da interface das intermediações da cultura computacional, colocando-se novas estratégias de linguagem no esforço de criar, de novas formas, as ilusões de completude narcísica.

Se, em Freud, o mal-estar da cultura se dá como efeito do recalque, em Lacan se dá pelo efeito de gozar da renúncia ao próprio gozo. Descolamentos de paradigmas como esse são rastros deixados no caminho percorrido pela psicanálise, no compromisso de fazer semblante ao homem em seu processo de evolução psico-social. Se evoluem as tecnologias e, por decorrência, alteram-se as relações entre os homens, ou mesmo entre os homens e as máquinas, decorre que a psicanálise tenha que evoluir.

Propomos, como compromisso aos psicanalistas contemporâneos, refletir sobre como a psicanálise está se colocando nessa realidade, integrada na cultura que não é apenas imaginária ou simbólica, mas já incorpora o real do corpo (conforme os argumentos dos corpos e mentes híbridos entre orgânico e máquina, apresentados em outros capítulos desse estudo).

Quando Lacan (1985b) avançou na concepção do funcionamento perverso da sociedade, em substituição ao funcionamento neurótico da sociedade, apontado por Freud em sua época, já previa as transgressões da sociedade capitalista, apontando a proliferação de sintomas. De lá para cá, nos últimos vinte anos, inumeráveis avanços tecnológicos operaram sem que lhes pudesse dar testemunho. A própria noção de objeto escorrega entre as noções de corpo carnal e corpo virtual, entre o natural e o artificial, implicando em novas interrogações sobre essas “[...] recalibrações da fisicalidade em reinos aparentemente sem fronteiras [...]” (Santaella, 2003, p. 305).

Assim como a educação é convocada a responder aos novos paradigmas, também a psicanálise se defronta com tentativas de respostas, pretendendo repensar o humano nesses tempos de incerteza. As considerações apresentadas nos diversos capítulos que compõem esse estudo foram um esforço para o entendimento das implicações do impacto das forças dos avanços tecnológicos na subjetivação do sujeito contemporâneo, na absorção e inserção do humano, manifestas pelas mudanças comportamentais, especialmente na esfera da relação com o outro, e particularmente no que diz respeito às soluções que o sujeito inventa como resposta ao desafio de eleição do par amoroso – como acesso ao objeto do desejo. Como, a partir da psicanálise, interpretar sujeitos em sua relação com o outro nesse novo contexto de intermediação eletrônica? Diante desse novo, as respostas são ainda insuficientes para atender

o inusitado das perguntas que se colocam. Resta-nos, como em todos os tempos, continuar perguntando, na intenção de abrir novos e múltiplos espaços de discussão.

Propomos que a psicanálise, e ainda a educação, em meio às demais áreas do conhecimento do homem, assim como a sociologia, a filosofia e tantas outras, deva voltar-se ainda mais para isso que se configura, hoje, como uma realidade recente, e, como tal, traz estranhamentos, perplexidades, dúvidas, repulsas, inseguranças, incertezas, curiosidades e expectativas. A exemplo de inúmeros pesquisadores da atualidade, alguns tomados como referência nesse estudo, temos, também nós, um mundo a desvendar.

Como homens, regidos pela metáfora do desejo, inventamos sempre novos mundos, uma vez desvendados os que já temos. Processo contínuo. Desafio epistemológico.

A presente investigação retrata a complexidade do processo de eleição do objeto – par amoroso, e os resultados dessa discussão podem servir de apoio auxiliar aos profissionais que trabalham diretamente com essa questão e com os temas nela envolvidos, não somente no entendimento desse processo, mas, ainda, na possibilidade de abordar ou planejar intervenções eficazes no atendimento aos sujeitos. Propõe-se que novas investigações possam examinar outras questões envolvidas nesse processo tão complexo.

Wright Mills (1982), em *A Imaginação Sociológica*, afirma que os mais admiráveis pensadores da comunidade intelectual não separam seu trabalho de suas vidas. Tal dissociação não é possível, pois encaram a ambos demasiado a sério, usam cada uma dessas coisas para o enriquecimento da outra. A experiência do pesquisador afeta sua pesquisa. Inegável a atuação da psicanalista na esteira da pesquisadora, fazendo marcas na condução dessa pesquisa, como também inegáveis as pegadas deixadas pela mulher pesquisadora, ocupada com as questões do feminino frente ao desejo de constituição do par amoroso. Mills, sabiamente, afirma que “[...] na prática jamais começamos a trabalhar num projeto: já estamos trabalhando [...]” (1982, p. 239). Um projeto de pesquisa é a projeção de um projeto maior em que o sujeito está engajado. Está estreitamente ligado à sua personalidade num tempo-lugar de sua vida, momento recortado de sua história, onde as bordas podem ser tomadas pelo tempo de início e o tempo de conclusão desse trabalho.

Com isso, pretendemos elucidar as limitações a que este estudo está sujeito, apresentando-se como expressão de um tempo e de um lugar de onde nos foi possível construir os argumentos apresentados. Paralelamente, traz em si a riqueza de uma experiência singular, que se coloca como elemento do coletivo desse tempo e lugar em que se dá tal experiência. O tempo-lugar referido são, inegavelmente, o tempo-lugar singular do pesquisador, tomado em suas próprias questões enquanto sujeito no contexto da investigação,

e o tempo-lugar coletivo de uma sociedade impregnada pelas formas relacionais aqui estudadas.

Não foi propósito desse estudo lançar conclusões que pudessem ser tomadas no âmbito geral dos pontos abordados. Estivemos falando de determinados sujeitos, assim como Freud falou de Dora, de Ana O, do pequeno Hans. Estivemos falando do que marca a atuação de Gládis, Ro e Ângela, sujeitos dessa pesquisa, na sua história particular no âmbito da procura do par amoroso, e do que de comum se pode compreender desse processo, nesse pequeno universo feminino. O propósito, nessa investigação, foi trabalhar no âmbito da microanálise, atentos à heterogeneidade dos sujeitos e à polivalência dos seus representantes psíquicos, afastados das noções psiquiátricas de estruturas. Não foi propósito deste estudo, portanto, saber se trata-se de uma mulher histérica, obsessiva, esquizofrênica, paranóica que temos como sujeito. Tratou-se de tomar seu discurso como um dialeto particular, e para cada uma, mesmo que provisoriamente, estabelecer uma nova criação teórica com fundamento na psicanálise. Tratou-se, portanto, do particular.

Os termos do narcisismo, identificação e complexo de Édipo estão intimamente relacionados desde a concepção freudiana e, embora tenham sido por ele tratados em textos específicos, que foram sendo apresentados ao longo de seu trabalho de pesquisa e construção da teoria psicanalítica, são interdependentes e sobrepostos em sua obra, e estão presentes, pode-se dizer, ao longo de toda sua teoria. Da mesma forma, o tratamento dado aqui ao tema, sob forma de capítulos específicos, teve o caráter prático de apresentação somente, porque, de outro lado, trata-se de um complexo teórico indivisível, senão por força da busca de facilitação de sua exposição. Assim, os temas se sobrepõem e os conceitos, por vezes, se repetiram em alguns pontos com propósito de melhor integrá-los em um ou outro capítulo. Se assim foram apresentados, o foram na intenção de melhor esclarecer o imbricamento do tema e evidenciar sua insustentável divisão teórica.

Salomé (2001), referindo-se à dinâmica que se estabelece entre o analista e o analisando, aponta o esquecimento do primeiro pelo segundo, inserido no processo de cura, e nessa medida, esperado e até desejável. No entanto, pressupõe um sofrimento no caminho inverso, supondo como muito difícil a recíproca. Afirma: "... será difícil ao analista, eu acho, esquecer-se daquele que foi seu analisando, justamente em virtude do espetáculo único que este lhe ofereceu" (p.18). Também o sujeito de uma pesquisa psicanalítica, pela proposição de escuta e olhar à sua singularidade a que se oferece, faz marcas no pesquisador, em virtude do espetáculo único que sua história particular e a emocionalidade de seu relato lhe proporciona.

A consecução dessa tarefa de escuta na pesquisa requereu uma concentração de energia do pesquisador e o convocou, inevitavelmente, aos seus próprios afetos. Nesse ponto de convergência, investigador e investigado participaram da mesma humanidade. Ao término do trabalho, quando o pesquisador se despede, tanto do sujeito da sua pesquisa, quanto dela própria – da pesquisa na dimensão de sujeito de interlocução que passa a constituir –, o momento é marcado de algo que Salomé descreve como o “...respeito mais grave que o homem deve a seu semelhante” (p. 19).

Cabe-nos, nessa hora, gratidão às mulheres, sujeitos dessa pesquisa, pelo privilégio de termos sido depositários de um tesouro pessoal, cuja estima é imensurável.

REFERÊNCIAS

AULAGNIER, Piera. **Os Destinos do Prazer**. Rio de Janeiro: Imago, 1985.

BALBO, Gabriel. **O Rir do Pequeno I(S) na Depressão**. 2005. Texto traduzido por Maria Nestrovsky Folberg, para fins didáticos.

_____. **O que nós Podemos Aprender com as Crianças que não Aprendem**. 2005. Texto traduzido por Maria Nestrovsky Folberg, de Conferência proferida em Porto Alegre, para fins didáticos.

BALBO, Gabriel; BERGÈS, Jean. **Jogo de Posições da Mãe e da Criança**: ensaio sobre o transativismo. Porto Alegre: CMC, 2002.

_____. **Psicose, Autismo e Falha Cognitiva na Criança**. Porto Alegre: CMC, 2003a.

_____. **Há um Infantil na Psicose?** Porto Alegre: CMC, 2003b.

BAUDRILLARD, Jean. **Da Sedução**. Campinas, São Paulo: Papirus, 2004.

_____. **A Sociedade de Consumo**. Lisboa, Portugal: Edições 70, 2005.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

_____. **Amor Líquido**: sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

_____. **Identidade**. Rio de Janeiro: Zahar. 2005.

BERGER, Peter L. ; LUCKMANN, Thomas. **The Social Construction of Reality**. Garden City, New York: Doubleday, 1967.

BIRMAN, Joel. **Mal-Estar na Atualidade**: a psicanálise e as novas formas de subjetivação. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

BUCCI, Eugênio; KEHL, Maria Rita. **Videologias**. São Paulo: Boitempo, 2004.

CALLIGARIS, Contardo. **Cartas a um Jovem Terapeuta**: o que é importante para o sucesso profissional. 2ª ed. - Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.

DOLTO, Françoise. **Sexualidade Feminina: libido, erotismo, frigidez.** São Paulo: Martins Fontes, 1984.

_____. **A Causa dos Adolescentes.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

_____. **A Imagem Inconsciente do Corpo.** São Paulo: Perspectiva, 1992.

_____. **Os Caminhos da Educação.** São Paulo: Martins Fontes, 1998.

_____. **Tudo é Linguagem.** São Paulo: Martins Fontes, 2002.

NASIO, Juan-David. **A Criança do Espelho.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.

DOR, Joël. **Introdução à Leitura de Lacan: o inconsciente estruturado como linguagem.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1992. v. 1

_____. **Introdução à Leitura de Lacan: estrutura do sujeito.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1995. v. 2

ELIADE, Mircea. **O Mito do Eterno Retorno.** Lisboa, Portugal: Edições 70, 1969.

FENICHEL, Otto. **Teoria Psicanalítica das Neuroses.** Rio de Janeiro: Atheneu, 1997.

FERNÁNDEZ, Alicia. **A Mulher Escondida na Professora: uma leitura psicopedagógica do ser mulher, da corporalidade e da aprendizagem.** 2^a ed. - Porto Alegre: Artes Médica Sul, 2001.

FOLBERG, Maria Nestrovsky. (Org.). **Desdobrando o Averso da Psicanálise: relações com a educação.** Porto Alegre: Evangraf, 2002.

FREUD, Sigmund. A Sexualidade na Etiologia das Neuroses. In: **EDIÇÃO Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud.** Tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1980. 24 v., v. 3, p. 236-253. Original publicado em 1898.

_____. A Interpretação de Sonhos. In: **EDIÇÃO Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud.** Tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1980. 24 v., v. 4, p. 39-322 ; v. 5, p. 323-611. Original publicado em 1900.

_____. Três Ensaio Sobre a Teoria da Sexualidade. In: **EDIÇÃO Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud.** Tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1980. 24 v., v. 7, p. 129-250. Original publicado em 1905.

_____. Fragmento da Análise de um Caso de Histeria. In: **EDIÇÃO Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud.** Tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1980. 24 v., v. 7, p.5-119. Original publicado em 1905 a. [1901].

_____. Um Tipo Especial de Escolha de Objeto Feita pelos Homens: contribuições à psicologia do amor I. In: **EDIÇÃO Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud.** Tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1980. 24 v., v.11, p. 149-157. Original publicado em 1910.

_____. Notas Psicanalíticas Sobre um Relato Autobiográfico de um Caso de Paranóia. In: **EDIÇÃO Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1980. 24 v., v. 12, p. 23-108. Original publicado em 1911.

_____. Sobre a Tendência Universal à Depreciação na Esfera do Amor : contribuições à psicologia do amor II. In: **EDIÇÃO Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1980. 24 v., v.11, p. 163-173. Original publicado em 1912a.

_____. A Dinâmica da Transferência. In: **EDIÇÃO Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1980. 24v., v.12, p. 133-143. Original publicado em 1912b.

_____. Totem e Tabu. In: **EDIÇÃO Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1980. 24 v., v. 13, p.20-191. Original publicado em 1913 [1912-13].

_____. Sobre o Narcisismo: uma introdução. In: **EDIÇÃO Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1980. 24 v., v.14, p. 89-119. Original publicado em 1914a.

_____. Algumas Reflexões sobre a Psicologia Escolar. In: **EDIÇÃO Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1980. 24v., v.13, p. 285-288. Original publicado em 1914b.

_____. Os Instintos e suas Vicissitudes. In: **EDIÇÃO Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1980. 24 v., v.14, p. 137-162. Original publicado em 1915a.

_____. O Inconsciente. In: **EDIÇÃO Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1980. 24 v., v.14, p. 191-245. Original publicado em 1915b.

_____. Alguns Tipos de Caráter Encontrados no Trabalho Psicanalítico. In: **EDIÇÃO Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1980. 24v., v.14, p. 351-377. Original publicado em 1916.

_____. Luto e Melancolia. In: **EDIÇÃO Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1980. 24 v., v.14, p. 275-291. Original publicado em 1917 [1915].

_____. O Tabu da Virgindade: contribuições à psicologia do amor III. In: **EDIÇÃO Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1980. 24v., v.11, p. 179-192. Original publicado em 1918 [1917].

_____. Além do Princípio do Prazer. In: **EDIÇÃO Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1980. 24 v., v. 18, p. 17-85. Original publicado em 1920.

_____. Psicologia de Grupo e Análise do Ego. In: **EDIÇÃO Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1980. 24 v., v.18, p. 91-179. Original publicado em 1921.

_____. O Ego e o Id. In: **EDIÇÃO Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1980. 24 v., v.19, p. 23-83. Original publicado em 1923.

_____. A Dissolução do Complexo de Édipo. In: **EDIÇÃO Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1980. 24v., v.19, p. 217-224. Original publicado em 1924.

_____. Algumas Conseqüências Psíquicas da Distinção Anatômica entre os Sexos. In: **EDIÇÃO Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1980. 24v., v.19, p. 309-320. Original publicado em 1925.

_____. Fetichismo. In: **EDIÇÃO Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1980. 24 v., v. 21, p.179-185. Original publicado em 1927.

_____. O Futuro de uma Ilusão. In: **EDIÇÃO Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1980. 24 v., v. 21, p. 15-71. Original publicado em 1927a.

_____. O Mal-Estar na Civilização. In: **EDIÇÃO Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1980. 24 v., v.21, p. 81-170. Original publicado em 1930 [1929].

_____. Sexualidade Feminina. In: **EDIÇÃO Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1980. 24 v., v.21, p. 259-279. Original publicado em 1931.

_____. Novas Conferências Introdutórias sobre Psicanálise. Conferência 33: Feminilidade. In: **EDIÇÃO Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1980. 24 v., v.22, p. 139-165. Original publicado em 1933 [1932].

_____. Análise Terminável e Interminável. In: **EDIÇÃO Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1980. 24v., v.23, p. 247-287. Original publicado em 1937.

GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. **Acaso e Repetição em Psicanálise: uma introdução à teoria das pulsões**. 7ª ed. - Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

GAYTAN, C. **Dicionário de Mitologia**. [S.l.]: Diana, 1979.

- GIDDENS, Antony. **Modernidade e Identidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.
- GOLDENBERG, Mirian. **A Arte de Pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais**. Rio de Janeiro: Record, 1999.
- GORI, Roland. **Lógica das Paixões**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2004.
- GREENSON, Ralph R. **A Técnica e a Prática da Psicanálise**. Rio de Janeiro: Imago, 1981.
- HANNS, Luiz Alberto. **Dicionário Comentado do Alemão de Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- HANNS, Luiz Alberto. (Org.). **Escritos Sobre a Psicologia do Inconsciente**. Rio De Janeiro: Imago, 2004. (Obras psicológicas de Freud).
- HERRMANN, Fábio Antônio. **Psicanálise do Quotidiano**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.
- HOBSBAWN, Eric. **Era dos Extremos: o breve século XX: 1914-1991**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- JERUSALINSKY, Alfredo. **Seminários II**. São Paulo: USP, 2002.
- KEHL, Maria Rita. **A Mínima Diferença**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- _____. **Deslocamentos do Feminino**. Rio de Janeiro: Imago, 1998.
- _____. **Sobre Ética e Psicanálise**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- KRISTEVA, Julia. **As Novas Doenças da Alma**. Rio de Janeiro: Rocco, 2002.
- LACAN, Jacques. **A Identificação**. Buenos Aires: Escuela Freudiana de Buenos Aires, 1966. (O Seminário ; Livro 9). Texto traduzido para fins didáticos.*
- _____. **Escritos**. São Paulo: Perspectiva, 1978. Original publicado em 1966.
- _____. **Les Psychoses**. Paris: Sueil, 1981. (O Seminário ; Livro 3). Original publicado em 1955-1956.
- _____. **O Eu na Teoria de Freud e na Técnica da Psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1985a. (O Seminário ; Livro 2). Original publicado em 1954-1955.
- _____. **Mais, Ainda**. Rio de Janeiro: Zahar, 1985b. (O Seminário ; Livro 20). Original publicado em 1975.
- _____. **Os Escritos Técnicos de Freud**. Rio de Janeiro: Zahar, 1986. (O Seminário ; Livro 1). Original publicado em 1954.

* As citações dessa obra apresentam-se no texto ora em Português, ora em Espanhol, devido a dificuldade de acesso a mesma em um único material. Da mesma forma, justificam-se algumas de suas citações sem referência ao número da página, uma vez que a fonte consultada assim se apresenta.

_____. **El Estadio del Espejo como Formador de la Función del yo (je) tal como se nos Revela em la Experiencia Psicoanalítica:** escritos. Argentina: Siglo XXI, 1988. Original publicado em 1949.

_____. **A Transferência.** Rio de Janeiro: Zahar, 1992. (O Seminário; Livro 8). Original publicado em 1960-1961.

_____. **O Averso da Psicanálise.** Rio de Janeiro: Zahar, 1992a. (O Seminário, Livro 17). Original publicado em 1969-1970.

_____. **A Relação de Objeto.** Rio de Janeiro: Zahar, 1995. (O Seminário ; Livro 4). Original publicado em 1957.

_____. **A Ética da Psicanálise.** Rio de Janeiro: Zahar, 1997. (O Seminário, Livro 7). Original publicado em 1986.

_____. **Os Quatro Conceitos Fundamentais da Psicanálise.** Rio de Janeiro: Zahar, 1998. (O Seminário; Livro 11). Original publicado em 1964.

_____. **As Formações do Inconsciente.** Rio de Janeiro: Zahar, 1999. (O Seminário ; Livro 5). Original publicado em 1957-1958.

_____. **O Desejo e sua Interpretação.** Porto Alegre: Associação Psicanalítica de Porto Alegre, 2002. (O Seminário; Livro 6). Original publicado em 1958-1959. Edição de circulação interna.

_____. **Os Complexos Familiares.** Rio de Janeiro: Zahar, 2002a.

_____. **De um Outro ao Outro.** Recife: Centro de Estudos Freudianos do Recife, 2004. (O Seminário; Livro 16). Original publicado em 1968-1969.

_____. **Nomes-do-Pai.** Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

LAPLANCHE, Jean. **Freud e a Sexualidade:** o desvio biologizante. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

LAPLANCHE, Jean; PONTALIS, J. B. **Vocabulário da Psicanálise.** Santos: Martins Fontes, 1970.

LEÃO, Lucia (ORG). **Derivas:** cartografias do ciberespaço. São Paulo: Annablume; Senac, 2004.

MANNONI, Maud. **A Primeira Entrevista em Psicanálise.** Rio de Janeiro: Campus, 1981.

MAYER, Hugo. **Voltar a Freud:** da teoria do narcisismo à clínica psicanalítica. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

MELMAN, Charles. **Será que Podemos Dizer, como Lacan, que a Mulher é o Sintoma do Homem?** Rio de Janeiro: Revista Tempo Freudiano, do Tempo Freudiano Associação Psicanalítica, 2005.

MENDONÇA, Antônio Sérgio. **Lacan: da magia à psicanálise**. Boletim Anual: A Transmissão. Caxias do Sul, RS: Edições do Centro de Estudos Lacanianos, Ano 10, Nº11, 2001/2002.

MEZAN, Renato. **Tempo de Muda: ensaios de psicanálise**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

MILLOT, Catherine. **Freud Antipedagogo**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

MILLS, Charles Wright. **A Imaginação Sociológica**. Rio De Janeiro: Zahar, 1982.

MINERBO, Marion. **Estratégias de Investigação em Psicanálise: desconstrução e reconstrução do conhecimento**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000.

NASIO, Juan-David. **Cinco Lições sobre a Teoria de Jacques Lacan**. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.

_____. **A Alucinação e Outros Estudos Lacanianos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1997a.

_____. **Introdução à Obra de Freud, Ferenczi, Groddeck, Klein, Winnicott, Dolto, Lacan**. Rio de Janeiro: Zahar, 1997b.

PAIM, Rose; NARDON, Luciara. **Travessia: percurso da inquietude feminina**. Porto Alegre: AGE, 2000.

SALOMÉ, Lou Andreas. **Carta Aberta a Freud**. São Paulo: Landy, 2001.

SANTAELLA, Lucia. **Culturas e Artes do Pós-Humano: da cultura das mídias à cibercultura**. São Paulo: Paulus, 2003.

SANTNER, Eric. **A Alemanha de Schreber: uma história secreta da modernidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

SENNET, Richard. **Carne e Pedra: o corpo e a cidade na civilização ocidental**. 3ª ed. - Rio de Janeiro: Record, , 2003.

SCHREBER, Daniel Paul. **Memórias de um Doente dos Nervos**. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

ZIZEK, Slavoj. **Bem-Vindo ao Deserto do Real!:** cinco ensaios sobre o 11 de setembro e datas relacionadas. São Paulo: Boitempo, 2003.

ZIZEK, Slavoj. et al. **Zizek Crítico: política e psicanálise na era do multiculturalismo**. Organização Christian Dunker, José Luiz Aidar Prado. São Paulo: Hacker, 2005.

WEIL, Pierre; TOMPAKOW, Roland. **O Corpo Fala: a linguagem silenciosa da comunicação não-verbal**. Petrópolis: Vozes, 1986.

ANEXO

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Faculdade de Educação
Programa de Pós-Graduação

Consentimento Informado

Pelo presente consentimento, declaro que fui informada, de forma clara e detalhada, livre de qualquer forma de constrangimento e coerção, dos objetivos e da justificativa da presente Pesquisa, que busca investigar questões implicadas na eleição do par amoroso, bem como dos procedimentos da mesma, concordando em participar deste estudo, sob responsabilidade da Professora Dra. Maria Nestrovsky Folberg, orientadora do projeto, que poderá ser contatada pelo telefone 33164146.

Tenho o conhecimento de que receberei resposta a qualquer dúvida sobre os procedimentos e outros assuntos relacionados com esta pesquisa; terei total liberdade para retirar meu consentimento, a qualquer momento, e deixar de participar do estudo.

Entendo que não serei identificado e que se manterá o caráter confidencial das informações registradas com a minha privacidade.

Data:

Nome e assinatura do participante: